



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)

**LIBERDADE DA INTERFACE EDUCAÇÃO E CINEMA:
UM RESGATE METODOLÓGICO DA PROPOSTA DE PAULO FREIRE**

AGUINALDO PETTINATI

**São Paulo
2020**

AGUINALDO PETTINATI

**LIBERDADE DA INTERFACE EDUCAÇÃO E CINEMA:
UM RESGATE METODOLÓGICO DA PROPOSTA DE PAULO FREIRE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista

São Paulo

2020

Pettinati, Aguinaldo.

Liberdade da interface educação e cinema: um resgate metodológico da proposta de Paulo Freire. / Aguinaldo Pettinati. 2020.

244 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2020.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Liberdade. 4. Paulo Freire. 5. Cinema. 6. Estética. 7. Pedagogia.

I. Baptista, Ana Maria Haddad.

II. Título.

CDU 37

AGUINALDO PETTINATI

**LIBERDADE DA INTERFACE EDUCAÇÃO E CINEMA:
UM RESGATE METODOLÓGICO DA PROPOSTA DE PAULO FREIRE**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE) para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em ____ de _____ de 2020.

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (Uninove)

Examinador I: Profa. Dra. Monica Rebecca Ferrari Nunes (ESPM)

Examinador II: Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira (PUC/SP)

Examinador III: Prof. Dr. Maurício Silva (Uninove)

Examinador IV: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (Uninove)

Suplente: Prof. Dra. Sonia Albano de Lima (Unesp)

Suplente: Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira (Uninove)

Para minha companheira de jornada Kazumi
Brum, pelo bem que me faz.

Ao Giacomo, meu novo amigo. Que ao ser livre
escolha o lado do oprimido.

A meu pai companheiro, que não entendia das
escritas ou das letras, mas foi livre com amor.

Para minha mãe que me criou livre para errar,
pensar, acertar e viver.

A todos os sofredores sem oportunidade. Que a
minha prática tenha sentido para aqueles que
mais precisam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Ana Haddad pela oportunidade de convivência e por conduzir este estudo com liberdade e confiança no resultado, sem deixar de lado a sinceridade e o cuidado. Aos amigos que ajudam de bom coração, Juan Droguett e Lucilla Pimentel.

RESUMO

A liberdade da interface educação e cinema, um resgate metodológico da proposta de Paulo Freire tem como objetivo principal situar a liberdade como ponto central de sua obra, capaz de estabelecer um elo entre a produção cinematográfica da atualidade e os processos de recepção do espectador para fins educativos. Parte do princípio que o cinema, através dos filmes, tem se transformado no suporte de conteúdos históricos, antropológicos, sociais e culturais, que podem ser explorados em favor de ações pedagógicas dentro e fora da sala de aula com o fim de enriquecer assim as formas de sentir, pensar e agir de educadores e educandos. Discute valores contemporâneos produzidos, transmitidos e divulgados pela nova lógica dos meios de comunicação, que com a incorporação das tecnologias da informação e da interatividade incentivam o entretenimento, o conhecimento e a arte. É através desta valoração que se configuram os comportamentos e a subjetividade do aprendiz, isto é, a partir da experiência formal, perceptiva e simbólica. Portanto, por intermédio de uma releitura da pedagogia freiriana, a tese coloca a liberdade no âmago da interface educação e comunicação, sendo a arte a solução ao impasse da informação e da formação diante dos desafios da educação atualidade.

Palavras-chave: Interface. Educação e cinema. Liberdade pedagógica. Paulo Freire. Estética filmográfica.

ABSTRACT

The freedom of the education-cinema interface addressed in Paulo Freire's proposed pedagogical methodology sees freedom as crucial to establishing a link between cinematographic production and learning reception processes. This postulation is based on the principle that motion pictures have become a support for historical, anthropological, social and cultural contents to be explored in pedagogical actions inside and outside the classroom, thus enhancing the way educators and students feel, think and act. It examines contemporary values that the new media logic produces, transmits and disseminates, while resorting to information technology and interactivity to promote entertainment, knowledge and art. It is through this assessment that the learner's behaviors and subjectivity are shaped, i.e., by means of aesthetic, perceptive and formal praxis. Therefore, through a re-reading of Freire's pedagogy, the thesis places freedom at the heart of the education-communication interface to solve the gridlock involving information and training that so affects education in the present day.

Keywords: Interface. Education and movie. Educational freedom. Paulo Freire. Filmography aesthetics.

RESUMEN

Libertad en la interfaz educación y cine, restituye metodológicamente la propuesta de Paulo Freire y tiene como objetivo principal situar la libertad como eje central de su obra, siendo capaz de establecer un nexo entre la producción cinematográfica de actualidad y los procesos de recepción del espectador para fines educacionales. Parte de la premisa que el cine en la actualidad se ha transformado en apoyo a los contenidos históricos, antropológicos, sociales y culturales, que pueden ser indagados a favor de las acciones pedagógicas dentro y fuera de la sala de clases, para enriquecer así las formas de sentir, pensar y actuar de educadores y educandos. Argumenta sobre valores contemporáneos producidos, transmitidos y difundidos por la nueva lógica de los medios de comunicación, que con la incorporación de las tecnologías de la información y de la interacción incentivan el entretenimiento, el conocimiento y el arte. A través de esa valoración que se configuran comportamientos y la subjetividad del aprendiz, es decir, todo lo que está más allá de la experiencia formal, perceptiva y simbólica. Por lo tanto, por medio de una relectura de la pedagogía freiriana, la tesis coloca la libertad en el ápice de la interfaz educación y comunicación como solución al estancamiento que afecta la educación en la actualidad.

Palabras-chave: Interfaz. Educación y cine. Comunicación. libertad pedagógica. Paulo Freire. Filmografía estética.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Preparação do professor	29
Quadro 2 – Ação com os alunos	29
Figura 1 – Walter White, cidadão moldado	34
Figura 2 – Walter White, remodelado pelo sistema.....	35
Figura 3 – <i>Faça a coisa certa</i> , filme multiétnico e a vida na opressão	40
Figura 4 – <i>Cidade de Deus</i>	42
Figura 5 – Família progressista liderada por pai em <i>Capitão Fantástico</i>	45
Figura 6 – <i>Um dia de cão</i> , frustração extravasa em violência	47
Figura 7 – <i>Um dia de fúria</i> , contra o sistema, a degradação total	48
Figura 8 – Em <i>Efeito borboleta</i> pode-se mudar o passado, mas isso não garante o futuro	55
Figura 9 – <i>Feitiço do tempo</i> remonta a rotina dos escravos do trabalho	61
Figura 10 – <i>Questão de tempo</i> permite reviver o passado, sem alterar o futuro	63
Figura 11 – O passado persegue o futuro em <i>Coração satânico</i>	70
Figura 12 – <i>Corra</i> , o racismo no século XXI.....	75
Figura 13 – <i>Sem Limites</i> , cérebro renovado com ajuda química.....	75
Figura 14 – <i>A viagem</i> discute a reencarnação	76
Figura 15 – Capa das duas versões de <i>Cemitério maldito</i>	79
Figura 16 – <i>A travessia</i> , uma situação limite	84
Figura 17 – <i>O Livro de Eli</i>	85
Figura 18 – <i>Mad Max</i> , nova versão do futuro distópico e um herói obrigado a agir	86
Figura 19 – A necrofilia do opressor sob o oprimido em <i>Mad Max</i>	87
Figura 20 – Cena de <i>A lista de Schindler</i>	89
Figura 21 – <i>Os oito odiados</i> e a pulsão individual	90
Figura 22 – A saída individual em <i>Natureza Selvagem</i>	91
Figura 23 – <i>Clube da Luta</i>	93
Figura 24 – Duas versões do <i>Ônibus 174</i>	105
Figura 25 – <i>Beleza americana</i> e o escape das imposições sociais.....	106
Figura 26 – <i>Odisseia no espaço</i> e a construção de mitos	111
Figura 27 – <i>Entrevista com o vampiro</i> e a relação oprimido e opressor.....	124

Figura 28 – <i>A procura da felicidade</i> romantiza o neoliberalismo	129
Figura 29 – <i>Muito além do peso</i> denuncia a indústria de alimentos para as crianças.....	132
Figura 30 – <i>O informante</i> mostra a indústria de cigarro enganando para vender ...	134
Figura 31 – <i>Obrigado por fumar</i> e as relações públicas do lucro	135
Figura 32 – <i>Pequena Grande Vida</i> encolhe o homem para manter o consumo.....	145
Figura 33 – <i>A paixão de Cristo</i>	147
Figura 34 – <i>Última tentação de Cristo</i> humaniza o messias	148
Figura 35 – <i>O capital</i> discute o avanço do neoliberalismo na era das bolsas de valores	154
Figura 36 – <i>Ensaio sobre a cegueira</i> , o capitalismo produz seres sem visão	174
Figura 37 – <i>Bird box</i> , pós-apocalíptico	175
Figura 38 – <i>Minimalism</i> discute viver com o mínimo de consumo.....	177
Figura 39 – <i>Três anúncios de um crime</i> , a justiça feita de forma individual e vingativa.....	188
Figura 40 – <i>Privacidade hackeada</i> , a manipulação de dados	190
Figura 41 – <i>Um lugar silencioso</i> , os derrotados também não têm voz.....	197
Figura 42 – <i>Diários de motocicleta</i>	202
Figura 43 – <i>O jovem Karl Marx</i>	203
Figura 44 – <i>Milk</i> , revolução com tópicos restritos.....	205
Figura 45 – <i>Os Cavalos de Deus</i>	207
Figura 46 – <i>Um estranho no ninho</i> e o caráter punitivo das instituições	211
Figura 47 – <i>Risk</i> , com Julian Assange	214
Figura 48 – <i>Citizenfour</i> , quando um cidadão desperta sua consciência	222
Figura 49 – <i>Coringa</i> é seu próprio rosto.....	230
Figura 50 – <i>Bacurau</i> e a violência dos oprimidos.....	231
Figura 51 – <i>O menino que descobriu o vento</i>	232
Figura 52 – <i>Dois Papas</i> e dois valores para o debate dialético.....	232
Figura 53 – <i>Messiah</i> , o divino impondo a liberdade	234

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – MÉTODO DO CINEMA E EXPERIÊNCIA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE.....	20
1.1 Experiência da arte na educação e liberdade	22
1.2 Cinema como compreensão na experiência da educação	23
1.3 Experiência estética do cinema na circulação de imagens e palavras	25
1.4 Procedimentos metodológicos para liberdade na experiência cinematográfica	27
1.5 Proposta pedagógica para as práticas de liberdade.....	28
1.6 Liberdade restringida aos ideais burgueses no cinema.....	30
1.7 Liberdade entre tempo-histórico e a fenomenologia freiriana	35
1.8 Tipos de liberdades e construção histórica.....	49
1.9 Consciência da necessidade de liberdade.....	64
1.10 Liberdade e ação	77
CAPÍTULO II – POSSIBILIDADE DE LIBERDADE	96
2.1 Liberdade impossível e a fuga individual	101
2.2 Liberdade e consumo: sistemas de sobrevivência	109
2.3 Democracia, liberdade e o direito ao levante.....	114
2.4 Realidade brasileira e o diálogo para construção da liberdade	121
2.5 Naturalização das desigualdades rompe a liberdade	125
2.6 Migrações e a escravidão escondida	127
2.7 Inexperiência democrática e níveis de consciência na educação	135
2.8 Desigualdade estruturada e a liberdade retida	139
2.9 Educação entre dois polos: homem solidário x solidarista	145
2.10 Freire e o espírito comunitário da educação libertária	150
2.11 Liberdade como revolução	157
CAPÍTULO III – COMUNICAÇÃO E O DIREITO À INFORMAÇÃO	166
3.1 Comunicação para educação freiriana.....	168
3.2 Propaganda e o suporte do <i>status quo</i>	181

3.3 Liberdade hackeada e o direito aos dados pessoais	190
3.4 Comunicação para ruptura revolucionária	199
3.5 Rebelião dialógica e comunicação na cultura da Sociedade da Informação	213
CONCLUSÃO	225
REFERÊNCIAS.....	235

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como objetivo principal situar o conceito de liberdade na interface educação e cinema. Interface é um novo sistema de representação no qual o mecânico, o permanente e o absoluto se transformam em formas fluídas, interativas e de fruição comunicacional que conduzem a um pensamento híbrido, miscigenado e fronteiriço, muito além do puramente funcional do design em rede.

Sendo assim, a fenomenologia no âmbito das ciências humanas e sociais abre-se de maneira natural à proposta metodológica de Paulo Freire, uma vez que nela se materializam possibilidades desse saber interdisciplinar. Considera-se a interface como uma forma simbólica que articula o imaginário cinematográfico contemporâneo por meio de representações sociais reais que se projetam por identificação para a recriação dos protagonistas do processo ensino-aprendizagem. Constitui-se também como um novo modelo mental, que relaciona a produção individual, a interação social e os suportes das novas tecnologias aplicadas aos processos pedagógicos e educacionais.

Esta nova maneira de ordenação visual, que culmina com o processo de superação da visualidade clássica, iniciada com o cinema há mais de um século, obriga a reconsiderar aspectos epistemológicos e metodológicos que levam em conta o papel do sujeito na educação e em todos os procedimentos de formação.

Tais procedimentos metodológicos, que pautam este trabalho, têm como ponto de partida o método criado por Paulo Freire, aplicado à educação de um modo geral e à pedagogia em particular, sob a consigna das práticas de liberdade. Justamente, por esta razão, procede-se a leitura da obra do educador brasileiro e dos críticos que reforçam o teor social de suas teorias na tentativa de fomentar o processo de alfabetização verbal e aquilo que seria urgente: a realfabetização visual no âmbito didático da nova linguagem cinematográfica, dada por intermédio de uma análise dialógica-crítica.

Ao recorrer ao cinema como suporte se espera, além do quesito artístico, que proporciona experiências subjetivas, utilizar as possibilidades históricas que advém da produção cinematográfica, bem como a interação entre os sujeitos históricos da obra e seus espectadores. O próprio ato de assistir um filme pode ser considerado uma experiência inteira “[...] sem necessidade de justificativas – o que me levou ao filme (...), o que o filme me ensinou e assim por diante. O cinema não é somente um

meio, mas é também um ponto de partida e um ponto de chegada; é a própria experiência” (GARCIA; PEREIRA, 2018, p. 148).

Ao apostar em uma predominância na subjetividade depreende-se a escolha pela autonomia, questionando pragmatismos e modelos pré-estabelecidos enraizados na ideia do que funciona e o que não é o suficiente na área pedagógica porque também podem dizer que o capitalismo funciona, que a mídia funciona etc. A pedagogia deve se adaptar e nunca o seu objeto (BERGALA, 2008, p. 27). Além disto, no pensamento do autor citado (BERGALA, 2008, p. 77) resta ao professor usar a honestidade para escolher os filmes que lhe atraem e que ele próprio tenha prazer de “consumir”, fugindo da ideia paternal e preconceituosa de que um objeto artístico serve para mim e não para os outros.

Nesta linha de pensamento, há de se reconhecer o pensamento de Paulo Freire não apenas no campo pedagógico, mas na metodologia transdisciplinar e transversal, ainda mais atual na Sociedade do Conhecimento, levando em conta que a escola ultrapassa o meio simplesmente físico. Freire considerou, desde seus escritos primeiros, “[...] a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o ‘Círculo de Cultura’, como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de aula” (ANTUNES; GADOTTI; PADILHA, 2019, p. 524).

Os autores ainda mencionam como legado de Paulo Freire, em seu paradigma da educação para a soberania popular, além de uma filosofia educacional, “[...] um método de investigação e de pesquisa, ancorado numa antropologia e numa teoria do conhecimento, imprescindíveis na formação do educador. Depois de Paulo Freire não se pode mais afirmar que a educação é neutra” (ANTUNES; GADOTTI; PADILHA, 2019, p. 524).

Não se trata de qualquer educação, mas a emancipadora. Se hoje o processo educacional ocorre sem hierarquias e em rede, entretanto, “[...] a noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na conectividade, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente” (ANTUNES; GADOTTI; PADILHA, 2019, p. 524).

Destaca-se na teoria da educação emancipatória de base freiriana o “paradigma do oprimido”, com as seguintes características (ANTUNES; GADOTTI; PADILHA, 2019):

- a) necessidade de teorizar a prática e implantar a pesquisa participante;
- b) reconhecer como legítimo o saber popular;

- c) valorizar a cultura, as artes, a comunicação e o uso crítico das tecnologias associadas à educação;
- d) apresenta teoria e método abertos, inclusivos e em evolução, enraizados no movimento histórico-social da educação popular, uma concepção geral da educação e um paradigma;
- e) guia-se pelo sonho, pela utopia contra a fatalidade e estabelece-se na confiança de “outro mundo possível”;
- f) a qualidade demonstra-se na busca pela competitividade do empenho com o intuito da superação da opressão;
- g) as ações, mesmo sabendo que o processo educacional requer tempo, são galgadas nas transformações do agora;
- h) educação não é apenas ciência. Mais do que isto, envolve a dialética em ação-reflexão-conscientização, sem excluir a subjetividade, não espera a providência divina, atua com a arte e a práxis para que os seres humanos passem de objetos a senhores de suas histórias;
- i) sendo a pedagogia do oprimido problematizadora, esta se coloca não apenas como esperançosa, mas de luta contra a realidade opressiva;
- j) funda-se na racionalidade dialógica presente na modernidade, que traz a comunicação em sua essência, enfatizando a dimensão cultural para a transformação, contrária ao positivismo pedagógico, galgado apenas na aquisição de conteúdo, com o saber primeiro da vida cotidiana aliado ao conhecimento científico.

Logo, a esperança em ação, que se deposita na educação como libertação do oprimido, é feita pela transformação do *status quo*.

No contexto bibliográfico, a pesquisa de John Dewey surge como matricial para entender o cunho dado à experiência estética do cinema, projetada na compreensão também da experiência educativa. Por este motivo, atribuem-se funções aos principais agentes desse processo com vistas a entender a liberdade como um estado ou condição de cada pessoa tanto no plano individual quanto na interação social, sobretudo, no tempo e espaço educacional em que se desenvolve o ensino superior.

A experiência prévia do mestrado tinha permitido explorar o tema da ética na configuração de outra interface: jornalismo e cinema, resultando de grande valia para as categorias classificatórias atreladas ao exercício da busca da verdade, as práticas democráticas da informação e o apelo à defesa dos direitos humanos.

Dando continuidade a esta nova interface do cinema, prevista, segundo Josep Català (2010), no cerne da educação na atualidade, esta tese aprofunda-se na obra de Freire, produzindo uma reflexão acerca da faculdade e o direito que as pessoas possuem para escolher de maneira responsável sua própria forma de agir dentro da sociedade pelo viés educacional e pedagógico.

Nesta dialética de atualização – comunicação-informação; professor-aluno; esfera pública-esfera privada; imagem-texto; invisibilidade-visibilidade; opressão e libertação – apoia-se a pesquisa que, em princípio toma como referência o método participativo freiriano, que consiste em criar redes semânticas com o fim de perpassar a significação e alcançar o sentido, permitindo ao aluno produzir um repertório que possibilite o posterior distanciamento crítico.

Para isto, opera-se um resgate dos procedimentos metodológicos propostos por Paulo Freire na sua tentativa de adequar a experiência estética cinematográfica ao tempo e espaço nos quais acontecem a educação como uma prática emancipadora dos agentes envolvidos nesta interação.

A presente tese, portanto, busca a continuidade dialética para a reinvenção histórica da obra freiriana (MAFRA, 2008, p. 23), ressaltando seu legado humanístico de forma simultânea a educandos e educadores inseridos no mundo da convergência pós-moderna.

O próprio Freire (1981), em *Ação Cultural para a Liberdade*, avisava aos que trabalham suas práticas pedagógicas a necessidade de recriar e repensar seu pensamento com o embasamento de contexto social e político, obviamente não idêntico nos diferentes estágios da humanidade, até o atual. Sua pedagogia, hoje perpassada pela Sociedade da Informação, que transformou o modo de memorização, reprodução, captação, produção, criação e a recepção de conteúdo, ganha ainda mais importância quando se pensa em criticidade.

Ainda de acordo com Freire (1981, p. 9), a bibliografia-cinematografia utilizada nesta tese reflete a intenção “[...] fundamental de quem a elabora: a de atender ou a de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos naqueles ou naquelas a quem é proposta”. O objetivo principal com a experiência proposta para os receptores é gerar ânimo e significado para quem a utilize, motivando sentidos com o objetivo de despertar a consciência oprimida em prol das transformações extraídas do processo pedagógico.

O desafio, a partir do procedimento ingênuo, referido por Freire (1981) é ultrapassar a absorção mecânica do conteúdo, que gera fuga do texto, e entender a realidade atual, influenciada pela subjetividade e a historicidade do passado e do presente, utilizando a imaginação não apenas para memorizar, mas compreender os conteúdos como desafio do próprio aluno, por si só. “É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto” (FREIRE, 1981, p. 10). Esta atitude crítica perseguida na educação deve ir além da sala de aula e da relação professor-aluno ganhando a própria existência lúcida e crítica de cada um diante do mundo.

Desta forma, o problema de pesquisa estriba na dificuldade que nem todos os professores e alunos conhecem suficientemente a linguagem cinematográfica para poder desfrutar da experiência estética da sétima arte.

Cabe, por conseguinte, a pergunta: **pode ser o cinema um meio de formação para a liberdade diante dos desafios gerados pela realidade social do aluno, protagonista do processo educativo?**

A partir desse questionamento, a tese situa a liberdade como o interstício derivado da interface disciplinar: educação e cinema, capaz de proporcionar uma verdadeira experiência estética de catarse.

Isto posto, a principal contribuição ou justificativa deste estudo reside em atualizar questões do método freiriano que possam servir de guia à utilização do cinema no Ensino Superior, como um meio de informação e formação para o desenvolvimento do “espírito crítico” nos contextos histórico, econômico, político e social da filmografia de atualidade. Diferenciando, desta forma, o cinematográfico e filmográfico, o educacional do pedagógico e a experiência estética da experiência cinematográfica.

A contribuição da tese incide, em grande parte, diretamente sobre a formação do professor e do aluno simultaneamente, fazendo-os usufruir de um meio que sai de seu caráter de mero entretenimento para se converter em um aliado na produção de conhecimento formal e para o aproveitamento informal da experiência estética como catarse. Ambos os protagonistas do processo educativo – interlocutores – usufruem por sua vez do meio audiovisual que traz o avanço tecnológico da produção, as formas plásticas da difusão e o desafio da coparticipação e interação perante a tela no embate e debate na sala de aula.

O referencial teórico para esta tese concentra-se na obra de Paulo Freire, seguindo a lógica histórico-temporal de seus escritos, ancorado pelo livro *Pedagogia do Oprimido* (edição de 2018 que revisita seus manuscritos). Além disto, utiliza-se de comentaristas que conviveram com o autor e até hoje procuram novos sentidos para o seu legado, como Gadotti, Mafra e Romão.

Tendo em vista o caráter revolucionário de liberdade proposto por Paulo Freire, no que diz respeito à mudança do *status quo* e na emancipação do oprimido através da conscientização, alia-se o pensamento do autor brasileiro com outros expoentes do pensamento revolucionário como Negri (italiano, acusado de insurreição armada contra o Estado, foi condenado a 30 anos de prisão, atuou como deputado, anistiado e depois exilado até retornar e cumprir o restante de sua pena em liberdade condicionada); Fromm (psicanalista de origem alemã, mudou para os Estados Unidos nos anos 30, quando os nazistas dominaram a Alemanha, psicólogo-humanista, criticou o Estado soviético totalitário, bem como o capitalismo); e Zizek (esloveno provocador, associou as ideias de Lacan com filmes de Hollywood e exemplos da cultura popular; em 1990 se candidatou à presidência da Eslovênia, sem obter sucesso).

Divide-se, então, a tese em três capítulos, que, indagando o caráter da formação da liberdade, podem ser fruídos separadamente sem perder o sentido ou em uma sequência lógica organizada em especial para esta pesquisa. Os eixos estudados passam pela experiência estética na educação como investigação essencial da liberdade transformadora.

No primeiro capítulo se estabelecem os princípios do diálogo sobre a liberdade em uma perspectiva dialética do individual e coletivo quando se associa Dewey a Freire, para em seguida traçar um caminho da liberdade encostada na subjetividade do ser. Lucien Goldmann dá suporte teórico para visualizar a lógica cinematográfica coligada ao romance burguês. As características da liberdade individual também são abordadas, bem como questões metafísicas abrem a discussão primordial.

No segundo capítulo aventam-se possibilidades de liberdade individual perante o fenômeno do consumo, o conceito de democracia, desigualdade e solidariedade, assim como realidades e desafios que atingem a educação brasileira. Trata-se da liberdade como necessidade em uma visão materialista e sociológica sobre o tema, com o intuito de despertar o aluno para ser classe de si mesmo, entendendo como o cinema reproduz as ideias vigentes que impedem a liberdade.

O terceiro capítulo apresenta uma síntese como resultado de pesquisa na proposta freiriana que examina o direito à informação, uma crítica à propaganda e à liberdade do cidadão na “era da informação” em rede. Tendo em vista a ação dialógica presente na educação freiriana, a tese avança para compreender a mídia e seu papel manipulador que molda a sociedade a partir de interesses dominantes e hegemônicos.

Objetivo geral

Apresentar um diálogo a respeito da liberdade – tendo como base a pedagogia de Paulo Freire – a partir da produção cinematográfica, escolhendo filmes de reconhecimento social que eduquem para a criatividade no campo da arte, para o conhecimento através da análise e para o desenvolvimento da liberdade responsável no exercício profissional. A tese se direciona para o Ensino Superior, com o intuito de dar força ao processo de formação deste setor de educação necessitado em nosso país.

Objetivos específicos

Como objetivos específicos desta tese, pretende-se:

- a) apresentar uma visão metodológica de análise fílmica para o ensino superior baseada na experiência dos círculos de cultura de Paulo Freire e na experiência estética aluno-professor;
- b) traçar um percurso teórico sobre a liberdade aproveitando os conceitos explorados por Paulo Freire, bem como apresentá-los como alternativa para a assunção do aluno;
- c) na interposição entre literatura e cinema, associar o individualismo proposto no neoliberalismo à produção cinematográfica contemporânea, que inevitavelmente acaba defendendo valores burgueses através de seus protagonistas;
- d) selecionar filmes contemporâneos que servem de suporte de análise para a teoria discutida dentro desta tese, como espécie de bibliografia do imaginário composto pelo *status quo* que impediria a liberdade;
- e) analisar a necessidade de liberdade como fator material apoiada pela filmografia escolhida;

- f) relacionar a possibilidade de liberdade com fatores econômicos e históricos discutidos por Freire desde sua primeira obra;
- g) demonstrar a influência da mídia na manutenção do *status quo* como agente de formatação de um imaginário que coloca o capitalismo como único sistema possível;
- h) propor a experiência estética na compreensão e fruição do aluno dos elementos do imaginário massificante presente nos filmes escolhidos e que servem como estímulo à reflexão discente em busca do entendimento de si mesmo e das estruturas sociais;
- i) encontrar pontos de convergência do pensamento de autores como Zizek, Bauman, Negri, Fromm, entre outros, com a proposta emancipadora de Paulo Freire;
- j) propor uma atitude libertária do ser, que parte da individualidade subjetiva para a ação coletiva que supere a opressão, analisando exemplos dos ciberativistas Julian Assange e Edward Snowden, retratados por documentários debatidos nesta tese;
- k) entender e criticar os processos comunicacionais da Sociedade da Informação que, ao monitorar o indivíduo sem autorização, interrompem a liberdade e
- l) incrementar a proposta de conscientização desenvolvida por Freire, estabelecendo as terminologias Sociedade do Agora e Sociedade do Amanhã, levando em consideração o avanço significativo do neoliberalismo no mundo, tendo como consequência o aumento da desigualdade e a falta de esperança. Após as justificativas iniciais, o primeiro capítulo abre a discussão primordial desta tese levando em conta conceitos como liberdade absoluta e necessidade de liberdade inerentes ao ser humano e que se ligam ao próprio direito à vida.

CAPÍTULO I – MÉTODO DO CINEMA E EXPERIÊNCIA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

A internet e a sua rápida implementação no âmbito educacional levou a detectar a aparição de um novo «modelo mental»: a interface, apontada por Josep M. Català como o surgimento de uma plataforma que busca o funcionamento e tensão entre a técnica, indivíduo e sociedades e em que essas inter-relações se desenvolvem de maneira mais associadas com as novas realidades. Para Català, o conceito de interface está além da simples relação entre a máquina e o usuário, pois tem um alcance transcendental para compreender a nova situação híbrida que se produz na natureza sociotécnica em que o mundo se encontra.

A sua fenomenologia da interface tem um enfoque mais amplo e pode ser considerada como o projeto de uma compreensão mais completa do mundo. Assim, a ideia da interface vai além de um neologismo da revolução digital e passa a atuar como agente modelador da percepção, situado entre o real e o virtual, um espaço tecnológico e ao mesmo tempo cognitivo em que acontece o processo de interação.

Com esta concepção, a proposta do primeiro capítulo desta tese é, a partir da metodologia empregada por Paulo Freire em *Educação como prática de liberdade* (1967) e na *Pedagogia do Oprimido* (2018), associada à justificativa da *Arte como experiência*, de John Dewey (2008), criar uma definição de liberdade natural ao homem, de caráter metafísico e filosófico, que pode proporcionar ao aluno, leitor, expectador e cidadão um entendimento de sua própria individualidade, sem deixar de lado os aspectos éticos para a convivência social.

O próprio Paulo Freire (1997, p. 7), em *Pedagogia da Esperança*, se questiona após palestra sobre seu suposto entendimento da visão de mundo do oprimido. No final, o oprimido enxergava de forma mais nítida a vida e visão do educador que em sua discussão teórica/prática se afastava por vezes, mesmo sem querer, do sofrimento cotidiano de seus interlocutores.

Educar para a liberdade requer esperança (FREIRE, 1997), não uma esperança vã, mas arraigada na realidade diária do aluno e com o intuito de se opor ao sistema capitalista, que se impõe como única solução alienante do mundo dito pós-moderno. Entende-se que luta é expressão e a educação política (FREIRE, 1997b, p. 6). Por isso, a liberdade como interface da educação e comunicação se expressará

neste primeiro momento e durante todo o trajeto deste trabalho, usando como exemplo e motivação o cinema como arte, em si; como uma espécie de retrato de uma sociedade alienada, movida pelo capital; e como temática geradora da sequência proposta por Freire em seu Círculo de Cultura.

Parte-se do pressuposto que o cinema comercial – tanto produzido em Hollywood, quanto na cinematografia nacional – representa em seu âmago as ideias de uma elite dominante. Gramsci (1974), com seu conceito de hegemonia, já teorizou esse *status* dos tempos modernos. Procura-se uma base científica para o materialismo histórico dialético, no qual as sociedades recebem tarefas que podem ser resolvidas, como desafios propostos à humanidade. Portanto, se há um dilema e desafio – causa que precede o efeito – haverá a possibilidade de o multípulo social encontrar uma hipótese de bem-social. Presentes tais condições torna-se um dever buscar a solução das tarefas, sendo ao mesmo tempo a vontade para isto livre. “[...] A moral tornar-se-ia uma procura das condições necessárias para a liberdade do querer num certo sentido, para um certo fim e a demonstração que tais condições não existem” (GRAMSCI, 1974, p. 147).

Hardt e Negri (2000, p. 4), após a globalização, atualizam o entendimento da dominação com o conceito de Império, materializado diante de todos como um sujeito político regulador efetivo das trocas globais, um poder soberano, governador do mundo. Os dois conceitos podem ser vistos de maneira geral nos enredos fílmicos comerciais, que apesar de seu teor artístico, são também produtos que visam o lucro e a massificação dos ideais burgueses (GOLDMANN, 1975) para domesticar e alienar a classe oprimida, inconsciente e inerte. Não criticar e discutir esta fórmula de coisificação e reprodutibilidade técnica seria banalizar a educação e não oferecer ao aluno oportunidades para contraposição ao sistema.

A busca da consciência existencialista de Freire (1978, p. 14) não se dá num passe de mágica ou em conversas de amor para mudar a realidade, mas na travessia que supera o desejo de possuir e é fruto da estruturação social. A educação, para este fim, não é assexuada no sentido de neutralidade, mas um ato político que não nega o movimento dialético entre aluno e professor, conscientizando-se juntos, usando além da práxis a teorização clarificadora (FREIRE, 1978, p. 17).

1.1 Experiência da arte na educação e liberdade

Assim como para Paulo Freire a educação se dá a partir da visão de mundo do aluno e de sua própria realidade, para Dewey (2008, p. 369) o material da experiência artística do sujeito, em conexão com a natureza humana, possui uma parte social. Portanto, a experiência estética é manifestação histórica da vida de uma civilização, capaz de promover seu desenvolvimento libertário e até mesmo servir como juízo de sua própria qualidade.

Os seres humanos experimentam, criam e participam desta produção de experiências. Neste caso, cabe à educação fruir também deste tipo de vivência que possa, de forma livre, desvelar a realidade para quebrar o mito da superioridade do ser e da alma burgueses (FREIRE, 1978, p. 13), e não transformar os inocentes, que desvelam a realidade, em astutos que renunciam “às suas ideologias idealistas”, sem comprometimento com os oprimidos.

Tanto Dewey quanto Zizek (2008) (este com o cinema, aquele com literatura, pintura, arquitetura e música) se utilizam em seus trabalhos de exemplos artísticos variados que confirmam ou refutam suas análises e servem, principalmente, como exemplificação reflexiva. Neste primeiro momento, também a arte do cinema atua como ilustração dos temas da liberdade que serão tratados, em uma transposição para as análises teóricas. Entende-se que a função moral e humana da arte só pode ser discutida no contexto da cultura e a obra de arte particular (aqui se insere o cinema) pode ter um efeito – de caráter emocional, cognitivo e comportamental – definido sobre uma pessoa particular ou sobre certo número de pessoas (DEWEY, 2008, p. 390).

Por este motivo, acredita-se no cinema, entre outras possibilidades, atuando como forma de experienciar e combater a realidade dominante, sendo usado para a educação. Então, a educação para a liberdade não se reduz “[...] a libertar o educando do uso do quadro negro para oferecer-lhes projectores de dispositivos. Pelo contrário, propõe-se como práxis social, contribuir para a libertação do homem da opressão a que se encontram submetidos, no seio da realidade objectiva” (FREIRE, 1978, p. 18). Com as novas plataformas midiáticas, a cultura se espalha por conexão e convergência sem a trava do espaço físico.

Pretende-se, nesta primeira análise, a superação dos fatores de oposição e conflito como a principal marca dos filmes que mostram a liberdade individual de um

personagem. A maravilha do orgânico, do vital, a adaptação através da expansão, ao contrário da contração e da acomodação passiva, se realiza efetivamente. Nas palavras de Dewey (2008, p. 16) “[...] aqui está en germen el equilibrio y la armonia alcanzada a través del ritmo”. Portanto, a proposta libertadora de educação coloca de forma destacada a experiência de vida do aluno no âmbito biológico, na dimensão vital, invisível, mas possível.

Os filmes utilizados no decorrer do trabalho ensejam interações entre passado e presente, sucesso e erro, a fim de discutir as imposições propostas e utilizadas pelo capitalismo. O educando, a partir daí pode, através desta experiência estética de análise e crítica, reconciliar-se com seus erros e utilizá-los como advertências para melhorar sua inteligência do momento presente (DEWEY, 2008, p. 20).

Além disso, a educação por intermédio da sensibilidade cobre um amplo grupo de conteúdos com o uso do cinema, passando pelo “sensorial, lo sensacional, lo sensitivo, lo sensato y lo sentimental, junto con lo sensual. Incluye casi todo, desde el mero choque físico y emocional hasta la sensación misma, esto es la significación de las cosas, presente en la experiencia inmediata (DEWEY, 2008, p. 24).

1.2 Cinema como compreensão na experiência da educação

Alguns pontos abordados por Dewey (2008) podem ser usados para a continuação desta tese e serão adaptados para o círculo epistemológico como alusão à experiência freiriana. O círculo tem caráter de movimento constante na definição dos temas geradores oriundos da própria realidade do ser, enquanto o caráter epistemológico pode ser ligado à hermenêutica, que na pedagogia deriva do método. Nesta perspectiva, elenca-se os seguintes itens de aproximação:

- a) busca-se uma via para a superação da distinção de alta e baixa cultura, pois ambas as expressões artísticas, de modo específico, possuem características e potencialidades estéticas genuinamente artísticas, cabendo explorar a vivência de cada tipo de aluno e sua própria realidade;
- b) os mercados mundiais de consumo são impessoais e por isso as criações, direcionadas para a massificação e o lucro. De acordo com Dewey (2008, p. 10), se “[...] colocan ahora aparte de la experiencia común y sirven como insignia del gusto y acreditan una cultura especial”;

- c) no campo da educação, uma teoria que abre espaço para a estética da experiência não deve se perder em detalhes minúsculos quando parte da experiência em sua forma elementar porque bastam apenas amplos delineamentos (DEWEY, 2008, p. 14);
- d) a experiência cinematográfica na educação libertadora é vista como resultado, signo e recompensa da interação do organismo com o ambiente a fim de realizar-se uma transformação da interação em participação e comunicação, em nosso caso do entendimento da liberdade no âmbito educacional que busca a superação do sistema opressor que nos assola;
- e) a experiência ocorre continuamente porque a interação da criatura vivente e as condições de seu entorno estão implicadas no processo da vida (DEWEY, 2008, p. 41). Os filmes escolhidos neste primeiro capítulo, que apenas compõe as definições teóricas apresentam condições de conflito e resistência, que determinam aspectos e elementos do mundo que requalificam a experiência com emoções e ideias, “[...] de tal manera que surge la intención consciente” (DEWEY, 2008, p. 41);
- f) a ação vista no enredo cinematográfico e sua consequência devem estar juntas à percepção do educando, bem como do educador em conjunto. O objetivo e o conteúdo das relações medem o conteúdo significativo da experiência a ser explorada, aliando-a às experiências passadas e às relações entre padecer e fazer;
- g) o estético, perseguido neste capítulo, não é uma intrusão à experiência, mas o desenvolvimento intenso e clarificado “[...] de los rasgos que pertenecen a toda experiencia completa y normal” (DEWEY, 2008, p. 53). A palavra estética se refere, no campo de estudo a ser aplicado na educação, como experiência enquanto estimativa, preceptora e gozosa, porque o gozo permite a liberdade. A experiência entendida como experiência estética para abertura de consciência de classe e para a catarse;
- h) o que distingue uma experiência como estética é a conversão da resistência e a tensão das excitações que tentam um final satisfatório e inclusivo;
- i) a descarga emocional é uma condição necessária, porém não suficiente. Não há expressão sem perturbação. Descarregar é desembaraçar-se, despedir, expressar-se, cair, desenvolvendo aluno e professor simultaneamente até à complexão;

- j) na educação, o cinema tem a sua natureza transformada ao entrar em novas relações que provocam diferentes respostas emocionais. “Las obras de arte que no están alejadas de la vida común, que son ampliamente disfrutadas por la comuniclud, son signos de una vida colectiva unificada, pero son tamhién una ayuda maravillosa para la creación de esa vida” (DEWEY, 2008, p. 92);
- k) o material cinematográfico reelaborado através da experiência educacional é um ato de expressão e não um acontecimento isolado e confinado ao artista;
- l) as qualidades sensíveis do cinema portam significados não como “[...] vehículos que cargan mercancías, sino como una madre que lleva a su bebe cuando este es parte de su próprio organismo” (DEWEY, 2008, p. 132);
- m) a fase definitiva e final da experiência deve se apresentar como algo novo, sempre incluindo junto à admiração um elemento maravilhoso;
- n) o espaço e tempo são elementos comuns a todas as obras de arte. “En las artes no son ni los continentes vacíos, ni las relaciones formales que las escuelas de filosofia a veces han pensado que representan” (DEWEY, 2008, p. 233);
- o) a experiência se dá através da interação do organismo com seu ambiente, aqui incluso os materiais das tradições, das instituições, bem como das localidades das quais estão inseridos os alunos e professores. As vivências e formas de reação do aluno em relação ao objeto não se dão meramente no plano físico ou mental, mas interagem entre o objetivo e o subjetivo;
- p) “La experiencia estética es imaginativa. Toda experiencia consciente tem por necesidad cierto grado de la cualidad imaginativa. Porque si las raíces de toda experiencia se encuentran con la interacción de la criatura viviente con su circunstancia” (DEWEY, 2008, p. 307).

Dewey fala de experiência estética e, o cinema é, nesse sentido, uma experiência da arte que se projeta no âmbito educacional para a formação do sujeito em termos de aprendizado.

1.3 Experiência estética do cinema na circulação de imagens e palavras

A experiência proposta por Paulo Freire (1967), em *Educação como prática de liberdade*, passa pelos círculos de cultura e pressupõe o entendimento e estudo do

professor sobre as palavras geradoras que dizem respeito à realidade do aluno, bem como a imersão sobre esta própria realidade. Quando se importa este método para o ensino superior, por exemplo, surge a discussão da substituição das palavras objetos de estudo por temas epistemológicos mais complexos. É neste cenário que o cinema pode ser utilizado.

Paulo Freire, com sua sociologia da compreensão, enxergava a história brasileira num período de trânsito, ou seja, vivenciando crise de valores como ocorre no mundo inteiro no que diz respeito aos temas tradicionais – avanço da ultradireita na Europa e Estados Unidos decorrente do liberalismo-capitalista não entregar o suposto bem-estar social prometido. No círculo de cultura proposto para a alfabetização do oprimido (FREIRE, 1967) surge a abertura para os temas epistemológicos através do cinema.

O ponto de partida deste método, adaptado aqui para utilização do cinema como interface na experiência educativa, “[...] está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem. Seria, porém, um equívoco imaginar que a conscientização não passaria de uma ‘preliminar’ do aprendizado” (FREIRE, 1967, p. 7). A conscientização, para Freire, fazia parte do processo de alfabetização e não se discutiu o que estaria na frente. Segundo a pedagogia proposta, da liberdade através do cinema, o aprendizado “[...] já é um modo de tomar consciência do real e como tal só pode dar-se dentro desta tomada de consciência” (FREIRE, 1967, p. 7).

Além disso, para Dewey (2008), a experiência estética do cinema faz parte da ideia de aumentar a compreensão, de aprofundar a inteligibilidade dos objetos da natureza e do homem. Há uma condução filosófica a “[...] tratar el arte como un modo de conocimiento no solamente superior a de la vida ordinaria, sino al de la ciencia misma. La noción de que el arte es una forma de conocimiento” (DEWEY, 2008, p. 307).

O método de Paulo Freire pode ser reconstruído para a utilização do cinema em todos os níveis educacionais, com estratégias pertinentes para isso, mas sempre mantendo a lógica científica vista no livro *Pedagogia da Autonomia*, no qual Freire (2002) elenca em três capítulos, com nove subtítulos cada, como deve agir o professor progressista genético, dialético e crítico.

O uso do cinema para a transformação da consciência exige docência com ciência, que passa por itens (FREIRE, 2002) como: rigorosidade metódica,

pesquisa, respeito aos saberes do aluno, a estética aliada à ética e a utilização da palavra – aqui o cinema junto à palavra – como exemplo. Mesmo neste quesito metodológico e técnico, Freire não deixa as questões filosóficas contidas na própria ciência ao discutir como parte do método temas como risco e aceitação do novo, reflexão crítica sobre a práxis e o reconhecimento – assunção – da identidade cultural do aluno e do professor. No presente trabalho para o aluno universitário pressupõe-se a globalização do capital como item inerente à liberdade, temática central da tese.

O inacabamento (FREIRE, 2002, p. 21) do professor mediador (ensinar é ato conjunto e contínuo professor/aluno) está incluído como método para ensinar. O uso do cinema como suporte de educação para liberdade, apoiado nas propostas de Freire, exige a busca humilde pela autonomia do educando, que curioso e realista, sem perder a tolerância, alegria e esperança está convicto que se pode mudar a situação de opressão.

Considerando o ensino como especificidade humana (FREIRE, 2002, p. 36), se reconhece a educação ideológica, sendo o cinema comercial fruto da visão de mundo dominante e, aqui, instrumento para o entendimento da realidade em busca da superação do *status quo*. Por isso, aliada à competência profissional e aos requisitos expostos nos dois últimos parágrafos ainda é necessário querer bem aos alunos e usar a educação para intervir no mundo. A prática da liberdade referenda a autonomia do aluno para a criticidade, tendo o professor como condutor destas potencialidades que são inerentes ao próprio ser, como visto a seguir.

1.4 Procedimentos metodológicos para liberdade na experiência cinematográfica

Em *Educação como prática da liberdade*, Freire (1967) indicava que para iniciar o círculo de cultura junto com os analfabetos o primeiro passo era o levantamento vocabular do público. Logicamente, quando se pensa em cinema, deve-se recorrer ao conhecimento fílmico do aluno e à disponibilidade da obra.

Claro que o professor mediador poderá realizar indicações e propostas de acordo com a temática da aula. Freire, na segunda fase do método, propõe a escolha de palavras retiradas do universo vocabular pesquisado. Obviamente, com o cinema pode-se escolher cenas, personagens, detalhes técnicos da produção, cenário, iluminação e uma gama de outras características de acordo com o universo abordado

e disciplina a ser desvelada. A participação do aluno integra a terceira fase desta sequência pedagógica com a composição de situações existenciais típicas referentes ao grupo com quem se vai trabalhar. Com o cinema não é diferente, pois diversas situações de conflito, no que diz respeito à liberdade, podem ser pinçadas da filmografia utilizada.

Seguindo a metodologia de Freire (1967) restam duas fases: (4ª e 5ª) elaboração de fichas-roteiro para os professores mediadores, não rígidas, mas como instrumento subsidiário para a decomposição das famílias fônicas. Neste caso, levando em consideração o cinema, este passo pode ser a decupação de uma cena, ficha técnica, relação contextual do roteiro, tema a ser abordado, enfim, elementos a serem elaborados para que a fruição fílmica siga certa lógica de acordo com os objetivos propostos para a aula.

O caráter imagético na obra *Educação como prática de liberdade* demonstra-se no apêndice do livro, quando Freire (1967, p. 123) converte as 17 palavras geradoras em prospecções imagéticas da realidade que formam o currículo dos Círculos de Cultura. São situações existenciais para debater a cultura, na ótica do pintor Francisco Brenand, refeitas por Vicente de Abreu, seguindo a mesma temática. Quando se usa o cinema como interface, cada filme pode demonstrar uma situação existencial sobre a liberdade, ou mesmo uma única película ser analisada abordando os elementos pré-determinados.

1.5 Proposta pedagógica para as práticas de liberdade

Educar através do cinema significa reconhecer no meio uma forma habitual de produzir, armazenar e difundir conhecimentos relativos à antropologia, à história, à economia, à política, à sociologia, enfim, à cultura.

A gravidade e a relatividade, por exemplo, são temas da física, que na produção cinematográfica têm aparecido de modo recorrente. Exemplo disso são os filmes *Gravidade* (2013, Alfonso Cuarón) e *Interestelar* (2014, Christopher Nolan), por oferecerem analogias para o espaço escolar. Assim, surge a primeira metodologia de análise de filme que contempla a atitude e a preparação do professor para a utilização desse meio:

Quadro 1 – Preparação do professor

1 -	O professor deverá, previamente, assistir ao filme proposto.
2 -	Esse professor escolherá as partes mais significativas nas quais os temas sobre a liberdade são colocados em cena.
3 -	O professor decupará as cenas escolhidas e confrontará seu posicionamento com o senso-comum. Se for necessário, consultará algumas obras que lhe permitam enfrentar com solidez a discussão perante seus alunos.
4 -	Frente ao tema da gravidade, usado como exemplificação neste momento, relacionará a teoria de Isaac Newton, da queda livre, com alguns comportamentos humanos; da mesma forma, em relação à teoria da relatividade de Albert Einstein, relacionada com as apropriações humanas do tempo. As relações das temáticas propostas variam de acordo com as disciplinas e propósitos educativos.
5 -	Por último, o professor deve propor, a partir de sua própria experiência, aquilo que serviu de “lição” e que ele utilizará no seu dia a dia, seja no âmbito profissional ou mesmo na esfera pessoal.

Fonte: elaboração do pesquisador.

Esse procedimento metodológico contempla também um guia que os alunos receberão por parte do professor para o melhor aproveitamento da utilização do filme em sala de aula:

Quadro 2 – Ação com os alunos

1 -	O aluno pesquisará dados de produção, como a ficha técnica do filme.
2 -	Com ajuda do professor, o aluno montará uma sinopse do filme na qual se caracterizam os personagens principais e as ações iniciais da trama.
3 -	Analizará o argumento, deixando em evidência as forças em choque e interpretará escolhas, comportamentos e valores nos quais os personagens apostam.
4 -	O aluno realizará uma crítica de cunho pessoal, na qual se colocará no lugar dos personagens.
5 -	A partir dessas considerações, o aluno determinará o que entende ser certo ou errado de acordo com sua interpretação, considerando tanto as circunstâncias do filme quando a realidade em que está inserido; outro ponto no qual o aluno será indagado é a respeito da objetividade do mundo exterior e a sua própria subjetividade e, por último, a pontual distinção, que existe entre esta realidade e o objeto de ficção.

Fonte: elaboração do pesquisador.

Destes procedimentos desprendem-se a ideia de uma abordagem metodológica baseada num levantamento de pesquisa sobre a produção filmográfica contemporânea, que traz elementos úteis para o processo da educação como o “acerto pelo erro” e o aprendizado de experiências significativas e dialógicas. Nas palavras de Paulo Freire (1967, p. 108), “[...] precisávamos de uma Pedagogia de Comunicação, com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo. Há mais. Quem dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa”. Professor e aluno atuam em conjunto e o resultado desta interação contínua constitui um aspecto fundamental da empatia.

Contudo, a produção cinematográfica apresenta-se com um paradigma da arte, do conhecimento e do entretenimento dentro da cultura contemporânea, assim, a filmografia representa, neste caso, um sintagma a partir do qual se pode estabelecer uma análise rastreando um conceito tão prezado como a liberdade, perante a demanda educacional existente.

Entende-se que a produção filmográfica comercial tem mais alcance para continuar este diálogo proposto por Freire. Porém, o objetivo desta tese consiste em demonstrar o caráter formativo da liberdade na interface educação e cinema. Para isso escolhem-se filmes conceituados do ponto de vista da produção e que consigam fazer a transposição da ficção para a realidade de uma maneira mais séria, deixando o espectador escolher a catarse que quer experimentar, ou seja, o que do filme o espectador levou para sua vida como aprendizado.

Pode-se utilizar também o termo catarse “[...] para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoístico-passional) para o momento ético-político”, confirma Gramsci (1974, p. 88). No caso deste trabalho, a busca é pela liberdade por intermédio da conscientização.

O filtro para escolha dos filmes não responde a aspectos comerciais da indústria cultural e sim à crítica especializada que salienta nestas produções a problemática da liberdade em tempos de globalização e de acordo com os conceitos da antropologia filosófica e cultural propostas por Paulo Freire.

1.6 Liberdade restringida aos ideais burgueses no cinema

O centro da discussão que impede a liberdade plena do homem, não como algo fantasioso, mas no que diz respeito à luta contra a opressão, é o próprio sistema

vigente voltado para o capital e acumulação que alimenta a desigualdade. Usando como referência a análise de Lucien Goldmann sobre a estrutura do romance (1975) é possível enxergar no cinema contemporâneo, parte de análise desta tese, algumas características que corroboram para a manutenção do *status quo* e a consequente domesticação dos oprimidos.

Trata-se de uma consigna de um grupo velado, escondendo a lutas de classe com o tratamento dado aos meios de comunicação da realidade, que invade a individualidade e explora os anseios da massa em função de tornar os filmes produtos com a qual o povo se identifica e projeta seus anseios.

Assim como a novela (romance literário) analisada por Goldmann (1975, p. 16), normalmente o cinema comercial apresenta um herói problemático – e esta será a base de análise para a construção de uma definição da liberdade individual e metafísica, que passa pela existência em si e da relação entre o homem e um possível criador.

Os conflitos internos e exteriores do herói problemático, que a partir de agora será denominado de herói frustrado, passam pelo seu não reconhecimento como classe de si mesmo. Trata-se de um índice individualista de uma sociedade em trânsito (FREIRE, 1967, p. 120) na qual os níveis de consciência não permitem a libertação do oprimido, que deseja ser como aquele que o condena. Um dos motes do sistema educativo proposto por Freire (1979) é justamente a conscientização. Neste sentido, Goldmann (1975) trabalha com a consciência real e a possível (verdadeira e perceptiva ao posicionamento de classe do oprimido). A indústria cultural e os estúdios cinematográficos, neste sentido, usam suas normas cânones na composição dos filmes para criar o imaginário coletivo de acordo com o *status quo*, levando em conta o quesito audiência, ou seja, os espectadores definidos de forma concreta e histórica.

Quando se usa Goldmann (1975, p. 16) para analisar sociologicamente o enredo do cinema pode se adaptar três tipologias de acordo com o nível de conscientização do protagonista: enredo idealista abstrato, como Don Quixote, cujo personagem principal possui consciência estreita sobre o mundo (consciência real); enredo sociológico com o personagem em super-consciência, arraigado em sua vida interior e insatisfeito com o mundo; e enredo educativo quando o protagonista renuncia à busca problemática tendo como característica o humor ou a ironia. Infere-se, a partir do exposto até aqui que a ética novelística se transforma em um problema estético. Para Goldmann (1975, p. 24), a forma novelesca é a “[...] transposición al

plano literário de la vida cotidiana em la sociedad individualista nacida de la produccion para el mercado”.

Na sequência deste capítulo os enredos filmográficos, de acordo com as definições teóricas sobre a liberdade, mostrarão a relação entre a própria obra e a consciência de classe dos grupos sociais. A questão artística reflete uma consciência coletiva (GOLDMANN, 1975, p. 27-28) e as produções deixam transparecer: a) elementos da consciência real contra a consciência possível, única capaz de compreender a primeira; b) relação entre o pensamento coletivo e as criações cinematográficas; c) correspondência à estrutura mental de tal grupo (visão de mundo); e d) elaboração de uma consciência coletiva elaborada de forma global.

Todos estes aspectos da cultura imposta dominante e opressora (fetichismo, coisificação, mercantização) são reproduzidos nos enredos e devem ser combatidos e criticizados na sala de aula. A consciência coletiva (GOLDMANN, 1975, p. 29) perde força e se transforma no reflexo da vida econômica até finalmente desaparecer.

Zizek (2011a, p. 66) analisa o que se esconde nos enredos fílmicos (inconsciente lacaniano). Para o autor, a película *Titanic* (1997, direção James Cameron, distribuição 20th Century Fox), por exemplo, não é apenas uma catástrofe de um navio que colide em um iceberg. Após o ato sexual entre Leonardo di Caprio e Kate Winslett, ocorre a calamidade como se fossem punidos duplamente pelo destino em relação às transgressões (ato sexual ilegítimo e a união entre classes distintas). Encontra-se a relação do imaginário coletivo como elemento reflexivo para crítica social da própria imaginação da coletividade. O cinema identifica e projeta medo, faltas, sonhos etc... O cinema reproduz a forma de funcionamento do cérebro, ou seja, através da imagem.

Para Zizek, o crucial é que Kate promete a seu amante que iria, após a viagem, preferir uma vida pobre, junto a seu amor do que a falsa percepção de riqueza. A catástrofe impede a realização desta ilusão. No final do romance, o protagonista congela agonizante nas águas geladas e Winslet se apegua a um pedaço de madeira, sabendo que ele iria morrer. Mesmo assim, diz que nunca iria deixá-lo e empurra seu amado para longe. Escondido no enredo de amor, *Titanic* revela a história de uma menina rica da alta sociedade confusa consigo mesma por causa de uma crise de identidade, sem saber o que fazer. Mais do que amante, Di Caprio “[...] é uma espécie de ‘mediador evanescente’, cuja função é restaurar seu senso de identidade e objetivo

na vida, sua autoimagem (de modo bastante literal: ele desenha a imagem dela); terminado o serviço, ele pode desaparecer.” (ZIZEK, 2011b, p. 66).

Trata-se, para Zizek (2011b, p. 66), da superficialidade do marxismo do diretor de *Titanic*, James Cameron (caricatural cruel do egoísmo dos ricos e exposição das mazelas dos pobres, vítimas das armadilhas da globalização). Por trás da compaixão pelos pobres está escondida a exploração vampírica.

Na hipótese de Goldmann (1975, p. 30), adaptada aqui para o enredo fílmico, espera-se encontrar nos protagonistas das produções utilizadas:

- a) o pensamento burguês que coloca o dinheiro e o prestígio social como valores absolutos;
- b) indivíduos – protagonistas – problemáticos (filósofos, escritores, pensadores) que tentam a fuga do sistema vigente através de sua obra;
- c) romance e poder arraigado em uma experiência individual, fruto do descontentamento afetivo não contextualizado (expressão de uma classe média);
- d) expressão da sociedade liberal na qual os valores do protagonismo transcendem o indivíduo para ganhar a universalidade. Surge aqui a biografia individual-problemática.

A busca por valores autênticos em um mundo degradado é oferecida como válvula de escape no cinema. Porém, esses valores autênticos são aqueles escolhidos pela burguesia e fruto de uma sociedade burguesa. O herói frustrado, então, rompe com a sociedade, em uma busca inautêntica por valores autênticos em um mundo entre o conformismo e a convenção. Parece ser esse o jogo da sociedade capitalista, que fornece diversas válvulas de escape como demandas alternativas para aliviar a pressão existente socialmente, sem resolver o problema central do próprio sistema e distribuição de renda.

A série norte-americana *Breaking Bad* (2008, direção Vince Gilligan, distribuição Sony Pictures Television) apresenta essas condições do protagonista fanatizado e problemático, que pode ser analisada também pela evolução imagética da figura do personagem Walter White, um químico genial que vê seu talento aproveitado apenas como professor do ensino médio. A sociedade burguesa lhe propõe um suposto valor autêntico de sustentar sua família (esposa, um filho deficiente e outro recém-nascido) nos padrões norte-americanos (casa, faculdade, carro etc.). Para isso, White se desdobra em dois empregos, sendo inclusive caixa de um lava-rápido.

Figura 1 – Walter White, cidadão moldado



Fonte: <https://www.sonypictures.com/tv/breakingbad>.

Na imagem acima, o protagonista, antes de ser acometido por um câncer violento no pulmão, cumpre o papel da família classe média e sua paixão pela família tradicional. A liberdade está construída nesses pilares e a consciência do protagonista é restrita, como dito anteriormente. A expressão calma e tranquila, seguindo os padrões estéticos daqueles que se contentam com o estilo de vida proposto pela classe dominante.

Mesmo insatisfeito, o personagem mantinha sua rotina até ser acometido por uma doença terminal, que o fez transformar sua consciência de forma problemática, não atingindo a consciência possível dita por Goldmann. Supostamente preocupado com o futuro financeiro de seus entes, encontra na produção química de meta-anfetamina a forma fácil e ideal de conseguir muito dinheiro em pouco tempo. A questão financeira-econômica, como citado, dita os padrões de uma sociedade que se torna individualista na forma de administrar os bens materiais escassos do planeta.

Com seus dotes de químico experimentado, passa a produzir uma droga azul com quase 100% de pureza o que alavanca as vendas do produto e lhe confere grande *status*. Os prazeres desenfreados, a fuga através do sexo ou das drogas são apostas do capitalismo para mascarar um sistema desencadeador de exploração e desigualdade. Diversos movimentos esparsos a favor de direitos transversais são importantes, mas não se forma um corpo coeso e uniforme capaz de se opor ao sistema, como o movimento hippie de lindos ideais, engolido pelo sistema. Hoje, jovens burgueses passeiam por ruas da alta elite ostentando o estilo hippie de se vestir, dando importância à carcaça e ignorando a consciência possível.

Com tentativas, erros, acertos e novos recomeços, o protagonista encarna o propósito do capital, ou seja, o lucro acima de tudo. A liberdade para ele está em fazer o que se deseja, inclusive matar, desde que consiga se manter livre acumulando cada vez mais dinheiro. Sente-se como o próprio Deus, capaz de tudo. Sua justificativa não era egoísta, pois tudo era em nome da família.

Figura 2 – Walter White, remodelado pelo sistema



Fonte: <https://www.sonypictures.com/tv/breakingbad>.

Nos retratos anteriores, a transformação fisionômica do protagonista frustrado, em *Breaking Bad*, tornando-se na penúltima imagem o próprio mal, disposto a tudo pelo poder. Ao fim, consumido pelo retorno do câncer e fugitivo da polícia, Walter White admite que fez tudo por ele próprio, como uma forma catártica de se voltar contra o *status quo*, com subterfúgios rebeldes, mas incapazes de mudar o sistema, sendo alívio contra a dominação imposta.

A busca individual pela liberdade, mesmo que de forma errada, enseja os próximos tópicos desta tese que, no primeiro capítulo, pretende apresentar uma discussão metafísica da liberdade, tendo como referência Paulo Freire e base de exemplificação o cinema. Educar para a liberdade é demonstrar o pensamento errado dos protagonistas-frustrados que escolhem valores autênticos da sociedade para resolver seu próprio problema, influenciado por valores econômicos.

1.7 Liberdade entre tempo-histórico e a fenomenologia freiriana

A liberdade se encontra em diversos âmbitos do ser, um termo abstrato e concreto, subjetivo e geral que se expressa em diferentes matizes para cada indivíduo. Como já visto, o cinema na sua interface com a educação será a base para a fruição do tema, acreditando que mesmo a liberdade individual é fruto de uma perspectiva cultural e econômica, como analisado por Freire (1979) e Goldmann (1975).

A oração mexicana Náhuatl, composta no século VII, na região central do México, é o estopim para se começar a busca para entender a liberdade e depois avançar com este conceito num verdadeiro manual libertário que perpassa a educação, a comunicação, a economia e o direito, partindo da subjetividade do ser – individualidade – para a questão coletiva e social, buscando na união com o outro uma saída para o encontro da libertação estética o que permite livrar-se de determinismos sociais, políticos e religiosos. Este processo passa pela mimese (representação), estese (compreensão, percepção), poiesis (produção de forma criativa) e catarse (como transformação libertária, recepção).

Aliás, qualquer forma de arte (DEWEY, 2008) experienciada na relação aluno-professor – o cinema, a música, a literatura – serve como pista para compreender o sentido desta temática. Sem esta união expressiva do artístico ao intelectual, da técnica com a práxis e do “prazer-gozo” com a ação cultural não se pode galgar a conscientização que levará à libertação do ser.

Quando Freire (1967, p. 6) diz que para Sócrates a conquista do saber “[...] se realiza através do exercício livre das consciências”, só é possível reconhecer a maiêutica com o significado, pressuposto desde já nesta tese, ciente de que “[...] os participantes do diálogo no círculo de cultura não são uma minoria de aristocratas dedicada à especulação, mas homens do povo” (FREIRE, 1967, p. 6) ¹.

A benção *Yo Libero* é um poema libertário, no qual o homem se coloca livre de todos os seus sentimentos e espera, inerte, mas confiante, vivo nesta dimensão ilusória e atento ao que o suposto destino lhe provém. “Yo libero a mis padres de la sensación de que han fallado conmigo...”. Linha a linha, verso a verso, a liberação do ser ocorre com a narrativa do desprendimento com qualquer esperança de sucesso, senão com a própria liberdade de ser, compromisso este que se encaixa no simples fato de existir sem esperar por algum tipo de vitória que não seja a própria vida, em qual estágio for, independentemente das obrigações sociais e capitalistas que exigem certos critérios para abalizar a felicidade, o contentamento, o sucesso e a liberdade².

¹ Proposta de método de alfabetização, também possível na universidade com os círculos temáticos epistemológicos, desenvolvido por Paulo Freire durante sua existência e que baliza seu trabalho de educador democrático focando sua resistência, teoria e prática na relevância e significação das palavras e temas geradores, de acordo com a realidade do próprio aluno, com intuito principal de transformar não só a própria realidade do ser, como de forma mais ampla a sociedade. “Quando alguém diz que a educação é afirmação da liberdade e toma as palavras a sério — isto é, quando as toma por sua significação real — se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação” (FREIRE, 1967, p. 6).

² Yo libero

Ser livre, nesta concepção inicial, é aceitar a divindade dentro de si mesmo e dentro do outro, aproveitar esta energia que move o mundo e que não necessariamente nos traz explicações racionais para tudo, mas apenas a essência e a forma própria de pensar. Porém, até que ponto e em que medida esse pensamento supostamente livre não está maculado pela historicidade materialista na qual está inserido o homem? A liberdade é a conduta ética da vida (NEGRI, 2016, p. 241), “[...] encenada nos termos na metáfora do cosmos”³. Entende-se como ponto de partida que a liberdade é construída no desenvolvimento ontológico, interpretando continuidade “[...] na absoluta imanência produtiva de uma vis viva que se desdobra no conatus⁴ físico à cupiditas humana até o amor divino” (NEGRI, 2016, p. 242)⁵.

Antes de interpretar, agir e se descobrir ao mundo divino, para Negri, o mundo físico se arraiga na ética que só ocorre pela tomada de consciência do ser para si, impulsionada por aqueles que desejam outro sistema. “A eternidade é vivida como presença, e aí, nessa presença, liberdade e inovação, ética e ontologia constroem em conjunto o mundo. Ou melhor, como diria Espinosa, eles ‘se esforçam’ para fazê-lo” (NEGRI, 2016, p. 242).

Não é possível, entretanto, crer que a liberdade é um dado sobrenatural e espontâneo porque “[...] afirmar que os homens são pessoas e que, enquanto

Una oración

“Yo libero a mis padres de la sensación de que han fallado conmigo...”

Yo libero a mis hijos de la necesidad de traer orgullo para mí, que puedan escribir sus propios caminos de acuerdo con sus corazones, que susurran todo el tiempo en sus oídos...

Yo libero a mi pareja de la obligación de completarme. No me falta nada, aprendo con todos los seres todo el tiempo...

Agradezco a mis abuelos y antepasados que se reunieron para que hoy respire la vida...

Los libero de las fallas del pasado y de los deseos que no cumplieron, conscientes de que hicieron lo mejor que pudieron para resolver sus situaciones dentro de la conciencia que tenían en aquel momento... Yo los honro, los amo y reconozco inocentes...

Yo me desnudo el alma delante de sus ojos, por eso ellos saben que yo no escondo ni debo nada, más que ser fiel a mí mism@ y a mi propia existencia que, caminando con la sabiduría del corazón, soy consciente de que cumplo mi proyecto de vida, libre de lealtades familiares invisibles y visibles que puedan perturbar mi Paz y Felicidad, que son mis únicas responsabilidades.

Yo renuncio al papel de salvador, de ser aquel que une o cumple las expectativas de los demás...

Aprendiendo a través y sólo a través, del AMOR... bendigo mi esencia, mi manera de expresar, aunque alguien no me pueda entender.

Yo me entiendo a mí mism@, porque sólo yo viví y experimenté mi historia; porque me conozco, sé quién soy, lo que siento, lo que hago y por qué lo hago.

Me respeto y me apruebo.

³ O autor foi militante da causa operária na Itália, condenado à prisão de 30 por insurreição contra o Estado. Ainda atuou como parlamentar antes de se exilar na França e contestar seu processo judicial perante a Anistia Internacional. www.philosophica.info/voces/negri/Negri.html

⁴ Termo indicativo de inclinação inata, esforço.

⁵ Termo referente à cobiça.

peessoas, devem ser livres, mas não fazer nada para que esta afirmação se torne realidade, sem dúvida, é uma comédia” (FREIRE, 1979, p. 31). Daí a importância da experiência catártica por intermédio do cinema e a vivência da realidade do próprio aluno durante o processo de educação.

Imagine-se por um momento livre de todas as amarras que lhe prendem e ao mesmo tempo sem nenhum bem material, nu, na rua, mas sem obrigações mundanas a cumprir. De que adiantaria esta liberdade e como seria possível usá-la para a construção da coletividade, de uma vida melhor e do combate à desigualdade, por exemplo. Só a felicidade então bastaria como canta Belchior? Ele prefere andar sozinho e não se submete a qualquer tipo de indicação do outro para seguir a sua sina. Porém, o tempo, na percepção historicista acaba mudando as perspectivas. O gozo final – nos versos de Belchior – indica que a “a felicidade é uma arma quente”, capaz de garantir a própria liberdade do ser e a continuidade de uma vida que nos pertence e ao mesmo tempo se faz instrumento de inúmeros predicados sociais⁶.

Quando discorria sobre alfabetização de adultos, Freire pretendia proporcionar a conscientização para que se alfabetizassem e não uma educação mecânica e memorizada. “Daí, à medida em que um método ativo ajude o homem a se conscientizar em torno de sua problemática, em torno de sua condição de pessoa, por isso de sujeito, se instrumentalizará para as suas opções” (FREIRE, 1967, p. 119). Trata-se de criar significados que surgem com a memória e trazem ao campo da pedagogia experiências significativas para o aluno em trabalho conjunto e impulsionado pelo professor.

Na canção *Velha Roupa Colorida*, Belchior ainda remete para a questão temporal que pode transformar as indagações sobre a liberdade em uma busca constante, variável de acordo com as formas de consciência de cada um. “Que uma nova mudança em breve vai acontecer. E o que há algum tempo era jovem e novo, hoje é antigo. E precisamos todos rejuvenescer”. O homem está sempre querendo sair de si, buscando a fruição para só então atingir a libertação⁷.

Uma parcela de indivíduos pode conseguir a liberdade de consciência por si só e o suposto entendimento do eu e do mundo. Mas é justo que o individualismo

⁶ Comentário A Respeito De John, canção do álbum Auto-Retrato.

⁷ A canção citada – *Velha roupa colorida* – faz parte do álbum *Alucinação* gravado pela Polygram/Philips, Rio de Janeiro, em 1976. 1 LP.

exacerbado gerado pelo neoliberalismo (HARVEY, 2007) suprima as mazelas sociais de milhares de escoraçados pelo sistema? É possível sentir o desapego de tudo com a vitória mundana e individual – saboreada por conquistas materiais e ou espirituais – sabendo que sem motivo aparente milhares de indivíduos morrem ao mar, são dizimados por guerras, vítimas de balas perdidas ou passam fome ao relento? Todas essas discussões feitas por intermédio da experiência cinematográfica têm como objetivo a conscientização do ser, de sua própria realidade e de seu papel no mundo.

Apesar de tudo, rejuvenescer sempre é a busca por ser livre e a representação deste ideal encontra-se na ascensão do mais fraco, do oprimido, dos humilhados do mundo, e por si só contra o abandono e conservadorismo. A liberdade só existe quando há uma consciência livre, como destacou Paulo Freire em todas as suas obras? E a criança autista, por exemplo, enterrada em seu próprio mundo e consciência, não estaria mergulhada mais do que os outros, tidos como “normais”, em sua própria liberdade? Não seria uma vitória contra o mundo que a obriga a certos padrões culturais que persistem de geração em geração? O educador tem como missão também gerar subsídios para que os educandos possam detectar e enfrentar os medos impostos pela sociedade e assim encontrar soluções conjuntas na própria realidade mais imediata.

A liberdade como construção ontológica do ser não pode ser a do abandono questionada por Mendonça (1977, p. 14) e nem como o liberalismo propõe, aliando o desejo com a incapacidade do ser com a vontade elegendo por direito o bem e o mal. A escolha pode ser feita livremente? Em qual medida e sentido? Não há vontade mecanicista contida em Locke, na qual o ser nasce livre e depois forma a sociedade. Mesmo ao nascer livre, torna-se peça, a liberdade, de um problema oriundo também da formação do próprio corpo social.

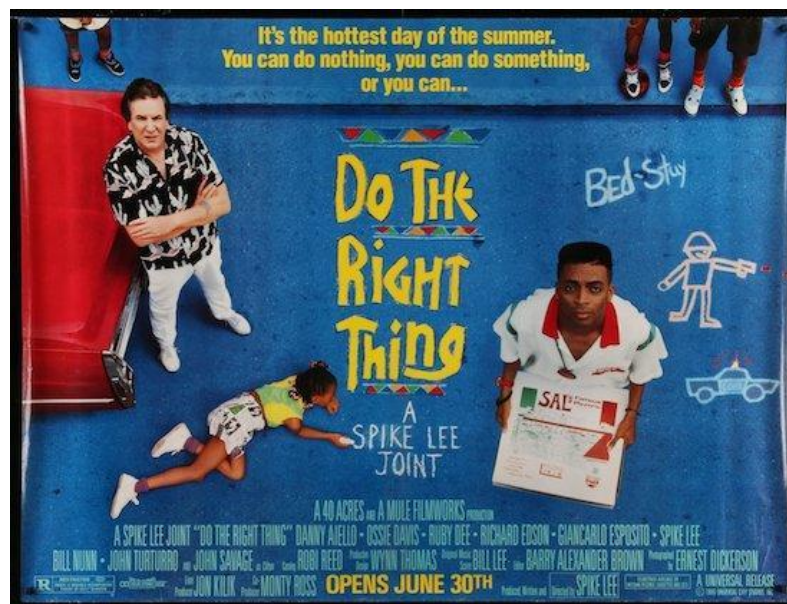
Quando Mendonça (1977, p. 29) classifica a liberdade como um problema, descartando o adjetivo mistério dado por Schopenhauer – dissertação sobre Malenbranche – a temática abordada passa a ser abertura de consciência para o ser, busca da equidade e solução para os conflitos derivados na luta pela sobrevivência e que visa a aquisição dos bens escassos do mundo capitalista.

A sociedade da era da pós-informação, da pós-verdade, das *fake news* produz conteúdos como tentáculos que inundam a periferia dos países e o popular e a arte

se fundem e se confundem em miscelâneas de interpretações da reprodutibilidade técnica de caráter alienante.

Uma amostra deste conflito nas periferias é apresentada pelo diretor norte-americano Spike Lee, com o filme *Do the right thing*, de 1989. *Faça a coisa certa* (tradução livre) propõe no título uma solução para a questão da liberdade que transpassa a emancipação das mentes porque para se pensar certo, necessariamente, se deve expandir a consciência. “[...] Esta orientação no mundo só pode ser realmente compreendida na unidade dialética entre subjetividade e objetividade. Assim entendida, a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade” (FREIRE, 1981, p. 42).

Figura 3 – *Faça a coisa certa*, filme multiétnico e a vida na opressão



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt0097216/>.

O enredo ocorre no Brooklyn, zona multiétnica e cheia de criminalidade de Nova Iorque – o cartaz do filme deixa subentendida a educação das ruas, presente nas periferias em meio à lógica capitalista. Trata-se de uma previsão dos conflitos raciais de Los Angeles, três anos depois. No verão e em meio às cores grafitadas nas paredes, a câmera pula entre os personagens retratando o calor e a insatisfação dos cidadãos à deriva sem oportunidades de superar as mazelas sociais. São diálogos rápidos seguidos de réplicas e tréplicas como se fossem duelos de rap, conhecidos como *Slam* entre os jovens paulistanos. O preconceito contra todas as etnias está presente, retratando italianos, negros, brancos e coreanos, todos a reclamar do outro, também oprimido, para a tela.

É o que ainda ocorre nos dias de hoje quando os problemas transversais (também importantes) acabam favorecendo a manutenção do *status quo* do sistema. Quando se pertence a uma classe oprimida, segundo a película, só resta a autoafirmação transformando a defesa no ataque violento. Tendo como ponto principal uma pizzeria italiana, o filme acaba com uma tragédia inter-racial após inúmeros conflitos étnicos.

As referências da comunidade não dialogam entre si e nem ao menos formam um corpo uno capaz de se contrapor ao sistema. Além disso, os protagonistas frustrados só enxergam o próprio problema, esquecendo questões globalizantes que afetam a todos, de acordo com interesses dominantes. O ato de heroísmo consiste em resolver com a violência os problemas particulares para se atingir aos valores autênticos impostos pelo sistema dominante.

Não basta apenas o valor estético, o novo precisa falar a linguagem do gueto, como nos mostra o rap de Racionais MCs, com Mano Brown – diversas de suas músicas são peças da sociologia esquecida da periferia como *Vida Loka*, *Da ponte pra cá*, *Jesus Chorou*, *Negro Drama*, entre outros –, os versos musicados de Criolo, as estratégias mercadológicas que beiram o multiculturalismo do morro de Anita, em sua música carioca de exportação e mesmo Rincon Sapiência e Marcelo D2, que se aproximam dos periféricos como um novo tipo de filosofia descentralizada e distante dos bancos acadêmicos, que parecem enferrujados perante à dinâmica da Sociedade da Informação.

Entende-se que a liberdade deve ascender e acender dos mais pobres, da parte mais estrutural da pirâmide social para o espectro mais preconceituoso e conservador.

O próprio Mano Brown fez uma análise sociológica sobre a periferia onde foi criado. Para o cantor, após a redemocratização do Brasil, já nos anos 2000, apresentou-se ao povo o acesso aos bens materiais, importantes inevitavelmente para o bem-estar social⁸.

O bairro do Capão Redondo, em São Paulo, era o mais violento do mundo na década de 1980. Apesar da ascensão financeira e dos benefícios tecnológicos que empoderaram pretos periféricos desta e de outras regiões, não se concedeu à população mais oprimida o entendimento de classe e uma visão de mundo mais

⁸ Entrevista ao Le Monde Diplomatique. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U_OsF4y4zuY. Acesso em: 18 nov. 2018.

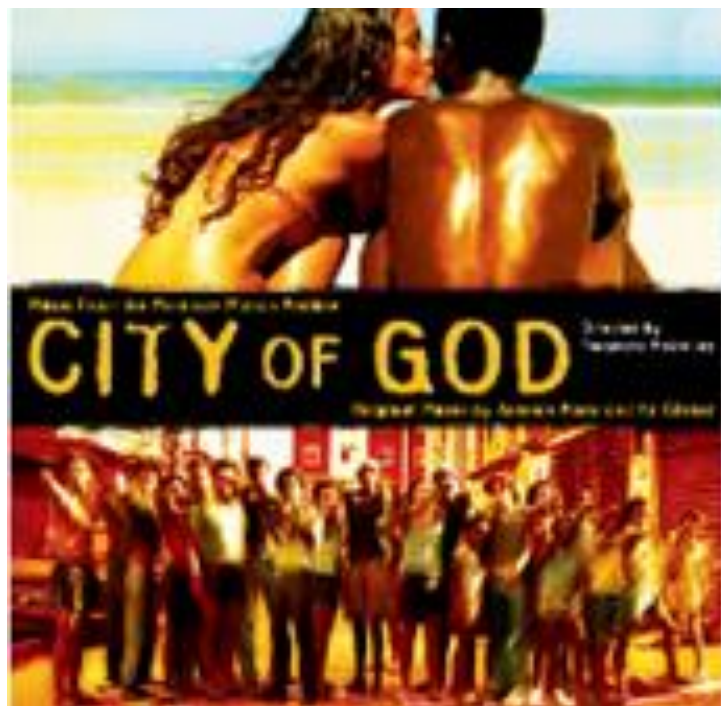
ampliada. Com a crise econômica que se deu anteriormente ao golpe de 2016, os carentes foram os primeiros a sofrer, e, rendidos, passaram a buscar a salvação em qualquer proposta ditatorial e agressiva. A origem desta reação, oriunda da falta de liberdade de consciência de classe em si, é explicada no segundo capítulo desta tese.

De lá para cá pouca coisa mudou e o descontentamento com as falsas promessas do capital favoreceram o nacionalismo radical, voltado em si e a liberdade como abandono, do sujeito isolado e preso em si, único culpado por seus fracassos.

É pertinente traçar paralelos com a filmografia brasileira, como por exemplo *Cidade de Deus* (2002, direção Fernando Meirelles, distribuição Lumière Brasil), uma retomada ao encontro da filosofia para a visão social e seus efeitos que remonta à obra do cineasta Glauber Rocha, condizente com a proposta da visão para o oprimido de Freire.

A comunidade esquecida, sem articulação e distante de seu reconhecimento como classe em si, acaba dominada pelo tráfico de drogas na película brasileira *Cidade de Deus*. Porém, a desigualdade social, apesar de existente, é menor nos Estados Unidos, e a articulação étnica, consequentemente maior. Na capa do filme abaixo, os dois mundos impostos aos protagonistas como a busca da liberdade individual.

Figura 4 – *Cidade de Deus*



Fonte: <http://cidadedededeus.globo.com/>.

No quadrante acima, o narrador onisciente, Buscapé em uma praia do Rio de Janeiro, longe de sua origem periférica, com sua namorada branca, da burguesia carioca. Abaixo, a gangue da favela Cidade de Deus liderada por Zé Pequeno, um criminoso psicótico e violento. A vitória está na fuga de sua comunidade e na conquista do padrão de vida branco.

As duas crianças foram criadas no mesmo ambiente, a exceção desceu o morro e virou fotógrafo na história autobiográfica. A regra continua nos morros vendendo drogas, inspiradas na ascensão contra as desigualdades sociais. Os dois protagonistas da história defendem os valores autênticos exigidos socialmente no Brasil: a acumulação financeira para a sobrevivência. O herói que virou fotógrafo se considera livre das mazelas do mundo em seu esforço individual. O crime cresce no Rio de Janeiro e milhares de outras crianças vivem renegadas pelo sistema, que premia o esforço do indivíduo. Deste modo, o capitalismo avança, prometendo a vitória individual de poucos. “A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação”, propõe Freire (1967, p. 36).

Os heróis da suposta *intelligentsia* brasileira, que uma vez lutaram contra a ditadura imposta pelo golpe de 1964, foram exilados do Brasil; porém, as figuras públicas de hoje precisam nascer nos guetos de sua própria pátria e é para esta população que o pensamento de liberdade deveria estar voltado.

Há uma defesa das elites brasileiras que, incapazes de se misturar ao povo – produzem para nichos de mercado –, buscam apenas a sobrevivência. Se a liberdade não vier da massa e dos milhões de escravos modernos, não teremos futuro como espécie. Cansa ver líderes da esquerda distantes da pobreza ou propondo soluções multilaterais de identidade enquanto o principal problema, o próprio sistema – fome e desigualdade – permanece intacto.

O cinema como interface da educação politizadora passa a ser um meio capaz de gerar a autorreflexão defendida por Freire (1967, p. 36): “Auto-reflexão que as levará (massa) ao aprofundamento conseqüente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras” (*ipsis literis*).

A liberdade de rejuvenescer é um exercício constante para entender o mundo, mesmo se ainda as forças conservadoras ameacem, por intermédio do voto, qualquer sombra de conquista que demorou anos para uma suposta implementação.

O rap periférico, como dito acima, tenta cumprir esse papel de pilar de auxílio ao mais pobre e àqueles que estão à deriva. Mas a análise crítica do cinema até de elite, mas imbuído de valor imagético e de experiência discursiva dos problemas humanos e da própria realidade dos alunos, pode ser um início para propagar a linguagem que realmente atinja os desafortunados. A pergunta que se faz é qual liberdade queremos? Enquanto existir um sofredor, mesmo assim teremos liberdade? Por que não concentrar esforços na base popular com conversas e debates diários com os mais pobres, a fim de entender suas ideias e ideais, trabalhar seus signos linguísticos e anseios?

Cada vez mais a educação de qualidade se torna exigência para a conquista e manutenção do emprego nas sociedades automatizadas, mas o capital tem deixado de lado essas massas, delirantes em meio ao analfabetismo funcional. Não são marginalizados, mas excluídos. Freire (1981, p. 47) não adere ao conceito de pessoas marginalizadas pela sociedade, porque estar à margem seria uma opção consciente como demonstrado na série televisiva da Fox, intitulada *Fugidos do Caos*, que acompanha a jornada de pessoas autoproclamadas “primitivas” e que constroem uma vida autossuficiente, fora da sociedade, se aproveitando dos recursos do meio ambiente.

Também se coloca à margem do sistema por opção e ideal o ativista norte-americano Rob Greenfield. Sem cartão de crédito, conta bancária, poupança financeira, contas, dívida ou licença de motorista, doando 100% de sua renda com palestras para organizações sem fins lucrativos, vive e se alimenta com apenas com o que produz⁹. Os excluídos e analfabetos não romperam com o sistema e nem ao menos escolheram estar nas periferias. Se assim fosse, a marginalidade se apresentaria como opção, “[...] com tudo o que ela envolve: fome, doença, raquitismo, baixos índices de expectativa de vida, crime, promiscuidade, morte em vida, impossibilidade de ser, desesperança” (FREIRE, 1981, p. 47).

Percebe-se que neste movimento pela liberdade além do individual se persegue, necessariamente as oportunidades educacionais. “Lugar estratégico que

⁹ www.nationalgeographic.com/environment/2019/03/rob-greenfield-of-orlando-florida-eats-only-what-he-grows-forages/

funda a educação popular é o dos movimentos e Centros de cultura popular: movimentos de cultura popular, Centros Populares de Cultura, movimentos de educação de base, ação popular” (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009, p. 50).

A opção libertadora pressupõe, segundo Brandão e Assumpção (2009, p. 50) “[...] um trabalho junto ao povo como uma experiência popular [...], [além de] [...] uma forte crença no poder libertador das ações promovidas através da Cultura Popular.” Por isso, a importância das artes, da música, literatura e cinema para a conscientização possível. Contra a lógica da arte dominante impõe-se a arte popular “[...] concebida como recurso pedagógico para efetuar uma comunicação biunívoca de efeito conscientizador” (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009, p. 51). “Analfabetos ou não, os oprimidos, enquanto classe, não superarão sua situação de explorados a não ser com a transformação radical, revolucionária, da sociedade de classes em que se encontram explorados”, aponta Freire (1981, p. 48). O pressuposto é que com o cinema pode-se usar o método para encontrar o máximo de conscientização possível e a partir daí transformar a própria realidade opressora.

Figura 5 – Família progressista liderada por pai em *Capitão Fantástico*



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt3553976/>.

Mais do que pretender uma educação emancipadora e de qualidade, Ben Cash, pai protagonista em *Capitão Fantástico* (2016, diretor Matt Ross, distribuição Bleecker Street) educa seus seis filhos contra o sistema, fora da “civilização”, baseando suas percepções no materialismo dialético e tendo como referência o linguista norte-americano Noam Chomski. Não se trata aqui da defesa da educação exercida pela família, como se cogita no Brasil, onde o mínimo não é disponibilizado para a maioria. A defesa passa a ser pela crítica do oprimido, com o oprimido para o mundo e em relação ao convívio popular que o circunda. Mesmo assim, a influência do capital faz o próprio protagonista questionar a sua escolha e sua luta individual não atinge resultados perante ao corpo social.

Como comentado, que a elite intelectual se afastou das verdadeiras raízes do povo, a comunicação popular busca a utilização destes valores artísticos da própria comunidade e, mais além, propor uma arte erudita que não era acessível à massa.

Neste processo, a proposta educacional de base significa que o “[...] trabalho que transforma e atribui significado ao mundo é o mesmo que transforma e significa o ser humano, portanto é parte da cultura. A própria consciência humana, é um pensar social na e sobre a história: percurso e produto do trabalho e da cultura” (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009, p. 58-59).

Imbuídos da subjetividade individual para exercer suas potências, a liberdade avança como criação coletiva, mesmo com os antigos atribuindo a liberdade possível apenas aos cidadãos da polis. A liberdade para Freire (1979) é oriunda do reconhecimento do homem como sujeito e por isso se atrela à cultura e à universalidade humana. Para tanto, faz-se necessária a participação do oprimido. “O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la” (FREIRE, 1979, p. 22).

Freire (1997) também dispõe que o homem é conduzido pela esperança, superando o medo. Entretanto, quando a multidão é conquistada, passa a agir impingida pelo medo com o intuito de primeiramente conservar a própria existência e depois fugir da morte. É mais ou menos assim que vive a sociedade capitalista, na qual o homem passa a maior parte de seu tempo em compromissos para apenas se manter vivo. O medo o atinge em todos os níveis e as reações podem ser desacerbadas. O ser expectante aguarda algo acontecer para que se torne livre e não pratica a esperança ativa que com as próprias forças busca a transformação coletiva.

Nos países em desenvolvimento como o Brasil, a realidade de exploração exige a necessidade de superação da situação limite, descrita por Freire (1979, p. 33) como de dependência. Sem essa ruptura, estas sociedades continuarão a experiência da chamada “cultura do silêncio”, ideal e conivente com a reprodução das estruturas de dependência, se perpetuando infinitamente.

A história de John S. Wojtowicz, que entrou armado em um banco do bairro do Brooklin, em Nova Iorque, em 1972, acompanhado por cúmplices, com o objetivo de financiar a mudança de sexo de sua parceira, foi retratada no filme *Um dia de Cão* (1975, direção Sidney Lumet, distribuição Warner Bros).

A questão existencial do protagonista frustrado reflete a busca de liberdade de amor e de mudança. O próprio sistema econômico e político gera a insatisfação do ser com ele mesmo e a revolta por valores autênticos para a sociedade burguesa. Fundamental entre os agentes de ensino que o aluno ganhe protagonismo para ser o ator de sua própria liberdade.

O filme transcende o mero conflito entre bandidos e policiais, bons e maus e o enredo chama atenção para reflexões apresentadas pela sociedade, que desencadeiam atos de violência. No caso, o levante do oprimido – através do pensamento errático – foi um fracasso. Abaixo, em cena do filme, o protagonista vivido por Al Pacino se revolta mais uma vez durante o sequestro. A pulsão de ódio nunca se volta contra o sistema, apenas para o próprio ego.

Figura 6 – *Um dia de cão*, frustração extravasa em violência



Fonte: <https://cinemaedebate.com/2009/11/02/um-dia-de-cao-1975/amp/>.

Os efeitos da vida moderna, como em *Um dia de cão*, e toda sua opressão, desencadeiam uma reação violenta no personagem central do filme *Um dia de Fúria* (1993, direção Joel Schumacher, distribuição Warner Home Vídeo). William Foster (Michael Douglas) é um executivo aparentemente tranquilo e adaptado aos padrões do estado, mas acaba perdendo o controle em meio à condição hostil das cidades modernas. Preso no trânsito, William se farta dos problemas sociais que tolhem sua liberdade, como o desemprego e o processo legal de seu divórcio – inclusive é proibido judicialmente de ver sua filha –, abandona seu automóvel e caminha pela via de veículos sob os olhares espantados da maioria conformada com a normalidade caótica do sistema.

Figura 7 – *Um dia de fúria*, contra o sistema, a degradação total



Fonte: <https://opiniaosemfronteiras.com.br/2014/03/15/um-dia-de-furia-parte-iii/amp/>.

A princípio, age naturalmente e de forma tranquila, calma e amável, mas se transforma quando contrariado em seus propósitos. Após anos de imposições não vê mais sentido em cumprir as regras impostas. A desesperança, a injustiça social e o sistema caótico capitalista transtorna o herói frustrado a ponto de ele buscar justiça com as próprias mãos, como na cena acima.

Após os atos de violência mantém uma postura centrada, sem alteração sendo as explosões de fúria uma conduta que parece ser planejada, sempre utilizando armas que anteriormente foram impostas contra si.

O oprimido, não acostumado com a liberdade, é um espelho surreal de seu opressor e tende a repetir o sofrimento que molda a forma de seu ser. Trata-se de um super-herói às avessas que, mesmo pensando errado, parte ao confronto perante o sistema. Seu acesso de raiva, sem piedade, atinge desde a propaganda enganosa até os jovens delinquentes que cometem um assalto.

Em meio à consciência fanatizada, o protagonista frustrado, fruto do sistema burguês, acredita estar fazendo justiça. A experiência traumática ativa a descarga emocional que conduz à violência e, na sequência, ativações “menores” continuam sendo motivos desencadeadores de brutalidades. Há uma acumulação de adrenalina relatada no filme que mina a vontade humana, reflexo da pós-modernidade.

Surge nesta situação problemática, além da falta de liberdade ou a suposta liberdade capitalista, o que Freire (1979, p. 33) chamava de “ser silencioso”. Não é aquele sem palavra autêntica, mas daqueles, como nos protagonistas retratados até aqui que seguem prescrições “[...] daqueles que falam e impõem sua voz. Alcançar a estado de ‘ser-para-si-mesmos’ representa para as sociedades subdesenvolvidas o que eu chamo a possibilidade ‘não-experimentada’ (FREIRE, 1979, p. 33).

1.8 Tipos de liberdades e construção histórica

Pelo que se viu até aqui, inúmeras concepções de liberdade são talhadas no ritmo temporal da história material. O Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007) elenca a liberdade absoluta; liberdade como necessidade e, por fim, a liberdade como medida da possibilidade.

Estes três tipos de liberdade permeiam o propósito deste trabalho, que, neste primeiro capítulo, abarca a liberdade individual, voltada à conscientização e até à metafísica; a liberdade de comunicação e expressão artística, introjetada de forma cultural ao ser e a liberdade advinda da economia e política, atrelada tanto à cultura quanto à consciência de classe.

Comblin (2018) remonta os vocabulários das cidades gregas que dão sentido à determinação de liberdade retratada pelas palavras que usa, como livre, libertar, liberdade, eleutheros, eleutheroo, eleutheria, todas procedentes da cidade grega. Mais do que isso, o apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso, “[...] aplica ao povo de Deus outras palavras que pertencem à cidade grega: a própria palavra ‘igreja’ (ekklesia) designa a assembleia política dos cidadãos reunidos para discutirem os assuntos da cidade; a palavra ‘liturgia’” (COMBLIN, 2018, p. 1).

A noção de liberdade se constrói ao longo da história e mesmo tendo como referencial teórico a liberdade de consciência de Paulo Freire, não se pode ignorar a sua evolução. A liberdade pré-socrática, por exemplo (VILLA, 2000, p. 444), trazia uma visão fatalista do mundo com leis imutáveis, vinculada à moralidade. Platão

dispõe a liberdade como ética e autodeterminação (vontade livre). Já Aristóteles (VILLA, 2000, p. 445) se aproxima mais da visão freiriana neste trabalho, colocando a liberdade entre um ato voluntário, a coação e a ignorância.

Entende-se, como desenvolvido por Freire em sua obra, que a liberdade se encontra na escolha consciente, mas também como bem universal. Por isso, tomando-se os filmes até aqui retratados como exemplificações, que o desespero é “[...] uma forma de silêncio, uma maneira de não reconhecer o mundo e fugir dele. A desumanização que resulta de uma ordem injusta não é causa de desesperança, mas de esperança, e conduz a procurar sem cessar a humanização que a injustiça nega aos homens” (FREIRE, 1979, p. 43). Os protagonistas analisados são atraídos pelo estilo de vida da sociedade dirigente e “[...] o homem alienado é um homem nostálgico, nunca verdadeiramente comprometido com seu mundo” (FREIRE, 1979, p. 43).

Sem a liberdade de consciência, a que se refere Freire (1979, p. 43), “[...] a ação libertadora deve reconhecer esta dependência como um ponto frágil e tratar de transformá-la em independência, graças à reflexão e à ação”.

Essencialmente, para Freire (1979), a consciência e, conseqüentemente, a liberdade é ser com o mundo em um processo contínuo e inevitável. “Conseqüentemente, a consciência é, por essência, um ‘caminho para’ algo fora de si mesma, que a rodeia e que ela apreende graças a seu poder de ‘idealização’. Assim, consciência é método de liberdade ‘no sentido mais geral da palavra’” (FREIRE, 1979, p. 42).

A liberdade absoluta é uma especulação do ser que varia de acordo com seu momento histórico no mundo e seu grau de aprendizado em relação às coisas e às estruturas de poder. Este tipo de liberdade passa pela busca da verdade, porém, a percepção de cada ser, mesmo que completamente enganado, pode elevar ou restringir seu sentimento de liberdade.

Não basta, neste contexto, sentir-se livre, mas sim exercer a própria liberdade de maneira plena. Materialmente, por exemplo, o ateu, Fromm (1967) analisa a Bíblia não como um livro de Deus, mas dos homens, com caráter inclusive revolucionário. Se o homem é parte da natureza, faz sentido buscar também na metafísica espiritual um sentido que balize a formação da consciência, mas a função dos escritos filosóficos do Novo e Velho Testamento deveriam ser parâmetro para um humanismo radical (FROMM, 1967, p. 17), pensando no ser, mesmo que feito de

espírito, como uma raça cívica do ceticismo contra a força da ilusão como verdade, o oposto à imposição de dogmas.

O certo é que qualquer metafísica do espírito que tenta explicar a liberdade, oriunda ou não do ser, só poderá prosperar de alguma maneira quando a consciência de si na história se amplia ininterruptamente, inclusive como forma de orientação.

A busca pela conscientização ocorre na relação entre professor e aluno. O mestre que propõe os problemas, ficando com o aprendiz a tarefa de propor as soluções. Na vida, as multiformações econômicas, culturais, explorações etc... nos são propostas e a solução sempre deve ser construída em uma espiral sem fim. Não se sabe como será o dia de amanhã ou mesmo se teremos recursos financeiros para colocar comida à mesa de nossos entes queridos, naufragados em uma espécie de coação eterna. “Não se pode dar conscientização ao povo sem uma denúncia radical das estruturas desumanizantes, que marche junto com a proclamação de uma nova realidade que pode ser criada pelos homens”, explica Freire (1979, p. 46).

Primeiramente seria necessário, filosoficamente e na prática, esclarecer a consciência popular. A liberdade só existe com poder de decisão, mas decidir sobre a percepção real dos próprios problemas e não em indagações do “outro dominador”, que detém o controle do sistema, seja através da cultura, do poder político, do dinheiro etc. Não convém à elite a conscientização do oprimido que precisa, de acordo com a realidade brasileira, do mínimo de solução materialista para encontrar a possível discussão sobre a essência interior. “Também não pode haver conscientização popular para a dominação. Somente para a dominação a direita inventa novas formas de ação cultural” (FREIRE, 1979, p. 46). É possível inferir que as pessoas não odeiam a segunda-feira, detestam mesmo o capitalismo e não sabem, vivem pensando em alienígenas e não são capazes de imaginar uma nova forma de gestão, seja ela qual for.

No Brasil, a situação ainda é mais dramática quando um grupo de tementes a Deus coloca, como principal problema do Globo, a crença ou não em uma entidade mitológica, fugindo das responsabilidades sociais com o próximo. Resta a temática como cortina de fumaça contra o principal problema da opressão que apaga as consciências.

A ONG Oxfam Brasil traz dados que confirmam esta máxima de que a falta de consciência gera a fé esperançosa e inerte, que aguarda um salvador ou milagre que

possa explicar ou responder a desigualdade social, deixando o povo, que poderia ser senhor de seu destino, como massa inerte¹⁰.

O problema da liberdade e suas matizes acaba sempre insistindo em aportar na conscientização do ser e das diferentes visões de mundo geradas por mais ou menos oportunidades de conhecimento da ciência, da vida, da história, da cultura e do próprio ser. Será mesmo livre aquele que pensa errado como apontava Freire (1981, p. 9)? “Estudar é também e sobretudo pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo”. A liberdade sem limitações é causa de si mesmo, mas deve ser amparada pela justiça.

Por esta ótica, ter consciência de sua classe em si e dos problemas que o circundam passa a ser um caminho para a conquista da liberdade. Esses problemas são oriundos do próprio fenômeno do impulso vital. O ato de viver por si só determina como superar um obstáculo, viver consiste em resolver incessantemente problemas, cabendo à própria estrutura do organismo um desafio real e o seu possível desvelamento.

O desenvolvimento deste pressuposto desemboca na formação da ciência, que busca o absoluto (FROMM, 1967, p. 22), trazendo consigo as arestas faltantes para entender o todo, preenchidas por suposições e misticismos. Como o freio da consciência material esbarra no evolucionismo do acaso, as resoluções se encontram, na maior parte, dentro do próprio materialismo, evitando a necessidade de se provar aquilo que está além da potência humana – não se encontra nenhum empecilho da fruição individual da mera fé. Caso contrário se esbarra na história cômica de alguém tentando provar a existência de um dragão embaixo de sua cama. O animal fantástico, além de tudo, é invisível aos olhos. Por isso decide-se forrar o chão com alguma espécie de pó branco para que suas pegadas fiquem marcadas. Quando o esperado não acontece, é porque o ser armado do fogo de suas entranhas estava flutuando, gerando assim, uma busca sem fim para explicar aquilo que deveria estar contido no íntimo de cada mente.

Um fenômeno, inerente ao tema, segundo Zizek (2008, p. 25) apareceu na Grécia antiga quando os pertencentes a *demos*, sem lugar na hierarquia social da época, não apenas exigiram que sua voz fosse ouvida perante os governantes como

¹⁰ 28% dos brasileiros consideram a fé como fator mais importante para melhorar de vida; <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/08/fe-religiao-estudo-trabalho-pesquisa-oxfam.htm>

também protestaram contra “[...] la injusticia (le tort) que padecían y exigieron ser oídos, formar parte de la esfera pública en pie de igualdad con la oligarquía y la aristocracia dominantes, sino que, ellos, los excluidos, los que no tenían un lugar”. Este princípio aventado da revolução pela igualdade/liberdade precisa superar a metafísica e transpassar a fé alienante. “Não atribuímos à conscientização um poder mágico, o que seria mistificá-la. A conscientização não é uma varinha mágica para os revolucionários, mas uma dimensão de base de sua ação reflexiva”, confirma Freire (1979, p. 47).

O melhor seria poder aglutinar todas as experiências subjetivas com as visões de mundo oferecidas pela sociedade para, enfim, exercer a própria liberdade da maneira que mais lhe convém. A fonte real da liberdade está na consciência de poder agir de acordo com a própria natureza do eu, mas, então, surgem implicações no que diz respeito ao outro e até mesmo o início da própria existência, bem como a evolução da ciência, consciência e natureza potencial. Por isso, para Freire (1979, p. 47) o princípio de se considerar os homens como entidades conscientes, “[...] capazes de atuar e perceber, de saber e recriar; se não fossem conscientes de si mesmos e do mundo, a ideia de conscientização não teria nenhum sentido e aconteceria o mesmo com a ideia de revolução”.

A linha de desenvolvimento da consciência humana não é única; existem diversas formas de formação de consciência e aquelas presas às amarras sociais, perdidas de si mesmas, porém, não menos importantes. A educação cultural, mesmo usando o cinema, pode ser encarada como uma forma de revolução, que serviria para “[...] libertar os homens, precisamente porque os homens podem saber que são oprimidos e ser conscientes da realidade opressora na qual vivem” (FREIRE, 1979, p. 48).

Há um jogo de forças entre a independência por si só da pessoa e uma espécie de moral social, atrelada àquilo que não vem dela própria. A conscientização pode ser dependente de uma causa, um estopim ou mesmo potência, mas a mesma ação impulsionada não necessariamente propiciará resultados iguais. “A consciência dos homens está condicionada pela realidade, e conscientização é, antes de tudo, um esforço para livrar os homens dos obstáculos que os impedem de ter uma clara percepção da realidade”, propõe Freire (1979, p. 48). Quanto maior a conscientização, mais liberdade detém o ser individual. Porque a “[...] conscientização produz a repulsa

dos mitos culturais que alteram a consciência dos homens e os transformam em seres ambíguos” (FREIRE, 1979, p. 48).

Infere-se materialmente que não há efeito sem causa e, aqui, não é que a liberdade por si só deveria ser a fulguração da própria essência de cada vida racional existente. Trata-se da experiência individual histórica de cada um e das condições desta experiencição, como propomos usando Dewey, adaptado aos conceitos dos níveis de conscientização de Freire, partindo do mais condensado (fanatizado e rígido) para o plástico (moldável e liberto, aberto ao outro).

A causa da existência e da organização social, nesta linha de raciocínio, liga-se ao materialismo histórico, mesmo sem negar a religiosidade que cada um queira exercer. “Porque os homens são seres históricos incompletos, e têm consciência de sê-lo”, aponta Freire (1979, p. 48), restando a revolução como aspecto garantidor da liberdade sendo ela “[...] uma dimensão humana tão natural e permanente como a educação”.

Esquecendo-se de sua condição como classe de si mesmo e os apontamentos históricos que o levaram à atual condição, o homem alienado recorre à vontade de Deus como argumentação de suas origens, seus anseios e suas mazelas, gerando a sensação de liberdade apoiada pela ignorância de sua própria responsabilidade perante à vida social.

Contraponto à subjetividade do ser e objetivando o materialismo urgente, Zizek (2008) discorre sobre o termo de Balibar: *égaliberté*, cuja primordial essência está na máxima de que os homens são iguais enquanto seres “da palavra”. Assim, a verdadeira política “[...] trae siempre consigo una suerte de cortocircuito entre el Universal y el Particular: la paradoja de un singulier universel, de un singular que aparece ocupando el Universal y desestabilizando el orden operativo ‘natural’ de las relaciones en el cuerpo social” (ZIZEK, 2008, p. 26).

Na tessitura do corpo social em constante batalha pela liberdade, Fromm (1967, p. 24) encontra a desobediência na Bíblia, em seu nascituro, o Éden. Onde há opressão, a consciência avançada encontrará uma forma de se contrapor.

Neste viés, ao desenvolver o conceito de liberdade, Comblin (2018, p. 1) remonta à opressão sofrida pelo povo de Israel. Havia, segundo o autor, a alegoria de uma ocorrência da liberdade meramente interior. Por isso, filósofos e sábios da antiguidade romana não buscavam ilusões quanto à liberdade advinda do “exterior”. Para além desta colocação, a libertação era enraizada no sentimento de autonomia

interior. “Para a filosofia contemporânea das origens do cristianismo, a única liberdade era a liberdade interior da pessoa que aceita voluntariamente todas as dependências exteriores inevitáveis” (COMBLIN, 2018, p. 1).

É mais satisfatório ao opressor estimular esta liberdade interna porque a “[...] postmoderna post-política, que no ya sólo ‘reprime’ lo político, intentando contenerlo y pacificar la ‘reemergencia de lo reprimido’, sino que, con mayor eficacia, lo ‘excluye’”, aventa Zizek (2008, p. 31).

Deste modo, as formas de violência da pós-modernidade, como a violência étnica “[...] con su desmedido carácter ‘irracional’, no son ya simples ‘retornos de lo reprimido’, sino que suponen una exclusión (de lo Simbólico) que, como sabemos desde Lacan, acaba regresando a lo Real” (ZIZEK, 2008, p. 31). O acaso está na geração universal, do espaço-tempo, mas não necessariamente no constructo social, causando efeitos daninhos à população em benefício de poucos opressores.

A questão levantada de que todo efeito necessariamente ser advindo de uma causa específica, que foge ao acaso, é o tema do filme *Efeito Borboleta*, lançado em 2004, com direção de Eric Bress. Trata-se da história fictícia de Evan Treborn (Ashton Kutcher), que perdeu a noção do tempo. Ele esquece momentos de sua infância e passa a recordar apenas a vida destruída de seus amigos. Ao ler um diário de recordações antigo, o personagem abruptamente retorna ao passado sem nenhuma explicação lógica. Além disso, percebe ser responsável pela desgraça de seus colegas. Ocupando a mente do menino de outrora, Evan se esforça para reescrever a história em benefício daqueles que mais ama.

Figura 8 – Em *Efeito borboleta* pode-se mudar o passado, mas isso não garante o futuro



Fonte: http://obviousmag.org/cinema_pensante/2015/06/-efeito-borboleta-e-o-sacrificio-do-amor.html.

Porém, a cada mudança do passado infere que suas ações causaram uma alteração no presente, com situações indesejadas e consequências maléficas. Se cada um de nossos atos, necessariamente, for um estopim para outras consequências, a liberdade seria mesmo uma escolha? Ao tomar determinada atitude, por mais simples que pareça, automaticamente o homem se vincularia a uma consequência pré-determinada e invisível? Claro, ao fumar durante anos a fio, algum problema de saúde automaticamente pode advir deste vício, mas não em 100% dos casos. A educação libertadora foge de sistemas determinados sobre a estruturação social, se apoiando na construção coletiva de um futuro mais igualitário, com a construção no presente, tendo em conta o passado. Não podendo mudar o passado, como sugerido no pôster do filme em questão, sobra a análise crítica, em busca da transformação do individual para o coletivo.

No caso dos executores da pena de morte, que disparam seus fuzis contra os condenados, sempre existe o benefício da dúvida porque nem todas as armas possuem munição de verdade. Mas, eticamente, todos não concordaram em matar? Importa a dúvida de não saber se o projétil fatal saiu ou não de seu armamento? A questão mais profunda aqui está, em atitudes simples ou mesmo banais, de como escolher uma rua ou outra. Simples ações impõem o destino do homem? Estamos neste mundo com o percurso já imposto? Na história, lances do acaso foram responsáveis pelo rumo de milhares de pessoas.

Por isso a importância de se pensar em temas geradores para discutir a liberdade e a relação de uma causa, advinda de um efeito. “A procura temática implica na procura do pensamento dos homens, pensamento que se encontra somente no meio dos homens que questionam reunidos esta realidade”, problematiza Freire (1979, p. 19). “Não posso pensar no lugar dos outros ou sem os outros, e os demais também não podem pensar em substituição aos homens” e desta maneira cria-se as determinadas visões de mundo que compõem a sociedade.

Os efeitos da sociedade fogem da imposição mítica longe da matéria e na fenomenologia de nosso tempo. Para Negri (2016, p. 231), “[...] apresentam-nos, como a sacrossanta narração do fim do transcendentalismo, um espetáculo insensato daquilo que resta após sua morte. É uma espécie de apologia da resignação, um descargo que se acomoda, ora deleitado, ora comiserado, no limiar do cinismo”.

Negri (2016, p. 232) indica que a liberdade é “[...] o próprio real, é a pura imanência absoluta que se afirma na presença intempestiva, que se forma e se

constitui eticamente”. A suposta causa natural da vida está atrelada à ciência, ou seja, os mecanismos que originam o universo, sejam espirituais ou não e ainda desconhecidos pelo intelecto racional, são as causas do surgimento da essência do ser. A única causa realmente livre está no que já foi dito, a natureza das coisas postas no mundo e explicadas pela ciência.

A liberdade aparece como a ilusão de ser livre, e não como construção de classe, pois os homens, se conscientes de suas ações, ignoram as razões determinantes das coisas (NEGRI, 2016, p. 239). Na história da humanidade resta a intensão de extrapolar a ilusão para se libertar. Mas isso só é possível quando a conscientização, como libertação, permita se chegar ao cerne da verdade. O “[...] agora é a própria vontade que inverte a ilusão da liberdade, é a vontade mesma que se nutre do eterno” (NEGRI, 2016, p. 240). Não se é livre vivendo em dominação e no estado atual de desigualdades. A pedagogia dominante espera que as pessoas tenham força de vontade para suportar sistema realizar aquilo que deve ser feito, no sentido de reproduzir as ações esperadas pelo *status*. Aqui, a proposta é de criação de novas alternativas a partir da experiência estética, com a vontade como força motora que leva a pessoa a adquirir um aprendizado que possa superar a subalternidade imposta.

A luta contra a opressão sempre foi marcada pela tomada de consciência do homem e de seus problemas. Comblin (2018, p. 1), ao analisar os escritos do apóstolo Paulo, interpõe que o processo de libertação único está contido na “[...] ação de Deus dando a liberdade e a ação do homem conquistando essa liberdade”.

Trata-se a liberdade de um “[...] desafio à sociedade estabelecida: ela perturba as estruturas estabelecidas e, em primeiro lugar, a estrutura mental, a estrutura pessoal da pessoa que recebe essa vocação” (COMBLIN, 2018, p. 1).

Na tradição judaica (FROMM, 1967, p. 30) não se pode representar Deus, que não tem essência, é o nada, sendo assim não se corrompe dos vícios mundanos do homem.

A percepção materialista-histórica de Deus desenvolvida por Fromm (1967, p. 39) se apegava à força libertadora que guia a proposta da ascensão do oprimido nesta tese. O psicanalista alemão expõe que a própria abertura dos 10 Mandamentos traz a proposta de liberdade contra a servidão e a consequente saída do povo hebreu do Egito. A crença espiritual resultou efeito material, independente da discussão metafísica que envolve o tema.

A causa e efeito atrelados à consciência pelo viés cinematográfico do filme *Efeito Borboleta* pode ser simplesmente temporal e geográfico, mas deveria representar uma questão inerente ao humano. No caso de se admitir o homem como ser cultural, que sofre transformações em contato com o outro, com a natureza, bem como com a evolução genética e estrutural de seus membros e órgãos, a liberdade é um processo que perpassa pela luta, pela consciência e pelo ato, antes de viver, simplesmente existir, e ser jogado na confluência de acasos e gerações de potências, sentimentos e exasperações presentes no Globo.

A liberdade de existir é o laço tênue que permite a própria existência do ser livre e do convívio com o outro. Entretanto, segundo Comblin (2018, p. 1), “[...] os filósofos da antiguidade contemporânea pensavam que a liberdade consiste em distanciar-se da sociedade: a pessoa livre seria a pessoa autossuficiente, encerrada na sua autossuficiência, autônoma, sem nenhuma dependência porque sem vinculação com os outros”.

Por seu turno, “Platón, viene concediendo eficacia a la ‘crítica de la ideología’ (‘Lo hacen porque no saben lo que hacen’, es decir, el conocimiento es en sí mismo liberador; si el sujeto errado reflexiona, dejará de errar)” (ZIZEK, 2008, p. 36). Assim, o distanciamento crítico é fundamental na dialética do esclarecimento.

O conhecimento tem capacidade de desvelar o poder hegemônico (ZIZEK, 2008, p. 52), que também pode ser associado ao conceito das ideias de liberdade e igualdade, o que possibilita a identificação com “[...] nuestro propio rol social (soy un pobre artesano, pero participo como tal en la vida de mi país/de mi Estado, en cuanto ciudadano libre e igual...), pero también puede presentarse como un exceso irreducible que desestabiliza el orden social”.

A liberdade, eticamente, esbarra na discussão sobre o individual e o coletivo, como demonstra o filme *Efeito Borboleta*. Há um pêndulo que perpassa entre os alvitre de liberdade do ser explorado individualmente e suas relações com a massa, com o povo, com as pessoas e seres vivos que o cercam e também com o ar que se respira.

O personagem central, por defesa de sua própria liberdade, tenta influenciar a vida de outras pessoas. Não importa se é ou não um ato de benevolência ou amor ao próximo. Determinar o futuro do próximo, para o bem ou para o mal, converte-se em desvio da própria consciência livre e da sequência do acaso material.

O item “que atitude empregar” do personagem e seus dilemas ditam o problema da liberdade e, na vida real, supostamente, coloca o homem em diversas situações nas quais se define quais ou qual ação se deve empregar na situação prática. Uma determinada atitude gera um círculo de responsabilidade, envolvendo a prática da liberdade. Um ato determinado, por mais simples que seja, é estrutura criadora de algum efeito no tempo futuro, e mesmo no presente que já passa instantaneamente a ser passado. Percepção e memória, matéria e espírito, compõem, portanto, o processo de conscientização. A memória atuante como um crivo do conhecimento, ligada ao repertório, que parte da experiência para a formação de representatividade.

A representação ocorrerá, portanto, com esta mistura de elementos porque “[...] os homens enquanto ‘seres-em-situação’ encontram-se submersos em condições espaço-temporais que influem neles e nas quais eles igualmente influem” (FREIRE, 1979, p. 18). Daí a imperiosidade de trabalhar com ideias-forças de libertação e de contextualização na educação, com o propósito de mudança no entorno do aluno.

Fica claro que “[...] só existem homens concretos e não homens no vazio [e que] [...] o homem é um ser de raízes espaço-temporais” (FREIRE, 1979, p. 22). Como característica do humano, o homem é capaz de reconhecer que não vive em um eterno presente. A realidade, aliada aos obstáculos constantes propostos, adverte que a “[...] resposta que o homem dá a um desafio não muda só a realidade com a qual se confronta: a resposta muda o próprio homem, cada vez um pouco mais, e sempre de modo diferente” (FREIRE, 1979, p. 20). As respostas serão a própria força motriz de ato transformador do homem para o mundo.

As mentes não conscientizadas e o descamisado oprimido parecem viver um eterno retorno, efeito “looping” de repetição constante de um martírio sem fim em suas vidas. Acordar, trânsito insuportável, trabalho, almoço, estudo superior para uma minoria, retorno para casa, higiene pessoal, poucas horas de sono, e novamente a mesma estafante rotina. São oprimidos e ao mesmo tempo forças motrizes do sistema, mas não ganham o suficiente para a própria libertação, que seja ao menos a financeira ou de dignidade social.

Dependentes do caos e de uma sociedade megalomaniaca e consumista, vêm nos noticiários as elites enaltecerem a necessidade da pujança econômica deixando de lado a justiça social. Nos ônibus lotados da cidade, o trabalhador brasileiro reflete sobre sua rotina. Uma folga por semana durante quase todo o ano.

No Natal e Ano Novo, feriados mundiais, há um revezamento na escala funcional e a fruição do descanso de no máximo dois dias. São jornadas de nove horas de trabalho e entre duas a quatro horas para a locomoção. Nada mais do que a escravidão moderna, uma tortura aceita como natural, trivial e o preço a pagar para conseguir um local ao sol, que para a grande maioria da população jamais chegará. A lei e a alienação do homem, neste sentido, aparecem por fora do espírito. E, a “[...] liberdade é exatamente o contrário disso: é a formação de um povo novo, em que todas essas fronteiras e hostilidades estão sendo superadas”, diz Comblin (2018, p. 1).

Além disso, o autor refuta a ideia de que a salvação se dará por motivo de um sistema. Corroborando com a ideia, no Velho Testamento (FROMM, 1967, p. 82), há clareza de que a força jamais convenceu e os hebreus “[...] voltam a temer a liberdade e a adorar ídolos sempre que encontram dificuldades ou quando não está presente a figura carismática de um líder”. Se Deus na história bíblica compreende o sofrimento e nada une mais do que o próprio sofrer (FROMM, 1967, p. 88) isso não indica que esse Deus mitológico seja fonte de liberdade, mas uma opção de busca contra opressões que atingiam o povo, trazendo o deserto como alternativa à escravidão e a falta de comida como indução à poupança de alimentos (FROMM, 1967, p. 89).

O profeta carismático erigido de forma cíclica nos escritos bíblicos se difere do líder demagogo e autoritário, o conservador de ultradireita da atualidade que propõe a salvação do mundo em termos voluntariosos, num retorno ao nacionalismo preconceituoso, idolatrado pela massa desorganizada e destituída de consciência propositadamente, com a ausência de sentido e significado às representações.

Estes profetas bíblicos são revolucionários para sua época e surgem, para Fromm (1967, p. 96), com a proposição-mensagem galvanizada em quatro pontos constituintes para o caminho de libertação:

- a) anunciam a existência de Deus único, em oposição à idolatria cega;
- b) mostram alternativas e consequências na escolha deste Deus e sua proposta (propõe, portanto, uma escolha consciente, não imposta);
- c) discordam quando o povo avança pelo caminho considerado errado/conservador e
- d) propõem a salvação/libertação ligada à sociedade, no presente, rompendo com o *status quo*.

Os cineastas e diretores são os profetas bíblicos do tempo atual quando diagnosticam e tratam as projeções de um tempo universal e tido como real.

A liderança revolucionária, assemelhada aos profetas imemoriais, com intuito de atuar junto e com a massa (FREIRE, 2018, p. 429), formando um só corpo, pressupõe a liberdade como diálogo. Neste contexto, quanto mais duro o coração, menor a liberdade (FROMM, 1967, p. 83). Ainda na questão cíclica dos acontecimentos históricos delineadores da condição social da atualidade, infere-se a liberdade (FROMM, 1967, p. 93) como uma etapa temporal, iniciando-se o processo com o sofrimento, estopim para a subsequente rebelião em busca da liberdade contra a servidão e a existência sem idolatria.

O percurso de liberdade, imbricado no conceito pós-bíblico da história, indica Fromm (1967, p. 94), “[...] é de que o homem faz a sua própria História e que Deus não interfere por um ato de graça ou pela coação. Ele não modifica a natureza do homem, nem seu coração”. O papel do Deus histórico une-se à missão do profeta como líder político, guia conscientizador. O mal é o determinismo e a submissão da política e ideologias dogmáticas. A experiência estética, neste sentido, visa abrir as mentes – conscientização – para as diversas possibilidades de libertação criadas pela vontade.

Figura 9 – *Feitiço do tempo* remonta a rotina dos escravos do trabalho



Fonte: <https://www.amazon.com/Groundhog-Day-Bill-Murray/dp/B000SP1SH6>.

O filme *Feitiço do Tempo* (1993, direção Harold Ramis, distribuição Columbia TriStar Film) mostra a questão da repetição do tempo como tortura, assim como na existência atual quando a forma do dia a dia congela as mentes em uma rotina mórbida e estafante.

O personagem Phil Connors, retratado na imagem anterior, é um detestável jornalista temático da previsão do tempo que se vê obrigado a realizar a cobertura do Dia da Marmota, em Punxsutawney. Preso na cidade por causa de um temporal, o protagonista se dá conta de que no dia seguinte nada mudou e o enredo retorna sempre para o dia 2 de fevereiro, obrigando-o a realizar as mesmas coisas constantemente, até que descubra uma forma de rompimento. O personagem problemático, como prevê Goldmann, por causa da repetição passa por uma transformação em sua consciência, do sujeito aproveitador ao ser humano que pretende ajudar o outro.

Até quando as mentes do século XXI continuarão escravas das rotinas capitalistas ou neoliberalistas? Nunca descobrirão que a simples parada nesta enfadonha jornada seria capaz de gerar um colapso na forma atual de viver, inclusive na economia? Seria uma utopia esperar um despertar desta forma? As mentes alienadas buscam a liberdade meritocrática para vencer o sistema e fanatizadas apenas colaboram para a manutenção do mesmo, são conduzidas não para o seu próprio interesse, mas para benefícios de outrem.

Por isso que “[...] todo empenho de transformação radical de uma sociedade implica na organização consciente das massas populares oprimidas e que esta organização demanda a existência de uma vanguarda lúcida” (FREIRE, 1979, p. 41).

Deixar a massa entregue a si mesma, esperando que uma força superior faça o trabalho de resistência e revolução é esperar pelo absurdo e intangível. Deste jeito, entrega-se a vida social ao determinismo religioso, que usa inclusive esta propositura para a manutenção do *status quo*. “Daí a necessidade que tem o trabalhador social de conhecer a realidade em que atua, o sistema de forças que enfrenta, para conhecer também o seu ‘viável histórico’ [...]” (FREIRE, 1979, p. 41). O personagem Phil Connors ganhou consciência de si, de suas atitudes para perseguir os valores autênticos da sociedade burguesa, não atingiu o máximo de consciência possível de Goldmann (1975), que se assemelha à conscientização de Freire.

A consciência parcial da escolha (consciência real) sobre o próprio destino está no filme *Questão de tempo* (2013, direção Richard Curtis, distribuição United International Pictures (UIP)). Se nas atuais conjunturas planetárias o homem não é dono de sua própria vontade, na película, o personagem Tim Lake descobre, aos 21

anos, que possui, por causa de um gene hereditário, manifestado nos homens de sua família, o poder de viajar no tempo, sempre de volta ao passado. Encontra-se nesta sequência cinematográfica uma alusão à matemática genética que nos é imposta e aceita pela teoria evolucionista. No contexto da educação superior, a vontade impulsiona para a quebra de paradigmas abrindo espaço para a consciência possível.

Figura 10 – *Questão de tempo* permite reviver o passado, sem alterar o futuro



Fonte: <https://cinemacao.com/2016/01/04/critica-questao-de-tempo/amp/>.

O protagonista (imagem acima ao lado de seu pai aprendendo a reviver o passado) se beneficia deste dom para alterar alguns aspectos de sua vida, porém, existem certas imposições nesta regra que podem afetar sua existência. Toda sua ação visa seu benefício individual e não o coletivo, mas seguindo sempre os padrões tidos como autênticos da sociedade opressora, como a constituição de família tradicional, casamento, etc.

Não é possível, entretanto, usar a “habilidade” para tudo, sendo imperioso aceitar os acasos e infortúnios da vida. É uma espécie de liberdade estoica da razão, livre dos acontecimentos e centrada na aceitação. Os protagonistas com os dons relatados podem viver quantas vezes quiserem um momento de suas vidas, repetindo as sensações e trabalhando suas experiências. Na educação, a busca constante caminha pela superação dos determinismos preconceituosos que caracteriza o oprimido como fruto de si mesmo.

1.9 Consciência da necessidade de liberdade

Não é possível, quando a liberdade é ligada à conscientização, justificar as mazelas do ser por intermédio da sorte ou azar. Se for assim, arranca-se do homem sua própria liberdade adentrando na alienação advinda do acaso. Sorte e azar entram na esfera do causal e não podem superar a liberdade, mesmo inexistindo uma força superior que determine a criação.

A força materialista está convertida na ciência-natureza – sujeita a interferências humanas de acordo com seu espaço-tempo – que compõe os corpos vivos e inertes.

Sorte ou azar não derrubam a responsabilidade subjetiva, mesmo que seja difícil cobrar atitudes nobres dos seres humanos submetidos a modelos de desigualdades e desamparo. Surge outro elemento que se mistura à sorte e ao azar: a necessidade que perpassa desde a natureza dos animais irracionais até a vida do homem mais inteligente do planeta.

Estas temáticas, abordadas no decorrer deste percurso, terão influência na responsabilidade subjetiva do sujeito no mundo e, desta forma, em sua liberdade. A necessidade é uma causa e tem efeito universal na ação humana; é tanto singular do indivíduo quanto universal e social.

Na linha de raciocínio levantada, materialmente, Freire (1979, p. 20) expõe que “[...] o homem, porque é homem, é capaz igualmente de reconhecer que não vive num eterno presente, e sim um tempo feito de ontem, de hoje, de amanhã”. Só a tomada de consciência de sua temporalidade, aliada ao discernimento, possibilita se apropriar da consciência de sua historicidade. “A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo”, diz o educador (FREIRE, 1979, p. 22). “É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação”.

Sendo o sujeito uma parte carregada de energia que atuará durante certo período/percurso – não a própria energia que dá vida ao universo –, reforça-se ainda mais a importância do ser consciente para si e sua classe.

Existir como evocação de uma causa, mesmo que por acaso, já consiste no exercício da liberdade. O esforço repousa na quebra das situações-limites que tornam o homem dependente e vulnerável ao sistema. Dependência contida em uma relação

(FREIRE, 1979, p. 33) entre a subordinação e a “cultura do silêncio”. O ser silencioso não está marcado por não ter uma palavra autêntica, mas por prescrições por vozes impostas. “Alcançar o estado de ‘ser-para-si-mesmos’ representa para as sociedades subdesenvolvidas o que eu chamo a possibilidade ‘não-experimentada’, uma necessidade em si” (FREIRE, 1979, p. 33). O princípio e o fim com a ética se encontram na base para a solução dos problemas no contexto educacional. Instaure-se a possibilidade de significado e novos sentidos na releitura e interpretação dos fatos.

A própria necessidade encontra-se na vida incessante, sendo ação, mesmo imposta, uma abertura de liberdade. Mesmo sem ter a consciência plena do que causará nossas ações no plano desta Terra é imperioso conhecer as razões históricas que colocam o homem diante da submissão da desigualdade.

O mundo material exerce força de empuxo nas pessoas, sugando e alvoroçando seus instintos em busca de reações, que no meio das consciências diversas e multifacetadas podem ser boas ou ruins. O sistema atual aposta todas as fichas nesta desordem de anseios transversais para confundir e subjugar o mais fraco, pois o lema é sobreviver, vencer e acumular a qualquer custo, de forma individual e solitária se for o caso, em uma disputa ininterrupta.

A indeterminação dos caminhos da vida é a própria ação escondida que move a liberdade sem ao menos se perceber este detalhe. Só as mentes conscientizadas poderão atuar neste campo, mas sempre apenas contra as injustiças e a massificação da maioria oprimida, que é tolhida de direitos mínimos e básicos por todo o planeta.

O modelo de país nação, que se desgasta no final do século XIV, insiste em retornar no século XX com o protecionismo de potências, como os Estados Unidos, mas é leigo e perigoso pensar que a liberdade individual e de um único estado nação possa superar a harmonia global e planetária em prol da concepção natural de conservação da espécie e, por consequência, dos elementos naturais que usufruímos de forma liberta e inconsequente, seguindo a lei do mais forte, do “melhor” nascido, dos privilegiados de todas as sortes. Só há liberdade se a partida (partimos de onde? Ou sempre partimos?) se der em termos iguais e as supostas nações-hegemônicas abrirem mão de seu *status quo* em nome da possibilidade de um futuro – não se percebe indício deste ato humanitário de benevolência.

A Terra, como planeta material, partícipe do universo interestelar, seguirá seu rumo e num tempo e espaço futurístico e inimaginável para o mortal que vive menos

de um século, fatalmente perecerá com o fim da luz solar (por conta da extinção do astro principal de nosso sistema), como prediz a ciência. Resta saber, se antes disso, se extinguirá o homem e em quanto tempo. É vasto o material cinematográfico que narra o escape do homem para outro planeta em busca de uma liberdade retraída, que gira em torno tão somente da sobrevivência. Que liberdade é esta que torna o homem inerte diante da falta de esgoto e com a fome persistente no mundo, enquanto outros jogam fora seu alimento e se produz uma monocultura que desgasta a natureza, dá lucro a pequenos grupos e mantém na inanição vasta camada de indivíduos aliados de sua humanidade e dignidade? “Desenvolvimento-libertação é, pois, por um lado, a ‘possibilidade não-experimentada’ e, por outro, a ‘situação-limite’ das sociedades”, responde Freire (1979, p. 33)¹¹.

Além disso, “[...] a ciência e o trabalho, o mundo da linguagem e da informação são, assim, reconduzidos à ética e estudados no momento mesmo em que se formam, na genealogia de sua produção” (NEGRI, 2016, p. 20). Entretanto, ciência, trabalho, linguagem e informação seguem usados para a opressão.

Adotando aqui a proposição sobre a consciência e reflexão referente à força criadora, Sartre (1961, p. 348) indica a liberdade como eleição criadora de suas próprias possibilidades e o projeto inicial de ser Deus, definindo o homem estreitamente aproximado a uma natureza ou essência humana.

Na busca de satisfazer seu próprio desejo, segundo o filósofo (1954, p. 367), o ser usa a liberdade com a intenção de ser Deus e todos os atos e projetos traduziriam esta escolha como reflexão de uma infinidade de maneiras de ser e ter. Só então é que a liberdade pode tomar consciência de si mesma e se descobrirá a angústia como única fonte valorada, partindo do nada para a existência do mundo (SARTRE, 1954, p. 383).

O Deus histórico de Fromm (1967), além de inominado, surge com características de libertação, sendo passível interpretações de que na medida em que o homem se aproxima do ser superior, pode não só questioná-lo, mas transformar a

¹¹ Em relação ao tema, o artigo *Interestelar e os desafios do futuro para a Educação*, do autor desta tese, trabalha com a película *Interestelar* (2014), de Christopher Nolan. O longa-metragem situa o espectador em um futuro distante no qual a espécie humana encontra-se em perigo iminente de extinção como resultado de uma crise ecológica. Quando não resta nenhuma esperança e tudo parece perdido, a física teórica e a exploração espacial convertem-se no único caminho de salvação para a humanidade. Trata-se de uma ficção científica, cujo roteiro e design artístico reúnem as chaves para que seu conteúdo possa ser aproveitado como recurso didático nas aulas do ensino médio e superior.

realidade opressora. Esta possibilidade de abertura de consciência histórico-temporal-espacial alia o mito de Deus como estopim para a cura do sofrimento imposto não pela criatura divina, que, teoricamente, não seria passível a erros e desigualdades mundanas, mas causada pela própria sociedade.

Na tradição judaica não é possível falar em Deus na oração, por falta de representação desta perfeição (FROMM, 1967, p. 30), sem essência, o nada. Fromm (1967, p. 58) reflete sobre o tema ao apontar que o primeiro mandamento do Velho Testamento girava em torno do amor e da justiça pelos miseráveis. A própria discussão tola sobre a existência de Deus, que não é motivo desta tese, já suscita imediatamente a liberdade inerente ao homem.

A liberdade se liga à moral nas reflexões de Sartre, quando se projeta através das circunstâncias imponderáveis, que acabam reivindicando a responsabilidade existencial do ser. Flusser (2002, p. 40) discorre sobre o problema da liberdade e ao apego do acaso que pergunta se tudo é causa de efeito e de um determinismo, onde estaria a liberdade? Infere-se a razão oriunda da consciência do ser, cultivada por intermédio da conscientização e do senso crítico.

Este resultado surge atrelado ao imediato da realidade do ser, próxima ao seu estágio de consciência, sem aceitar da mesma maneira que o determinismo é o imperativo do acaso. Mais além (FLUSSER, 2002, p. 40), a própria robotização humana na sociedade de informação tenderia a gerar dúvida sobre se esta rotina maquinal abriria espaço para a liberdade. Faz-se necessário politizar as questões metafísicas propostas para que não se tornem justificativas inócuas contra a opressão porque “[...] ninguém luta contra as forças que não compreende [...] mas, neste caso, se as suporta com resignação, se busca conciliá-las mais com práticas de submissão que de luta”, pondera Freire (1979, p. 22), alertando que esta proposição pode ser aceita quando se discute as forças da natureza (quando não afetados pelos homens), entretanto, inaceitável diante das “[...] forças sociais: ‘o latifundiário’, ‘os trustes’, ‘os técnicos’, ‘o Estado’, ‘o fisco’ etc., todos os ‘eles’ de que nós não temos senão uma vaga ideia; sobretudo a ideia de que ‘eles’ são todo-poderosos, intransformáveis por uma ação do homem do povo” (FREIRE, 1979, p. 22).

Na realidade obscura dos países subdesenvolvidos, caracterizada pela consciência semi-intransitiva, de estrutura fechada, o homem não se dá conta dos desafios da realidade e passa até a ser moldado pela essência do outro, como uma

vampirização (abordada no próximo capítulo). Esta semi-intransitividade é uma “[...] espécie de inutilização, imposta pelas condições objetivas” (FREIRE, 1979, p. 35).

As consciências dominadas giram em torno de sua restrita experiência e do cotidiano que exige apenas a luta pela sobrevivência. “Os homens, cuja consciência se situa neste nível de quase-imersão, carecem do que chamamos ‘percepção estrutural’, a qual se faz e se refaz a partir da realidade concreta, na apreensão da problemática” (FREIRE, 1979, p. 35). Como consequência do projeto neoliberal de destruição das consciências ou mesmo de alienação ou domesticação, “[...] os homens atribuem a origem de tais fatos e de tal situação, em sua vida, seja a uma realidade superior, seja a uma causa interior a si mesmos. Em ambos os casos a causa da problemática é algo que está fora da realidade objetiva” (FREIRE, 1979, p. 35).

Sendo a liberdade uma faculdade da alma humana, no entendimento de Sartre (1961, p. 30), o que se define é o ser do homem condicionado à aparição do nada, ser representado como liberdade. A liberdade, condicionada para a nihilização do nada, não possui um dono e nem estaria entrelaçada à essência do ser humano. Por isso a importância da luta e da conquista da liberdade, contra o silêncio e a opressão.

A liberdade precederia a essência humana e o que chamamos de liberdade é inseparável do ser, ficando atrelada à percepção de realidade humana. O homem, pelo ponto de vista da matéria, não foi feito necessariamente para ser livre como imposição de uma força superior. Ao contrário, não existe diferença entre o ser do homem e seu ser-livre (SARTRE, 1961, p. 32).

Situa-se o homem, como demonstrado por intermédio dos filmes que discutem o tempo, como seu próprio passado e futuro e esta consciência possível da própria existência ocorre quando o homem se conscientiza da liberdade na angústia, como o modo de ser da liberdade como consciência de ser. Assim sendo, a angústia e a liberdade estão no questionamento do ser a si mesmo (SARTRE, 1961, p. 32). A própria solidão “[...] é um estado de enfrentamento com os limites de nossa liberdade”, segundo Baptista (2018, p. 46).

A angústia e a ignorância em relação ao determinismo, para Sartre (1961, p. 35) são elementos capazes de apontar para a efetiva captação da liberdade. Atuam, esses sentimentos, como o pressuposto do nada fundador da liberdade e que pode ao menos gerar sentidos quando o nada é dado pelo ser humano de acordo com suas relações consigo mesmo (SARTRE, 1961, p. 40). Esta capacitação da liberdade é

uma origem possível da temática quando está atrelada à consciência da própria liberdade e suas estruturas, criando-se o ser consciente a partir do nada. Porém, é de difícil compreensão que a liberdade do homem dependa exclusivamente de suas criações, sem as influências externas do mundo e inclusive as intercorrências subjetivas e impostas pela genética, por exemplo.

O nada da existência, que propõe Sartre, só pode ser encontrado ou mesmo explicado através da consciência e esta (ampliada, diminuída, alucinada, estagnada etc.), de acordo com seu potencial, determinará os níveis de liberdade possível do ser.

Dentro de diversas prisões do ser (velhice, destruição com a morte, etc.), Negri (2016, p. 22) propõe que o material da imaginação coletiva estabelece a liberação. “É necessidade, para a liberdade, de determinar sua escolha histórica decisiva – escolha do ser, escolha do lugar do qual fazer emanar uma liberdade completamente desdobrada... A imaginação é o canal através do qual os seres se associam em um novo ser, que assim se constrói”.

Não se pode deixar de buscar relação com os vários estágios de consciência propostos por Paulo Freire. Como pode haver a libertação da imaginação sem a consciência plena do mundo ao seu redor? Pode sim ser encontrada uma liberdade proposta pelo opressor? É como “[...] quando crianças, muitas vezes, sob ilusões de uma sonhada liberdade em diversos âmbitos, persegue a vontade de nos tornarmos adultos. Buscamos nos livrar das ordens superiores” (BAPTISTA, 2018, p. 27).

Neste recorte de livramento contra o que é imposto surge a liberdade compulsória. Mas esta modalidade de libertação, como no caso de um dependente químico obrigado a realizar um tratamento em uma clínica especializada para se livrar do vício, seria mesmo a liberdade ou mera imposição e condicionamento? Por outro lado, em países europeus, por exemplo, o próprio Estado ministra heroína aos dependentes em local adequado e em doses controladas de acordo com suas necessidades. Com esta iniciativa, sem o caráter obrigatório de um tratamento imposto, os viciados obtêm um certo controle de suas vidas, conseguem viver em endereço fixo, arrumar emprego porque sabem que é o veneno que lhes mantém vivos, mesmo que na ilusão, pode ser “conquistado” nos momentos pré-determinados durante o dia.

Há um dilema sobre a consciência e a liberdade presente no filme *Coração Satânico* (1987, direção de Allan Parker e distribuição Universal Pictures), que apresenta como personagens centrais o ator Mickey Rourke, no papel do detetive

Harold Angel, e Robert de Niro, interpretando o contratante poderoso e misterioso dos serviços de investigação com o objetivo de encontrar o paradeiro de Johnny Favority. Em meio à investigação, Angel se depara com vários assassinatos, mas descobre que todos eles foram realizados por ele próprio.

Figura 11 – O passado persegue o futuro em *Coração satânico*



Fonte: <https://www.planocritico.com/critica-coracao-satanico/>.

A questão da liberdade e consciência surge quando Angel descobre que havia perdido a memória após ser ferido na guerra. O protagonista problemático, visto no primeiro plano da imagem acima – à frente do ator Robert De Niro –, é um engodo de si mesmo e desconhece até mesmo seus próprios valores autênticos.

O contratante do detetive era o demônio com o objetivo de cobrar a alma do personagem central. Nem a falta de consciência em relação ao passado foi suficiente para eliminar as consequências da liberdade de escolha. Sem as lembranças do passado (consciência) seus pecados não poderiam mais ser cobrados.

A lembrança, o esquecimento, o meio em que se vive e a evolução do ser, de acordo com a educação disponível, são fatores que interferem na consciência e na capacidade de existir. Não se trata do destino como imposição nas tragédias gregas, mas a luta inexorável entre o bem e o mal. Os acontecimentos ruins pertencem aos próprios atos provocados pelo protagonista. A simples existência já delimita certa liberdade de ação, mas que tipo de ação é possível? Para quais pessoas? A educação, a sociedade, os meios de comunicação, a arte – cinema – e o contexto histórico serão influências a serem demonstradas para a conquista da liberdade.

O ser para si de Sartre (1961, p. 80) está na liberdade incondicionada como fator do próprio existir do ser. Participar do transcender seria fazer de si mesmo a própria tese, a antítese e a síntese, aproximando-se da liberdade estoica da razão livre dos acontecimentos, mas presa em si.

Adaptada do budismo, a técnica de *mindfulness*, uma espécie de meditação afastada de qualquer religião, persegue a aceitação do presente único do agora para gerar benefícios psicológicos e físicos. A pergunta é: como esta técnica de atenção plena na existência concentrada no presente, que parece ótima para aplacar o estresse mundano do cidadão de classe média, seria capaz de amainar a dor de milhares de brasileiros que vivem abaixo do nível de miséria? Aceitar o presente não garante que se possa mudar o futuro das pessoas relegadas pelo sistema.

Não há que se falar de “ser para si” sem a presença da consciência, esta sim capaz de se transformar em Deus. Se o homem criou Deus como uma espécie de mitologia, só foi capaz disso pela emancipação da consciência e pelas escolhas, certas ou erradas, advindas de seu próprio grau de percepção do cosmos. A noção de consciência, neste enquadramento, invade o campo da ciência, da concepção de mundo, da busca pela verdade, do encontro com o entendimento dos mistérios do universo e a origem do ser. Imagine, em um exercício de abstração fantasioso, um homem imbuído de uma consciência perfeita, capaz de conhecer todas as verdades da existência – físicas, químicas, éticas e morais. Estaria a liberdade perfeita dentro desta consciência plena e, inclusive, poderia se propor que o homem material se transmutaria em outro patamar evolutivo, como o próprio Deus.

O homem não está condenado a ser livre, como disserta Sartre (1961, p. 90), mas condenado a existir, e nesse processo apenas a consciência o fará mais ou menos livre perante a si mesmo, perante o outro, no que diz respeito ao sistema e também ao contexto social. Lógico que o futuro é a possibilidade contínua dos possíveis, como o sentido do Para-si presente, mas a percepção, problemática, escapa do Para-si presente (SARTRE, 1961, p. 90). Entretanto, o existir nesse momento não garante a continuidade do ser sem passar pela conscientização.

A imaginação produtiva, a partir da presente concepção, passa a ser uma potência ética. Os males sociais e a exploração que aniquilam o “ser para si” de Paulo Freire, não foram uma imposição natural, mas social. Está destruída, portanto “[...] a ideia abstrata e antecedente do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, do perfeito e

do imperfeito, independentemente de tudo isso que é; mas torna todos os seres possíveis absolutamente perfeitos” (NEGRI, 2016, p. 93). A percepção desta perfeição para o autor trafega no ideal para si, “[...] tendo a razão e sua perfeição em si mesmos e nisto: que eles existem assim e assim foram feitos; perfeição independente de qualquer razão ou necessidade extrínseca, e de qualquer preexistência” (NEGRI, 2016, p. 93).

A própria finitude, segundo Sartre (1961, p. 206), é condição da liberdade. Ao propor um fim material ao homem, se afasta da questão espiritual metafísica para novamente abarcar as proposições da consciência. Não existe liberdade sem eleição, do mesmo modo o corpo condiciona a consciência como pura percepção- interpretação do mundo que é possível até em sua liberdade mesma, como a proposta de consciência histórica cunhada por Paulo Freire.

A liberdade se constitui como qualidade objetiva do próximo, potencialmente como incondicionado poderio de modificação das situações. Só há transformação possível com a tomada de consciência do ser para si, até mesmo como domínio existente da sua própria percepção como classe de si mesmo. Nesse viés, o ser alienado de sua consciência, nos estudos de Fromm (1967, p. 41), é aquele adorador de um Deus, por exemplo, sem olhar para si mesmo. Nesta busca pelo entendimento existencial, a consciência como resultado material pode se dividir em dois extremos (FROMM, 1967, p. 48):

- a) autoritária que aceita Deus e sua ordem como dever, o que inclusive justifica o crime absurdamente em nome de um ser “maior” e
- b) humanística, voltada para a libertação, para a quebra do *status quo* arraigado no questionamento e no desafio e para autonomia do pensamento.

Como será capaz de transpassar a própria transcendência, como aponta Sartre (1961, p. 227), e assim existir para o outro sem a tomada de consciência? O próprio autor citado tenta responder apontando este ideal como irrealizável, pois não seria assimilável ao amor enquanto o amor for presença do próximo. Porém, deveria ser o ideal do amor o motivo e o fim em um valor “primitivado” (oriundo) da própria existência.

Não existe consciência plástica possível sem o princípio do amor que também se compraz na ética em sua definição como perfeição do homem em seu estado possível. Negri (2016, p. 104-105) afirma que “[...] pouco a pouco o fundamento do existir torna-se ético, solidário torna-se o destino do humano, e o amor como base das

paixões se desdobra na necessidade e na alegria da comunidade”. O infinito pausa determinado na multiplicidade, atrelado à comunidade. “Aqui não há dialética, há liberdade que se confronta com a crise histórica, com a tragédia do ser – apenas esta, no entanto, pode produzir felicidade”.

Para Silva (1997, p. 138) “[...] o objetivo de Sartre consiste em desacreditar a ideia de uma necessidade exterior a nós, que derivaria de uma estabilidade das coisas ou de uma ordem moral objetiva”. A existência já é um ato de liberdade de início de uma consciência, por mais ínfima que ela seja. Mesmo a liberdade sendo categoria completa por si só e estopim do ser, não se pode ignorar as influências materiais sobre o desenvolvimento da consciência de qualquer ser. “Esta consciência surgiu primeiro na religião, na região mais interior do espírito; mas introduzi-la no mundo leigo era uma tarefa maior que só poderia ser resolvida e cumprida através de um demorado e rigoroso esforço de civilização” (SILVA, 1997, p. 138).

Quanto mais oportunidade de conhecimento e abertura de consciência adquire, no sentido de conquista, o homem mais perto estará da verdade, portanto, mais livre em relação à própria existência. Imagine se um dia o homem encontrar a vida eterna ou dispor de mecanismos para prolongar o corpo material por 200 anos ou mais, algo possível se o planeta superar a questão ambiental que promete desgraças de proporções astronômicas – aquecimento global – para os próximos 30 anos. Só haverá libertação se a consciência tiver a noção do próprio ser em si e de sua existência histórica.

Na Europa, por exemplo, jovens modernos não sabem mais o que foi o holocausto¹². A quem interessa esta atrofia histórica destas mentes? Faliu a sociedade desmemoriada a espera de novos tiranos ou o próprio mercado de capitais já faz as vezes da tirania invisível?

A consciência potencializaria a operação do encontro com a sabedoria de si mesmo, chegando à matéria da maior possibilidade de entender a própria natureza. A ideia bíblica de um Deus semelhante ao homem (FROMM, 1967, p. 69) traz a liberdade e igualdade em relação à simbologia de Deus, se aproximando do conceito da humanidade em si. A dicotomia existente entre homem e natureza (FROMM, 1967, p. 73) é reconhecida quando ocorre a vontade de transcendê-la como um estrangeiro na própria terra. “O início da libertação está na capacidade que tem o homem de

¹² https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/28/internacional/1543366778_489886.html

sofrer, e ele sofre quando é oprimido, física e espiritualmente”, explana Fromm (1967, p. 77), em seus estudos sistemáticos sobre a bíblia, levantando a situação histórica da época e inclusive o sofrimento de Moisés que o impulsionou para a busca da liberdade, passo inicial para o eterno.

A arte já ensaia sua busca ou previsão sobre a eternidade, como se percebe na história de Frankenstein de Mary Shelley, imortalizada em diversas versões audiovisuais, quer se construir um ser eterno, imortal, pretende-se defender o direito ao consumo, mas não se busca o mesmo em relação à conscientização.

Na pós-modernidade, outras projeções deste ideal foram criadas e a preservação da consciência para uma vida mais longa é discutida na película *Corra!*, de 2017 (direção Jordan Peele, distribuição Universal Pictures), vencedora do Oscar de melhor roteiro original.

A temível família branca, conservadora e abastada Armitage, em uma trama complexa e científica, sequestra jovens negros sadios e fortes – seduzidos pelo amor juvenil e puro sem o preconceito usual da sociedade racista – para implantarem no corpo de ébano a consciência de outrem. A família opera esse experimento como um negócio que promete a vida eterna aos idosos da região, que antes de morrerem passam sua “mente” ao envoltório de carne dos afrodescendentes.

O jovem preto é atraído ao seio da família, se entusiasma ao ser aceito no colo branco, sendo aconchegado em uma classe tida como superior. Como oprimido, reproduz a teoria de Freire, na qual enxerga o opressor como ideal a ser atingido. A família branca, que subjuga o suposto ser superior, retrata a ideia supremacista branca nos Estados Unidos, que se repete no Brasil, onde muitos insistem não existir racismo, sendo este um fenômeno estrutural que alija a liberdade destes desafortunados, condenados por sua etnia. Os afrodescendentes que sofreram uma espécie de transplante para abrigar uma essência branca representam os oprimidos, ludibriados pelo próprio opressor, que lutam por menos direitos.

Na sequência, imagem de divulgação do filme *Corra*, demonstrando do lado esquerdo o apreço do oprimido em ser aceito por seu opressor e à direita a realidade da opressão, que acorrenta o mais fraco, consumindo inclusive sua própria consciência.

Figura 12 – *Corra*, o racismo no século XXI



Fonte: <https://www.uphe.com/movies/get-out>.

A liberdade intrínseca ao ser anseia a preservação, gerando o fetiche do homem em combater a própria finitude. Alguns experimentos reais prometem o congelamento do corpo humano para um possível uso no futuro, com o esperado avanço da ciência para o bem.

Outro ponto a ser discutido é a consciência potencializada através de drogas sintéticas ou naturais. A liberdade estaria embutida nesta potencialização tanto para a busca do prazer, quanto do sucesso e do suposto melhor uso da mente, como demonstrado no filme *Sem Limites* (2011, direção Neil Burger, distribuição Imagem Filmes). Entre a ficção e realidade, a película indaga a necessidade do uso de drogas para alcançar 100% das capacidades psíquicas. Na cena, o personagem expande a consciência e melhora suas habilidades intelectuais de forma artificial.

Figura 13 – *Sem Limites*, cérebro renovado com ajuda química



Fonte: <https://www.netflix.com/title/70142827?s=a&trkid=13747225&t=cp>

O ator Bradley Cooper interpreta um escritor frustrado, com um apagão de criatividade, chamado Eddie Morra, protagonista problemático em busca da resolução

dos problemas que o envolvem de forma errada, esperando obter um valor autêntico da sociedade burguesa: sucesso, dinheiro, fama etc. Ao consumir uma pastilha milagrosa, acelera suas potencialidades mentais a ponto de conquistar sucesso e dinheiro. As drogas que alteram a consciência apresentam uma suposta sensação de liberdade para romper com o determinismo mundano, entretanto, sempre há a autodeterminação, mesmo que artificial, para a busca da libertação individual.

O contrário da pura liberdade individual é o que propõe *A Viagem* (2013, direção Lana Wachowski, Tom Tykwer, Lilly Wachowski, distribuição Warner Bros. Pictures), superprodução de US\$ 102 milhões, com quase três horas de duração, recheada de efeitos especiais e atores consagrados, como Tom Hanks, Halle Berry, Jim Broadbent, Hugo Weaving.

Figura 14 – *A viagem* discute a reencarnação



Fonte: <https://www.warnerbros.com/movies/cloud-atlas/>.

Mesmo com as motivações do dinheiro hollywoodiano o filme não emplacou, entretanto, seu enredo se encaixa para o propósito desta tese. Baseada no livro de David Mitchell (*Cloud Atlas*, 2004) o enredo se desenvolve em seis histórias relacionadas entre si, que conduzem o espectador do século XIX até um futuro distante e pós-apocalíptico.

A noção empregada consiste de que cada época, de certa maneira, se relaciona com outra, ou seja: as ações pregressas dos personagens no passado têm repercussão no futuro – para tanto usa os mesmos atores, que encarnam vários personagens expondo conceitos filosóficos e espirituais.

Mais do que tratar do *karma*, do reencontro, do eterno retorno e do amor eterno, a película coloca o humano frente à sociedade, tendo o medo como forma de controle, além de discutir se realmente o ser tem liberdade ou é uma espécie de escravo da modernidade.

Deixando de lado a questão espiritual em si e concentrando-se na historicidade, há uma alusão de que a construção dos erros humanos atuais e o possível colapso natural nada mais são do que erros históricos – abordado no segundo capítulo – balizados por escolhas cruciais e impensadas que levaram a sociedade para o individualismo segregador, gerador do medo, do desgaste natural e na aceitação da miséria como fruto insuperável de um sistema que visa o lucro e não o cuidado com o próximo. Sobre a questão da individualidade, a produção, recorrentemente, aborda o fator destino como índice para que os personagens decidam sobre como utilizarão suas consciências em relação ao todo.

É preciso também avançar da questão individual da liberdade, ligando-a à presença do outro. A liberdade como dependente da subjetividade do outro, na visão de Sartre (1961, p. 233), torna-se um limite insuperável ao ser para si.

A filosofia de Sartre encontra o ideal amoroso, ou seja, a liberdade alienada porque aquele que pretende ser amado aliena a própria liberdade enquanto espera ser amado. Aproxima-se aqui a relação ídolo x Deus (FROMM, 1967, p. 40), quando o idólatra se encontra de certa maneira alienado – aproximando-se do conceito de alienação proposto por Marx (2014). Contra a alienação e o sentimento idólatra, entende-se que o amor ao outro pode ser a chave para a libertação dos dois polos em ação, seja o amante e a amada, a mãe e o filho, a polícia e o bandido, o oprimido e o opressor.

1.10 Liberdade e ação

Sartre (1961, p. 269) ainda aponta que a liberdade se faz pela ação do ser atuante e neste ponto poderemos analisar a ação libertadora da comunicação, do direito, do cinema e da educação para que o ser para si não fique situado apenas no próprio campo individual e que os determinismos sociais possam ser combatidos e amenizados incessantemente. A liberdade se constrói na ação motivada-organizada pelos fins (SARTRE, 1961, p. 270).

Na ação, segundo a própria vontade, se encontra a essência da liberdade do ser que sob as influências diversas pode ser maculada. Portanto, a vontade se processa como manifestação privilegiada da liberdade, um acontecimento psíquico dotado de estrutura própria, constituída ao mesmo tempo em que os demais, sustentada, a princípio, por uma liberdade originária e ontológica (SARTRE, 1961, p. 278).

Para haver consciência, confrontando com o determinismo e o fatalismo, necessário criar condições para o pensar certo e razoar os atos por si próprio, sem um condicionamento universal. Assim, está contida na liberdade o ato racionalmente pensado e executado, e, além disso, pertencente à própria natureza de quem o praticou e também um outro caminho possível e/ou aplicável na mesma situação, como no caso do filme *Efeito Borboleta*, já citado, no qual o personagem se subdivide em diversos “possíveis” do mesmo eu.

Para cada ato ou escolha de um caminho, uma possibilidade, mas desde que o início e a vontade deste caminho não tenham sido determinados ou maculados. A liberdade permite a mudança de rumos a qualquer instante porque o fato de escolher uma jornada diferente e abandoná-la por outra depois não fará surgir nenhum instante como recorte da duração, pelo contrário, as livres escolhas são integradas de maneiras contraditórias e sucessivas da unidade de um projeto do eu fundamental (SARTRE, 1961, p. 289).

Funda-se a liberdade para-si, na visão de Sartre, através da eleição e por isso pode estar sempre comprometida. Não é uma propriedade, necessita-se da captação desta liberdade, porém, a liberdade é simplesmente o fato de que esta elegibilidade é sempre incondicionada (SARTRE, 1961, p. 295).

Zizek (2003, p. 18) reflete sobre o potencial antidemocrático do princípio da liberdade de pensamento, que seria um salvo-conduto contra a própria liberdade. Assim, se emancipa a mente do escravo, enquanto ele próprio se encontra preso, sem realmente ser livre. “E não seria isso enfaticamente verdadeiro com relação à época pós-moderna, em que existe a liberdade de desconstruir, duvidar, distanciar-se?”, pergunta-se Zizek (2003, p. 18), lembrando Kant e a proposta sobre o iluminismo de pensar o que quiser, desde que no final seja obediente. “O antigo lema, ‘Não pense, obedeça!’, a que Kant reage, é na verdade contraprodutivo: ele gera a rebelião; a única forma de garantir a servidão social é por meio da liberdade de pensamento” (ZIZEK, 2003, p. 19).

As coisas do mundo jamais poderão existir sem aspectos (atributos) pré-concebidos materialmente, que envolvem a natureza, consciência ou mesmo ciência. Materialmente, a energia produzida pelo corpo para aquecer a massa celular móvel retorna ao universo quando alimenta os microrganismos da terra. O homem não sabe o que lhe ocorre antes de nascer, não existe a mínima consciência disso, logo, não há preocupação, e, mesmo assim, se preocupa com a suposta continuidade da vida além da carne, não admitindo simplesmente o fim na escuridão, esquecendo-se de si neste processo de adivinhação, deixando de brilhar na fraternidade terrena, aceitando como normais as injustiças.

Figura 15 – Capa das duas versões de *Cemitério maldito*



Fonte: https://play.google.com/store/movies/details?id=X1XSv0J_Z3U.

Fonte: <https://www.paramountmovies.com/movies/pet-sematary-2019>.

A mais recente versão de *Cemitério Maldito* (2019, direção Kevin Kolsch e Dennis Widmyer, distribuição Paramount Pictures), obra clássica do escritor Stephen King, que possui uma versão de 1989, com basicamente o mesmo roteiro, explora a temática da continuidade da vida, da busca pelo eterno retorno. Na imagem, os pôsteres de apresentação das duas versões, a mais recente à esquerda.

Um terreno misterioso, antigo cemitério indígena, serve como um campo para ressuscitar aqueles que lá são enterrados. O protagonista enxerga a finitude do ser como o problema e a preservação da vida como valor autêntico de liberdade. O doutor Louis Creed, sua mulher Rachel e seus dois filhos pequenos percebem o “milagre” quando enterram o gato de estimação no local após seu atropelamento.

De volta à vida, aparecem efeitos colaterais macabros nos seres e o enredo caminha para o ápice do terror quando, desesperados, os pais resolvem enterrar um ser humano na área consagrada, gerando uma espécie de zumbi do mal.

A busca pelo retorno ocorre ao inverso do sentido bíblico do Deus material de Fromm (1967, p. 140), que trocaria o pecado pelo erro e, no sentido de causa e efeito, avança pela substituição da ameaça pela previsão.

Na história de terror aventada, o homem, além de enfrentar os julgamentos sociais, ainda se vale do sobrenatural para poder superar Deus e vencer a morte, algo inimaginável no planeta, o que acarreta a punição como efeito que deu causa, travestida na ressurreição de um novo ser demoníaco, perigoso, descontrolado.

Curiosamente, no mundo de carne e osso, os seres maus, enfurecidos e perigosos são fruto do próprio sistema individualista, que garante excelente nível de consumo a um quinto dos países, largando à própria sorte o restante da população. Como reclamar da violência se esta foi gestada para garantir a desigualdade social e o enriquecimento de uma elite dominante?

A relação do homem com um suposto criador também é simbolizado biblicamente pelo descanso sabático após Deus criar todas as coisas imaginadas e conhecidas. Fromm (1967, p. 158) remete esta tradição ao significado de Saturno da velha tradição metafísica e astrológica, simbolizando o tempo. Se é o deus do tempo, também é o da morte e o homem, enquanto semelhante a Deus com sua alma, amor e liberdade não estaria sujeito à própria condição de finitude temporal.

Em virtude deste panorama, a transcendência do homem (FREIRE, 1967, p. 40) se encontra enraizada em sua finitude e vai além para a consciência desta condição, “[...] do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação”.

Com a animalização exclusivamente material do ser, escraviza-se o humano pelo tempo e pela natureza. O Sabá, neste entendimento, no qual o homem se curva ao senhor do tempo, é substituído pelo Sabá bíblico que “[...] simboliza a vitória do homem sobre o tempo. O tempo é suspenso, Saturno é destronado no seu próprio dia, o dia de sábado. A morte é suspensa e a vida governa o dia do Sabá”, avalia Fromm (1967, p. 159).

O alerta de Sartre é que não pode existir liberdade e nem esta discussão com um ser para-si livre comprometido em um mundo resistente. Ser livre não significa

alcançar tudo o que quer, porém, determinar-se a querer, no sentido de eleição por si mesmo, sem o auxílio do sobrenatural, o que destroçaria a liberdade. Voltando à libertação da consciência, começa o questionamento sobre a liberdade do oprimido, dos sofrendores e daqueles que não podem eleger nem se irão sobreviver ao amanhã. Mesmo ainda considerando a eleição ao ser idêntica ao fazer, a liberdade implicaria a previsão e aceitação de resistências (SARTRE, 1961, p. 311).

As feridas do mundo e os sistemas tiranos, neste sentido, existiriam para serem transcendidos e mesmo o ser para si não é apenas uma decisão em si mesma, mas em conjunto com o ser pertencente a uma família, uma nação e uma classe.

Do ponto de vista de Sartre (1961, p. 321), essas seriam estruturas abstratas sustentadas, seguras e além da natureza físicas das coisas, por meio do seu projeto, e a existência do outro, sem dúvida, aporta um limite à liberdade individual porque devido ao surgimento do outro apareceriam situações que não seriam anteriormente escolhidas.

Para esta questão do imponderável e dos desejos mútuos, Fromm, humanisticamente, encontra um sentido para o Deus criado na Bíblia, que apresenta o princípio de amar o inimigo, ou seja, amar o estrangeiro, que nos dias de hoje pode ser tranquilamente transformado com o refugiado e com a luta para o rompimento com um sistema que se alimenta de guerras, misérias, fome e exploração dos mercados de capitais. Neste sentido de “retidão” ao bem-estar do próximo como aldeia global, o conceito de amor ao inimigo, precisou ser impulsionado por regras e sistemas e, por exemplo, “[...] a Torá é uma lei que dirige o homem para que imite Deus, instruindo-o na ação certa”, indigita Fromm (1967, p. 150).

Pensar para si, ser um ser em si, de acordo com Paulo Freire, pressupõe a assunção da consciência e quanto mais disponível e aberta está a mente, mais livre pode se tornar o homem, não de acordo com Deus – de acordo com cada entendimento sobre a metafísica individualizada, expressão pura e consciente como direito de crença – mas em comunhão com a ciência que pode leva-lo a entender os mistérios do universo – a própria explicação científica é em si a busca pelo divino maravilhoso, pelas respostas, mesmo que estas se encerrem no nada. Por isso a importância dos temas geradores, transformados aqui em categorias epistemológicas para a educação, partindo da liberdade, tendo como interface o cinema. “Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis”, retoma Freire (1979, p. 18). Isso ocorre

porque “[...] na medida em que os homens tornam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nesta medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas da realidade”.

Neste sentido, Sartre (1961, p. 335) indica que o próprio ato de liberdade é assunção e criação da finitude porque a vida do escravo que se rebela e morre durante a rebelião não deixa de ser uma vida livre neste momento de escolha porque a situação está iluminada por um livre projeto, plena e concreta, o problema exultante e capital desta vida consistiria na indagação se haverá possibilidade de alcançar seu objetivo (SARTRE, 1961, p. 337).

Em outro sentido, a sociedade do consumo submerge o homem não a caminho de sua própria luta de liberdade, mas em uma falsa competição (ZIZEK, 2008, p. 100) com os semelhantes buscando nos demais o que lhe falta, projetando no outro seus próprios fantasmas e carências, dependemos de “[...] ellos, pero la tensión no se resuelve, la armonía perfecta no es posible, ya que los demás nunca ofrecen lo que buscamos”.

Sartre (1961, p. 339) conclui que o homem é condenado a ser livre, mas o mundo nos mostra que a liberdade plena só ocorre para poucos e depois de transcorrida muita luta. O homem carrega, segundo o filósofo existencialista francês, sobre seus ombros, o peso todo do mundo, sendo responsável pelo mundo e por si próprio, até pelo seu modo de ser. Insere-se neste contexto a responsabilidade e a consciência do autor sobre seus atos, que serão consequência da própria liberdade, entretanto, que responsabilidade pode-se exigir dos exilados do mundo?

Este fato só poderá ser válido caso se recorra à análise do *karma* ou dos resultados de causa e efeito oriundos de vidas passadas, tema que destoa dos objetivos da libertação do homem – tema já proposto por Platão – por si mesmo e com senso da justa medida do consumo ecológico para uma vida mais igualitária e em comunhão a partir do tempo presente.

No interior da percepção de Zizek (2008, p. 100), o ser deveria aprender a encontrar dentro de si o que pretende encontrar no outro, até o complemento masculino e feminino. Só assim, continua, o ser humano será “[...] un ser platónicamente completo, emancipado de toda dependencia exclusiva del otro (ya sea jefe o pareja), liberado de la necesidad de extraer energía de los demás” (ZIZEK, 2008, p. 100). A partir daí, o sujeito livre verdadeiramente ao se associar com o outro “[...] no será sino el vehículo de determinado mensaje; procurará entender a través de

todos esos mensajes su propia evolución íntima y su maduración” (ZIZEK, 2008, p. 100). A ligação pela ação ocorre “[...] porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte, que o liberta. No ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz” (FREIRE, 1967, p. 40).

Cabe associar o estado de crise com a necessidade de transformação e liberdade. Neste recorte, a crise passa a ser um ponto de ruptura no qual apareceria a verdade da exploração e, desta maneira, se abriria espaço para a liberdade dos seres, capazes de escolher seus próprios destinos, mesmo que apenas no mundo da matéria. Claramente está associado a esse contexto o próprio oprimido, que sempre em crise, só conseguirá a libertação total a partir do momento em que o estágio devastador for tamanho que as classes dominantes não mais sirvam de apoio, exemplo ou de ideal a ser alcançado.

No Brasil, o projeto de Nova República pós-ditadura, a partir de 1988, desmoronou enquanto conseguia por alguns anos dar poder de consumo às classes depreciadas pelo sistema, bem como com a inserção de políticas sociais. Não houve real combate à desigualdade, que consiste, além do aumento de renda do mais pobre, a necessária diminuição de poder dos mais ricos, diminuindo o espaço de concentração de riquezas.

A esquerda nacional deixou de lado as suas bases, aliando-se a inimigos históricos e, com caráter desenvolvimentista, acreditou que poderia governar ao lado dos opostos em nome de um suposto consenso de classes. Ao jogar no lixo a própria concepção de luta de classes, não atentou que a elite brasileira é suicida, aposta no quanto pior melhor para novamente se unir no caos para novas reformas que empobrecem ainda mais os oprimidos.

Ingovernável, o país se mantém como um barril de pólvora ao lado de uma fogueira, pronto a ir pelos ares. “Quanto maior o risco, tanto maior a salvação”, prediz Leonardo Boff (2003, p. 9) sobre os caminhos escolhidos pelo corpo social planetário, sem saber para qual local a sanha pelo progresso individual, a desigualdade e o consumo desenfreado poderá conduzir os seres racionais com poderio para destroçar o planeta. “Quando mergulhamos em crises que afetam as razões de estarmos juntos e o sentido derradeiro da vida, então é tempo de pararmos um pouco e refletirmos sobre os fundamentos” (BOFF, 2003, p. 10).

O caminho escolhido, pela própria liberdade humana, tem afastado as pessoas do cuidado entre si, abrindo chagas de misérias entre povos, dando a impressão que

se anda numa eterna corda bamba, cercada por todos os lados de perigos infundáveis e sem porto seguro para a esperança, limitando a liberdade.

Neste caos, o que se pode prever, “[...] quem sabe, sejamos brindados com alguma inspiração promissora de como devemos ser e nos comportar nos dias atuais” (BOFF, 2003, p. 10).

O cenário é mais complexo do que o retratado no filme *A travessia* (2015, direção Robert Zemeckis, distribuição Sony Pictures Entertainment) sobre a jornada individual de Philippe Petit, acrobata, imbuído de atravessar as torres gêmeas do World Trade Center usando para isso apenas um cabo de aço ligando as duas torres, em 1974. Ele não tinha autorização, mas havia perspectiva de redenção e sucesso, como diz o ditado popular, uma luz no fim do túnel. A liberdade também é uma travessia que passa da consciência estática para a conscientização; a linha tênue onde anda o equilibrista é a sociedade da opressão e em crise, que, de acordo com seu grau, encadearia o processo de mudança, tendo o opressor como centro desta transformação. A cena do filme ilustra esta concepção.

Figura 16 – *A travessia*, uma situação limite



Fonte: <https://www.sonypictures.com/movies/thewalk>.

Diante das ameaças e oportunidades – um chavão do marketing contemporâneo – que é viver, o ser “já é revolução” (NEGRI, 2016, p. 15). O devir nesta perspectiva pode estar contaminado com a visão de mundo “errada” dos opressores. A crise consiste em reação. Negri (2016, p. 18) indica que na modernidade, a lógica do pensamento se dobra “à densidade da linguagem comum”. Além disso, há uma reflexão no que diz respeito ao pensamento funcional, explodido em reflexões sobre comunicação, em uma epistemologia que se estrutura através das

catástrofes. Muitas religiões, por exemplo, apontam que a salvação só será viável após o homem “decaído”.

Já no título, *O livro de Eli* (2009, direção Albert y Allen Hugues, distribuição Sony Pictures), película estrelada por Denzel Washington, dá mostras de que a salvação da humanidade se encontra dentro do livro, a Bíblia referendada pelos fiéis. O cenário é de crise em um mundo pós-apocalíptico, desertificado, sem recursos naturais como na cena exposta.

Figura 17 – *O Livro de Eli*



Fonte: <https://www.warnerbros.com/movies/book-eli/>.

Eli é um cego, mas o espectador não percebe sua condição. De corpo e alma, o protagonista circula o país em direção oeste, sendo perseguido por marginais que pretendem recuperar a “escritura”. Trata-se de um exemplar em braile e o protagonista armazena todas as suas frases gravadas em sua memória.

A liberdade como necessidade fica atrelada à memória e o homem decaído procura resgatar os supostos direitos naturais da sociedade que um dia foi civilizada. No contexto espiritual idólatra e fanatizado, o ser almeja uma realidade perfeita e

ficcional vinculada à salvação além-túmulo, sem perceber que a construção do ser na matéria é a única garantia e esperança para a convivência mais fraterna e cuidadora do espaço comum da Terra.

A liberdade, através da busca da felicidade imediata, também consciente e singular, advinda da perspectiva de um mundo orientado pela ética, passa a ser a única esperança entre a construção e a destruição. Boff (2003, p. 11) também propõe que da inquietação surja a mobilização em torno “de um paradigma ético e moral à altura dos desafios que experimentamos”.

O *remake* de *Mad Max, Estrada da Fúria* (2015, direção George Miller, distribuição Warner Bros.), ganhador de seis Oscars, delineia um contexto pós-moderno da busca pela sobrevivência e, como resultado, de libertação, como única possibilidade de existência. Assim como em *O livro de Eli*, o cenário é de caos, seca e escassez.

Figura 18 – *Mad Max*, nova versão do futuro distópico e um herói obrigado a agir



Fonte: <https://avalanchestudios.com/mad-max/>.

O ex-policia Max é raptado pelos capangas de Inmortan Joe, um líder tirano que remonta a extrema direita mundial, dono da Cidadela, onde oprimidos e esfarrapados brigam por migalhas e água em uma perceptível batalha de classes sociais. Furiosa, mulher explorada pelo líder do mal junta-se a Max, homem com alucinações por causa das mortes que não conseguiu evitar no passado. O cenário africano, onde o filme foi filmado, lembra as terras áridas de Marte; a humanidade ainda luta pela energia suja do petróleo. Há escravos usados como bolsa de sangue para benefício do líder, uma analogia aos trabalhadores que doam sua força vital para o enriquecimento do patrão.

No quadro, da esquerda para direita, opressor (líder da Cidadela) e os oprimidos em *Mad Max*, a mulher em posição de submissão, voltada para a reprodução, o herói sem voz com uma máscara de ferro e o escravo doador de sangue, remontando os trabalhadores que doam seu tempo e força de trabalho ao capital e formam também massa de consumo.

Figura 19 – A necrofilia do opressor sob o oprimido em *Mad Max*



Fonte: <https://avalanchestudios.com/mad-max/>.

No fragmento acima, a liberdade atua como pujança do oprimido que é impingido a reagir. Para Negri (2016, p. 31), há um duplo caminho filosófico: o metafísico constituinte do humanismo, que conduz ao misticismo utópico panteísta, da liberdade constituída no mundo; e o político, tendo a liberdade como potência dos sujeitos, negando a alienação deste direito natural. Não se nega a liberdade inerente do nascimento. “Uma política que, na medida em que recusa a alienação do direito à vida (e à livre expressão desse direito) inerente a cada indivíduo, é francamente antidialética – e opõe-se, com isso, fora das grandes linhas do pensamento político da burguesia (NEGRI, 2016, p. 31)”.

Fica claro que a liberdade dos sujeitos singulares deve construir a segurança coletiva em “*experientia sive praxis*”. “Não basta apenas a observação e a descrição. A *praxis* seria um método certo e incontestável”, explana Negri (2016, p. 32).

Na mesma sintonia, corroborando com Paulo Freire, que prevê a ação cultural para a transformação, Gramsci (1974, p. 89) defende a filosofia da *praxis* em seus escritos, com a transformação partindo da estrutura para a sobreestrutura, realizada através da consciência dos homens. “Isto significa também a passagem do ‘objetivo

ao subjectivo' e da 'necessidade à liberdade'". A estrutura mencionada exerce a força exterior da atualidade esmagando e tornando o homem passivo, que "[...] transforma-se em meio de liberdade ético-política, em origem de novas iniciativas" (GRAMSCI, 1974, p. 89).

Urge a aparição, por condições históricas, de um momento especial transformador. "A determinação do momento 'catártico' torna-se assim, em minha opinião, o ponto de partida de toda a filosofia da práxis; o processo catártico coincide com a cadeia de sínteses resultantes do desenvolvimento dialéctico", avalia Gramsci (1974, p. 89). Resta saber quando se dará conta a população oprimida de seu papel na crise ou se manterá desacordada na espera de um milagre extraterreno, sendo a massa de manobra das elites dominantes.

Quanto ao amortecimento do povo e a radicalização para um pensamento nacionalista, violento e racista, Zizek (2008, p. 17) cita o exemplo da Alemanha no início dos anos trinta, diante de incapacidade de dar conta da crise, gerou o esfarelamento do discurso convencional burguês e abriu margem para o avanço, em relação ao discurso socialista-revolucionário, do "[...] discurso antisemita nazi como el que permitía 'leer con más claridad' la crisis: esto fue el resultado contingente de una serie de factores sobredeterminados". Impôs-se a legibilidade, não apenas na relação entre as narrações e as descrições em conflito com a realidade extra discursiva, "[...] relación en la que se acaba imponiendo la narración que mejor 'se ajuste' a la realidad, sino que la relación es circular y auto-referencial: la narración pre-determina nuestra percepción de la 'realidad'" (ZIZEK, 2008, p. 17).

Uma sociedade livre e organizada constitui-se com a execução de trabalho igualitário e comunal e é exatamente, nas palavras de Negri (2016, p. 44), o que representaria um escândalo permanente envolvendo a hegemônica tradição ocidental "[...] do pensamento político que jamais conseguiu desconectar da formação da sociedade a determinação de alguma hierarquia, ou da construção da legitimidade a transcendentalidade normativa desta". Surge a noção errônea da liberdade, que por ignorância, arrogância, prepotência ou soberba humana conduz ao individualismo extremo e ao aumento da desigualdade. Estar consciente de suas ações não significa estar livre, pois é ignorada a causa que o oprime.

A própria educação, quando não libertadora, reforça a propensão do homem ao ódio, oriundo da falta de oportunidade. Em contrapartida, encontra o homem em servidão, ou mesmo em consciência fanatizada quando não consegue refrear seus

afetos, como vimos nos exemplos fílmicos levantados até aqui. Resta saber se esta consequência advém como causa da exploração social que o humano sofre devido ao sistema atual ou aos sistemas até hoje adotados, que não dão conta das necessidades reais do ser.

A necessidade de liberdade não significa ignorar existência através do outro. Freire (1967, p. 40) relata que viver não é apenas estar no mundo, mas transcender, discernir e dialogar. Apesar de ser um ato individual, existir se realiza em relação aos outros, em comunicação com eles. A sociedade da meritocracia faz do indivíduo empresa de si mesmo e troca direitos (saúde, educação, moradia) por serviços. No extremo, a película *Lista de Schindler* (1993, direção Steven Spielberg, distribuição Universal Pictures) cumpre o resgate da memória histórica do esforço de um empresário alemão (no centro da cena) que livrou mais de 1000 judeus durante o holocausto, agindo de acordo com o seu juízo e rompendo regras para proteger vidas. A ideia inicial era fazer fortuna durante o início da Segunda Guerra, mas os acontecimentos culminam com uma oportunidade de proteger os perseguidos da época. O protagonista inverte a defesa dos valores da sociedade da qual participava para arriscar sua vida pelos oprimidos.

Figura 20 – Cena de *A lista de Schindler*



Fonte: <https://www.universalpictures.com/movies/schindlers-list>.

A educação como ato de amor (FREIRE, 1997, p. 11), não só isso, mas ação de coragem e diálogo, também se traduz na busca pela libertação do oprimido. Tal relação prevê a ligação entre os dois polos da relação (aluno e professor) em apoio mútuo. Essa relação em defesa da democracia autêntica “[...] se defende sem odiar. Que se nutre da criticidade sem irracionalidade” (FREIRE, 1997, p. 121).

Figura 21 – Os oito odiados e a pulsão individual



Fonte: <http://thehatefuleight.com/>.

O avesso desta proposição, que também serve como objeto de estudo, é o filme *Os oito odiados* (2015, direção Quentin Tarantino, distribuição The Weinstein Company), história de um caçador de recompensa com a proposição de conduzir uma prisioneira durante forte nevasca. Durante o caminho, juntam-se ao grupo outro caçador de recompensas e o xerife. Com as péssimas condições climáticas, se abrigam em um armazém para viajantes, onde se deparam com mais quatro pessoas. No enredo, cada qual possui seus interesses e durante a trama acabam descobrindo segredos mortais uns dos outros. Na verdade, estava em jogo a própria individualidade de cada um. Na arte de divulgação da película, os oito protagonistas fanatizados pelo individualismo carregam atrás de si uma faixa de sangue, fruto da defesa apenas dos interesses próprios.

Toda metodologia proposta por Paulo Freire, que visa a libertação, apesar do ato de amar intrínseco à educação, é conduzido pela razão. Quando há maior dose de emocionalidade do que razão, o comportamento do homem “[...] não resulta em

compromisso porque se faz acomodadamente. O que caracteriza o comportamento comprometido é a capacidade de opção” (FREIRE, 1997, p. 61).

Figura 22 – A saída individual em *Natureza Selvagem*



Fonte: <http://www.christophermccandless.info/intothewildmovie.html>.

A odisseia de Christopher McCandless, ou “Alexander Supertramp” – baseada em história verídica do livro escrito pelo jornalista Jon Krakauer, 1996 – é relatada no filme *Na Natureza Selvagem* (2007, direção Sean Penn, distribuição Paramount Vintage). Em busca do autoconhecimento e do afastamento do capitalismo nocivo, o jovem larga sua vida promissora – carro, diploma, família, etc. – para viver na natureza, isolado no Alasca. Porém, o projeto não terminou bem, com McCandless morto (a causa de sua morte ainda é motivo de discussão e dúvida: ingestão de um fruto venenoso ou inanição) quando já tencionava voltar.

Além disso, o próprio filme que conta sua trajetória é um símbolo capitalista de vendas e produção. O simples afastamento da sociedade parece não resolver a própria sociedade se não houver a proposta de quebrar o sistema utilizando-se do próprio contexto social e da energia de diferentes movimentos, que não conseguem ganhar corpo em união.

Pelo percurso da liberdade até aqui, percebe-se que o cinema apresenta protagonistas que são movidos pelo desejo, mais ou menos consciente e que assim exercem seus limites de liberdade. A relação do desejo dos personagens centrais com as ações que dele advém para o bem e para o mal, em sinal de protesto, por prazer, para satisfazer um anseio, pela busca da verdade, surgem como reação à opressão e ao próprio sistema capitalista. Entretanto, este sistema não é colocado em cheque, mas aceito com paliativos para suportar a vida.

A liberdade, influenciada pelo mundo exterior e todos seus aspectos, age nas ações humanas, restando saber se as atitudes são provocadas por um impulso ou pela razão consciente. O cinema como interface para a educação, no sentido libertador de análise, ganha caráter de impulso para o bem e para o mal, abrindo margem para a imaginação do homem (FROMM, 1967, p. 100) e o que se alimenta cresce, tanto de forma positiva, quanto negativa, como já explanado.

O conhecimento é quem definirá a potência da mente e seu contraponto está na paixão que move o homem. Alguns preferem o poder, dinheiro e a fama, enquanto outros a justiça, como demonstrado pelo cinema.

Aqui se encontra a máxima do pensar certo e pensar errado proposta por Paulo Freire no decorrer de sua obra, e que será discutida no próximo capítulo desta tese. As decisões mentais surgem de uma necessidade e o caminho da liberdade deveria ocorrer pelo pensamento da ajuda mútua.

Neste mesmo sentido, Fromm (1967, p. 178) dispõe que os homens, cientes ou não, crédulos ou não, porém não alienados, mas com propósito humano, lutam pelo mesmo motivo, a libertação. Precisam despertar através do amor que lhes ajuda a compreender o outro e a si mesmo, afastando-se da idolatria. Se na história bíblica Deus é autoritário, apesar de compreender o sofrimento, lança ao menos uma semente de liberdade, que consiste na luta contra o ídolo; e o homem se faz livre de sua interferência (FROMM, 1967, p. 177), ou seja, se torna humano e no amor volta-se a si. Pela historicidade material, o homem faz nascer a si mesmo.

Quando Fromm (1967, p. 179) questiona se Deus estaria morto, emparelha a indagação à morte de Aristóteles. O mundo contemporâneo se afasta desta base filosófica a partir do século XIX com o avanço do ateísmo como resposta ao governo supremo, esquivando-se da problemática espiritual. Sobra a evolução material do ser – demonstrada no próximo capítulo – como a definidora dos destinos humanos, sobrepujando a necessidade por sobrevivência em contraponto ao caminho do individualismo. No passo seguinte da história, o homem vira “coisa” no século XX e passa a ser mero apêndice das máquinas (FROMM, 1967, p. 180) esvaindo pouco a pouco seu “estoque” de liberdade, que nunca veio pleno, mas manifesta-se pouco a pouco na construção material de luta pela vida.

Confuso e sem perspectivas no que diz respeito à subsistência material e anseios do desejo, o ser perde as rédeas de sua vida e, junto com o medo à transgressão, vem o declínio da liberdade. Esse ser procurando a catarse a todo custo

e apostando no gozo pode ser visto no *Clube da Luta* (1999, direção David Fincher, distribuição 20th Century Fox), filme narrado pelo protagonista: um homem de classe média, empregado da indústria automobilística, que em meio à solidão e ao vazio, usa o consumismo como válvula de escape. Insone desde os seis anos, como milhões de indivíduos, passa a consumir remédios para dormir e torna-se adicto de reuniões de grupos que apoiam diversas enfermidades.

Figura 23 – *Clube da Luta*



Fonte: <https://www.foxmovies.com/movies/fight-club>.

Talvez enxergue, relativizando, que o mal que o atinge não é tão “denso” e perverso quanto outros tipos de sofrimentos impostos pelo sistema e não pela escolha humana. Ao perder seus bens materiais após um incêndio em seu apartamento, passa a viver com Tyler, a quem conheceu dentro de um avião ao retornar de uma viagem de negócios. Brigam entre si propositadamente, formando, a partir da violência, o *Clube da Luta*, com dezenas de seguidores fanáticos pelo combate – nada muito distante dos espetáculos milionários de MMA da atualidade – e, como consequência, se origina o projeto Caos, grupo anarquista com objetivo de espalhar a violência e o caos pela cidade.

Percebe-se, no desfecho do enredo, que Tyler e o narrador são as mesmas pessoas, uma metáfora das máscaras sociais, necessárias no capitalismo moderno para que se possa fingir uma convivência saudável com o próximo. Com o esgarçamento social e a quebra de proteção aos mais pobres no Brasil, esses disfarces se rompem pouco a pouco e a violência e o racismo, antes controlados por um sentimento de predominância do “politicamente correto”, despontam como algo natural e aceito no dia a dia.

Em entrevista publicada na Electronic Book Review, Zizek (2018, p. 1) afirma que os liberais caracterizam *Clube da Luta* como proto-fascista, violento e com muito “blá, blá, blá”. Entretanto, a visão é mais trágica, pois a mensagem não é de violência libertadora, mas a libertação que dói. O capitalismo oferece como válvula de escape do mundo desigual um excesso de cortiço e prazer. Livrar-se disso dói. O poder totalitário do sistema mantém o controle com um prazer perverso e renunciar isso é doloroso. “O que eu não compro dos liberais é essa ideia de, como Robespierre teria dito, ‘Revolução sem revolução’, a ideia de que, de alguma forma, tudo vai mudar, mas ninguém vai ficar realmente ferido. Não, desculpa, dói” (ZIZEK, 2008, p. 1). A educação libertadora também requer coragem e enfrentamento, ainda mais quando o aluno é considerado um cliente. Adentrar à realidade, querer ser livre e classe de si mesmo requer romper com as facilidades do *status quo*.

A dupla personalidade discutida no filme revela a dupla face da sociedade envolvida numa crise de longa duração, com perspectivas desalentadoras. O mal em si, o próprio sistema, passa despercebido pelo personagem central, que se utiliza do consumo no primeiro momento e da luta (dor, agonia, poder) a *posteriori* como catarse, navegando pelo exílio existencial, amenizado pelo anarquismo violento, fadado a perecer sem soluções.

Demonstra-se na película a lógica post-política proposta por Zizek (2008, p. 34), que aos poucos desintegra a dimensão de universalidade presente na verdadeira politização. “La paradoja está en que no existe ningún universal sin conflicto político, sin una parte sin parte, sin una entidad desconectada, desubicada, que se presente y/o se manifieste como representante del universal excesiva y no funcional”. Sob esta ótica se desemboca na violência sem causa, que rompe com a liberdade tornando-se uma crueldade que vai “desde las masacres del “fundamentalismo” racista o religioso a las explosiones de violencia “insensata” protagonizadas por los adolescentes y marginados de nuestras megalópolis: una violencia que cabría calificar como Id-Evil, el mal” (ZIZEK, 2018, p. 35).

Contra o fenômeno acima, provocado pelo atual sistema econômico, preconizando hegemonicamente a disputa pelo acúmulo e não pela divisão, remanesce a volta ao originário presente no conceito do Deus material bíblico de Fromm (1967, p. 178): “o dedo que aponta a lua”, realidade humana atrás das palavras o invisível expresso poeticamente, que no oriente próximo era o chefe tribal supremo e se expandiu ao judaísmo no cristianismo. A inferência possível é que a liberdade

como processo se encontra na paz oriunda do sentido profético do homem, uno com a natureza (FROMM, 1967, p. 103). Não importa se a visão seja exclusivamente existencial e condicionada ao acaso, o saldo histórico material, imposto pela visão profética (FROMM, 1967, p. 109) recai em duas salvaçãoes de acordo com a profecia para o cenário caótico do capital, que tolhe a liberdade: pós-vida (que não é pretensão desta tese) e na Terra. Por incrível que pareça, em ambos os casos, a liberdade transcorre de forma coletiva, não individualizada.

Vistas duas concepções de liberdade (absoluta e como necessidade, que se misturam entre si) passa-se à terceira concepção proposta por Abbagnano (2007), que aborda a liberdade como medida da possibilidade em uma escolha condicionada, longe das predeterminações avaliadas até aqui e atreladas à liberdade de fazer e de querer, ligadas a questões políticas, culturais e de concepção de Estado; estas serão avaliadas no capítulo seguinte, juntamente com a sociologia presente na obra de Paulo Freire e a evolução social do homem além da realidade brasileira.

CAPÍTULO II – POSSIBILIDADE DE LIBERDADE

Quando adentramos ao problema da liberdade admitindo seu vínculo com a possibilidade, encerra-se a metafísica do ser – estudada como estopim desta tese no primeiro capítulo por intermédio da consciência do protagonista no cinema – para desembocar nos problemas materiais e históricos que permitem, a partir desta discussão, acampar possíveis soluções que se vinculem à educação, sustentada por intermédio da comunicação e o direito (informação), tendo como referência o cinema e sua simbologia recente.

Recorre-se à arte – cinema – como suporte para entender a visão de mundo do oprimido ou o que se esconde por trás da classe opressora como um discurso de manutenção e não a errônea visão particular, que por falta de humildade de intelectuais, por exemplo, poderia distorcer sobre a realidade brasileira proposta tanto por Paulo Freire quanto por Jessé Souza, ambos os autores explorados neste capítulo.

Desta sorte, sem desprezar os exemplos fílmicos recorrentes que pautaram a primeira parte desta tese, e ainda perseguindo esse tipo de análise já referendada, usa-se o estruturalismo genético de Goldmann (1975, p. 221) porque parte da hipótese de que todo comportamento humano tem a intenção de dar uma resposta significativa a uma situação particular, com a tendência em criar um equilíbrio provisório entre as estruturas mentais do indivíduo e o meio exterior.

Trata-se, nesta transposição, da possibilidade de liberdade dada pelo sistema social, que será discutido neste capítulo como proposta de método educativo para a conscientização contra o sistema capitalista, buscando no cinema o suporte capaz de desvelar as estruturas do sistema vigente, indicando maior ou menor grau de liberdade de acordo com a conscientização e dos processos que impõem níveis crescentes de desigualdade, inclusive de acesso à educação.

Segundo Camacho (2017) o uso do texto literário para compreender as sociedades humanas mobiliza os estudiosos das chamadas ciências sociais. O cinema também é considerado nesta tese como forma de enxergar o mundo como um texto literário, que “[...] enseja ao historiador e ao estudioso da educação não só compreender o processo político econômico, como desvelar o cotidiano de uma determinada sociedade” (CAMACHO, 2017, p. 108).

Através desta análise, entende-se as alterações de equilíbrio do ser como responsáveis pela mudança do mundo. Se o equilíbrio anterior é insuficiente, gera-se um novo equilíbrio e assim por diante. Na educação, as trocas entre aluno e professor propostas pela pedagogia de Paulo Freire fazem o papel contínuo deste pêndulo para angariar o máximo de consciência possível do aluno, entendendo que as realidades humanas atuam em processo de dupla vertente: “[...] desestructuración de estructuraciones antiguas y estructuración de totalidades nuevas aptas para crear equilibrios que puedan satisfacer las nuevas exigências de los grupos socieales que las elaboran” (GOLDMANN, 1975, p. 222).

A consciência, dentro das formulações teóricas de Goldmann, constitui um aspecto de comportamento humano. “A consciência humana está fundamentalmente ligada à ideia de divisão do trabalho e de representação da realidade. Neste sentido, cada grupo tem uma certa consciência de fato e real sobre as realidades sociais”, declara Camacho (2017, p. 30).

Seguindo os princípios da análise de Goldmann (1975), em primeiro lugar, é preciso saber qual a realidade do sujeito, bem como seu pensamento e a ação, aliando este pressuposto à própria realidade do aluno, como propôs Freire em sua crítica à educação bancária. Por isso, a necessidade da análise do contexto histórico e da estruturação do poder social para enfrentar o problema da liberdade.

O sujeito real, adotado neste segundo capítulo, é a própria coletividade construída historicamente e vista pelas lentes do cinema. O retrato dos motivos que impedem a liberdade do homem ou, em outra visão, aqueles que precisam ser entendidos para alcançar a liberdade, saltam aos olhos nos filmes aqui expostos e servem como estratégia para a conscientização do educando em conjunto com o educador.

“Tanto Paulo Freire quanto Goldmann utilizam o conceito de consciência, a fim de compreenderem a inserção dos homens na sociedade e no processo de produção da vida material”, confirma Camacho (2017, p. 32). Enquanto Freire busca a consciência crítica, Goldmann usa a terminologia da consciência possível, que além de expressar a maior adequação do pensar de uma classe social ou grupo à realidade, “[...] permite ao leitor refletir sobre os possíveis caminhos que poderiam levar os indivíduos, grupos e classes sociais a compreenderem o seu contexto histórico” (CAMACHO, 2017, p. 32).

A coletividade passa por uma rede complexa interindividual e cada indivíduo desempenha um papel nesse cenário. Vincula-se a obra, portanto, a um grupo social, não ao indivíduo, sem negar, dialeticamente, a importância deste último (GOLDMANN, 1975, p. 223). Goldmann pensou esta estrutura de análise para a literatura, mas inova-se aqui usando esta metodologia para o cinema.

A educação que faz emergir a consciência, a partir da vinculação da autoria da obra a um grupo social, tem obstáculos sociológicos propostos por Goldmann (1975, p. 223), que se encaixam nesta tese: a) determinar qual é a ordem de relações entre o grupo e a obra; e b) descobrir quais são as obras e quais são os grupos que podem estabelecer relações deste tipo.

Para o estruturalismo genético (GOLDMANN, 1975, p. 226), o caráter coletivo da criação literária, adaptada aqui para a criação do enredo cinematográfico, provém do fato de que as estruturas do universo da obra são homólogas às estruturas mentais de certos grupos sociais ou em relação inteligível com eles, enquanto que no plano dos conteúdos, a criação de mundos imaginários é regida por estas estruturas e, em certa medida, o escritor teria liberdade total. “Esta estructuración unicamente podría vincularse a aquellos grupos cuya conciencia tende hacia una visión global del hombre” (GOLDMANN, 1975, p. 235). Entende-se que só a partir de uma análise histórica-sociológica pode haver compreensão dos fatos culturais contidos em uma obra e sua significação filosófica.

Goldmann (1975, p. 236) ainda indica que a criação cultural compensa os compromissos impostos pela realidade aos sujeitos e facilita sua inserção no mundo real, o que pode ser fundamento sociológico da catarse, perseguida na forma de experiência por parte da relação aluno-professor, evidenciada no capítulo anterior. A obra se situa no ponto de confluência entre as formas mais elevadas das tendências e a coerência, próprias da consciência coletiva, e as formas mais elevadas da unidade e da coerência da consciência individual do criador. A obra pode ser crítica se está vinculada a um grupo com esta estirpe, mesmo assim a criação cultural não se encontra menos fundada sobre uma estreita coincidência entre a estrutura e os valores da consciência coletiva e a estrutura e os valores da obra.

Por exemplo, “[...] o método de alfabetização criado por Freire partia do pressuposto de que o educando deveria ser educado a partir de sua realidade” (CAMACHO, 2017, p. 22). Com o advento da globalização e da influência do império sobre os países subdesenvolvidos, entender a presente realidade global do sistema

capitalista que oprime os homens pode ser feito por intermédio do cinema. Portanto, só ações educacionais libertadoras, que contribuem para a construção do novo homem são capazes de gestar a evolução para uma consciência crítica que pressupõe uma curiosidade gnosiológica (CAMACHO, 2017, p. 25).

Se o objetivo é conscientizar para transformar, Freire (1979, p. 47), indica que há duas direções possíveis oferecidas à consciência ingênua. A primeira: o que se pretende usando o cinema como plataforma estimulante é galgar o nível de criticidade, ou o que “Goldman chama de ‘máximo de consciência possível’”; já a segunda: é uma distorção apresentada em forma irracional ou fanática. “O caráter mágico da consciência semi-transitativa é, na consciência ‘irracional’, substituído pelo ‘mítico’. A ‘massificação’ coincide com este nível de consciência” (FREIRE, 1979, p. 47).

Entretanto, não há identificação entre sociedade massificada “[...] com a sociedade em que as massas populares emergem no processo histórico, como uma visão aristocrática do fenômeno pode sugerir”, de acordo com Freire (1979, p. 47). A ideia de conscientização através da educação só faz sentido, segundo Freire (1979, p. 47), porque os homens são entidades conscientes, “[...] capazes de atuar e perceber, de saber e recriar”.

Não é apenas a sociologia crítica que compõe a obra de Goldmann, mas a filosofia social (LÖWR, 1995, p. 183) e neste sentido se encaixa a educação crítica de Paulo Freire, na qual se espera a conscientização do homem consigo mesmo e por fim para a comunidade, com o intuito de romper o individualismo do *status quo*, causador, em última análise, da degradação social. Este campo de análise está explicitado nos filmes abordados neste capítulo e no escopo total desta tese.

“O tema da comunidade é cimento que reúne esses dois momentos, proporcionando-lhes profunda coerência. Origina-se de uma crítica radical (porém dialética) da visão individualista do mundo, em todas as suas formas e variantes, desde Descartes até o século XX”, expõe Löwr (1995, p. 183) sobre as concepções de Goldmann abordadas nesta tese. Além de se interessar pelos fundamentos sociais e históricos deste individualismo, também discute criticamente os laços existentes entre o desenvolvimento da economia de mercado, na qual cresce o indivíduo como fonte autônoma de suas decisões e atos, e o surgimento do ser como fonte primária da ação e do conhecimento (LÖWR, 1995, p. 183).

Se os homens perdem a consciência de que há uma organização que transcende o individual e reconhecem o entendimento do indivíduo como autoridade

suprema, o mesmo ocorre com a educação e as representações sociais da sociedade demonstradas pelo cinema. Mesmo que o autor não queira, o meio social se reflete nas obras. Cria-se um vazio moral, anula-se um sistema particular de valores e volta-se para o interesse individual de cada ser para justificar uma harmonia que copiaria a lei do mercado. Porém, quando o capitalismo é ameaçado a moral burguesa, ainda vigente nos dias de hoje, “se adapta tão bem ao fascismo e à barbárie como as formas mais civilizadas do sistema democrático” (LÖWR, 1995, p. 185).

As consequências do uso das descobertas técnicas sem ética, além de se sobrepor à liberdade, pode resultar inclusive em catástrofes ecológicas, como se assiste no século XXI. Sem questionar as descobertas de Freud, Goldmann indica, entretanto, que as ações históricas, o controle da natureza e a cultura não se entendem e nem se explicam “[...] senão partindo de um sujeito coletivo, ou antes, transindividual” (LÖWR, 1995, p. 185).

Busca-se aqui, com apoio de Paulo Freire, a educação do homem com os outros homens, em relação ética-crítica-estética entre aluno e professor, entendendo que o Eu do indivíduo e sua relação subjetiva existe como reflexo da comunidade.

Segundo Löwr (1995, p. 186), “Goldmann pensa então como Marx, que é preciso privilegiar o papel das classes sociais enquanto grupo cuja ação é orientada para a universalidade, para a estruturação da sociedade”. E é na relação entre as classes onde se encontra o ponto de compreensão da realidade presente, passada e futura. O cinema, assim como queria Goldmann na literatura, pode expressar a visão de uma classe dominante e os seus resultados opressivos, como demonstrados neste capítulo, no que diz respeito à possibilidade de liberdade esvaída no sistema de competição capitalista.

A escola atual, em todas as estruturas, raras as exceções, reproduz o sistema vigente esquecendo o sujeito transindividual porque o pensamento “[...] individualista só conhece a verdade e o erro, o racional e o absurdo, o sucesso e o fracasso” (LÖWR, 1995, p. 187). Vive-se em uma eterna competição com o intuito de vencer o outro ou invés de se construir juntos soluções: os alunos de graduação de comunicação, por exemplo, são ensinados a se posicionarem em um mercado de trabalho que não se sabe ainda se resistirá em um ou dois anos.

A tecnicidade da educação ganha campo, no sentido de as ferramentas tecnológicas – cada vez mais simples de se utilizar – superarem o ensino da língua, da sociologia, da práxis social da profissão. Prepara-se para a reprodução do *status*

quo até em nível superior, no dito popular do “salve-se quem puder”. A aposta é o contrário, através do oprimido, construir homem transindividual que aposte na reação e no porvir histórico.

A educação também é uma possibilidade de liberdade e uma aposta, com conhecimento e conteúdo, mas ato de fé em si e esperança no outro oprimido. “O ato de fé, que se acha no ponto de partida da opção marxista, como qualquer ato semelhante, baseia-se numa aposta: a possibilidade de realização histórica de uma comunidade humana autêntica (o socialismo)” (LÖWR, 1995, p. 189).

Todos estes atos de experiencição do mundo só levarão à transformação ao se caminhar para a liberdade possível, estruturada na coletividade e no aproveitamento dos recursos e ideias, educativos, em comunhão, longe do senso egoístico e individual, como analisaremos a seguir.

2.1 Liberdade impossível e a fuga individual

Desde o suposto descobrimento do Brasil, a liberdade não foi uma possibilidade e nem mesmo considerada como instrumento de emancipação do povo oprimido e vilipendiado desde a criação da nação. O poeta Ferreira Gullar (2018) já dizia de onde vinham as benesses da classe média, sustentáculo da elite, em sua poesia *O açúcar*, fruto da exploração que ninguém percebe nos grandes centros – ou finge não ver – quando recebe em sua casa água quente, alimentos, um teto digno etc. Mas a fictícia bonança mediana se forjou na exploração dos escravos e de uma libertação velada, deixando-os à própria sorte para que se misturem às favelas e até hoje permaneçam sem perspectiva de ruptura com esse quadro macabro de subalternidade¹³.

¹³ O açúcar
O branco açúcar que adoçará meu café
Nesta manhã de Ipanema
Não foi produzido por mim
Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
E afável ao paladar
Como beijo de moça, água
Na pele, flor
Que se dissolve na boca. Mas este açúcar
Não foi feito por mim.

Este açúcar veio
Da mercearia da esquina e
Tampouco o fez o Oliveira,

A poesia de Gullar, supostamente apenas um encontro com o pessimismo vivido no pós-modernismo, é passível de redundar num grito de liberdade capaz de fazer o “açúcar”, fonte de abastecimento dos privilegiados pelo sistema, azedar ou perder o gosto. Se bem que hoje, o açúcar é o fruto viciante e devastador de uma indústria que produz doenças em troca não só do dinheiro e das mentes dos incautos, mas até da manipulação científica.

Espera-se das artes em geral, além da beleza em si e da fruição sensorial, o despertar para a revolução cultural original contra o sistema que se coloca sobre todos com privilégios para poucos, principalmente em países ainda subdesenvolvidos aonde a dignidade nunca chega. A música da banda *hardcore* CPM 22, *Atordado*, apresenta uma breve medida das consequências psicológicas advindas da impossibilidade de liberdade que atinge a população.¹⁴

Dono da mercearia.
Este açúcar veio
De uma usina de açúcar em Pernambuco
Ou no Estado do Rio
E tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
E veio dos canaviais extensos
Que não nascem por acaso
No regaço do vale.

Em lugares distantes,
Onde não há hospital,
Nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome
Aos 27 anos
Plantaram e colheram a cana
Que viraria açúcar.

Em usinas escuras, homens de vida amarga
E dura
Produziram este açúcar
Branco e puro
Com que adoço meu café esta manhã
Em Ipanema.

¹⁴ Atordado
Foram-se os dias
Manhãs tardes e noites a esperar
Toda uma vida
Esperança de uma chance pra mostrar
Desiludida a ponto de tentar tudo apagar de uma só vez
Buscando ainda
dignidade e respeito
Uma saída
Para um momento de desespero
Com as mãos vazias
e a mente atormentada a ponto de tudo arriscar

A busca é por apenas uma chance – quantas crianças não estão desoladas neste rumo? –, dignidade e respeito, mas a resposta não chega e nos momentos de desespero resta “as mãos vazias e a mente atormentada a ponto de tudo arriscar”. Arriscar o quê? Uma revolução ou tirar a própria vida? Claro que a ingenuidade da canção pueril é só um pequeno reflexo dos transtornos psicológicos que o sistema promove ao decorrer dos séculos de falhas e desigualdades, culminando com o aumento das taxas de suicídio e com a explosão de casos de depressão, tornando-a uma doença invisível e tratada com preconceito, um problema de saúde pública mundial e que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), tornar-se-á o principal motivo de afastamento do trabalho no planeta até 2020.

Arriscar tudo nos confins da pobreza passa a não ser uma escolha, mas uma força desleal que consome as fibras do ser no empuxo frenético conduzindo para a violência. Ao ser vilipendiado da própria possibilidade de liberdade, mesmo alienada, as mentes em massa são levadas, como o equilibrista na corda bamba, a assumirem qualquer tipo de risco e até enveredar pelo salto ao precipício, buscando na queda um alento. Só no Rio de Janeiro, 800 mil pessoas trabalham para o crime e dessas, 40% têm entre 16 e 29 anos¹⁵.

Segundo Freire (1997, p. 17), conhecer a realidade não é capaz de mudá-la. Por outro lado, ao investigar a realidade de maneira crítica, o processo educativo libertário contra o *status quo* e que se afasta do simples depósito de conteúdo, prevê

E agora, o que sobrou?
Tristeza é o que ficou?
Achar uma maneira de sair daqui

Atordoadado ele se foi
dizendo que não aguentou
Cobranças de um mundo o qual não entendeu jamais
Atordoadado ele si foi
parece que não mais voltou
Desistiu de tentar mais uma vez aqui

Nada pode lhe parar
Voltar a ver o sol nascer
Tudo o que possa alcançar
Será que é tarde pra viver?

Compositores: Luciano Garcia

Letra de Atordoadado © SONY/ATV DISCOS PUBLISHING OBO MIDAS PUBLISHING

¹⁵ A informação da Inteligência de segurança do país é do jornalista Paulo Henrique Amorim, que indica ainda que 40% destes trabalhadores do crime fazem parte da polícia ou mesmo da política institucional. CONVERSA AFIADA. 800 mil trabalham para o crime no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/tv-afiada/800-mil-trabalham-para-crime-rj>. Acesso em: 26 jan. 2019.

que o educando conheça e reconheça os objetos de estudo para se desvincular do seu opressor, em busca do distanciamento da liberdade. O aqui e o agora do educador devem ser o lá do estudante e sua realidade. Mesmo querendo libertar o aluno, este precisa por si só encontrar sua razão (FREIRE, 1997, p. 31).

O discurso neoliberal (FREIRE, 1997, p. 46) prevê a adequação do aluno-sociedade aos fatos dados. Não há chance de mudança e a cada eleição, a cada golpe político, a cada abuso de poder são solicitadas novas adaptações do povo, com a ideia de que o sacrifício do oprimido mais uma vez torna-se necessário para superar uma crise sem fim, que desponta em intervalos de tempo mais exíguos.

O resultado desta imposição sistemática se dá com a busca individual por liberdade, mesmo que de forma errada, confirmada com exemplificação de dois filmes a seguir (*Ônibus 174* e *Beleza Americana*). O projeto educativo se traduz em manter o sonho de transformação com a denúncia do presente, instando o anúncio do futuro possível (FREIRE, 1997, p. 47).

Esse efeito colateral diário, que torna os índices de homicídios comparáveis ou superiores a de países em guerra civil, tem nome e sobrenome, como Sandro Barbosa do Nascimento, cuja história verídica ilustra o roteiro do documentário policial *Ônibus 174* (2002, direção José Padilha, distribuição Zazen Produções). O protagonista é o retrato do mais abandonado oprimido brasileiro no qual, ainda por cima, recai toda sorte de preconceitos e pré-julgamentos, sem levar em conta que este sujeito, usurpado do ser para si, foi gestado devido a uma dominação cultural advinda da formação da sociedade do preconceito no Brasil como será discutido ainda neste capítulo.

Sobrevivente das mazelas humanas, Sandro viu sua mãe ser assassinada a facadas quando tinha seis anos de idade. Como em muitas famílias, o menino não tinha pai, foi criado pela tia em Niterói, no Rio de Janeiro, e se envolveu com o crime e com as drogas, passou por verdadeiras masmorras modernas e ainda sobreviveu à Chacina da Candelária, em 23 de julho de 1993, quando oito meninos de rua foram mortos por seis homens – três policiais foram julgados e condenados – que se “vingaram” dos menores após estes apedrejarem uma viatura.

A tragédia anunciada, imponderável, seguiu seu rumo com este protagonista da realidade, que representa milhões de jovens cuja única opção está no crime. Em 12 de junho de 2000, na capital carioca, Sandro, munido de um revólver calibre 38 assaltou um ônibus. O roubo virou sequestro com duração de mais de quatro horas.

O saldo do horror: uma refém morta pela polícia e o assaltante abatido em um camburão após estar totalmente imobilizado; três dias depois seria enterrado como indigente, na presença de sua tia, mártir ao lado de uma párea social, de acordo com a opinião comum da sociedade.

O documentário, teoricamente, intenciona educar e apresentar os dilemas do mundo de forma mais “real” possível entre o jornalismo e a ficção sobre o real. *Ônibus 174* contextualiza a condição de vida estrutural de Sandro e em cortes temporais, perpassados por entrevistas, reconta toda a trajetória de um jovem que nunca possuiu ao menos uma chance, um caminho ou o apoio para evitar a vitória da violência.

Figura 24 – Duas versões do *Ônibus 174*



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt1280567/>.

Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt00340468/>.

Na imagem acima, realidade e ficção se misturam com a cena real do documentário *Ônibus 174* (à esquerda) seguida pela reprodução da imagem do filme *Última Parada 174* (2008, direção Bruno Barreto, distribuição Paramount Pictures) (à direita no alto) e do retrato jornalístico de um novo sequestro de um veículo público de passageiros no Rio de Janeiro, desta vez na Ponte Rio-Niterói, em 2019, que culminou com a morte do sequestrador¹⁶.

¹⁶ A foto jornalística é de Fabiano Gomes, da Agência O Globo, <https://epoca.globo.com/rio/sequestro-na-ponte-rio-niteroi-bope-o-trauma-do-onibus-174-23889901>

Este é o resultado da escravidão brasileira, que não libertou o povo preto, mas o largou à própria sorte, rodeado por inúmeros pré-conceitos. Há um pano de fundo da fronteira separando o Primeiro Mundo digitalizado do “deserto do Real” que é o Terceiro (ZIZEK, 2003, p. 52). “É a consciência de que vivemos num universo artificial isolado que gera a noção de que algum agente ominoso nos ameaça permanentemente com a destruição total” (ZIZEK, 2003, p. 52). Sem perspectiva e liderança ou se fantasia uma melhora milagrosa do sistema que visa à opressão ou se enterra no pessimismo sem fim com a massa se questionando quando será a próxima crise ou quando será possível não ser sofrido comprar um botijão de gás na periferia de São Paulo, onde muitos voltaram a cozinhar a lenha.

Se o fruto coletivo da opressão desastrosa é o desabrochar da violência evoluindo como um vírus no corpus da sociedade brasileira, todo o estado de tensão projetado no ser, também pela desigualdade e o individualismo, traz efeitos psicológicos e desajustes subjetivos, como demonstrado em *Beleza Americana* (2000, direção Sam Mendes, distribuição Universal Pictures). Entretanto, a grande diferença entre a sociedade norte-americana e o Brasil consiste na desigualdade, abordada no decorrer deste segundo capítulo. Entretanto, os efeitos deste reflexo social, como indicado por Goldmann (1975), são perceptíveis através do enredo cinematográfico.

Figura 25 – *Beleza americana* e o escape das imposições sociais



Fonte: <https://www.amazon.com/American-Beauty-Kevin-Spacey/dp/B00BOX842S>.

A reflexão sobre os valores sociais recai sobre o vazio humano e a imposição cultural que remete ao modelo capitalista do sucesso – mesmo que seja a visão de mundo de uma parte progressista da sociedade, mas que não se opõe ao sistema, no qual a felicidade se reveste do êxito financeiro, da manutenção do emprego e da família

heterossexual, bem como das concepções morais como símbolo de status. São histórias de seis personagens que retratam tanto o perfil psicológico, quanto situações limites sobre posturas sociais e crenças dos protagonistas, mantidas por aparências.

Lester Burnham, 42 anos, o protagonista da película (foto), interpretado por Kevin Spacey – ator que sofre processos por assédio sexual nos Estados Unidos –, como muitos cidadãos em todo o planeta, está desencantado e deprimido com sua vida de executivo, sua esposa materialista e infiel e sua família, que inclui uma filha adolescente com a qual não tem contato. Tudo que faz é suportar o que a sociedade lhe impõe e seu melhor momento do dia é no chuveiro, pela manhã, quando se masturba.

O impacto do sistema opressor, neste caso e mesmo sem a tremenda desigualdade dos países do terceiro mundo, causa desajuste natural nas relações humanas e o que garante a sobrevivência material pode não ter relação com a realização, a paz e a felicidade individual. Resta o sonho para oprimido, entretanto, o sonho alienado. Não se faz educação sem sonhar, mas a educação libertadora se dispõe a enfrentar o sistema enxergando a realidade do oprimido, galgada na esperança de transformação.

A ruptura de Lester consiste em largar o emprego – passa a ser atendente em uma rede de *fast food* sem responsabilidade –, cuidar do corpo, fumar maconha e desejar a amiga adolescente de sua filha. Um retorno à adolescência como catarse contra o sistema que na frieza da razão não combate em si o *status quo*. Zizek (2003, p. 99-100) levanta a espontaneidade e a atitude de “deixa cair”, “[...] de se permitir liberdade excessiva [...] àqueles que têm meios para tanto – os que nada têm só têm a própria disciplina”.

Não se trata do condicionamento coletivo, mas uma economia subjetiva apoiada pelo culto corporal extrato econômico subjetivo que servem para realizar o Eu interior “[...] o que explica por que a obsessão com o próprio corpo é uma parte quase obrigatória da passagem dos ex-esquerdistas radicais à ‘maturidade’ da política pragmática: de Jane Fonda a Joschka Fischer” (ZIZEK, 2003, p. 99-100).

O período de latência entre fases, segundo o autor eslavo, se demonstra pelo culto ao próprio corpo. São todas soluções individuais como um alívio para um problema pessoal. Na vida real, várias máscaras usadas para conviver minimamente entre os pares em variadas situações. Tais máscaras aniquilam a vontade livre do ser. *Beleza Americana* ainda apresenta o coronel Fitts, militar opressor e gay enrustido,

que imagina ser Lester também homossexual. Seu filho é o fornecedor de maconha do bairro. Revoltado por ser preterido sexualmente pelo protagonista, usa de violência para justificar sua masculinidade conservadora.

O desapego e a busca de Lester lhe trouxe consciência do que era importante em sua vida, apesar de ter supostamente conquistado tudo o que as convenções sociais estabelecem. Os próprios conceitos gerais padronizados aos quais o homem é submetido acabam funcionando como dose opressiva e sendo fator de limitação da liberdade. Desse jeito, a crítica dos demais – retratada pelos padrões sociais – ajuda a reprimir e sacrificar os instintos e necessidades naturais do humano.

Sem a conscientização e uma estrutura de liderança, que pode vir da educação, não há superação do medo para enfrentar uma realidade cruel, que pelo desenrolar social do dia a dia parece emparedar ainda mais o oprimido que, acuado, não encontra um ponto de saída ou uma alternativa mesmo de luta contra a opressão. Submete-se, então, à aceitação do que lhe é dado e ainda agradece de bom grado, iludido pelo conformismo e falácia de que este sistema criado como religião pelo próprio homem é o único modelo que salva a humanidade. Ruim com ele, pior sem ele, como diriam os antigos. Mas esta aceitação não chega desacompanhada de complexos, angústias, apatias e desespero do povo humilde, sem controle de sua própria vida.

A ideia, proposta filosoficamente pelo filme de que a beleza está em toda parte e nos detalhes da vida em si, é uma opção de vida e sem dúvida uma visão de mundo que pode acalentar os corações sonhadores e de classe média, mas não é capaz de desmontar a estrutura que corrompe a liberdade. Além disso, a ideia de que o importante é ter vivido com coragem também falseia a liberdade plena do ser, que não conhece realmente o que é ser livre e nem o processo de luta que ao menos poderia leva-lo à libertação.

Beleza Americana traz um estopim para liberdade que se encontra na rebelião contra a opressão. Não a rebelião individual, mas a partir da conscientização do ser e da tomada de decisão de mudança; o verbo rebelar eleva-se como opção de luta contra aquilo que oprime e desintegra a liberdade.

Não pode ser a desesperação o estopim da mudança. Se a beleza está sempre presente, encontra-se nesse fio condutor uma esperança de luta apoiada na essência das coisas, através do sentimento. O oprimido só conseguirá expressar o que quer e seus próprios desejos quando tem a mente liberta do conservadorismo, rumando para os juízos próprios que o conduzirão à percepção da possibilidade de liberdade, mas

com ação de rebelião própria e não induzida pela sombra opressora, independente de tempo e espaço. A rebelião não se dará sem a se aprofundar pela questão do de consumo que garante a sobrevivência humana.

2.2 Liberdade e consumo: sistemas de sobrevivência

Ao analisar a liberdade como possibilidade, também é necessário mergulhar na realidade dos sistemas de sobrevivência da espécie humana e, por consequência, na realidade brasileira, perpassando pela ética e política.

Sempre do geral para o específico, não se despreza as crenças individuais que interagem com deuses e forças superiores, mas o próprio sistema pelo qual muitos dão a vida – não pelos campos de batalha, que ainda existem, talvez em menor proporção, porém pela fome e pobreza, sem abordar a problemática questão da felicidade e da depressão – é uma crença cultural que se admite e se cultua como louvor de muitos subjugados pelo sistema temporal e financeiro da época atual, aliando informação e desinformação.

Parece que a liberdade de pensar e questionar só pode sair das estruturas já arraigadas pelo poder moldado através da evolução do homem neste planeta, passando pelas fases de coleta de alimentos, pela consolidação da agricultura e as diversas revoluções das máquinas e que, hoje, aproximam-se das mentes com dispositivos para tornar homens supostos super-homens sem mais precisar pensar, criticar e refletir. Para Freire (1997, p. 45), as questões locais e totais dos discentes fazem parte da realidade do aluno, por isso o processo de entender e discutir o entorno do educando se liga às questões globalizantes do planeta.

A informação e desinformação caminham de mãos dadas esperando que algum ente político, social ou cultural faça a seleção da verdade em nome da massa amorfa. Se não existe solução imediata, também não projeta liberdade, apenas uma construção época-temporal da política vigente que confunde, dá esperanças e, por fim, conduz as massas ao caminho que se entende como o melhor.

Os humanos saíram do útero como vidro derretido, capazes de serem moldados com liberdade e a raça humana ascendeu rapidamente à cadeia alimentar no período de cerca de 100 mil anos. Entretanto, o ecossistema não teve tempo de se adaptar. A consciência animalizada do homem, associada com a biologia da evolução

e à busca pela sobrevivência da espécie, não deu espaço para a vida comunal de preservação, mas corroborou com o individualismo.

Foi a revolução cognitiva, há 200 mil anos, que fez da espécie humana, a partir da África, capaz de tecer mitos coletivos e gerar a noção de cooperação coletiva (HARARI, 2015, p. 30), que hoje parece se perder nas propagandas para impulsionar o consumismo.

Manifestam-se, então, as lendas, mitos e a imaginação de histórias não existentes, enfim, a ficção ajuda os homens a governar. “Os mitos não têm autor. Pertencem à sabedoria comum da humanidade, conservada pelo inconsciente coletivo sob a forma de grandes símbolos, de arquétipos [...]. Em cada geração emerge na consciência sob mil rostos”, confirma Boff (1999, p. 49).

Nesta acepção pode-se abordar a teoria da ficção, que faz o homem imaginar e prever o futuro, por intermédio das artes e do cinema. Ficção, mesmo que inconsciente, fugaz, aleatória e inventiva ao extremo torna-se uma oportunidade de reinvenção do ser e da busca da reversão das mazelas do mundo como a desigualdade social.

Outro período importante para entender a ruptura do humano para o consumismo processou-se com a revolução agrícola há 12 mil anos – domesticação de plantas e animais, assentamentos permanentes. Se o trigo domesticou o homem, hoje a tecnologia exerce o mesmo papel. “[...] os luxos tendem a se tornar necessidades e gerar novas obrigações” (HARARI, 2015, p. 94), tornando o homem escravo da matéria de consumo.

Enquanto os caçadores coletores tinham mais conhecimento abrangente, o chamado agricultor começou a desenvolver habilidades específicas. Na questão religiosa, os coletores poderiam ser chamados de animistas, ou seja, cultuavam entidades que lhes prestavam um suposto auxílio em particular. Já o teísmo “[...] é a visão de que a ordem universal se baseia em uma relação hierárquica entre humanos e um pequeno grupo de entidades etéreas chamadas deuses” (HARARI, 2015, p. 62).

Todavia, ao analisar a ordem natural e a ciência, não se encontra nenhum mito. Todo esse processo de conhecimento do próprio ser baseado nos mitos e lendas, que de certa maneira tolhem a liberdade humana – ressignificada por visões divinas –, moldou o homem que conhecemos hoje, ser individual que busca a sobrevivência a qualquer custo.

2001 *Uma Odisseia no Espaço* (1968, direção Stanley Kubrick, distribuição United Artists), marco pontual da ficção científica, entre outros substratos que serão analisados, denota a evolução do homem conduzida por uma força extraterrestre não especificada no decorrer da trama dividida em duas histórias paralelas – principal e secundária – mas independentes entre si. Verossímil criar uma relação entre os conceitos do desenvolvimento deste capítulo com a evolução – desde os pré-hominídeos até o soerguimento do *homo sapiens* desbravador do espaço – social da espécie humana, mesmo que em forma ficcional.

Figura 26 – *Odisseia no espaço* e a construção de mitos



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt0062622/>.

A introdução, emblemática e sem o uso das palavras, mistura a ascensão mitológica e genética do que seria o homem de Charles Darwin em sua teoria científica, mas intercutado pelos mitos do surgimento das consciências individuais e coletivas. Enquanto evoluem geneticamente de acordo com a própria natureza, os australopitecos se deparam com um totem negro, sendo assim apresentados à noção mitológica de Deus (foto).

Apesar do esquecimento quanto ao ícone, parece que alguma força sobrenatural emana do objeto para orientar a saga humana que no segundo momento descobre as ferramentas – ossos de animais mortos – que lhe proporcionam uma vida melhor. Mais três monólitos são recorrentes na trama.

O segundo monólito é encontrado na superfície lunar, já no século XX, quando astronautas norte-americanos realizam uma escavação desbravadora.

A perplexidade é a “mesma dos homens ancestrais” e de certa medida comprova a existência de uma inteligência extraterrestre. Na verdade, é um alarme – direcionado a Júpiter – o artefato que avisa os seres alienígenas do avanço humano.

Os norte-americanos decidem empreender uma longa viagem em direção ao planeta inóspito, mais ou menos o que se tenciona em relação a Marte nos dias atuais.

O terceiro monólito aparece na órbita de Júpiter, encontrado pelo único astronauta sobrevivente. No momento seguinte, o viajante se vê sugado pela peça sobrenatural, que na verdade é uma porta para uma viagem pelo cosmos. A viagem pelo infinito acaba com o astronauta em um quarto de hotel, mas com jeito de simulacro e aparentemente longe da Terra. Esta é a condenação do viajante terráqueo, a vida como em um zoológico neste quarto preparado supostamente para ele, com requisitos para sua sobrevivência. Antes de morrer, o personagem encontra o último monólito ao lado de sua cama e é transformado em um primeiro indivíduo de uma nova espécie, o Menino das Estrelas, não mais dependente do corpo físico, mas viajante e desbravador do universo.

A outra trama diz respeito ao computador perfeito e sem a capacidade de errar, Hal 9000, supervisor da nave Discovery, que leva o terráqueo a Júpiter e se liga nos dias de hoje à inteligência artificial e de que forma, quando ou como as máquinas terão alma. Hal, na verdade, tem como objetivo o sucesso da missão de chegar a Júpiter para investigar a existência de vida além da Terra. O dilema está no fato de escolher uma decisão má para cumprir o objetivo, mais ou menos no estilo de “os fins justificam os meios”.

Em analogia a Hal, pode-se explicar a evolução da humanidade sem planejamento, apenas tomando atitudes mais próximas e racionais momentâneas para garantir a sobrevivência. “Um Ato sempre envolve um risco radical, o que Derrida, seguindo os passos de Kierkegaard, chamou de loucura de uma decisão: é um passo no desconhecido, sem garantias quanto ao resultado final”, pondera Zizek (2003, p. 184), justificando que um “Ato altera retroativamente as próprias coordenadas em que interfere”. A falta de garantia, ainda de acordo com autor não pode ser suportado pelos críticos, desejosos de um Ato sem risco transcendental, incapaz do fracasso radical. “Resumindo, parafraseando Robespierre, os que se opõem ao ‘Ato absoluto’ se opõem também ao Ato como tal, querem um Ato sem Ato” (ZIZEK, 2003, p. 184). E assim caminhou a humanidade, perdurando até hoje, de Ato sobre Ato, em evolução aleatória.

Com a evolução humana para a vida em sociedade fixa, novos elementos inerentes às tecnologias e ao acesso aos bens de consumo começam a aparecer e a fazer parte da rotina, gerando novas necessidades alinhadas ao simples consumo.

Mesmo os milênios que separaram a revolução agrícola da formação das cidades não foram capazes de instaurar na espécie humana o senso de cooperação, que poderia garantir possibilidades para a liberdade.

Os valores sociais enraizados nesta busca frenética por acumulação e sobrevivência acabam exercendo um papel de transmitir esse tipo de visão de mundo e normas pragmáticas imperceptíveis para a maioria. Harari (2015, p. 119-122) indica três fatores que impedem o ser humano de perceber que a sociedade, em sua organização, é fruto da imaginação:

- a) a ordem social está incrustada no mundo material e se finca no individualismo. A realidade que nos rodeia está imposta e todos os anseios aos quais se luta, pré-concebidos. O mito ganha forma, alma e matéria sem que se perceba. Autômato desta realidade ilusória ainda resta perceber o ser humano munido de um facho de luz interior, contrapondo aos nobres medievais que lutavam pelo nome e pelos “brasões” familiares;
- b) a partir desta ordem imaginada o homem passa a definir os seus desejos, seguindo padrões irreais impostos e que não possuem ligação com a natureza ou ciência; e
- c) a intersubjetividade desta ordem imaginária, ou seja, um único ser, mesmo capaz de se libertar do estado das coisas impostas, não é capaz por si próprio de influenciar a mudança de pensamento de milhões de pessoas. Toda esta relação entre objetividade (independência da consciência e crenças humanas), subjetividade (dependente das crenças e consciência de um único indivíduo) e intersubjetividade (ligação da consciência subjetiva de muitas pessoas) influencia nos padrões de comportamento humano e no funcionamento da sociedade.

Os preconceitos não científicos e as barbáries como a escravidão passam, então, a ser retroalimentados em um ciclo vicioso de causa e efeito, que intenta justificar o mal ou a superioridade de um grupo social, mesmo que de acordo com a pigmentação da pele, gerando também privilégios de uma minoria transformada em elite controladora dos bens de produção – no século XXI não mais dos meios de produção, mas manipuladora dos mercados de capitais. A história, como entendia Marx, passa a se repetir, favorecendo a manutenção dos privilégios, haja vista que para ocorrer igualdade e liberdade aquela classe social que possui melhores condições, necessariamente, precisará ceder em algo (HARARI, 2015, p. 173).

Clarifica-se que “[...] ser e a substância jamais são puros ou nus: são sempre instituição e história, e a verdade nasce da luta e da construção humana da própria temporalidade”, diz Negri (2016, p. 138). Tal ideia corrobora para produzir inclusive o próprio comando capitalista para a morte.

O pior de tudo é que a memória passa a ser registrada como a voz do dominante ou do vencedor (TAVARES, 2014), a exemplo do caso brasileiro, abordado na sequência deste capítulo.

O próprio Direito “[...] é o comando de quem venceu a guerra: mas ninguém nunca vence a guerra. Por consequência, a história se apresenta como emaranhamento e como embate, como dualismo mais do que como processo unitário”, aponta Negri (2016, p. 143), avançando na relação entre Maquiavel e Espinosa para “[...] ancorar um futuro projeto revolucionário no passado e no presente das lutas: *sedition sive jus*”.

A educação para a liberdade se faz para desmascarar a relação de opressão que gera a desigualdade, inclusive na sociedade pautada pelo sucesso dos bens materiais. “Na sociedade de consumo, a opressão burocraticamente administrada é a única alternativa para a liberdade do consumidor. E o mercado consumidor é a única saída da opressão burocrática” (BAUMAN, 2014, p. 124).

Por isso, a conscientização se torna força oposta à burocracia que ameaça a liberdade e a visão revolucionária. “A conscientização é uma defesa contra outra ameaça, a da mistificação potencial da tecnologia, de que tem necessidade a nova sociedade para transformar suas estruturas retardatárias”, diz Paulo Freire (1979, p. 47). Desta conscientização surge o direito do oprimido à liberdade, mesmo que seja por intermédio do levante.

2.3 Democracia, liberdade e o direito ao levante

Pelo percurso até aqui, aufere-se que não basta apenas resistir eternamente, surgindo o direito ao levante extraído das lucubrações de Negri (2016), que entende nascer o processo institucional dentro da luta, mas além, e propõe-se nesta tese a educação como política, libertária e, por consequência, revolucionária. “Por exemplo, é do desenvolvimento da indignação que a sedição é proposta: mas é a partir do desenvolvimento da sedição que se abre a expansão revolucionária da liberdade” (NEGRI, 2016, p. 144). Só assim nasce como base em oposição ao *imperium* de Negri

ou à hegemonia de Gramsci “[...] a potência de desenvolver uma verdadeira democracia revolucionária, multitudinária das lutas” (NEGRI, 2016, p. 144).

Se o ser político de Freire (2018, p. 146) está arraigado no despertar da consciência para quebrar a hegemonia ao “fazer” – agir transformador – “[...] a consistência do conceito de multidão encontra-se assim na tensão de um desejo comum. E é nesse desejo comum que a instituição se funda”.

Sem a consciência esse jogo de palavras, acima, se torna impossível, pois qual vontade irá prevalecer senão a democracia de grupelhos cínicos? O levante emana do coletivo quando “[...] o conhecimento é confiado à resistência, e a felicidade, à paixão racional da multidão” (FREIRE, 2018, p. 151). Multidão, no contexto da realidade brasileira escapa da classe média “hype” carnavalesca que manterá a esquerda do *status quo*, se assemelha como sinônimo dos oprimidos periféricos, viajando entre zonas para chegar ao centro do poder espacial que ainda se coloca longe do poder capitalizado pelas ações.

Mesmo com a manipulação do controle do poder, como citado acima, “[...] o direito civil e a República são a potência da *multitudo* – e o direito é democrático porque os próprios homens o constituíram” (FREIRE, 2018, p. 194). Não se transfere a outrem o poder e nem o direito. Ou seja, não pode o homem renunciar sua condição, nem existir um soberano que exerça apenas a sua vontade. Neste sentido caminha a educação para libertação.

O contrário desta máxima tão importante ocorre na falta de conscientização e na exploração vil e maquinada com estratégia e requintes de crueldade exercida pela elite dominante da realidade brasileira. A apologia da liberdade, eivada de tolerância e realização só pode ser feito se a massa ascender ao poder ou na ideia de Paulo Freire, através da conscientização do oprimido, que se conscientizando, também liberta o opressor.

Esta construção se exerce apenas junto ao oprimido em processo constante de esclarecimento, estudo e ação “[...] porque é da práxis que a democracia precisa”, avisa Negri (2016, p. 199). A noção rompe os séculos desde a origem do fascismo italiano, sendo “[...] preciso elaborar uma doutrina em que todas estas relações sejam activas e em movimento, fixando claramente que a sede desta actividade é a consciência do homem particular”, intui Gramsci (1974, p. 74), ainda determinando a necessidade desta mente progressista poder conhecer, querer, admirar e criar livremente “[...] enquanto já conhece, quer, admira, cria, etc., e em que se concebe o

homem não isolado, mas rico de possibilidades e que lhe são oferecidas pelos outros homens e pela sociedade das coisas”, sendo nada além do homem da liberdade atrelada à possibilidade.

A democracia que gera a independência total ou a *omnino absolutum* para Negri (2016, p. 225-226) tem alguns sentidos, aqui adaptados para a prática da educação:

- a) não é forma de governo, porém atividade social para a transformação, alcançando o eterno;
- b) no sentido quantitativo, demonstra a totalidade dos cidadãos em assembleia;
- c) no processo qualitativo, inspirado no primeiro item, torna-se a própria práxis, ou seja, processo de socialização – para Freire conscientização –, geradora da metamorfose de seres e comunidade, não como forma de governo, mas de legitimação e ao adentrar no poder soberano só pode ser entendida como democracia da multidão, “[...] absoluto autogoverno do conjunto das individualidades, que são conduzidas, no proceder de seu desejo, à constituição do comum” (NEGRI, 2016, p. 228).

Quando a democracia não apresenta os sentidos descritos nos itens relacionados, diversos momentos na história demonstram a liberdade do mais forte preponderando como a verdade. A cor do império global futurístico pode ser verde, na visão de Harari (2015, p. 215), porque nenhum estado nação tem condições de vencer sozinho o aquecimento global. Zizek (2003, p. 171) entende que os antigos romanos chamavam *Homo sacer* os excluídos da comunidade humana, apesar de *homo sapiens*, “[...] razão pela qual eles podem ser mortos impunemente, e, por essa mesma razão, não se pode sacrificá-los (porque não são uma oferenda sacrificial digna)”, situação similar aos periféricos mortos na violência indicados fartamente nos índices de dados oficiais do Estado.

Somente ao admitir a ignorância (HARARI, 2015) o homem se descola por um momento da soberania teísta e deságua à ciência tornando o planeta um palco único em termos de historicidade, a partir de 500 anos atrás. As luzes fazem o homem o centro do universo e a exacerbação do eu ganhar nuances de liberdade.

Sem a ciência não seria possível avançar à Revolução Industrial, progredindo simultaneamente para a revolução da informação e à internet das coisas, quando pequeninos robôs podem vasculhar suas veias com um mecanismo para romper a gordura impregnada pelo acúmulo do colesterol advindo dos produtos

industrializados, da falta de atividade física, do pouco contato com a natureza e no “frenesi” imposto pela cidade grande aos encarcerados em algum pedaço de terra figurada, seja na favela ou mesmo nos minúsculos *kitnets* dos centros das grandes capitais – moradias de até 25 metros quadrados cada vez mais valorizadas em megalópoles como NY, Tóquio, São Paulo, Roma, etc.

A dinâmica das cidades dormitórios e na consciência perdida nas cidades se encontra também nos escritores, a exemplo de Haruki Murakami e a trilogia *1Q84* (2013), uma fantasia mental num mundo não só regido pela matéria como também por uma realidade paralela e alternativa.

Observando o sistema social implantado no mundo historicamente pelas elites que se mantiveram material e simbolicamente no poder, seja por questões mitológicas, políticas e ou financeiras, entre outras, nasce a sociedade do caos, num sistema supostamente organizado, mas que mantém suas bases em torno de poucos e à custa da exclusão.

Harari (2015, p. 251) enxerga nesta decorrência dois sistemas caóticos de primeiro e segundo grau. Enquanto o primeiro pode ser previsível, ligado à natureza – previsão do tempo –, o segundo, beirando ao imprevisível, se liga às esferas da política bem como a micro e macroeconomia, que sofrem alterações a cada tentativa de controle para beneficiar alguém.

O sistema dito caótico pode até gerar uma errônea sensação de liberdade para aqueles que confiam na meritocracia e por outro lado propiciar o descontentamento, a desesperança e a aceitação daqueles que se enxergam sem saída, sendo a parte dominada pelo sistema. Pior, sem dúvida, aquele que adere ao sistema para ser explorado e garantir a própria sobrevivência do ciclo vicioso de dominação. A educação, por exemplo, segue esta mesma lógica exploratória, reproduzindo o *status quo*. Os consumidores não vislumbram o outro lado, tudo passa pelo “[...] interior bonito e exuberante de seus carros”, quando vão ao Terceiro Mundo, se dignam aos safaris e à natureza, mas esquecem das “[...] condições desumanas de trabalho” (BAUMAN, 2014, p. 133).

A exploração do homem pelo trabalho, religião ou sistemas de governo irrompe através da cultura espalhada mitologicamente de geração em geração. A cultura atua como uma hospedeira dentro dos seres que passa suas características para o outro formando uma grande rede de costumes, tão eficiente quando a internet e as redes sociais da atualidade.

Porém, o estágio de neoliberalismo dominante no qual o Planeta se encontra é fruto de um processo lento, que passa pelas fases de cognição, de agricultura, científica, industriais e tecnológicas retratadas acima. Esta crença no individualismo pode ser vista como a teoria da necrofilia proposta por Freire (2018) em seu trabalho seminal, indicando que o homem precisa vencer o homem, precisa dividir e conquistar, acumular ao invés de experimentar a liberdade de uma vida comunal, destinada ao fim das desigualdades.

Um exemplo está na corrida armamentista. Se um país investe em seu poderio bélico, o vizinho concorrente tende a fazer o mesmo espalhando a ideia errada em todo o Globo. O sistema armamentista não tem consciência, apenas busca sobreviver e reproduzir simultaneamente. Esta espiral de desenvolvimento não se preocupa com a qualidade de vida do ser humano e nem com a diminuição da desigualdade, mas por razões misteriosas – e por que não egoísticas? –, acaba prevalecendo entre a maioria. A história progrediu sem considerar a felicidade dos indivíduos. Acredita-se que apenas a organização coletiva dos oprimidos seria capaz de romper com a bifurcação histórica que pende sempre pelo mais forte e pelos sistemas desiguais que se apresentam até agora.

Já a evolução cultural se basearia “[...] na replicação de unidades de informação culturais chamadas ‘memes’” (HARARI, 2015, p. 253). Neste processo, as culturas de maior sucesso tendem a se sobressair, independentemente da falta de justiça social que possa existir do decorrer da dinâmica existencial. A cultura do opressor e da dominação se espalha como organismo vivo pela força, mantendo a opressão aos mais fracos que sem perceber são cooptados culturalmente e passam a defender o modo de vida do outro.

Na sociedade da desinformação, na qual a quantidade de material informativo amplamente acessível – na maioria das vezes raso em sua qualidade – não pode ser checada no todo, gera distorções na própria realidade e corrobora para a manutenção do *status quo*. Apenas o processo de conscientização popular ergue-se como instrumento para desvendar o que se esconde por traz da produção de conteúdo, bem como seus interesses. A própria estrutura de formação escolar no Brasil e a falta de oportunidades neste sentido, contribuem para a constante retroalimentação da desinformação¹⁷. A linguagem simples dos memes internéticos o torna uma

¹⁷ Dados estatísticos indicam que as classes mais oprimidas financeiramente possuem reduzidas chances de figurarem entre as melhores notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), ou

ferramenta de slogan fácil/fatal para incutir ideias e conceitos nas classes oprimidas, incapazes de pensarem por si próprias.

Freire (1979) indica que a ação cultural para a liberdade se impõe contra a elite dominadora do poder, mas a revolução cultural desenvolve-se em harmonia com o regime revolucionário, sem que isto signifique uma subordinação. “Toda revolução cultural apresenta a liberdade como finalidade. Ao contrário, a ação cultural, se for conduzida por um regime opressor, pode ser uma estratégia de dominação: nesse caso jamais chegará a ser revolução cultural” (FREIRE, 1979, p. 48).

Toda revolução cultural proposta pela educação parte do subjetivo para o coletivo. Entretanto, o mundo em seu atual sistema, inclusive educativo, desenvolve-se para o individualismo, o Deus do liberalismo que promete riquezas. Capital-individualismo é o único sistema em que a massa acredita, ou é moldada para acreditar, esperando um golpe de sorte a fim de ascender à esfera mais exitosa desse sistema de classes pós-moderna, que por causa da multi-informação esbarra em questões culturais. Não se pode expressar uma crença individual.

É obrigatório cultuar o Deus Mercado, atrelado ao Deus único do criacionismo, além das promessas que nunca chegam, nem ao menos é “legal” abraçar uma fé alternativa, seja o psicodelismo, xamanismo ou astrologia. Tudo isso deveria ser extrato inferior e direito garantido à espécie, perdendo relevância aos valores humanísticos que ainda se mantêm vivos a duras penas.

Não resta nenhuma alternativa e nenhuma liberdade possível ao se aderir ao *status quo*. Negri (2016, p. 267) faz a pergunta fundadora: “Sempre foi o que é uma democracia não achatada pelos modelos da ‘representação’ e não esmagada pela gestão burguesa da sociedade. [...] democracia da multiplicidade, dos contra poderes, da igualdade atravessada pela liberdade”.

Este cenário, que se demonstra caótico, é analisado na obra de Freire, datada de 1959, que sintetiza os problemas modernos a partir da percepção do Brasil – com o processo de globalização cultural, nomeado de colonialismo. Com o constante avanço da ciência, as diferenças culturais entre os países tendem a ficar imperceptíveis e a valoração das “liberdades” a serem adquiridas sofrem discussões para ao final se alinharem a um punhado de temáticas que voltam sua carga ao

sistema de trabalho-sobrevivência humana, entranhado primeiro na questão ecológica e depois na produção humana e da gestão do tempo livre.

Abre-se, de acordo com Negri (2016, p. 32), a dialética positiva dirigida ao mundo, rumo à superfície e à possibilidade, “[...] de tal forma que o determinismo, e a física, fundada sobre a pulsão de produção do mundo, passa a ser concebida como base e fonte do alargamento do horizonte material e humano”. A liberdade do indivíduo passa a ser definida como uma “potência constitutiva”.

Não se produz para gozar o tempo, somente para sobreviver através do tempo em uma luta que se trava sozinho, pois em comunhão se poderia romper o próprio sistema. As armas não são disponibilizadas a todos de forma igualitária. Como animais, a influência genética das transformações de milhares de anos moldou a disputa de hierarquias que, de acordo ao seu grau de classe, melhora suas condições de administração do tempo.

O processo impacta em toda a distribuição sociológica das comunidades. É salutar romper com ilusões geradoras de despotismo e, em alusão aos estados de consciência propostos por Paulo Freire (1959), indicar que não se deve pecar pela simplificação da percepção dos problemas e acreditar que o tempo passado foi melhor do que o presente, o que se percebe durante a história da democracia recente brasileira, na qual, a salvação da nação estará nas mãos de apenas um suposto comandante, passando pelos presidentes eleitos Collor, FHC, Lula, Dilma e Bolsonaro.

Negri (2016, p. 129) revela “[...] a hipocrisia da democracia capitalista, que combina a produção de desigualdade com a proclamação dos direitos iguais, que submete a liberdade de todos à violência do modo capitalista de produção e à chantagem de um comando de poucos”. O cenário indica uma ameaça mesmo de destruição, “[...] desvelado e denunciado, assim como qualquer outra forma de organização do poder que torne escravo, preso entre rigidezes burocráticas e jaulas ideológicas, ou dentro da hipóstase de uma totalidade, o incomprimível de desejo de liberdade” (NEGRI, 2016, p. 129). Sobra, a partir desta análise, a potência da democracia fundadora com possibilidade de liberdade igualitária, verdade, otimismo e razão. Enxerga-se a partir daí as particularidades da realidade brasileira influenciando na construção da liberdade.

2.4 Realidade brasileira e o diálogo para construção da liberdade

Para Paulo Freire (1959), em sua discussão sobre a realidade brasileira, o diálogo segue como um caminho possível para a busca da liberdade, com a intenção de aproximar extremos, considerando como princípio o homem inacabado, que conversa consigo mesmo e com sua espiritualidade, mas observando como ponto primordial a tentativa de permeabilidade da consciência.

A liberdade contrasta com a impermeabilidade de consciência (FREIRE, 1959, p. 30), carregando em seu *corpus* as seguintes características parafraseadas:

- a) subestimação do homem comum. Na sociedade brasileira, os desamparados de todas as sortes são os próprios culpados por sua própria sorte; ainda sofrem preconceitos e sua tragédia recai sobre si mesmo. No mercado de trabalho se exige cada vez mais capacitações mesmo sem a mínima estrutura básica social. Primeiro o mantra é: faça um curso superior; depois, especialização e pós-graduações; na sequência, idiomas e cultura “superior”. Caso estas condições não quedem satisfeitas, o culpado é o próprio oprimido;
- b) impermeabilidade à investigação. Apenas através da ciência, do debate, do confronto de opiniões será viável encontrar soluções sociais justas, que possam diminuir a desigualdade social que trava o desenvolvimento progressista brasileiro. Em tempos de desinformação, de excesso de informações não confiáveis, de mídia corporativa com interesses mercadológicos e de propagação de *fake news*, a ciência perde valor e a todo momento torna-se necessário comprovar fatos notórios ou descobertas científicas óbvias ou já testadas e nunca superadas até o presente. Investigar é conhecer o próprio ser, é buscar a verdade em todos os momentos – mesmo que esta realidade seja infinita – e assim galgar a liberdade possível;
- c) gosto por explicações fabulosas e forte teor de emocionalidade. Ora, se não se abre a oportunidade do debate e do confronto de ideias, na abertura das contas públicas brasileiras, da auditoria da dívida pública e da previdência social, abre-se espaço para justificativas que não condizem com a realidade, com o uso da forte emoção, manter o *status quo*, escravizando modernamente os oprimidos;
- d) desconfiança pelo que é novo; buscar a liberdade é procurar a novidade em todos os sentidos. Não se pode crer que na sociedade pós-moderna, com os riscos ecológicos enfrentados pelo homem, com as constantes guerras e

problemas alimentares, que o ser humano atingiu a plena liberdade social e coletiva. O medo do novo escraviza as pessoas e as coloca em um estado de paralisia perante o sistema destrutivo do capital que impera sobre todos. Petrificados, os oprimidos aceitam o atual sistema daninho como a única forma possível de se viver. Não existe libertação nesta vida e qualquer proposta nova ou quebra do sistema, é encarada como o inatingível, como se o capitalismo fosse algo natural, inerente ao próprio homem, força superior e sobrenatural;

- e) preferência da polêmica e não do debate. Como já citado, a desinformação e a falta do senso crítico e da cientificidade, prefere-se adentrar no campo dos ataques à pessoa, às posições humanísticas ao invés de debater soluções históricas possíveis. Encaixa-se, em sequência, o item fragilidade de argumentação, instigando o gosto pela polêmica ao invés da discussão, mesmo de campos opostos de pensamento, para com a dialética encontrar caminhos possíveis de bem-estar popular;
- f) conformismo. Nada mais que o fruto proeminente dos itens elencados acima e conquista da classe dominante perante a massa oprimida, caída, inerte em seus barracos e na jaula dos ônibus e demais transportes públicos da cidade, abarrotados como latas de sardinha humana, incapazes de revolucionar sua própria realidade.

O contrário da impermeabilidade da consciência é a transitividade crítica na educação, que, por sua vez, contraria os erros acima e aprofunda as explicações e problemas, isolando as mágicas voluntaristas, concentrando-se nos princípios causais, recepção do novo, argumentação e humanização do homem.

A transitividade crítica de consciência ocorre ao analisar e reanalisar de forma livre a história e tentar reformular o contexto social para averiguar, discernir e tomar direção por opções mais justas de caminhos para a massa sofredora, com a força estruturante ausente de preconceitos, sem a imposição de uma única visão de mundo capaz de se transformar na fonte de misticismo corrente nas nações governadas pela ultradireita.

Ao deterem-se na história, as causas que destroçam a liberdade dos flagelados brasileiros podem ser expostas para que em algum momento a consciência dos dominantes se liberte, mesmo só após uma crise que atinge também a classe média, como remédio amargo para dissolver o conservadorismo e o ódio ao mais humilde e desamparado. A crise não é a conclusão de um destino, mas o pressuposto da

existência, aponta Negri (2016, p. 130), lembrando que uma filosofia do comunismo remonta a uma reconstrução além da crise.

Para entender a origem da sociedade brasileira presa em sua consciência impermeável, o que limita a liberdade da grande massa de oprimidos internalizada abaixo da miséria, se reconhece o *apartheid* social, que cria diferentes extratos de classe média atenta contra a distribuição de renda e oportunidades, fatores essenciais para abrir possibilidade de liberdade.

É a “elite do atraso” (SOUZA, 2017) e não o oprimido o responsável pelas mazelas sociais impeditivas do abandono da pobreza e da libertação da nação no sentido humanista da palavra de possibilidade da mínima distribuição de renda.

A visão do mundo que se instaurou no país, desde a chegada dos exploradores europeus prosperou arraigada nos pareceres religiosos, fechados e intelectuais. Além disso, a legitimação perde a naturalidade na crise, tornando a visão de mundo “errada”, uma prisão para o povo brasileiro.

Ademais, processou-se a separação entre espírito e corpo da igreja cristã, baseada também em Platão com relação à virtude de evitar inclusive a loucura no combate contra as paixões. Não foi Platão que propagou isso, mas a reiterada atuação dos religiosos (SOUZA, 2017, p. 16).

A ação institucional primeira, religiosa, e depois hoje da indústria cultural dos bens de consumo, fortalecem esta visão de mundo subserviente com a ideia-força principal de separar e hierarquizar o mundo. Suplantou-se, desde a escravidão, uma classe moral e espiritualmente inferior, os chamados oprimidos. "Colonizar o espírito e as ideias de alguém é o primeiro passo para controlar seu corpo e seu bolso. Controla-se a partir do prestígio científico, portanto, tudo que importa na nossa vida" (SOUZA, 2017, p. 18-19).

Ao criar a figura do homem cordial para o brasileiro, Gilberto Freyre, na visão de Souza (2017, p. 21), enxerga erroneamente o culturalismo como algo positivo e único, característica essencial.

Sobreveio a ideia de demonizar o estado brasileiro e libertar sem questionamentos os verdadeiros culpados das mazelas sociais, ou seja, os juro e o capital. Surge o termo culturalismo racista e liberal conservador “[...] única teoria explicativa abrangente e totalizadora que o Brasil possui [...]” (SOUZA, 2017, p. 23). Se a história brasileira se constituiu pela escravidão, não é assim que a elite se

enxerga, mas fruto de uma elite europeia, que detém “naturalmente” os saberes e o melhor “espírito”.

Enquanto Freire (2018) aborda a relação de necrofilia entre oprimido e opressor, Souza (2017, p. 33) desenvolve a definição de sadomasoquismo social, patriarcal na personalização da cultura brasileira, porque os donos de terra, desde sempre, não encontravam uma autoridade superior – mesmo que na Coroa –, que tolisse suas rédeas e sanha assassina de dominação.

Esta relação de submissão que bloqueia a liberdade de pensamento, suga até a energia vital e a vontade de existir pode ser associada à vampirização; a relação de sadomasoquismo social ou a necrofilia entre opressor e oprimido nada mais é do que a quebra das forças do mais fraco por intermédio da elite dominante que usa todos os recursos possíveis – cultura, religião, democracia, força etc. – para se eternizar no poder.

Figura 27 – *Entrevista com o vampiro* e a relação oprimido e opressor



Fonte: <https://www.amazon.com/-/es/Entrevista-el-vampiro-Blu-ray-Warner/dp/B00UGQG520>.

Um exemplo desta relação de drenagem das forças humanas aparece no filme *Entrevista com o Vampiro* (1994, direção Neil Jordan, distribuição Warner Bros). Baseada na novela de Anne Rice, a película conta de forma lúdica a relação entre

dominados e dominadores, encarnados no papel dos vampiros, que literalmente se nutrem do sangue de suas vítimas para manterem-se jovens pela eternidade, o sonho de consumo de muitos.

Aqui o burguês retarda sua morte ao máximo, enquanto o índice de jovens pretos e encarcerados chocam os nervos daqueles que se preocupam com o outro. Na imagem do filme, uma analogia possível para entender as relações de dominação de classe: o opressor (vampiro) ao dominar o oprimido, faz com que este se transforme em sujeito da opressão, pois aquele em situação de dominação enxerga naquele que oprime um exemplo de vida a ser seguido.

Entrevistado por um jornalista, a entidade sobrenatural e sanguinolenta, revive suas experiências demonstrando os movimentos cíclicos da existência. Outras obras do cinema e da literatura – popularescas, mas que atraem milhares de consumidores – como *50 Tons de Cinza* e a *Saga Crepúsculo*, mencionam de certa maneira a dominação de um ser perante o outro. O que pode impactar os incautos é que, alienado e inconsciente, o oprimido passa a ter prazer por essa dominação e defende o opressor, sonha em ser como ele. Fica clara a naturalização das desigualdades como um impedimento à liberdade, como visto a seguir.

2.5 Naturalização das desigualdades rompe a liberdade

No Brasil da escravidão os mestiços familiares ligados ao opressor eram usados para o controle dos escravos. Ainda existiu a questão do povoamento de uma grande extensão de terra por um país pequeno – Portugal – gerando o super-homem nietzschiano do avesso, ou seja, em terras tupiniquins tudo era permitido em termos morais e essa condição tomou conta do Estado, gerando relações de classes deturpadas.

Nos Estados Unidos, era o branco quem controlava os escravos e a condição se estendia à religião e além-mundo, gerando uma distinção entre as classes.

Com a urbanização do século XIX naturalizou-se as diferenças sociais e os negros libertos, porém abandonados, passaram a ser páreas da sociedade, maconheiros, capoeiras etc. Até o abastecimento de alimentos constituiu-se “[...] um problema especialmente delicado, sendo permitido, inclusive, o controle abusivo dos proprietários até sobre as praias e os viveiros de peixes [...]. Nada muito diferente do que acontece hoje em dia” (SOUZA, 2017, p. 39).

O poder patriarcal também se diluiu neste espaço de tempo, passando, em alguma medida importante ao crivo do imperador. O Estado, por este ângulo, “mina o poder pessoal pelo alto, penetrando na própria casa do senhor e lhe roubando os filhos e transformando-os em seus rivais” (SOUZA, 2017, p. 39).

Em outras palavras, o Estado ansiava pela mão de obra especializada e o conhecimento advindo da escola passa a ser prestigiado em detrimento do conhecimento baseado na experiência. A moda, o baile de máscaras ganha importância, enquanto a Igreja perde força. As mudanças, apesar de significativas, são limitadas à autoridade patriarcal. O oprimido fica limitado à própria casa; a mudança real, estrutural e democrática começa a ganhar corpo. Trata-se, segundo o sociólogo citado de uma reeuropeização. “[...] teve um caráter de reconquista, no sentido da revalorização de elementos ocidentais e individualistas em nossa cultura, por meio da influência de uma Europa, agora já francamente burguesa [...]” (SOUZA, 2017, p. 39).

Há um elemento revolucionário burguês na cultura brasileira, como referido por Souza (2017, p. 41): “O conhecimento, a perícia, passa a ser o novo elemento a contar de forma crescente na definição da nova hierarquia social”. O ex-escravo, destarte, fica de lado neste contexto e sobra alguma chance para o “mulato habilidoso”, capaz de exercer algumas funções da época. Dentro da luta já mercadológica sob elementos novos de ascensão social para os mulatos, resta um aumento de preconceitos, formando a classe na qual média, suporte do Brasil moderno. Esta mesma classe média se apropria do capital cultural dito superior e inacessível até hoje aos menos afortunados.

Ganha força o mecanismo de distinção social na época em relação aos de baixo. Aponta Souza (2017, p. 41) que “[...] o processo de incorporação do mestiço à nova sociedade foi paralelo ao processo de proletarização e demonização do negro, [afirmando ainda que] [...] tanto o escravo quando o pária dos mocambos nas cidades era o elemento em relação ao qual todos queriam se distinguir”. O patriarcado, neste momento, está mais ameno e abstrato na figura do imperador como pai de todos, perdendo as características da época da colônia.

Materializa-se, aí, o que o autor classifica como a “ralé brasileira”, “raça condenada” ou “classe condenada”, que hoje em dia são os milhões de famintos favelados condenados pela sociedade brasileira. Neste momento, “embranquecer” – devido à miscigenação no Brasil, os descendentes de negros se tornariam, de forma

progressiva e de geração em geração, mais brancos – seria um bom negócio para a manutenção do sistema que necessitava de novos trabalhadores. Em pleno século XXI pode-se afirmar com base em estatísticas públicas que nascer branco, homem, heterossexual é uma vantagem material, levando em conta, por exemplo, que esse recorte social ganha melhores salários.

2.6 Migrações e a escravidão escondida

Entre 1880 e 1930 as migrações em massa mudam o panorama brasileiro, ajudando no crescimento de São Paulo como metrópole. O efeito colateral esperado, lógico, vampirista, necrófilo, cruel, e que se perpetua até os dias de hoje, foi o abandono dos negros como classe. O negro não tinha a menor chance de competir com o italiano, imigrante habilitado e com o costume do trabalho assalariado e como motivo de orgulho.

Por seu turno, o povo preto sofria o preconceito antes da abolição da escravatura quanto ao exercício do trabalho – considerado como algo menor e não como fruto do sustento honesto. O trabalho passa a ser moralmente aceito como recompensa do esforço “moral” de sobrevivência e o oprimido, antes escravo, tido como menos preparado, indolente, ou seja, subjugado pelo próprio trabalho. Criou-se, nas palavras de Souza, o negro desajustado à estrutura europeizante, o inimigo da ordem percebida, já no sentido de uma moral moderna com o significado de decoro, respeito à propriedade e à segurança. Falhou, entretanto, a teoria modernizante na qual se dizia que o mercado de competitividade conseguiria facilmente absorver os negros oprimidos; como dizem hoje que a miséria acabará com o aumento do consumo, quando só o consumo consciente e a divisão dos bens perecíveis, bem como as riquezas naturais passarem a ser direito, não simples valor de commodities, é que sobrarão uma chance para a espécie.

A situação é perversa na análise de Souza (2017, p. 50), que lança a metáfora de que houve um genocídio de classe, e ainda há, porque os dominantes depois de torturar e massacrar os escravos até a alma e deixá-los a sua própria sorte, buscaram imigrantes para fincar uma meritocracia inexistente, misturando duas realidades diferentes – agricultores europeus x escravos recém-libertos. O cenário nefasto é o principal problema brasileiro até o momento e qualquer sinal de auxílio que o oprimido tenha converte-se em gritos escondidos desta mesma classe média se levantando para combater o que seria nada mais do que justiça social.

Não se entendeu o que seria a classe social nos moldes brasileiros nem a simplicidade da esquerda ou a demonização da direita prosperaram como soluções transformadoras para libertar o sofredor. O caminho adotado tem mão única, a reprodução do engodo da meritocracia. Na luta por recursos escassos, a posição nesta cadeia de produção canibal pela sobrevivência é definida por intermédio das relações emocionais e familiares, com estimulação espiritual, responsáveis por guiar os saberes e reproduzirem as questões de classe. E que família possui esse oprimido? Que preparo pode ter? Que escola, qual esporte e quais livros têm para ler? A diferença com a Europa não é a corrupção, mas a desigualdade social não combatida na desestruturação familiar.

Falta, portanto, acesso democrático ao capital social (econômico, cultural e de relações interpessoais). Há uma briga de Davi contra Golias, mas o pequenino sofredor representa a maioria e esta massa patina sem mobilidade social¹⁸, sem ascender, só lutando até a morte por algo que não vai acontecer.

Justifica-se o estado de vampirização das classes dominantes contra os desamparados de todos os tipos com as seguintes características encontradas em Souza (2017, p. 57-58):

- a) enquanto se formaram campeões na competição social de um lado (imigrantes europeus e hoje a classe burguesa), do outro sobra o descaso, incrementado com a baixa concentração oriundo da inexistência de esgoto, sono alimentação etc. Nas conversas de trabalho com executivos, políticos, empresários, diretores, CEOs etc. encontram-se, sem generalizar, a ascensão de homens rasos e sem visão social de justiça, mas com o preparo que vem do instinto para vencer ao próximo. As ferramentas desta classe são abundantes e construídas desde a infância. A criatividade do oprimido salta aos olhos, a ingenuidade daquele que apanha por nada e não se esquece, daquele que na gíria popular vende o jantar para almoçar no dia seguinte. Imagine se houvesse condições iguais, quem dominaria quem? Mas não se pretende caminhar por esse lado, porém, avançar pela preservação sustentável da sociedade, minimizando as desigualdades;

¹⁸ Crianças de baixa renda têm, segundo dados, menos chances de um futuro melhor. Estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) indica que o Brasil é o segundo pior país – dentre 30 analisados – no quesito mobilidade social. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44489766>.

- b) a explanação acima converge para o opressor com capacidade de prospectar o mundo, fazer planos do futuro em uma das pontas contra o oprimido e sua falta de planejamento. A própria Universidade, na qual se vincula este trabalho, apresenta pesquisas científicas indicativas de que a grande maioria dos estudantes é arrimo de uma família desestruturada, sem o devido planejamento em relação à criação da prole em conjunto e comunhão.

Veja a diferença de perspectiva e planejamento de sociedade no filme *Em busca da Felicidade* (2006, direção Gabriele Muccino, distribuição Columbia Pictures e Sony Pictures Entertainment) com o ator Will Smith. Na história verídica, Chris Gardner, pai de família, luta para sobreviver sozinho com seu filho de cinco anos – sua esposa, em crise devido às pressões sociais, os abandona.

Sem emprego, torna-se morador de rua junto ao pequenino, perambulando pelas vielas de Nova York, onde busca o abrigo possível. Mesmo assim, Chris demonstra ser um pai amoroso, preocupado com a educação do menor. A felicidade não é a liberdade, neste caso, mas a busca pelo emprego. O personagem central não é um periférico abandonado de seus direitos básicos pelo sistema, mas um executivo que perdeu espaço no mercado de trabalho, realidade diferente à vivida no Brasil. Somavam-se ao menos mínimas perspectivas e projetos estruturais cognitivos que deixam o caminho pela sobrevivência mais ameno e “possível”.

Figura 28 – *A procura da felicidade* romantiza o neoliberalismo



Fonte: <https://www.sonypictures.com/movies/thepursuitofhappyness>.

A felicidade possível se dá, na história em tela, através da situação econômica, como se os direitos à moradia, alimentação, saúde, lazer etc. não fossem inerentes ao ser humano e é isso que o sistema indica aos seus súditos: tudo é mera mercadoria a ser conquistada por intermédio do dinheiro, corroendo assim os bens primordiais, liberdade e tempo.

Porém, a busca pela felicidade torna-se um caminho efêmero e individual meritocrata pela ascensão social através do “esforço próprio”, o sonho norte-americano e neoliberal que, para criar pessoas felizes, necessariamente gera a obsessão pelo consumo e o desgaste da natureza. Perde-se durante a jornada bruta o incentivo da vida em comunhão, da assunção de todos e da justiça social, capaz de garantir a busca pelos principais bens humanos como já ditos: tempo e liberdade.

Houve capacidade de prospecção do futuro no filme citado, mesmo que a motivação tenha sido a vitória capitalista. Na realidade brasileira impera a falta de planejamento e as demonstrações pululam a olhos nus. No atendimento jurídico gratuito de orientação a carentes em Interlagos, São Paulo, diversos casos desta falta de planejamento, que arranca a liberdade, demonstram-se nítidos. Uma jovem de menos de 23 anos, já com três filhos – dois sofrem com problemas mentais, talvez pela falta de pré-natal, não garantido pelo governo – em um barraco de madeira, sem banheiro e de terra batida, com o apoio desorientado do marido desempregado. Que sociedade é esta, que abandona pessoas neste estado? Sem renda, vivem dos trocados oriundos da venda de água nos semáforos de São Paulo. Já outra mãe de família, que perdeu o marido, assassinado nas ruas em situação não explicada, tenta garantir a segurança dos filhos em uma casa de madeira, fugindo de ameaças e ainda correndo o risco do despejo. A senhora aposentada enfrenta problemas com a cobrança da empresa de cartão de crédito; foi seu neto que furtou o plástico e munido da senha adquiriu bens de consumo supérfluos e anunciados pelas grandes marcas mundiais com a ajuda da incansável publicidade que cria arte, estuda métricas, propõe métodos, usa de psicologia, desperta o desejo apenas para vender qualquer tipo de bugigangas e alimentos doces e artificiais que causam diabetes, ataques cardíacos, câncer, etc.

O ponto em comum das histórias reside na ausência de planejamento, efeito em cadeia das condições básicas de vida. Consiste em ponto essencial para a liberdade, ou ao menos a busca por ela. Tanto é que, algumas instituições de caridade, vinculadas à religião, possuem células que se incumbem justamente dessa

organização familiar no sentido de angariar um auxílio legal do governo, planificação de rotina diária familiar etc. Com simples movimentos prospectivos, a realidade opressiva pode se transformar de certa maneira.

Em orientação psicológica para alunos universitários carentes, um dos principais pontos estratégicos para garantir melhor aproveitamento era o planejamento do próprio sono. Com menos de cinco horas de descanso profundo por dia, cai o índice de aproveitamento e concentração cognitiva. Tomar apenas um banho por dia e não dois, em muitos casos, era uma estratégia para que este estudante pudesse aumentar a quantidade de sono em 20 ou 30 minutos. Uma verdadeira escravidão do tempo, a liberdade tolhida que deixa o humano acordado o máximo de tempo do dia para poder consumir ou mesmo se manter alienado e submisso ao *status quo* social.

Freire (1959, p. 37) liga a industrialização e a produção em série, fruto das revoluções industriais que culminaram com o capitalismo e mais radicalmente produziram o neoliberalismo, com a queda da criticidade e a massificação do ser. Na sociedade pós-moderna acrescenta-se a esse fator histórico a “indústria” dos ganhos de capitais.

O conhecimento sobre os processos de captação de recursos no mercado de valores foi mola para o crescimento do mundo até o momento, mas esta temática passa longe da educação popular do terceiro mundo. O que esperar de um sistema educacional que pende para escolas que possuem ações na bolsa? Educação não é mais direito e sim comércio? E se, de repente, pelas oscilações do mercado, os acionistas decidem investir em outro empreendimento, como ficam os alunos? Conhecer o mecanismo e os processos de capitalização estruturado nos grandes investidores e de “super” empresas possuidoras de orçamentos de nações subdesenvolvidas é fundamental para que a população consiga acordar frente à admoestação milenar que sofre e procurar um possível caminho que não utilize o trabalho escravizante, apresentado nos moldes atuais.

A tecnologia, num futuro próximo, acabará com pelo menos um quarto dos postos de trabalho, que poderão ser substituídos pela inteligência artificial e a internet das coisas – fatos que se consumam todos os dias perante nossos olhos, como a questão da lei de 2018, autorizando as universidades brasileiras a disponibilizarem, em turmas presenciais, até 40% das aulas em EAD. Em um futuro próximo, aulas poderão, inclusive, serem ministradas por hologramas etc...

A proposta atual do currículo do ensino médio destaca o fortalecimento do português e matemática, colocando de lado outras disciplinas como filosofia,

sociologia que deixariam de ser obrigatórias. Estas disciplinas mencionadas podem ser o suporte para o vazio de comunidade que passa a espécie humana presa na individualidade material, no que diz respeito ao consumo de bens estipulado pelos sistemas de governo e pelas indústrias, como se a solução para os dilemas existenciais pudesse ser comprada, resolvida em uma prateleira de supermercado.

Não se trata de brecar ou contestar o futuro tecnológico aparentemente irreversível, nem exercitar a “futuurologia”, mas que ao menos estes avanços possam ser responsáveis, mesmo que de forma inconsciente, pela quebra de paradigma em relação ao trabalho e à exploração dos oprimidos do mundo.

A falta de postos de trabalho pode inclusive ser – não sem a ausência do caos – uma terapia inversa à utilizada pelo neoliberalismo e dissecada por Naomi Klein (2008) em seu livro *Teoria do Choque*. Além disso, a crise do trabalho que se agiganta, pode irromper como ponto de partida para a quebra do paradigma de não haver solução ou dignidade possível sem o sistema capitalista de acumulação de lucros e da preparação do homem e da mulher contemporânea em serem gladiadores do capital, competindo para vencer e derrotar e não para mudar, criar e conceber um ecossistema sustentável.

Figura 29 – *Muito além do peso* denuncia a indústria de alimentos para as crianças



Fonte: <https://muitoalemdopeso.com.br/>.

O Instituto Alana, que promove os direitos integrais da criança, patrocinou o documentário *Muito Além do Peso* (2012, direção Estela Renner) para denunciar a obesidade infantil (33% das crianças no país estão acima do peso) devido ao consumo

de produtos industrializados com alto índice de açúcar, gordura e outros químicos. São casos de meninos e meninas com diabetes e problemas do coração. Mesmo junto aos pais são enganados pela publicidade abusiva das grandes multinacionais que, em nome do lucro, induzem o alto consumo de produtos cientificamente considerados nocivos.

Em nome do capital, a democracia, a indústria e até a ciência se corrompem buscando interesses particulares. Uma grande multinacional de produtos de higiene teve de pagar uma quantia milionária para consumidoras que contraíram câncer devido ao uso de seus produtos nos Estados Unidos. O mais grave: a empresa é acusada de conhecer o fato há anos¹⁹.

Dirigido por Michael Mann e com as participações de Al Pacino e Russell Crowe nos papéis centrais, *O Informante* (1999, distribuição Buena Vista Home Entertainment) inspira-se no caso verídico que gerou uma indenização de 246 bilhões de dólares a grandes indústrias de tabaco dos Estados Unidos, que com um acordo judicial evitaram uma pena mais vultosa.

A história central não acompanha o processo judicial, mas o passo a passo da investigação jornalística é encabeçado pelo programa televisivo "60 Minutos", ícone da emissora CBS. Enquanto Al Pacino vive o produtor televisivo Lowell Bergman, o artista Russell Crowe dá vida a Jeffrey Wigand, um cientista da empresa Brown & Williamson, que decide denunciar seus empregadores por emitirem os danos à saúde provocados pelo cigarro.

A situação reflete os interesses das grandes empresas mencionadas nesta parte da tese. Quando se sobrepõe o lucro a qualquer custo, justifica-se qualquer manipulação. O dilema consiste no conflito de consciência de Wigand com sua condição econômica aliada à segurança de sua família. Já a produção jornalística busca a qualquer preço a informação e conseqüentemente a audiência.

¹⁹ Vários pais orgulham-se de comprar produtos desta marca, que parece ser isenta às críticas e um símbolo de critério e confiabilidade, questões que caem por terra com a reportagem do link ao lado https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/internacional/1544830600_702447.html.

Figura 30 – *O informante* mostra a indústria de cigarro enganando para vender



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt0140352/>.

O informante (primeiro plano) e jornalista conversam sobre as denúncias que acometem a grande indústria e refletem a imposição de uma classe social dominante sobre a outra, retratada pelo cinema, e discutido no início deste capítulo nas teorias de Goldmann, Freire e Souza. O individualismo se revela na busca pelo lucro a qualquer custo e em detrimento da população. A indústria simboliza a fonte de renda, a subsistência e a possibilidade de garantir sustento e liberdade. Sendo assim, vale tudo para manter as vendas e o sucesso financeiro, sem preocupação com o coletivo. A educação bancária contribui para a propagação deste sistema, incentivando a competição entre os pares e o posicionamento mercadológico perante o mundo.

Assim como *O Informante* revela as práticas contra a saúde da indústria tabagista, que tinha ciência das consequências daninhas da nicotina – além do acréscimo de uma substância aos cigarros para torná-los mais viciantes, porém negando esse fato ao público – a *Associação Brasileira de Low Carb*, recém criada em 2018, revela o desserviço da indústria alimentícia para a população em geral e a manipulação de pesquisas sobre colesterol e pirâmide alimentar que indicam o contrário do que provam evidências científicas.

Outra pequena medida na influência de grandes empresas, no que diz respeito à possibilidade de informação, está contida no filme satírico *Obrigado por fumar* (2006, direção Jason Reitman, distribuição Fox Searchlight Pictures). Nick Naylor é relações públicas de empresas de tabaco e faz de tudo dizendo que defende os direitos dos fumantes, criando factoides e reinterpretações de dados para inocentar as firmas do tabaco. A consciência surge quando o personagem percebe que seu filho se interessa por sua profissão e nas consequências que estas ações mercadológicas poderiam

acarretar em sua própria casa. Os grandes grupos empresariais detêm a informação e manipulam a opinião pública em nome da manutenção do *status quo*, que beneficia apenas alguns grupos isolados, mas mantenedores do poder.

Figura 31 – *Obrigado por fumar* e as relações públicas do lucro



Fonte: <http://www.foxsearchlight.com/thankyouforsmoking/>.

Para o personagem central, que defende a indústria do fumo, quando se argumenta corretamente, jamais um ponto de vista estará errado. Esse conceito se opõe à educação crítica de Paulo Freire e à busca pela conscientização que desvende interesses e significados escusos por trás dos discursos. A cena retratada o relações públicas ao lado de uma criança com câncer e suas estratégias para defender a utilização do tabaco, mesmo em situações extremas. Um dos motivos pelo avanço da exploração do capital consiste na falta de experiência democrática da população que se liga à ausência da conscientização, temática do próximo item.

2.7 Inexperiência democrática e níveis de consciência na educação

As situações relatadas, demonstrando a alienação em relação a todo tipo de abuso e mentiras, se ligam ainda à “inexperiência democrática” e à necessidade da preparação do homem ou sua “emersão do povo na vida política” (FREIRE, 1959, p. 39). A história se repete e ao contrário da tecnologia o homem retrocede na moral imposta por costumes mitológicos e escrituras supostamente sagradas e sem trânsito entre a família brasileira que supere a “autoridade externa, vertical e inflexível, do

patriarcalismo”, exigências da democracia verdadeira necessárias para a busca da liberdade e da união familiar como escolha na opção e vivência a partir da cultura.

Existia uma crise de autoridade externa ainda preponderante na sociedade brasileira e valores em trânsito que fazem com que esta estrutura não possa se afirmar em si mesma “[...] porque as forças culturais da nova sociedade a repeliam, não soube, todavia, transitar também, até a liberdade em relação com ela e lá introjetar-se e fazer-se assim autoridade interna” (FREIRE, 1959, p. 40).

A solução desta falta de autoridade e até liderança que impede a libertação da sociedade brasileira não passa pelo patriarcalismo, mas no “[...] exercício de uma autoridade democrática, respeitosa da liberdade do educando que, possibilitando a este condições em que experimente sua liberdade, leve-o a consciência de autoridade” (FREIRE, 1959, p. 40), formando um caminho que vai da heteronomia à autonomia. Já naquela época, o educador previa que esta autoridade conservadora em crise consigo mesma tentaria recompor sua afirmação, como ocorreu nas eleições de 2018, utilizando-se de procedimentos autoritários, que desta vez acabaram sendo legitimados pelo voto. Há necessidade de uma revisão nas famílias para que dentro de sua estrutura seja colocada uma liderança democrática com o intuito de transformar a própria condição existencial e material.

As questões envolvendo a transformação da consciência ingênua em consciência crítica, segundo Freire (1959, p. 55), e coadunando com Souza (2017), precisam evoluir para uma consciência da verdadeira realidade brasileira, transformada em ciência nacional sobre os problemas que afligem a nação e que só podem ser superados pela busca da liberdade, ultrapassando a mera existência vegetativa dos milhares de sem-vozes periféricos do país.

Talvez a crise de insumos e de ecossistema, sendo o Brasil ator essencial no clima e na biodiversidade, possa aflorar à fórceps a mudança de estágios de consciência e, assim sendo, de liberdade, que ocorre de forma lenta e por etapas; da brutalidade, predominantemente intransitiva, para a chamada consciência transitivo-ingênua e só depois para a mente criticizada.

A criticidade, de acordo com Freire (1959, p. 57) “[...] implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na libertação do homem de suas limitações e indigência”, e isso só pode ser feito pela consciência delas, nada mais é do que a própria liberdade mental de entender o mundo e a si mesmo.

A consciência intransitiva gera um compromisso com a própria realidade do ser (FREIRE, 1959, p. 58), que pode ser entendida como acomodamento ou concordância diante dos desafios que passam também pelo poder popular, ganhando contornos ainda mais dramáticos na pós-modernidade com a “deseducação”, a desinformação e a conhecida massificação. Como será possível levar a cabo uma discussão sobre a política social do país e suas complexidades, bem como o alerta para o problema da concentração de renda na mão de uma ínfima elite em termos numéricos se o maior Estado brasileiro não consegue ao menos garantir professores para todos os alunos da rede pública²⁰ estadual²¹.

A permeabilidade e plasticidades necessárias à consciência do homem nas democracias só pode ocorrer com o esforço da educação, totalmente desmontada nas últimas décadas. Pode-se extrair de Freire (1959, p. 79) um percurso histórico da educação brasileira que impede o pensamento crítico essencial para a democracia:

- a) colonização brasileira à base de grande domínio;
- b) estruturas feudais da economia;
- c) influência dos senhores das terras e das gentes;
- d) a força do capitão-mor, sargento-mor e governadores gerais;
- e) fidelização à coroa;
- f) nos centros urbanos criados verticalmente, sem o pronunciamento do povo, bem como dos anseios líricos de liberdade sufocados pela própria metrópole;
- g) na educação jesuítica, verbosa e superposta à realidade brasileira;
- h) na escravidão;
- i) na inexistência de instituições democráticas;
- j) na ausência de circunstância para o diálogo em que surgimos e em que crescemos;
- k) na autarcização dos grandes domínios, asfixiando a vida nas cidades;
- l) nos preconceitos contra o trabalho manual, mecânico, decorrente da escravidão e que provocavam cada vez mais distância social entre os homens;
- m) nas câmaras e senados municipais da colônia vivendo de eleitos cujos nomes haviam de estar inscritos nos livros da nobreza;

²⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/falta-de-professor-deve-deixar-sem-aula-60-mil-alunos-da-rede-paulista.shtml>.

²¹ O Brasil é considerado o país com maior concentração de renda. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html.

- n) na força das cidades, fundadas no poderio de uma burguesia enriquecida no comércio, que substituiu o poder do patriarcado rural em decadência;
- o) câmaras e senados de que não podia participar o homem comum, enquanto homem comum;
- p) no descaso à educação popular e, mais recentemente e
- q) ao teto de gastos do governo que limita os investimentos em educação, na liberalização do ensino a distância para todo o ensino médio e superior, no achatamento do conteúdo programático, tirando a importância de disciplinas como filosofia, história e sociologia.

Esta transitividade de consciência pretendida e que propiciará a liberdade surge apenas em certas condições estruturais nas quais se privilegiam os debates, o que não ocorre tendo em vista as situações acima.

Propõe Freire (1959, p. 81), contra a democracia sem povo, vista nos dias de hoje, “dar o passo da “assistencialização” para a “dialogação””, rumando da autoridade externa que aprisiona os brasileiros para a realidade brasileira atual, baseada na autoridade interna, na crítica, razão e consciência. Cada item deste é uma abertura para a discussão da liberdade e torna-se centro preponderante para a educação-política, dos mercados e do ecossistema.

A proposta de dialogação, movimento e ação democráticos de Freire vai ao encontro da definição de Negri (2016, p. 219) sobre o tema, que coloca “[...] democracia como vida coletiva livre sob o comando da razão é, portanto, posta *sub quadam aeternitatis specie*. Quando a eternidade é oposta à morte, a liberdade é mostrada como tornar-se eterno”.

O que demonstra o sistema de classes brasileiro (SOUZA, 2017, p. 63) ou mesmo de castas são os proprietários, a classe média e suas frações, os trabalhadores semiquualificados e a ralé de novos escravos, desprovidas de praticamente tudo, como demonstrado de forma empírica acima. “A classe social mais estratégica para o padrão de dominação é a média”. Esta é comandada pelos proprietários – latifundiários exploradores da terra por meio da posse injusta até a elite do dinheiro de hoje, compradora do parlamento e de sentenças – e, fruto de um acordo antipopular, reproduzindo desde 1930 conscientemente, a continuidade de “[...] padrões valorativos e políticos herdados sob máscaras modernas do escravismo” (SOUZA, 2017, p. 63).

O entrave atual pode permear mesmo o subconsciente desta elite, em um preponderante racismo estrutural e se repete com desleixo da elite extasiada por seu estilo de vida abundante de bens materiais. Lembre-se do caso da editora da revista Vogue, uma publicação multinacional. Esposa de um dos publicitários mais reconhecidos do país comemorou seu aniversário no luxuoso Palácio da Aclamação, em Salvador, com uma cena no mínimo bizarra e que deveria despertar ao menos uma breve reflexão antes de ser posta em prática. Durante a comemoração, negros estavam trajados com vestimentas que remetiam a época do Brasil da escravidão e serviam de modelos para fotos com os convivas brancos. O festejo, em uma cidade onde 80% são negros, gerou repugnância pelo mundo²². Além disso, a protagonista foi supostamente forçada a pedir demissão²³. É o racismo estrutural, mesmo que inconsciente, mas enraizado no espírito da elite incapaz de analisar com mais frieza a simbologia de seus atos. Ou então exercendo o regozijo natural da dominação. A desigualdade enraizada demonstrada neste caminho é mote do próximo item.

2.8 Desigualdade estruturada e a liberdade retida

Outro problema que corrói a liberdade do povo é evidente quando a crítica restrita a uma só classe perde a força – passa a ser cultuado o direito de propriedade e o direito simbólico de existir vinculado àqueles que têm dinheiro ou bens – e os oprimidos, considerados irracionais (SOUZA, 2017, p. 71), bem como quando o capital impõe através da grande mídia um processo de assimilação para a privatização total do Estado. Mas a lógica capitalista, e que visa o lucro, procurará sempre nichos de mercados mais lucrativos, concentrando seus recursos neste setor, abandonando os mais pobres que não podem pagar por serviços essenciais, consequência da própria deterioração do corpo estatal.

A ditadura que durou cerca de 20 anos colaborou com a estruturação da desigualdade brasileira. O acordo antipopular entre elite e classe média – bem como o acordo entre elite financeira e classe média no impeachment de 2016 – criou para

²² <https://blogdoarcanjo.blogosfera.uol.com.br/2019/02/11/festa-acusada-de-racismo-na-bahia-vira-polemica-internacional-repugnante/>.

²³ <https://jornalistaslivres.org/donata-meirelles-foi-obrigada-a-pedir-demissao-para-vogue-brasil-nao-demiti-la/>.

Souza (2017, p. 82) um *apartheid* de classe. Há uma linha de consumo digno para os ricos enquanto aos pobres entrega-se tudo da pior qualidade. "Passam a subsistir dois países no mesmo espaço, que o economista Edmar Bacha chamou de 'Belíndia', uma pequena Bélgica para os 20% de privilegiados e uma grande Índia empobrecida e carente para os 80% restantes".

Com estas características, a classe média avança em complexidade e foi se transformando durante a ditadura militar, ocupando espaços técnicos durante a modernização do Estado, com o apoio das universidades em expansão durante o período.

Nas décadas de 60 e 70, os militares esboçaram um plano de desenvolvimento econômico capitaneado pelo Estado com investimentos estratégicos em mineração, centros de pesquisas e tecnologia, não agradando aos donos do dinheiro, que enfim se demonstraram contra a automação estatal. É fácil confirmar com dados do período posterior à última grande guerra mundial que os países europeus sofreram um processo de homogeneização social, o que mitigou a desigualdade – aqui não se discute o colonialismo exercido por estas potências de sempre que ainda brigam pela hegemonia em bloco contra o leste europeu, Ásia e Estados Unidos.

Não fosse esta estruturação social, o baque de países em crise – Itália, Grécia, Espanha entre outros menos relevantes – seria mais largo e profundo. A homogeneização europeia, em termos de índice de desenvolvimento humano, não foi decorrência de um processo de conscientização coletiva, mas "[...] uma universalização dos pressupostos psicossociais daquilo que chamamos de 'dignidade do produtor útil', que pressupõe internalização de disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo" (SOUZA, 2017, p. 86).

Portanto, conclui o autor que não há "subgente" na Europa devido ao alcance de determinado nível escolar e da empregabilidade. Por isso, a liberdade de um povo não prospera minimamente sem questionamento, pela distribuição de renda e igualdade de oportunidades em termos de saúde, educação, saneamento básico e acesso ao mercado de trabalho. Não basta garantir o acesso, mas a qualidade, em um processo longo e estruturado de conscientização partindo da periferia – base social oprimida.

Por outro lado, o exemplo europeu do arranjo da socialdemocracia como pacto pós-guerra, de 45 a 75, – surgiria como alento – acabou impedido no Brasil. A proteção do chamado capitalismo com proteção social se corrói com o neoliberalismo que volta

a se articular com ainda mais força para garantir o aumento dos lucros dos super-ricos. Com o toyotismo japonês, a flexibilidade do capitalismo induz o trabalhador a se enxergar como responsável pela alma e lucros da empresa, lutando até por esse ideal. Nas fábricas do Japão, o modelo flexível separava os homens na linha de produção sem a necessidade de hierarquia para manter a ordem. O estratagema repõe como responsável da batalha dos próprios empregados por lucros, não igualmente divididos, e a consequente aceitação do capital.

Foi a ascensão do capitalismo financeiro que, investido de mais poder, se transformou num potencial aniquilador de mercados, facilitando a sonegação de imposto de uma pequena elite não sem deixar ainda de criar uma semântica libertária usada contra o capitalismo, desta vez em favor do próprio no sentido de romper com movimentos de classe nas fábricas, indústrias, etc.

No caso brasileiro a taxa de juros, a maior do mundo, serve para remunerar "[...] precisamente o 1% mais rico que, no nosso caso, deixa de pagar imposto" (SOUZA, 2017, p. 93). O capitalismo financeiro une ainda outras frações do capital (agronegócio, comércio e indústria) que passam também a ter vantagens na bolsa com as ações do mercado de capitais. "Quem paga o pato são os pobres, responsáveis por 53% do orçamento brasileiro".

O caso da mineradora Vale, exploradora e responsável pelo rompimento de uma barragem de rejeitos de minério da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, Minas Gerais, o que ocasionou a morte de mais de 200 pessoas, além da contaminação de um dos afluentes do Rio São Francisco, é um exemplo da sanha do mercado financeiro²⁴.

O rompimento da barragem ocorreu na sexta-feira, dia 25/01, aniversário de São Paulo, como resultado, as bolsas de valores no Brasil fechadas. Na segunda-feira, as ações da empresa apresentavam queda de 20% e acionistas estrangeiros já ameaçavam um processo bilionário no exterior para exigir perdas e danos.

²⁴ Em mais de 2018 os mortos chegavam a 240 <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/13/mortos-identificados-no-desastre-da-vale-em-brumadinho-sobem-para-240.ghtml>. Anteriormente, a empresa, inclusive realizou estudos sobre possíveis indenizações em caso de rompimento de barragens, que supostamente seriam mais "baratas" do que promover a reestruturação do local (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/em-documento-vale-projetou-mortes-custos-e-ate-causas-possiveis-de-colaspo.shtml>). A empresa é reincidente, pois em 2015, se envolveu no desastre ambiental criminoso em Mariana, também em Minas Gerais (https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908_087976.html). O risco de rompimento em outras barragens geridas pela empresa é iminente (<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/16/por-risco-de-rompimento-em-barao-de-cocais-defesa-civil-de-mg-fara-novo-simulado-na-cidade.ghtml>).

No Brasil, um site especializado em investimentos lamentava as mais de 130 mortes, amainava a culpa com doações, porém falava em dever cumprido, orientando aos clientes rumo à próxima estratégia para finalizar a posição nas ações da Vale, objetivando a manutenção dos fortes lucros, afinal "estamos aqui para isso", ou seja, ser frio e calculista em busca do lucro a qualquer preço. Esse pensamento individualista pode ter sido, desde sempre, a barreira criada pelo próprio homem que nos impede da liberdade total ou ao menos uma vida mais justa com possibilidades igualitárias. A própria empresa, em 2015, realizou um estudo prevendo quanto gastaria com indenizações por morte de acidentes fatais, como o ocorrido²⁵.

Souza (2017, p. 96) vai além, apontando que a classe média se julga moralmente superior em relação a outros extratos sociais e pergunta como isso é possível quando essas mesmas pessoas exploram trabalhadores pagando um salário de fome para se pouparem dos serviços domésticos, defendem a matança de pobres e não acham importante o direito às minorias, principalmente quando se trata da comunidade LGBT. "A classe média brasileira possui um ódio e um desprezo cevados secularmente pelo povo. Essa é talvez a nossa maior herança intocada da escravidão nunca verdadeiramente compreendida e criticada por nós" (SOUZA, 2017, p. 96).

A exploração continua inutilizando a liberdade do povo com a justificativa que aplacaria a dor da alma sob o pretexto de que os oprimidos são culpados pela própria sorte e os índices de mortos e presos representantes das classes mais humildes em termos de condições de vida, estão entre os maiores do mundo, levando à conclusão de que a escravidão continua.

Desamparados do mundo antes e depois da escravidão, a desestruturação das famílias brasileiras causa espanto nas elites, que mesmo assim riem com piadas racistas, criticam cotas sociais com a construção de uma percepção negativa dos "[...] escravos e de seus descendentes como feios, fedorentos, incapazes, perigosos e preguiçosos, isso tudo sob forma irônica" (SOUZA, 2017, p. 96).

Souza (2017, p. 98-99), ex-presidente do IPEA, através de pesquisas do próprio instituto, classificou a classe média em frações, pois neste extrato social existem diferentes interesses, todos são formados pelo capital social que mistura a

²⁵ Vale produziu em 2015 o documento que leva o título de Estabelecimento do contexto e identificação dos eventos de risco em barramentos. No item 7.1 o tema tratado é a indenização por perdas de vidas humanas. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-02/estudo-da-vale-cita-indenizacao-por-morte-em-r-98-milhoes>.

socialização, família e cultura, além do capital econômico de partida que permite aos burgueses, por exemplo, comprarem o tempo livre dos filhos para só estudarem:

- a) fração protofascista, 30%;
- b) fração liberal, 35%;
- c) fração expressivista (classe média de Oslo) e
- d) fração crítica – as duas últimas constituindo os 35% restantes, com maior capital cultural.

O mesmo autor afirma que "cerca de 60% dessa classe média mais instruída, ou cerca de 20% do total de toda a classe média forma aquilo que podemos chamar de fração expressivista da classe média" (SOUZA, 2017, p. 99). Porém, o expressivismo que deveria ser ligado à solução da desigualdade, pode ser considerado hoje como força para defender a sustentabilidade, soluções de gestão de pessoas nas empresas, luta pelas minorias ou mesmo a emancipação pela preservação da natureza.

Claro que os temas são relevantes e fundamentais, mas escondem a raiz da verdadeira falta de liberdade que oprime o povo pobre. "O engano reside na reversão das hierarquias. Num país onde tantos levam uma vida miserável, e indigna deste nome, a superação da miséria de tantos é a luta primeira é mais importante" (SOUZA, 2017, p. 99). As outras lutas devem ser acopladas a este fio condutor.

A partir desta forma de viver culturalmente inculcado na sociedade, a própria classe média se defende para manter o que considera moralmente razoável, a opressão. A discussão sobre o tamanho do Estado e seu patrimonialismo deixa de lado o debate sobre a escravidão e a luta das classes sociais que deveriam ser discutidas como verdadeiras mazelas da sociedade brasileira. E, mesmo a corrupção – condenável em todos os sentidos – não pode ser considerada como problema primordial, pois mesmo os políticos são apenas aviões neste esquema se comparado ao narcotráfico.

Quando maior o poder de captação do homem, mais ampliado é sua capacidade de "dialogação" com si mesmo e com o mundo, em busca de alternativas coletivas para o melhor viver da espécie. "Esta transitividade da consciência permeabiliza o homem. Faz dele um ser mais vibrátil. [...] Implica numa dialogação eterna do homem com o homem, do homem com sua circunstância" (FREIRE, 1959, p. 31). Daí a questão da importância da condição histórica e biológica humana e dos passos que a humanidade espera dar para a verdadeira liberdade futura. "E não há

diálogo autêntico sem um mínimo de consciência transitiva. [Apesar disso], [...] o homem, qualquer que seja o seu estágio, é sempre um ser aberto” (FREIRE, 1959, p. 31). Há na consciência transitiva, segundo Freire, uma limitação de apreensão e, portanto, um rompimento com a própria liberdade. Quanto maior o grau de consciência, maior seria a libertação do ser.

O homem, por outro lado, se faz apenas mágico, quando a falta de discernimento, em diversos campos, obscurece sua consciência e seu poder de dialogação. Considera até a consciência intransitiva como um perigo à democracia.

A consciência libertária, fruto utópico da imaginação coletiva, caminha das infinitas subjetividades do ser para criar um novo ser em ações singulares tendo o amor como cimento do humano. “O desejo é assim o cimento do amor e do ser”, expõe Negri (2016, p. 23).

O viver, movimento considerado como determinado e não passível de alteração, contrasta com a ética, que consiste na defesa do ser e sua resistência. Percebe-se esse amor e liberdade em Espinosa, como força emanativa, em um ser completo em sua revolução. O amor proposto e intransponível só pode ocorrer com a construção da consciência, ou a percepção ativa do mundo ao seu redor. “É o heroísmo da descoberta intelectual e da sua irreversibilidade teórica, fundado não sobre a vontade, mas sobre a razão” (NEGRI, 2016, p. 23), que se adequa à constante maleabilidade entendida no processo de formação de uma consciência criticizada. Por isso, “[...] nunca a tranquila dignidade da razão, o seu mundo e maioria infinita do pensamento, do agir e do desejo foram tão necessários quanto o são hoje para desmascarar e neutralizar os venenos destruidores do ser” (NEGRI, 2016, p. 24). A consciência crítica se associa a um ser revolucionado e “[...] repetimos calmamente que nada nos fará voltar atrás. Não o podemos. E a nossa alegria e a nossa liberdade, não sabemos distingui-las dessa necessidade”, acrescenta Negri (2016, p. 25).

A liberdade é uma, só conquistada a duras penas do esforço social do trabalho individual. Como é somente individual esta força material, a classe que ascende ao poder passa a exercer maior controle a esse extrato humano. Na construção de Negri (2016, p. 23), “[...] é o heroísmo da descoberta intelectual e de sua irreversibilidade teórica, fundado não sobre a vontade, mas sobre a razão” que forma os preceitos morais, que “[...] são antes um estado, um teorema ético”.

2.9 Educação entre dois polos: homem solidário x solidarista

A liberdade aparece na discussão entre o ser individual e a sua interação com o mundo social, que pode receber diversas denominações como massa, corpo social, multidão ou mesmo multidão.

Para a sociedade humana, o grande enigma-desafio está em equalizar as diferenças sociais e ainda gerar felicidade e prazer. Quem pode ser feliz e completo em si, nem que fora por intermédio de uma religião ou de um suposto conforto post-mortem, mas no mundo material, que até parece uma grande ficção?

O abastecimento global, a fome, o espaço e o ecossistema, bem como a evolução temporal a que todos são submetidos exigem cada vez mais novas soluções do homem e a escolha entre solidariedade e individualismo extremo. Não há uma fórmula exponencial crescente que possa resolver facilmente a questão material de produção, de capital, escoamento e abastecimento em massa.

A própria lógica embasada pela ciência indica que o consumo pode gerar o esgotamento natural de recurso. Entretanto, ao admitir a infinitude dos recursos materiais, naturais e capitais – mesmo que por intermédio da tecnologia capaz de reproduzir pílulas alimentícias perfeitas para todos –, por que não se resolveu o problema básico de esgoto, de fome e sanitário em muitos locais do planeta?

Em *Pequena Grande Vida* (2018, direção Alexander Payne, distribuição Paramount Pictures), mesmo não agradando a crítica especializada e se perder de forma ingênua durante um misto de drama e comédia, é possível extrair a preocupação humana com o futuro que acerca as populações.

Figura 32 – *Pequena Grande Vida* encolhe o homem para manter o consumo



Fonte: <https://www.paramount.co.uk/movies/downsizing>.

Pensando no desgaste natural dos bens de consumo, um cientista norueguês consegue desenvolver um equipamento capaz de encolher o ser humano de forma irreversível e sem efeitos colaterais – passam a ter 13 cm mais ou menos.

Ele próprio se encolhe defendendo a nova tecnologia como salvação para a humanidade no que diz respeito ao consumo dos bens naturais – óbvio, milhares de pessoas em miniatura exercerão menos efeitos nocivos ao planeta e necessitarão de menos recursos para viver.

A ideia é vendida de forma capitalista-mercadológica, ou seja, aqueles que optarem por se transmutarem em miniatura, logicamente multiplicarão seus dólares e ao morar em cidades especiais, teriam a possibilidade de serem ricos eternamente. A falta de criticidade e de pensamento para a educação e vida em conjunto geram o pensamento distópico que imagina o futuro humano para a escassez. O retrato é de caos, desmando, desunião e falta de recursos, reproduzidos em diversos filmes.

Dois tópicos ajudam na reflexão: nem todos querem passar pela transformação, que requer consentimento, conscientização, luta e abnegação (este para as classes dominantes); não basta apenas encontrar novos recursos, mais que isso, demanda-se distribuição de renda e divisão para unir os povos. Mesmo na sociedade em miniatura existia a exploração do mais fraco demonstrado no filme. Parece que o egoísmo torna-se o problema central para a liberdade social, pois 30% do que se produz em alimentos no mundo vai ao lixo²⁶ e já há condições de suprir a fome de todos no Planeta²⁷.

Todas estas equações imperfeitas até agora para o homem pós-moderno serão superadas ou mantidas por dois caminhos, misturáveis ou não: homem solidário ou individual. Esta simbologia pode ser perseguida por dois personagens distintos, explorados incansavelmente pelo cinema e que influenciam o pensar imagético da sociedade da pós-informação e pré-interplanetária. Jesus e Buda, com suas simbologias mesclam em suas histórias – não importa se ficcionais, mitológicas ou históricas – conceitos solidaristas e individualistas.

²⁶ Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) no Brasil indica que, anualmente, 1,3 bilhão de toneladas de comida é desperdiçada: <https://nacoesunidas.org/fao-30-de-toda-a-comida-produzida-no-mundo-vai-parar-no-lixo/>

²⁷ Em 2016, dados indicavam que a produção de comida no mundo seria suficiente para todos se bem distribuída: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/09/02/Mundo-produz-comida-suficiente-mas-fome-ainda-%C3%A9-uma-realidade>.

O primeiro se imolou contra o sistema. Revolucionário, questionou as bases da exploração, enquanto o segundo, através da introspecção eliminou os desejos mundanos para encontrar a liberdade total, independente do sistema vigente. Dois filmes mostram de forma dramática e contundente a trajetória do Cristo: *A paixão de Cristo* (2004, direção Mel Gibson, distribuição Newmarket Films) e *A última tentação de Cristo* (1988, direção Martin Scorsese, distribuição Universal Studios).

A primeira obra mostra o martírio sanguinolento a caminho da cruz do nazareno, após uma condenação injusta, para do sacrifício sair vitorioso com a ressurreição, como demonstrado na cena em sequência.

Figura 33 – *A paixão de Cristo*



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt0335345/>.

Espera-se do povo oprimido todos os sacrifícios e das elites nada de distribuição de renda.

A última tentação de Cristo mostra um Jesus mais humano (inclusive com alucinações/delírio que indicam sexo imaginário com Maria Madalena, vide cena a seguir) e, por isso, recebeu críticas severas de fundamentalistas religiosos ofendidos em sua fé. Trata-se de um homem perturbado e como não seria o homem deste século ou há 2000 mil anos um sujeito centrado com tantas injustiças a se repetirem dia a dia?

Figura 34 – *Última tentação de Cristo* humaniza o messias



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt0095497/>.

Frei Betto (2009, p. 162) pinça do evangelho diversos conceitos do homem coletivo anunciado por Jesus:

- a) bem-aventurados os desprendidos das riquezas e ambições, abertos à solidariedade;
- b) bem-aventurados quem se aflige diante da penúria alheia e
- c) bem-aventurados os que trazem nas entranhas fome de liberdade, e têm a garganta seca pela sede de justiça.

Pensar no coletivo, na preservação e no futuro com direitos iguais fora das leis, entretanto nas ações, se torna uma promessa pela qual o atual sistema professa que nunca será uma verdadeira alternativa.

Ao contrário da perspectiva comunal, Comblin (2018) afirma que a segregação entre ricos e pobres está na busca por segurança. São criados sistemas de defesa e proteção da acumulação. “A posse dos bens materiais é o que gera a necessidade de defesa e a obrigação de criar sistemas de repressão e contenção dos pobres” (COMBLIN, 2018, p. 1).

Nesta visão, é o medo dos pobres que “[...] inventa os sistemas sociais de repressão, desde a organização material da força até o controle das ideias e dos comportamentos sociais” (COMBLIN, 2018, p. 1). Sobre aos pobres a busca solitária pela mudança e os ricos, por sua vez “[...] não têm a liberdade de buscar a justiça; a necessidade de defenderem as suas posses limita as possibilidades de mudança

social; estão dispostos à justiça com a condição de não mudar nada” (COMBLIN, 2018, p. 1).

De acordo com Comblin, a ruptura da estrutura amigo-inimigo, proposta por Jesus é em si um ato libertador, porque a sociedade moderna baseia-se nos sistemas de dominação. Lembra o autor que Jesus denunciava a lei dos anciãos, base das estruturas sociais. “Amar o inimigo não é assunto puramente individual. Amar o inimigo é introduzir a subversão e uma mudança radical em todas as formas históricas de ‘ordem’ política, social, econômica, cultural, religiosa” (COMBLIN, 2018, p. 1).

A mensagem de Jesus centra-se contra o sistema, o conformismo e o *status quo*, sempre questionando os sentidos das leis de acordo com seu benefício aos oprimidos. “Jesus nunca fala para pessoas individuais, para as almas. Tudo o que ele diz e faz tem um alcance social: tudo está dito e feito em função do povo de Israel. [...] Vem como chefe do seu povo” (COMBLIN, 2018, p. 1). Não se trata de conversão, mas a transformação de um povo novo.

Segundo o dicionário Paulo Freire (2015), a liberdade para o autor sofre influência bíblica, entretanto, estas questões não aparecem explicitamente nos seus textos, mas a analogia entre as matérias faz-se compreensível quando indica que “[...] encaminharemos o nosso agir educativo no sentido da consciência do grupo e não no da ênfase exclusiva do indivíduo” (FREIRE, 1959, p. 92).

Não se trata de um embate maniqueísta ou de imposição, mas a busca da discussão sobre as diversas vertentes simbólicas que compõem a sociedade.

A questão individual poderia ser tratada usando outros personagens do cinema e da literatura como Conan e o poeta maldito Charles Bukowski. No mundo pré-histórico *Conan, o bárbaro* (1982, direção John Milius, distribuição Universal Pictures), obra baseada na literatura de Robert E. Howard e roteirizada por Oliver Stone (mas modificada pelo direito), é um banquete à violência empregada pelo personagem central, um cimério, espécie de mercenário, crescido na Roda da Dor, realizando por 15 anos acorrentado o trabalho escravizante e braçal, como os periféricos modernos, amenizados por um ou outro recurso material, que lhes suavizam a visão de mundo. O bárbaro se ergue sozinho e busca vingança contra o assassino de seus pais, um feiticeiro.

Com o lema de “O que não o mata o deixa mais forte”, típico das sociedades da meritocracia, o guerreiro avança através de sua própria individualidade exacerbada.

Charles Bukowski usou o estilo coloquial-obsceno em sua literatura para através de seu individualismo criticar a sociedade do capital. Queria prazeres mundanos, não acreditava em ninguém, e preferia viver à margem do sistema não como os oprimidos que são posicionados à força nesta posição, mas como um outsider. Vivendo de empregos “menores” e constantemente bêbado, conseguia se manter de uma forma ou de outra na contracultura, algo mais difícil na atualidade dadas as condições econômicas do mundo. Entretanto, individualmente não é possível evoluir para uma sociedade mais justa.

2.10 Freire e o espírito comunitário da educação libertária

Antes da ditadura militar de 64 no Brasil, a proposta de Freire (1959, p. 92) já se aproximava da educação para formar um homem solidário, diferente dos exemplos literários e cinematográficos dados nos dois parágrafos anteriores.

As condições históricas e culturais pré-sociedade de informação levaram o homem a cultivar o individualismo longe do “espírito comunitário”. O reforço deste tipo de pensamento vai ao encontro das novas tecnologias de informação e da internet. As relações são mais complexas, há mais chance de convivência com diferentes personalidades, há grupos de resistência para tudo o que se possa imaginar e a chance de se escolher no globo inteiro semelhantes ideológicos para o bem e para o mal. Nem por isso, a solidariedade por um mundo melhor foi capaz de resolver os problemas.

Ocorre que esta conscientização não é feita por passe de mágica, de forma espontânea, e o excesso de informação ainda permite que qualquer mentira, senso comum ou mera opinião infundada seja difundida massivamente e tida como verdade.

Sem educação-conscientizadora, a massa desinformada não tem a mínima chance de nem ao menos situar-se no tempo-espço em que vive. Ao final de mais de 60 anos de trabalho duro – quando se encontra ocupação – o oprimido ainda faz esforço para lograr uma ajuda, renda ou aposentadoria de ao menos um salário mínimo. Qual opção além desta para milhões de brasileiros – sem avançar nas informações globalizantes?

Uma escola focada em sua comunidade terá de discutir as condições globais de subsistência, sem deixar sua esfera local de lado. Isto porque há pressões externas que influenciam as políticas interiores, principalmente de um país em desenvolvimento

e produtor de recursos naturais – commodities – como o Brasil, que pode se consolidar como potência produtiva em qualquer sentido.

Assim, “[...] somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local [...] integrada com seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas de seu contexto”, anunciava Freire (1959, p. 92), sem imaginar os avanços tecnológicos que hoje interligam o globo.

Para se enxergar o local, por uma questão de igualdade, luta e sobrevivência, caminha-se também pela fruição artística – não sem uma crítica ferrenha e livre – das produções informativas, literárias e audiovisuais disponíveis teoricamente para todos. Esta escola, denominada plástica e plural, seria capaz de criar novas disposições de mentalidade ao brasileiro governar-se, identificar-se com sua realidade e seu destino, segundo Freire na mesma página.

Uma pergunta velha e carcomida de Freire (1959, p. 97) merece ainda ser interpretada e discutida nos dias atuais: “Como, porém, aprender a discutir e a debater numa escola que não nos habitua a discutir, porque impõe? Não trocamos ideias. Discursamos aulas”. A solução para o próprio autor é a constante reinvenção. Esse olhar diferente e democrático da educação só se constrói com a participação e idealização de todos os entes que fazem parte do processo, mesmo com sugestões inadequadas que serão inviabilizadas com a demonstração do educador.

O problema da sociologia rasa apontada por Freire (1959, p. 105-106) está nos seguintes pontos: falta de discussão sobre os problemas regionais e locais, além da subestimação nacional e a alienação cultural, a auto apropriação nacional – autenticidade; massificação, assistencialização e dialogação.

Não haverá solução (FREIRE, 1959, p. 107) se a educação assumir postura passiva, bem como aqueles que dão corpo ao sistema, no caso educadores, ativistas, pensadores, políticos etc. “Em lugar da reinvenção, da reelaboração, os pontos ditados, a matéria ‘pré-fabricada’, as afirmações estereotipadas”.

Acontece que o Estado foi tomado de assalto pela classe dominante que inclusive fez da democracia a vontade de um grupo da elite e do mercado no Brasil e a democracia queda definitivamente em favor deste mesmo grupo.

Assim, a teoria do contrato social na verdade passa a ser um engodo com a função de legitimar juridicamente as “[...] diversas formas de governo nas quais se representa o Estado absolutista da modernidade” (NEGRI, 2016, p. 52).

A assunção do homem, como propõe Freire, está na máxima de que sem liberdade não restará paz. Mas esta liberdade advém, em Negri (2016, p. 56), dos direitos naturais, transformados em jurídicos na democracia. “O absoluto é constituição, uma realidade formada por uma tensão constitutiva, uma realidade sempre mais complexa e sempre mais aberta quanto mais for a potência que a constitui”.

Só haverá a liberdade na oposição em comunhão de forças do oprimido pelo bem comum; todos juntos são capazes de garantir mais direitos. A democracia, que parece consolidada como forma de maior envergadura, pela qual a sociedade se exprime, passando de sociedade natural para política, se instituiu como a forma mais correta de governo, de acordo com o senso comum – mesmo que esse poder do “povo” seja usurpado por grupos financeiros e que os poderes e instituições venham a se esfarelar em suas garantias.

Entretanto, após séculos de evolução tecnológica, tendo a humanidade enfrentado a revolução industrial e a “migração” para a Sociedade da Informação, a democracia demonstra-se literalmente sequestrada por grupos de elite que tomam o poder de assalto para instrumentalizarem suas próprias leis. Sem a conscientização do oprimido, a democracia se traveste em mais uma forma de escravizar os miseráveis, desta vez sobre o estigma da lei.

Outro problema é que, segundo Negri (2016, p. 60) “[...] não são excluídas funções de controle e de equilíbrio dos poderes, mas elas não derivam de uma condição constitucional do poder fragmentado ou dialética”. Mesmo se essas funções pudessem ser figuras do exprimir-se da potência constitutiva, e a magistratura, “[...] momento de revelação de um potencial máximo de unidade e de liberdade” (NEGRI, 2016, p. 60), a própria burocracia da lei impede que o mais humilde tenha acesso.

Discute-se a democracia como solução, quando avança no Brasil o domínio do parlamento exercido por bancadas temáticas como as que defendem a liberação das armas, dos ruralistas e da religiosidade extrema.

Negri (2016, p. 61) entende que na amplitude de dimensões que atravessa a multidão dos sujeitos, a democracia reflete absolutidade, “[...] pois coloca em movimento, a partir de baixo, da igualdade de uma condição natural, todas as potências sociais”. Não é esta suposta democracia que dará poder ao homem no caso brasileiro, mas a conscientização que leve o oprimido ao poder e a partir de lá ocorra a transformação. Se o direito da cidade se determina pela força da multidão, como

quer Espinosa, a formação de uma única mente só pode ocorrer do pensamento certo, arraigado na consciência desperta e voltada para a classe oprimida.

De acordo com as diversas fases da teoria do contrato ou a teoria dialética a ideia do mercado funde-se à ideia do Estado. Nos diferentes casos, a “[...] cooperação produtiva dos sujeitos e suas associações vitais recíprocas são mistificadas em um ordenamento de valor, de norma, de comando, e a associação humana fica, assim, subordinada à função capitalista da exploração” (NEGRI, 2016, p. 62-63).

Esse cenário se revela ainda mais corroído nas supostas democracias de coalizão, como no caso brasileiro, com a disputa do poder não mais por benefícios coletivos, mas eivado de interesses egoísticos, não científicos e alheios às práticas sociais e ecológicas. As vozes do oprimido ficam esparsas em multi-demandas numa verdadeira fragmentação do multítudo. A realidade democrática como solução em Negri condiz com os europeus e suas tradições colonizadoras e também do possível controle da desigualdade extrema. Aqui o *absolutum imperium* é contra milhares de miseráveis ou escravos do trânsito.

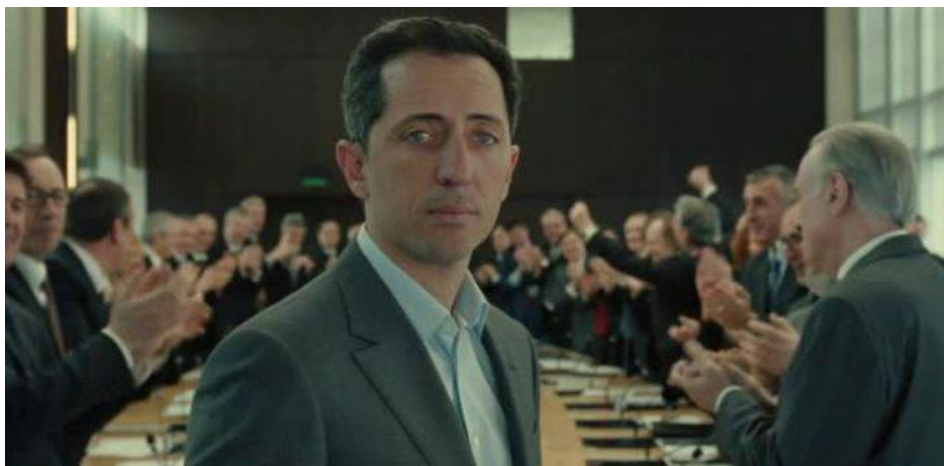
“Tem-se a tentação de ressuscitar aqui a velha oposição ‘humanista’ marxista entre ‘relações entre coisas’ e ‘relações entre pessoas’: na celebrada livre circulação aberta pelo capitalismo global”, deduz Zizek (2003, p. 180) para revelar que apenas as “coisas” (mercadorias) circulam livremente e a “movimentação” de pessoas, mesmo no campo dos direitos, está a cada dia sob mais controle.

Surge um novo racismo do mundo tecnológico, ainda mais bruto, na análise de Zizek. Não é naturalista (ocidente desenvolvido) e nem culturalista (preservação da identidade cultural ocidental), “[...] mas um desavergonhado egoísmo econômico – o divisor fundamental é o que existe entre os que estão incluídos na esfera de (relativa) prosperidade econômica e os que dela estão excluídos” (ZIZEK, 2003, p. 180).

A visão marxista é transplantada pelo diretor Costa Gravas – mesmo que o autor negue em entrevista – em *O Capital* (2012, distribuição Paris Filmes), que analisa o mercado de ações a partir de um banco chamado Phoenix, um dos principais da Europa.

Quando o presidente da corporação financeira morre, o protagonista Marc, um executivo da nova geração assume para se aproveitar como pode do cargo, dentro das “leis” e iniciativas “permitidas” no meio dos acionistas. Há sempre a busca pelo lucro a qualquer preço e a relação de poder ocorre como armadilhas para angariar vantagens no futuro. Nada é feito às cegas, por amor ou pensando no próximo.

Figura 35 – *O capital* discute o avanço do neoliberalismo na era das bolsas de valores



Fonte: <http://parisfilmes.com.br/acervo/189>.

O importante é usar a lógica do mercado – O Capital – para ter qualquer tipo de vantagem. Seria romântico se essa jogatina de ações não cortasse benefícios sociais conquistados a duras penas e empregos de trabalhadores assalariados. É mais uma denúncia à máquina de dinamitar as democracias revestidas com o véu sutil dos mercados famintos por dinheiro fácil. A película é decorrência da crise financeira de 2008, do mercado imobiliário nos Estados Unidos, que não só assolou o mundo como demonstrou responsabilidade criminal de atores financeiros. E o personagem avisa que a meta é seguir roubando dos pobres para dar aos ricos. Os gurus da economia de esquerda e mesmo os liberais medem crises cada vez mais próximas, sabe-se lá até quando e como qual capacidade de reabastecer o sistema vampiro da própria crise.

O que pode atenuar o massacre do capital sobre os sistemas de irmandade e igualdade no planeta – objetivando o bem-estar econômico, energético e produtivo com garantias ecológicas e de bem-estar social – incorpora-se na aposta na singularidade das consciências com trabalho de base na formação de massa crítica capaz de ascender ao poder. “Mas ao mesmo tempo a multidão permanece um conjunto inapreensível de singularidades” (NEGRI, 2016, p. 66).

Uma relação complexa ainda se demonstra sem solução entre o singular e o coletivo capaz de empoderar a massa em um só pensamento: vencer a desigualdade e distribuir melhor as riquezas materiais em nome mesmo da sustentabilidade. “Esse é o paradoxo central: aquele que se forma entre a natureza física, múltipla, inapreensível, e a natureza subjetiva, jurídica, criadora de direito e de constituição, da multidão” (NEGRI, 2016, p. 66).

A democracia radical de liberdade consonante com o maquiavelismo, no dizer de Negri (2016, p. 67), uma proposta radicalmente democrática de subversão do social. “Todo valor, toda escolha, todo ato político deve distender-se por sobre a relação inconclusa entre absolutidade do poder e multiplicidade das propostas, das necessidades, das experiências”. Esse refino de trato não se constrói enquanto o sistema ainda for manipulável à custa da ignorância dos subnutridos de tudo e de suas próprias consciências.

“Em suma, a formação do sujeito político é posta como tendência dentro de um entrançamento indefinido de entrecruzamentos subjetivos. Desse ponto de vista, a pluralidade leva a melhor sobre a unidade” (NEGRI, 2016, p. 71). O caráter absoluto das reivindicações democráticas deveria pousar na quebra do sistema contendo dentro de si “o desenvolvimento das liberdades” e mais ainda “[...] permitir a convivência das singularidades, a recíproca tolerância, a potência da solidariedade. Essa passagem é fundamental” (NEGRI, 2016, p. 71).

A passagem fundamental que propõe Negri não está subjugada ao simples assistencialismo, que com esmolas garante o *status quo*. Converte-se em propor novas consciências de libertação.

Uma assistida aposentada de um centro religioso da periferia de São Paulo, que além de receber cesta básica e atendimento odontológico na base do voluntariado, participa da entrega de marmitas para moradores de rua do mesmo grupo. Sabe-se que a sua ajuda vem da necessidade para poder ter mais algum alimento e roupas para levar à casa. Há 30 anos frequenta a casa assistencial e em todo este período não levou o principal: consciência de si para mudar a realidade.

O *status quo* ergue-se como vencedor em meio ao puro assistencialismo. “A multidão, na paradoxal natureza que exhibe, é fundação da democracia na medida em que permite a cada indivíduo singular levar à sociedade, inteiramente, os próprios valores de liberdade” (NEGRI, 2016, p. 71-72).

Além dos mantimentos necessários e justos, a ação para liberdade poderia ser aventada com a luta com lideranças de base, afinal, “[...] o universo político é o universo da ação” (NEGRI, 2016, p. 73), devendo ser a própria democracia uma “aporia objetiva do absoluto e da liberdade, e que essa aporia seja posta em condição dinâmica do processo político, bem, tudo isso certamente não resolve o problema da e as dificuldades da definição de democracia, mas sim os aprofunda” (NEGRI, 2016, p. 73).

Negri (2016, p. 74) aponta que a *omnino absolutum democraticum imperium* recebe vida na prática social de singularidades sobrepostos no processo massificante e ainda como *pietas*, desejo de fazer o bem, que surge por vivermos sob a condução da razão, formadora e constituinte de relações “[...] recíprocas singulares que se estendem entre a multiplicidade dos sujeitos que constituem a multidão. [...] a definição de democracia é reconduzida à potência constitutiva dos sujeitos. E tal potência constitutiva de sujeitos é ética” (NEGRI, 2016, p. 74).

O desejo de fazer o bem (*pietas*) vinculado ao agir segundo a razão ética “[...] estende-se então em honestidade, ou seja, no agir humana, benigna e coerentemente consigo mesmo e com os outros” (NEGRI, 2016, p. 74-75).

Os valores demonstrados aqui aparecem apenas na construção do pensar certo levantado por Freire e de acordo com a realidade democrática brasileira, ainda engatinhando. Mesmo a multidão sendo o entrelace dos sujeitos no projeto que se faz ontológico para tornar-se potência coletiva é ao mesmo tempo a definição da multidão “[...] arrancado da ambiguidade da imaginação e traduzido na teoria da ação política. Tal é a gênese teórica da democracia espinosana” (NEGRI, 2016, p. 76).

O pensamento errado e intransitivo não só mantém o sistema conservador, sendo defendido pelos próprios oprimidos, como se converte em incoerência porque para Negri (2016, p. 169) “[...] a ‘heresia’ é sempre uma ruptura da ordem dos saberes, e no caso específico, um excedente positivo, o produto de uma invenção teórica que se exprime criativamente e dessa forma exalta a singularidade ontológica do existente”.

Entretanto, a heresia do agora é o anti-intelectualismo, não acreditar na ciência e nem nos fatos. Parece um verdadeiro complô sinistro, digno de um livro de Kafka, no qual a maioria das pessoas, mesmo aquelas com condições materiais satisfatórias, refutam o óbvio. Será mera ignorância ou é apenas a ânsia pela manutenção do poderio social de uma classe média que não aceita a ascensão dos oprimidos? Bom seria o estado de consciência possível para “à construção generosa do *comum*” (NEGRI, 2016, p. 170).

Este mesmo conceito se impõe como exemplo de ação do oprimido, essência da revolução através da cultura em Freire. Ao compreender as coisas singulares sob a perspectiva de encontrar o eterno, a multidão não deixa de ser conceito coletivo “[...] que, para se tornar absoluto, exige reconstruir-se através das singularidades que

o compõem; pietas é conceito singular, aberto de maneira ontologicamente constitutiva à multidão” (NEGRI, 2016, p. 78).

Se a potência do humano é limitada, logicamente sempre será superada pelas causas superiores. Por isso, infere-se que a hegemonia do capital supera também a individualidade da massa oprimida.

2.11 Liberdade como revolução

A dominação, a qual colocam os autores citados deste capítulo, pode ser considerada como exterior ao homem e só passível de ser evitada com a própria ruptura do sistema por intermédio de uma liderança periférica e popular-coletiva. A mudança de bases só ocorre a partir da compreensão da situação atual do homem, no esforço com seus pares para introduzir a mudança, hoje tida como impossível. Quando se compreende a busca pela verdade e por indução à liberdade plena e ao esforço, de acordo com a natureza do pensar certo, estende-se o conceito também à libertação.

A própria sociedade de consumo determina os sentidos e quereres do ser. Mais além, a sociedade moralista ainda mantém enraizada dentro de si a ideia conservadora de que há uma força mística e abstrata antecedente ao bem e o mal e introduz conceitos e supostas verdades em seus membros, tidas como referências máximas de uma práxis do agir correto.

O egoísmo avança na elite mais potente que dispensa a qualquer custo meros atos de altruísmo que poderiam dar voz à massa amorfa e deteriorada pelo capital.

Insiste-se na conscientização alicerçando o trabalho de base, impondo uma reviravolta no sistema para evitar degradações humanas em alta escala. Depende-se da consciência plástica para isso, moldada no outro e na igualdade.

Negri (2016, p. 98) informa a importância de a imaginação voltar a vigorar, bem como as ilusões aparecerem em vida, energia, viva e não morta “[...] e a grandeza e a beleza das coisas voltarão a parecer uma substância, e a religião adquirirá de novo seu crédito, ou este mundo se tornará um cercado de desesperados, e quiçá mesmo um deserto”. Na imaginação plástica reside o cuidado com o outro como proposta de liberdade, mesmo sendo a modernidade “[...] descoberta da capacidade humana de transformar o mundo, de se apropriar do divino” (NEGRI, 2016, p. 100).

O destino do humano, dentro da educação, encontra-se no existir ético e a solidariedade o fim último do ser sendo o amor como base das paixões um desdobramento para a “necessidade e na alegria da comunidade”. Mesmo desta maneira, “[...] o infinito só pode determinar-se na multiplicidade, o infinito só pode realizar-se na comunidade. Aqui não há dialética, há liberdade que se confronta com a crise histórica, com a tragédia do ser – apenas esta, no entanto, pode produzir felicidade”, como afirma poeticamente Negri (2016, p. 104-105). O autor ainda diz que o “Amor intelectual é a condição formal da socialização, e que o processo comunitário é a condição ontológica do Amor intelectual” (NEGRI, 2016, p. 119).

O não esquecimento do desejo inerente ao ser faz Negri (2016, p. 126) apontar o ensino de uma “[...] desutopia profunda, contínua, estável, em cujo quadro a esperança da transformação revolucionária apresenta-se como dimensão do real como superfície da vida”. Só a revolução contra o sistema, que se impõe como única solução, pode ascender o oprimido consciente. Para esse autor, o ser espinosano se mostra como ideia de revolução ou transformação radical, impossível de ser negada, “[...] que dá liberdade ética a uma necessidade de transformação que conhecemos sempre mais profundamente. [...] ele mostra sua própria raiz na liberdade, e que essa liberdade é uma hipótese de conhecer, uma fundação do saber [...]” (NEGRI, 2016, p. 100), ou seja, conscientização.

A ontologia da revolução, na visão de Negri (2016, p. 126-127) é o ser da revolução. “É a partir dessas premissas que os territórios desolados do ser subsumido pelo capital, na última e terrível fase do seu desenvolvimento destrutivo, podem reabrir-se à esperança ética e à aventura da inteligência”.

A tarefa, portanto, seria “[...] conceber o ser como revolução necessária, como integração de uma liberdade que, por necessidade do sujeito, inventa uma nova história, bem, essa é nossa tarefa”. Esta construção de territórios mentais apresenta a “[...] superabundância do ser como novo continente que se abre diante de nós” (NEGRI, 2016, p. 127).

Se a revolução é um pressuposto, como quer Negri, e não um projeto abstrato, necessita ser uma “[...] tarefa prática, não uma escolha, mas uma necessidade. Nós vivemos a época da revolução advinda: nossa determinação é somente aquele de realizá-la. A revolução é signo que torna ético o operar” (NEGRI, 2016, p. 127).

Poeticamente e até de certa forma ilusória quando ao se pensar em liberdade “[...] não se fala de essências espirituais, mas de resistência, de rebelião, ou seja, de

imaginação, invenção. Não tanto de alma, e mais de corpos e de cooperação, de trabalho e de revolução” (NEGRI, 2016, p. 168).

Mas a revolução possui a necessidade de partir do comum estampado na figura do oprimido. Este comum atua com a proposta de ser “[...] sujeito de lutas contra os poderes públicos, pois estes – como sempre ocorreu – nada mais são que um instrumento do privado. O *comum contra o público*. [...] na atividade de liberação do comado e da exploração” (NEGRI, 2016, p. 174).

Por isso, através da conscientização vem a ética e a “[...] possibilidade de ser livre e inovador. Ao contrário, a fundação ética é a forma da superabundância do ser, da sua/nossa liberdade” (NEGRI, 2016, p. 128).

A consciência educativa de Paulo Freire, em todo seu âmbito e logicamente no ensino superior, se dá como um pensar político, reivindicante da liberdade da coletividade – hoje em dia formada em sua maioria pela massa oprimida – contra o poder alienante, numa inteligência chamada de aguda e “prolixa” pelo autor contra “[...] toda tentativa, mesmo a mais sutil ou a mais formal [...], é uma lâmina afiada que permite retirar toda sobrevivência, já tornada parasitária, da exploração do homem pelo homem, é consciência e arma. Potência contra poder”, explica Negri (2016, p. 128).

A conscientização persegue uma nova identidade tanto do Direito quanto do Estado, que possa garantir a liberdade individual dos povos, com pressuposto de defender os recursos naturais para as próximas gerações.

Nas aulas de determinados graus de ensino com alunos oprimidos, que pela primeira vez em suas famílias conseguem ascender ao nível superior, é possível alertar sobre a necessidade de ingresso à política, partindo da comunidade e da realidade da opressão, mas não adiantaria o próprio esfolado do mundo apenas chegar ao poder, sem discutir em sua própria região, em suas raízes, as ações possíveis para libertação em conjunto. Seria neste ponto a resistência/resiliência como sinônimo de potência, o que demonstra a superioridade epistemológica do oprimido em relação ao que lhe domina.

Em relação aos pós-movimentos de 1968, Negri (2016, p. 137) encontra na filosofia uma possibilidade da aventura crítica da razão, tendo as experiências das multidões como balizadoras da direção da realização da liberdade. A certeza passa pela falha do capitalismo e a hegemonia do trabalho, perpetrando o falimento da dignidade com a fome, desigualdade e guerras. A luta consiste em formar seres

políticos, lembrando que a ética está na associação e no processo de liberdade construído na própria resistência e na luta.

Uma alternativa é partir do pós-moderno. “Não em torno da potência do indivíduo, mas em torno da potência do comum e do amor” (NEGRI, 2016, p. 151). Unicamente consciente em comunicação e arte, temas do próximo capítulo, pode o humano ser “[...] um dispositivo para a destruição da tristeza, o desejo é um dispositivo de construção coletiva de liberdade e de alegria, e a ‘democracia absoluta’ (isto é, aquela das lutas) é a única forma concebível de liberdade e de igualdade” (NEGRI, 2016, p. 151).

A democracia consciente para Negri passa pela liberdade gerida para todos e esta gestão simbólica na realidade brasileira se liga à vontade possível do oprimido que é a maioria sofredora, mas os direitos de poucos se sobrepõem à multidão. Aprofundar e radicalizar contra a fome, o preconceito, a violência devem tornar-se uma única força contra o atual sistema porque “[...] acreditamos que a garantia de uma ‘marcha da liberdade’, através do aprofundamento do materialismo, pode ocorrer ao se estudarem as transformações do trabalho, da produção, das técnicas, e, portanto, os efeitos que tudo isto tem sobre a antropologia política” (NEGRI, 2016, p. 159).

Enxerga Negri (2016, p. 161) o tecido ontológico do radical singular livre como “[...] tentativa de inventar uma nova forma do político, que se subtraia da teoria da soberania e da clássica tripartição das teorias do governo do Uno”. O poder, pelo contrário, resultaria na opção de limitação das singularidades no caminho para liberdade. A conscientização do oprimido passa a ser similar a uma teoria da “[...] *cupiditas* e do amor racional, da liberdade e do comum” (NEGRI, 2016, p. 161).

Por esta lógica proposta resta perceber, como já explanado, que sobra da democracia na realidade brasileira um sistema similar aos de castas, represando o potencial do pobre, enquanto alimenta uma suposta liberdade de grupos hegemônicos. “Tanto o governo aristocrático quanto o democrático são monárquicos, porque são de qualquer forma governos do Um” (NEGRI, 2016, p. 164).

Esta percepção está também em Hegel que, de acordo com Negri (2016, p. 165), “[...] efetuará a síntese do público e do soberano, do comando e do progresso, através da *Aufhebung* supressão dialética da sociedade civil do Estado,

completando assim, na imagem metafísica, a necessária sujeição do trabalho vivo ao comando do soberano”. Mesmo assim, resguarda-se apenas a democracia como derradeira possibilidade de liberdade, pois parte-se do pressuposto que através dela se faz a vida política.

Freire propõe ressignificar o ser, superando sua ignorância dada e manipulada pelo Estado como uma falsa percepção da vida material, proposta historicamente neste capítulo. Sem a assunção para a consciência desperta não se pode esperar ação e transformação, mesmo que através da morte, da doença, da percepção da passagem do tempo e no desgarramento da memória fugidia como consequência.

Neste caminho inexorável até o fim da matéria desvela-se uma ingênua possibilidade do Ser-contrá. Contra o que oprime, desfavorável à dominação, em sentido de comunhão, mas livre pensador desde o princípio. Preceito hoje roubado pela falta de oportunidade que condena os mortais assalariados do Brasil à massa amorfa e condenada somente à sobrevivência.

Talvez por este cenário aceita-se tudo como fardo necessário para o gozo da vida *post-mortem* em um suposto paraíso de moralistas no qual se julga os atos mais banais, como a escolha da própria sexualidade. O desafio maior, no momento, é construir a igualdade na Terra e ao menos amenizar as dezenas de sofrimentos impingidos aos sofrendores pelos acumuladores do capital.

Abre-se a discussão sobre uma possível teoria democrática do poder, por se acreditar na inversão do comando. “Para se constituir, a sociedade não precisa do poder. Apenas os sujeitos podem constituir a sociedade, ou melhor, insistindo sobre a potência das singularidades, por meio das paixões que atravessam as multidões, produzir qualquer forma do Estado” (NEGRI, 2016, p. 167).

Negri continua no mesmo trecho a explanação geral do que Freire propõe em *Pedagogia do Oprimido* na relação entre a liderança intelectual e os esfarrapados do mundo. É que toda “[...] forma de Estado só pode ser legitimada pela relação que se estabelece entre os sujeitos e o soberano, ou mesmo, vice-versa, entre o soberano e os sujeitos, sucedendo-se sempre nessa contínua alternância” (NEGRI, 2016, p. 167).

Sem representação, o oprimido cai na gangorra das lutas multifacetadas de poder que almejam apenas seus próprios interesses. A libertação não surge ao léu, é gestada pelo tempo, pelas crises, sofrimentos e pela união irreversível das lideranças político-intelectuais em comunhão com os oprimidos, para ele, não por eles, senão somente com eles.

Seria bom imaginar que “as formas do comando estão sujeitas à atividade da multidão”. Sim, estão, mas apenas quando a multidão se enxerga como classe em si e sabe se organizar para exercer a sua força mais do que natural. Neste consenso de busca pela liberdade, Negri (2016, p. 186) considera que Espinosa a entende como desejo: “Se os homens nascessem livres, não precisariam de bem ou mal, e não haveria nem riqueza nem pobreza: é por que o homem nasce mísero que o desejo constrói a liberdade, e com a liberdade define o bem, enquanto o mal é somente um fruto de privação da liberdade”.

Assim, conceitos surgem no homem incompleto para o excesso de ser, o ser-com e o ser-junto, que ao contrário da história até o momento – luta exclusiva pela sobrevivência sem organização – tem como um dos pressupostos o crescimento do próximo e pela preservação em todos os níveis e sentidos.

Há um entrecruzamento em ação entre a polis e a vida, que “[...] apresenta-se continuamente como uma resistência, como uma consistência (*cum-sistere*), contra as pretensões do poder. É uma potência coletiva constituinte que se choca com o obstáculo da superstição, da não liberdade, do poder” (NEGRI, 2016, p. 208). Neste ponto coloca-se o amor ao outro como estrutura fortificada de subversão para construção de uma sociedade voltada para o comum aliando racionalidade e as singularidades para a vitória da liberdade comum. O social passa a se inter-relacionar com o político, aproveitando-se das individualidades dos seres para a retroalimentação – como no processo de comunicação – de volta ao bem comum.

A conquista de um novo sistema em forma de revolução se constrói gestada através da prática, seja a práxis constitutiva de Negri, seja a da filosofia da práxis de Gramsci ou mesmo por intermédio da práxis de ação cultural de Freire. Depende destas iniciativas a construção do ser livre porque “[...] o ser humano não nasce livre, mas se torna. E torna-se através de uma metamorfose na qual o seu corpo e a sua mente, agindo juntos, reconhecem na razão do amor. O eterno é, portanto, vivido na práxis constitutiva” (NEGRI, 2016, p. 222) capaz de tornar o homem eterno. A práxis constitutiva molda o ser eterno, fabrica esta dádiva.

Nesta mutação os aspectos místicos e idealistas para Negri (2016, p. 224), se anulam “[...] através da abertura ascética (ou materialista) à práxis constitutiva. A práxis constitutiva alcança a eternidade e apropria-se dela dentro de sua própria experiência”.

Para a reconstrução do mundo sugere Negri (2016, p. 242), produzir a liberdade da mesma forma que o eterno. “O sujeito é definido como resistência, ou seja, como essência amorosa e alegre que se opõe e resiste ao ódio e à tristeza” (NEGRI, 2016, p. 260), mas precisa ser instigado para isso como classe para si e só então “[...] a estratégia do *conatus* político é, de fato, concebida aqui como um movimento, ao mesmo tempo livre e necessário, de autoconstituição da sociedade como corpo” (NEGRI, 2016, p. 261).

A massa é vista como resistência de qualquer um a partir da auto-organização – anarquista? – autônoma do corpo coletivo, até a liberação de todos. O conceito de resistência se une à própria possibilidade da história da população.

A discussão deste capítulo resulta na sociedade real dominada, atônita e impossibilitada de liberdade, sempre fruto de contextualização histórica como conflitos que não só demonstram a realidade brasileira como no cenário global escancara a pós-política, “[...] em que a política propriamente dita é substituída pela administração social especializada, a única fonte legítima de conflito que resta é a tensão cultural (étnica ou religiosa)”, dimensiona Zizek (2003, p. 161-162).

Caso cresça a violência “irracional”, ainda segundo esse pensador midiático, isto se liga estritamente à despolitização social, da morte da dimensão política e “[...] sua tradução em diferentes níveis de ‘administração’ dos negócios públicos: a violência é explicada em termos de interesses sociais, e assim por diante, e o resto inexplicável só pode ser ‘irracional’” (ZIZEK, 2003, p. 162).

A educação libertadora com a utilização de temas cinematográficos tende a combater este estado de alienação, desde que o trabalho apresenta alguns passos adaptados da filosofia educacional de Paulo Freire (1997):

- a) o entendimento do sistema capitalista e seu combate através da conscientização passa pela humanização do opressor desumanizado;
- b) a paixão pelo conhecimento e a educação dialógica necessita de liberdade de ação;
- c) a libertação do indivíduo só ganha significado com a transformação social e essas experiências são reveladas também pelo cinema;
- d) o objetivo final das análises propostas para a educação é o de fazer o futuro com experiência e com o material disponível e não aceitar um futuro dado e preconcebido;

- e) educação deve ser concebida e praticada como ato de conhecimento, razão de ser dos atos políticos ideológicos econômicos etc.;
- f) não é a consciência a fazedora da realidade, mas reflexo seu;
- g) a passagem da consciência semi-transitiva para transitiva ingênua é estrutural dependendo da possibilidade da liberdade que implica em igualdade, discutida neste capítulo;
- h) já a passagem da consciência transitiva ingênua para a conscientização crítica só pode ser realizada por intermédio da educação, conquistada conjuntamente e não por um passe de mágica, fórmulas ou receitas prontas;
- i) a leitura do mundo se dá pela leitura das palavras simultâneas aderentes para o homem, e aqui se usa a linguagem cinematográfica para este intento;
- j) a escolha das obras depende da familiarização com a semântica das classes a serem atingidas, sempre partindo do oprimido. Justifica-se o cinema contemporâneo para o mundo do aluno universitário, visando encontrar tópicos que se liguem à realidade sistêmica global, sem desprezar as suas culturas locais como forma de resistência;
- k) persegue-se o exercício da prática em sua totalidade;
- l) não há educação sem conteúdo, mas isso depende do uso coerente por parte do educador;
- m) o problema é quem escolhe os conteúdos (imposição a favor do *status quo* e da alienação das massas);
- n) ao discutir o conteúdo, imperioso é determinar o papel ativo dos envolvidos – comunidade, alunos, professores, comunidade, pais e mãe etc...;
- o) as classes oprimidas devem ser colocadas dentro do conteúdo. Por isso, a discussão sobre a possibilidade de liberdade dentro do sistema político econômico atual. A origem do oprimido está diretamente ligada com estas questões e o capitalismo no cerne do estudo; e
- p) uma aula expositiva com o uso do cinema não possui necessariamente uma concepção bancária, desde que, após a fala do professor, haja a discussão sobre as temáticas, com perguntas e respostas de ambos os lados.

A partir desta análise sobre as condições necessárias para a liberdade, que podem ser desveladas com auxílio da educação revolucionária, a tese adentra-se também na formação do conceito da Sociedade do Amanhã, que não consegue se libertar de seus problemas atuais.

No próximo capítulo, a comunicação e a Sociedade da Informação/Conhecimento, vinculadas à educação do ser, serão discutidas a partir de obras cinematográficas selecionadas e agentes desta nova realidade.

CAPÍTULO III – COMUNICAÇÃO E O DIREITO À INFORMAÇÃO

Nos dois primeiros capítulos, a liberdade da interface entre cinema e educação foi analisada por intermédio da necessidade inerente ao ser e também pela possibilidade, ligada ao caráter econômico/social que impede a emancipação do oprimido.

É a conscientização, proporcionada pela educação emancipadora/crítica, o construto capaz de garantir liberdade e alternativas contra o *status quo* do capital. Tal feito de esperança, aquela ativa que orientada pela transformação, inexistente sem a comunicação, tida aqui como direito fundamental e transversal, equiparando-se à saúde, educação, alimentação etc. Afinal, se o Império se apropriou dos sistemas, também detém o domínio do poder midiático que lhe garante a soberania. Por este motivo, a comunicação efetiva entre aluno e professor ocorre somente quando se interpreta e se produz sentidos sobre os sistemas midiáticos e as próprias relações intercomunicativas em si.

A crença é que a educação, em todos os níveis, deveria questionar o funcionamento da Sociedade da Informação e o poder midiático na construção do mundo. “Só uma comunicação autêntica, na reciprocidade e na igualdade de condições, estabelecidas pelo diálogo, é que o indivíduo torna-se criador e sujeito. Por isso, a educação não é um processo neutro”, afirma Freire (2018, p. 125). Se a educação não é neutra, nem tão pouco é o sistema midiático, que difunde, além da desinformação, a sensação de que só resta como alternativa a manutenção do capitalismo para a sobrevivência da espécie.

O conceito deste capítulo com a análise da comunicação para a educação, traz à tona a Sociedade do Amanhã, que reflete a consciência ingênua e até fanatizada proposta por Freire ao decorrer de sua obra, enquanto a Sociedade do Agora se liga à consciência crítica.

O ser humano do amanhã espera que o futuro possa ser melhor por passe de mágica ou por medidas individualistas e restritivas de direitos, enquanto o homem do agora, conscientizado, mesmo em pequenos atos, sabe que não há mais tempo para uma construção futurística, que o amanhã não existirá sem o agora e a luta concentra-se na comunicação com a classe oprimida, a chave para a transformação estrutural. Serve também a uma suposta ecologia capitalista, revestida na crença de que ações individuais “verdes” poderão salvar o planeta sem a quebra do sistema. O homem

preso ao que virá, abre mão de sua liberdade que deve ser construída imediatamente. É na pedagogia para a Sociedade do Agora, com experiências significativas, que se abre a possibilidade de libertação da opressão.

A Sociedade do Amanhã realiza prescrições catastróficas para o futuro, mas não resolve seus problemas atuais, prova disso está exposta nos filmes de realidade distópica, que para Chauí (2019, p. 1), apesar de ter um signo crítico quando apresenta o mundo insuportável, pode rumar para o fim intolerável com o risco de transformá-lo em fantasma e apresentar um desfecho da história imóvel e sem solução. “A imobilidade distópica decorre de sua estrutura fantasmática: nela, o intolerável não é o ponto de partida e sim o ponto de chegada” (CHAUÍ, 2019, p. 1). Cabe à educação para o agora romper a inércia que coloca o aluno como suporte de um mundo dado e imutável.

Mesmo considerando suas possíveis boas intenções, o que é discutível diante à desigualdade crescente, a Sociedade do Amanhã é aquela da consciência intransitiva, que não se apercebe dos problemas dos outros, mas crê num futuro promissor, sabe-se lá como, ou mesmo espera manter seu padrão social mediano de conforto ainda sabendo que na esquina de sua casa crianças, adultos e adolescentes mendigam por um pedaço de pão.

Já a Sociedade do Agora, imaginando ter completado o processo de transição da consciência fanatizada-ingênua para a consciência transitiva e plástica, atuaria em comunhão para minimizar os problemas sociais e distribuir renda para o consumo sustentável. A preocupação, por óbvio, reside no amanhã, mas exerce a transformação já como forma utópica na busca por uma nova sociedade em relação a todos os aspectos inerentes à atualidade.

Contra a visão presente, eivada de angústia, “[...] da crise, da injustiça, do mal, da corrupção e da rapina, do pauperismo e da fome, da força dos privilégios e das carências, ou seja, o presente como violência nua” (CHAUÍ, 2019, p. 1), aplica-se uma proposta radical, que por sua vez busca justiça social, liberdade e comunhão entre sociedade, indivíduo, homem e natureza. Não se trata de uma proposta de ação “[...] mas um projeto de futuro que pode inspirar ações que assumem o risco da história, fundando-se na ação humana como potência para transformar a realidade, tornando-se imanentes à história, graças à ideia de revolução social”, de acordo com Chauí (2019, p. 1).

Apesar de a utopia considerar o mundo intolerável, não aceita render-se a essa situação, como não aceita Freire em seu sistema de educação. Ao contrário, pretende a conscientização após a tensão com o próprio eu em torno de sua realidade, trabalhando o mundo contraditório na práxis de cada ser. O intolerável seria ponto de partida para melhorar o mundo sendo que a “[...] mobilidade utópica provém de sua energia como projeto e práxis, como trabalho do pensamento, da imaginação e da vontade para destruir o intolerável”, diz Chauí (2019, p. 1).

A propulsão para esse desvelamento passa pela comunicação crítica e pelo entendimento das influências da mídia. “Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. Tanto mais democrático, quanto mais ligado às condições de sua circunstância” (FREIRE, 1967, p. 95). Daí a educação como instrumento comunicacional da Sociedade do Agora. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1967, p. 97).

No primeiro momento, define-se a comunicação social como um direito para analisar, na sequência, a proposta de Paulo Freire sobre o tema, com o auxílio da experiência cinematográfica para discutir a Sociedade da Informação. Assim, o cinema, em sua interface com a educação, servirá como um guia neste capítulo para o entendimento das implicações da comunicação na manipulação das mentes. A nova revolução que sustenta o *status quo* permite um suposto acesso à informação ao lado da manipulação de dados – sem autorização, transparência e regulamentação – em redes complexas de computação.

3.1 Comunicação para educação freiriana

Através das percepções de Paulo Freire (2018) busca-se a compreensão da atuação das mídias hegemônicas como propagadoras e mantenedoras do *status quo* de opressão, sem deixar de lado o papel exercido pela propaganda e pelas tecnologias de informação avançadas neste processo de corrosão das consciências. A educação bancária, combatida por Freire, exemplificada pelo depósito assistencial de conteúdos, não possibilita a liberdade porque consiste unicamente em comunicados e não comunicação.

Portando, a comunicação associa-se à crença do oprimido. “Ontologicamente, es necesario que los veamos con la capacidad de pensar cierto” (BASTOS, 2015, p.

101). Pensar certo só é possível com a comunicação crítica e verdadeira, cujo objetivo reside na libertação e não na aceitação do *status quo*. Muito mais do que isso, em paralelo à educação popular – não bancária –, aquela que serve à libertação, emancipação e aos valores autênticos da maioria da população (MAFRA, 2008, p. 185), busca-se a comunicação do oprimido que só pode ser desvelada por intermédio da educação.

O cinema, como biografia do mundo moderno, também contribui para o entendimento da ideologia dominante e age como um de seus mecanismos de apoio ideológico ao sistema. Com roupagem fantástica e histórias maravilhosas, a Sétima Arte incute inomináveis valores individualistas na mente dos oprimidos, gerando uma conscientização às avessas, não como previa Paulo Freire.

A própria posição freiriana, segundo Romão (2010), está na superioridade do conhecimento dos oprimidos em relação aos seus opressores. Este valor epistemológico, por interesses de classe, já aventados no segundo capítulo desta tese, adormecem sob influência dos meios de comunicação, da escola, da propaganda, etc... Nada que abra a consciência do povo e transforma a sociedade passiva do Amanhã em Sociedade do Agora, ciente de sua força pode passar pelo crivo midiático subsidiado pelos donos das grandes fortunas, que inclusive controlam a política.

É melhor que o oprimido, para a manutenção do *status quo*, pense que nada mais é possível e que uma situação melhor só ocorrerá amanhã ou mesmo nunca transcenderá. Trata-se do Sistema-Mundo sem Futuro descrito por Romão (2010, p. 1) como “[...] um cenário de grande desordem e incertezas e insegurança pessoal. É um quadro de problemas estruturais fundamentais para os quais não só não existe solução fácil, mas talvez até pouca perspectiva de que a coisa se amenize”. Ao contrário disto se coloca a razão do oprimido porque “[...] somente aos oprimidos e às oprimidas interessa a reflexão sobre as relações de opressão, bem como somente a eles e a elas interessa a transformação dessas relações”.

Contra o poder opressor da mídia situa-se a conscientização porque “[...] o papel da educação libertadora é a de afastar os elementos espúrios, ou inautênticos, incorporados pela consciência real dos (as) oprimidos (as) por meio da educação bancária” (FREIRE, 2018, p. 188). Só assim o oprimido poderá se defender contra a comunicação social dominante.

Entende-se, como ponto inicial, que a leitura de mundo ocorre antes da estruturação da linguagem, que se processará em comunicação. Este ponto, segundo o professor Romão, diretor do programa de doutorado em educação da Uninove, causou uma grande inquietação durante suas conversas com Paulo Freire. Após intensa reflexão, chegou-se a conclusão de que os olhos leem o mundo e o entorno mesmo antes da língua propriamente dita estar formada.

A grande mídia tem papel fundamental na inculcação de certos valores à sociedade. Tanto é que o Relatório McBride, proposto pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em 1980, chancelou o documento da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação.

Toda a discussão, que contou com participações de pensadores como o colombiano Gabriel Garcia Márquez, gerou a proposta idealista-utópica intitulada NOMIC – Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação.

Em sua participação no relatório, Paulo Freire cita a invasão cultural como imposição de visão de mundo e dos valores tidos como “certos” dos invasores contra as percepções de mundo “inferiores” dos invadidos dominados.

A grande mídia exerce influência neste tipo de dominação, mas a educação problematizadora, imbuída pela liberdade, tem o dever de esclarecer o impacto das companhias globalizantes que, além de utensílios variados para o consumismo, exportam produtos culturais. Assim, cria-se uma uniformidade imposta pela cultura dominante. O cinema opera neste mesmo sentido fazendo parte da chamada indústria cultural.

Além da questão cultural, a sociedade globalizada passa a atuar também através das redes, o que gera efeitos na economia e política global. Nesta perspectiva, SOUSA (2006, p. 458) elenca algumas transformações, oriundas deste processo comunicacional, como a dependência das tecnologias de informação; a queda da União Soviética e, conseqüentemente, do comunismo; a reinvenção do capitalismo global depois dos anos 80, coincidindo com o fim da Guerra Fria; a globalização desenfreada incluindo questões sociais e políticas; o retorno do nacionalismo e crise das democracias; o crescimento do comunalismo – comunidades locais – e da consolidação de uma consciência ecológica mundial; novas formas de trabalho; a globalização do crime e a cultura da virtualidade real.

Ainda de acordo com Sousa (2006, p. 459), o capitalismo da informação traz um conceito que passa pela distinção proposta por Castells e gira entre os modos de produção (capitalista, socialista) e os modos de desenvolvimento (industrial, informacional): “A sociedade em rede é uma característica do capitalismo da informação, muito diferente do capitalismo industrial”.

Não resta dúvida que a tecnologia, seja ela de qualquer matiz e que traga inovações, propicia à humanidade pontos positivos, que deveriam servir para melhorar a vida em comum e para a preservação da natureza, por exemplo. Entretanto, em sentido geral, nem sempre isso ocorre. É preciso tecer críticas à sociedade tecnológica, capaz de aprofundar ainda mais a desigualdade, criando pequenos grupos detentores do saber. O cinema é um desses grupos e a educação bancária e alienante também o é.

Com a nova organização comunicacional aprofunda-se as desigualdades e o “[...] fosso entre a tecno-elite, globalmente conectada, cosmopolita, capaz de formar redes globais, que apresenta formas de vida global, e os indivíduos entrincheirados no local, com uma identidade e um modo de vida comunitários” (SOUSA, 2006, p. 462).

Apesar de a Internet ter surgido a partir de uma agenda libertária e aliada da *big science* com carácter revolucionário que permite o encurtamento do espaço-tempo da sociedade e aproxima interesses até para uma revolução bem como do estudo militar da chamada ARPA Net (CASTELLS, 2003), resta também seu uso para a grande manipulação e a desinformação. “La hiperinformación y la hipercomunicación dan testimonio de la falta de verdad, e incluso de la falta de ser”, aponta Hun (2013, p. 23) sobre o acesso à informação na sociedade em rede sem mecanismos estruturais para uma educação conscientizadora capaz de fazer frente à abundância de conteúdo.

Além disto, a economia capitalista impõe necessidades de consumo, coage e requer além de tudo a exposição extrema do ser, renunciando à subjetividade das coisas em uma encenação expositiva como na indústria do cinema, por exemplo (HUN, 2013, p. 29).

A autofagia ocorre com o excesso de positividade e os alunos são preparados apenas para o sucesso e o outro não passa de um obstáculo a ser vencido ou deve ser largado à própria sorte. A mensagem egoística indica que só é pobre quem deseja e que não conseguiu fugir da miséria porque trabalhou pouco.

Assim, o que se demonstra (BAUMAN, 2014, p. 63) é uma relação inquebrantável entre as definições de liberdade e capitalismo. “Fazem a suposição logicamente equivocada de que uma pode existir sem a outra”. Sendo assim, “[...] a liberdade pode não ser também eficaz ou segura sem a solidificação do controle obtido por meio da imposição de regras, regulamentando o comportamento daqueles sobre quem o domínio foi obtido” (BAUMAN, 2014, p. 68).

Por estas razões, entende-se como objeto da práxis do comunicador bem como do educador a busca da comunicação alternativa, não elitista e não mercantil e a comunicação horizontal, democratizada, o inverso da institucionalização da informação, mas de caráter popular, feita como e para os oprimidos.

A Sociedade do Amanhã se compõe, nesta esteira, pelo homem multiforme, de uma pessoa que é simultaneamente pouco e muito socializada, intercalando fórmulas sem questionamentos, individuais, com pressões de identidade continuamente negociadas pelo mundo externo. “Dito por outras palavras, a sociedade recria-se e reproduz-se constantemente com base na ideologia dominante, em parte devido à força e ao carácter sedutor dos produtos culturais”, analisa Sousa (2006, p. 412).

Percebendo a ligação entre comunicação e a práxis da educação é possível discutir alguns perigos que invadem o sistema de ensino e que, sem a análise crítica e transformadora, servem para a manutenção da alienação dos oprimidos: existe uma tendência de se glorificar a tecnologia, que, longe de ser neutra, avança para gerar um ser humano superficial ou o chamado tecnicismo acrítico discutido por Paulo Freire desde seus primeiros trabalhos; outro ponto é a dominação cultural, que gera raízes em nome da fortificação das estruturas de poder nos países de Terceiro Mundo e a retira da importância da pesquisa científica, fator essencial para a compreensão da temática sobre a comunicação profissional.

A falta do entendimento do sistema midiático e desta discussão por parte do educador cria um véu que impede o exercício da liberdade plena. São claros os obstáculos a serem superados – ligados à necessidade de liberdade, tema estudado no capítulo anterior – que acabam também impedindo o acesso e o entendimento dos interesses da mídia: falta ainda desenvolvimento econômico, sustentável e justo nos países de Terceiro Mundo para garantir acesso a tecnologias adequadas, tanto para o povo quanto para as organizações de mídia; no desenvolvimento político ainda prevalecem estruturas de poder autoritárias sem a legitimação e participação da sociedade em geral; e a educação carece de maior desenvolvimento para que a

população possa consumir os produtos de mídia com compreensão e senso crítico para aplicação no dia a dia.

A comunicação freiriana para a educação requer o chamado discurso ideal, único que emancipa o homem. Esta meta só é possível com uma comunicação que faça a sociedade pensar no agora (mesmo que mudanças estruturais demandem tempo) para encontrar uma alternativa residente no amanhã. Para Freire (2018, p. 125), se “[...] esta crença nos falha abandonamos a ideia ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos ‘slogans’, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo”.

Entretanto, o discurso ideal se encontra embaraçado por interesses de grandes grupos midiáticos que, como aliados do grande capital, manipulam informações praticando o modelo de jornalismo empresa, baseado no lucro e não para o oprimido. Prova disto é que o consumo de informações/notícias está, em sua grande maioria, condicionado pelos interesses das fontes produtoras das mensagens, de acordo com a indicação do professor Chaparro²⁸.

Com o fácil acesso à informação – aqui não se discute a qualidade da comunicação produzida, mas adentra-se à produção de conteúdo em massa no intuito de entreter o povo, criar bolhas de pensamentos únicos e formar opiniões de acordo com setores que dominam o Estado – não se conseguiu a conscientização e o avanço do pensamento crítico capaz de fazer a Sociedade do Amanhã elaborar conceitos que a levasse a ser a Sociedade do Agora realmente preocupada com as mazelas do outro, a fome, a natureza e a um sistema de vida mais digno e igualitário.

A cegueira na análise da comunicação, provocada pela descrença nos veículos de grande circulação – e logicamente de sua incompatibilidade com a independência, segundo a teoria organizacional do jornalismo – impõe a opressão da ignorância.

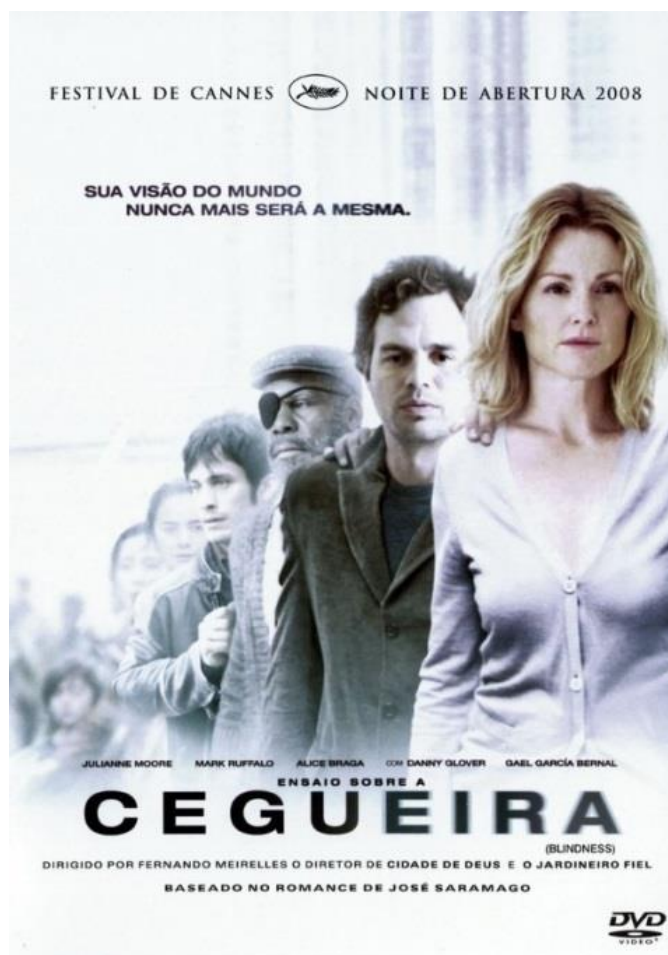
Ignorância refletida em forma de metáfora na adaptação do livro de José Saramago, no homônimo *Ensaio sobre a cegueira* (2008, direção Fernando Meirelles, distribuição Focus Features). No enredo fílmico ocorre uma misteriosa epidemia de cegueira no país como uma mancha de ignorância nos dias de hoje, que propala o ódio e a desinformação.

A cegueira se alastra pelo contato pessoal como a violência mundial que se aproveita da pobreza para formar raízes pelas periferias. Apenas uma mulher

²⁸ Oficina “Linguagens (Gêneros e discurso) e Ética na comunicação: o papel do professor”, ministrada pelo professor Dr. Manuel Carlos da Conceição Chaparro, em 2016.

conserva a visão, mas permanece em segredo com o intuito de acompanhar o marido dentro do hospital que abriga os doentes contagiosos, local onde impera a lei do mais forte. O guia do mundo nos tempos atuais passa a ser a grande mídia com interesses comerciais envolvidos²⁹.

Figura 36 – *Ensaio sobre a cegueira*, o capitalismo produz seres sem visão



Fonte: <https://www.miramax.com/movie/blindness/>.

A cidade degradada vê suas ruas em terror e em jogo as normas de comportamento atuais, algo parecido ao que pode ocorrer com a degradação contínua do sistema de proteção social e o avanço das tecnologias que substituem o homem pela máquina, precarizando o trabalho e jogando as pessoas em uma guerra laboral pela subsistência.

²⁹ Em 2008, o Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação (Epcom) listou 7.275 veículos de comunicação no Brasil e demonstrou a situação de domínio dos grandes grupos editoriais como Globo, Band, Record, SBT e Rede TV!, bem como a ligação de grupos políticos que detinham concessões tidas como ilegais.

O opressor não podia ficar de fora desse relato humanístico e é representado por um sujeito armado, guiado por um deficiente visual de nascimento. A cegueira acaba igualando as classes e serve para unir as pessoas.

Com este cenário, resta à educação o papel de comunicar a realidade, partindo da percepção freiriana, que destaca o saber oprimido com vantagem epistemológica devido à visão de mundo ancorada no sofrimento e nos problemas sociais. O desafio, através da educação, é que, junto ao oprimido, os educadores possam desvelar a opressão e fazer com que o sofrido não deseje ser o futuro opressor, mas uma alavanca para a libertação, inclusive de quem possui a consciência fanatizada.

A adaptação do romance de Josh Malerman (2014), *Bird Box* (2018, direção Susanne Bier, distribuição Netflix) discute a cegueira proposital contra os medos profundos do ser, não comunicáveis, típicos das sociedades que não enxergam o outro.

Figura 37 – *Bird box*, pós-apocalíptico



Fonte: <https://www.netflix.com/watch/80196789?source=35>.

No mundo pós-apocalítico, para o qual caminha o planeta atual, o homem veste máscaras para suportar sua família, seu emprego e a convivência social, enterrado no individualismo consumista ou na manutenção de aparências padronizadas.

O enredo desenvolve a história de uma mulher (Sandra Bullock) e seus dois filhos (chamados apenas de garoto e garota) navegando por um rio com uma venda nos olhos. O objetivo é encontrar refúgio após forças desconhecidas gerarem diversos suicídios – como já citado, a sociedade do capital tem como uma das principais

doenças, a depressão. Em meio a lembranças do passado durante o trajeto, a película apresenta uma sucessão de *flash backs* antes da invasão das criaturas invasoras instalarem o medo social. A estrutura da transparência neoliberal também é apoiada pelo medo, que não permite sonhar com o amanhã, matando a esperança.

O preconceito aos excluídos se enraíza na limitação de acesso à informação e educação, temas gestados pelo culturalismo racista (SOUZA, 2017). A história nacional estruturada com auxílio da escravidão, codificou o brasileiro e até a classe média reflexiva, como pessoas que se enxergam europeias, livres do sistema escravagista. Impera o sadomasoquismo social, personalizado no patriarcado de classes, sem limites ao poder dos donos de terra, hoje transformados nos donos do capital financeiro e da classe média que vive no padrão norueguês de qualidade de vida, mas está cega para o entorno de miséria, a qual os olhos não alcançam.

Ressalta-se que a sociedade baseada no amanhã galga a solução para as crises mundiais de forma individual, acreditando no esforço próprio e na meritocracia. Já a Sociedade do Agora, que se vê conscientizada, só entende uma alternativa em comunidade, resgatando primeiramente aquele que mais sofre.

O caminho para esta conscientização começa pela educação que desvende os interesses escusos por detrás dos meios de comunicação, refletores dos interesses dos muito ricos, que por hereditariedade (o contrário da meritocracia) detêm o poder global, controlam a política, os meios de comunicação e a mídia. Pior é o uso da propaganda sedutora para anestesiar as mentes que lutam pelo consumo.

A comunicação social como se apresenta (SOUSA, 2006, p. 414) não é transformadora, pelo contrário, age como instrumento de exploração das massas e antes de tudo veicula e perpetua a ideologia dominante, voltada para o consumo. Não se libertará o oprimido sem uma reestruturação da comunicação social. “Indivíduos, oprimidos, narcotizados e alienados pela comunicação social, aceitam o domínio de uma classe e da ideologia desta classe” (SOUSA, 2006, p. 414).

Que alternativa há de forma individual contra esta realidade? *Minimalism: A Documentary About Important Things* (2016, direção Matt D'Avella, distribuição Asymmetrical Press) ressalta a experiência de alguns norte-americanos que reduziram ao máximo o consumo para viver com o mínimo possível.

Figura 38 – *Minimalism* discute viver com o mínimo de consumo



Fonte: <https://www.netflix.com/title/80114460?s=a&trkid=13747225&t=cp>.

Durante a película, o jornalista da rede ABC Dan Harris, autor do livro de autoajuda *10% mais feliz* destaca algo que faz sentido na sociedade voltada para o amanhã: “Presos à caçada nos tornamos infelizes”. Esta caça a que se refere é uma metáfora quanto à preocupação com a subsistência, com a manutenção de certo nível de consumo e para atingir um padrão social – encorajados pelo sistema a manter vícios e luxos. A discussão acadêmica é muito menos no ensino de base, na maioria dos casos, ignora as questões da economia baseada em recursos e na busca pela distribuição igualitária.

A temática é motivante, inspiradora, mas, como a maioria dos filmes modernos de Hollywood, a ideia soa ingênua quando se esquece que viver é uma forma de comunhão, já analisado anteriormente no que diz respeito à manutenção da espécie humana.

Enquanto as alternativas forem esparsas e focadas no individualismo, quem continuará pagando a conta da comunicação voltada para o consumo continuará sendo o oprimido. Zizek (2009) indica que a ideologia da cinematografia moderna é baseada na mentira e que sempre é necessário manter uma falsidade para justificar a manutenção do sistema. O minimalismo, por si só, não será páreo contra a comunicação que garante a existência do status quo. A questão é sobre a potencialização crítica dos estudantes para que haja transformação

A alternativa de se viver com o mínimo, se excluir da sociedade, acumular bens durante um período da vida para se aposentar aos 40 anos só funciona para uma

classe média branca e abastada, estruturada familiarmente, que consegue este tipo de acumulação e consciência dita emancipadora, porém fechada no individualismo.

O esfarrapado do mundo, o jovem periférico e negro, estatisticamente excluído do sistema sobrevive como escravo das horas, de salário em salário para se alimentar. O consumo aqui não se trata de um luxo, entretanto de uma distribuição social. Não é possível falar de minimalismo para aquele que não tem esgoto ou três refeições diárias. Jovens paulistanas, com as quais temos contato, deixam seus filhos de três anos trancados no barraco para poderem trabalhar porque o Estado não promove nenhum tipo de bem-estar social.

Nesta linha de raciocínio, propõe Freire (2018, p. 155) “[...] que o pensar do educador somente ganha substância na substância do pensar dos educandos, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto”.

No sistema educacional particular, por exemplo, pode existir uma certa pressão para que as discussões sobre o mundo, a política etc... não avancem sobre os significados do sistema e nem na oportunidade de mudanças porque o aluno, em muitos casos, é considerado como consumidor e não deve se ofender com as temáticas progressistas e tidas como revolucionárias, uma ofensa ao tradicionalismo das famílias abastadas, que traçam um caminho de metas para suas crias desde a tenra idade, limitando ao máximo possível os obstáculos. O outro não existe e o pobre é apenas um detalhe que não impede o gozo dos mais ricos, defensores da meritocracia elitista.

A práxis do educador com pensar isolado, apenas científico/tecnicista, sem estar fundado pela comunicação e em volta da comunicação o coloca em isolamento perante ao oprimido. “E, se o pensar só assim tem sentido, se tem sua fonte geradora na comunicação das consciências mediatizadas pelo mundo, não será possível a superposição dos homens aos homens” (FREIRE, 2018, p. 155). Esta superposição, tão criticada, também ocorre por intermédio dos meios de comunicação de massa, propagadores do *status quo*.

Contrária à educação bancária, Freire (2018, p. 163) defende a comunicação problematizadora como caminho para a liberdade de consciência. Atingir a educação libertadora, que por sua vez problematiza ao invés de passar meros comunicados, “[...] já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação

bancária, mas um ato cognoscente” (FREIRE, 2018, p. 163). Infelizmente, o próprio professor precisa educar para o sistema, caso contrário rompe a ordem imposta e corre o risco de perder seu emprego no caso das instituições particulares.

De acordo com a situação gnoseológica (FREIRE, 2018, p. 163) o objeto cognoscível não é o término do ato cognoscente do sujeito, mas atua como espécie de ‘mediatizador’ de “sujeitos cognoscentes, educador, de um lado; educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos, sem a qual não é possível a relação dialógica”. As situações problematizadoras podem ser matizadas pelo cinema, reflexo dos próprios problemas sociais e dos jogos maniqueístas que tolhem a liberdade.

Se Freire fala em “educação bancária” em *Pedagogia do Oprimido*, cunhamos o termo de “comunicação bancária”, que nega a conscientização aos receptores. Cabe ao Estado e aos líderes que se insurgem contra o sistema, desenvolver em conjunto com o povo a garantia de uma política de comunicação amparada pela democracia. Ao Estado, de acordo com princípios constitucionais, resta, ao menos, o papel de organizar e dar acesso às comunicações para todos. Porém, não se encontra no Brasil sequer um órgão de imprensa não estatal, mas “participativo”, que reúna representantes sindicais, do povo, minorias, bem como setores empresariais, que possam, em conselho, traçar os rumos dos conteúdos.

Alguns elementos em Freire (2018) indicam um rumo para elaboração de uma proposta pedagógica para a comunicação libertadora, capaz de desvendar as consciências e conduzir o homem à criticidade de si, de seu entorno e da mídia:

- a) só se alcança a liberdade com o diálogo, estopim para o pensamento crítico que implica num pensar crítico. “Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (FREIRE, 2018, p. 197);
- b) educador, político ou comunicador precisam conhecer a estrutura que condiciona o pensar e a linguagem do povo. “O conteúdo programático para a ação, que é de ambos, não possa ser de exclusiva eleição daqueles, mas deles e do povo. É na realidade mediatizadora, na consciência” (FREIRE, 2018, p. 207);
- c) a investigação no contexto da educação necessita ser uma operação simpática, “[...] no sentido etimológico da expressão” (FREIRE, 2018, p. 241). Deve ser constituída “[...] na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode

- ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem ‘comportada’, mas, na complexidade de seu permanente vir a ser”;
- d) como já estudado no primeiro capítulo, “[...] a etapa da alfabetização a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a ‘palavra geradora’, na post-alfabetização, busca e investiga o ‘tema gerador’” (FREIRE, 2018, p. 245) como propõe e estuda esta tese, quando analisa a liberdade tendo como suporte o cinema e a conscientização;
 - e) depois de reduzir a temática investigada como propõe Freire (2018, p. 279), segue-se a codificação e depois o melhor “[...] canal de comunicação para este ou aquele tema ‘reduzido’ e sua representação”;
 - f) homens são seres inexistentes fora da comunicação e o diálogo passa a ser “[...] exigência radical da revolução. [...] Obstaculizar a comunicação é transformá-los em ‘coisa’” (FREIRE, 2018, p. 303);
 - g) as elites podem pensar com as massas, mas trata-se de apenas um simulacro de comunicação, tornando os oprimidos depositários de conteúdos domesticadores. “A sua teoria da ação se contradiria a si mesma se, em lugar da prescrição, implicasse na comunicação, na dialogicidade” (FREIRE, 2018, p. 313). A estratégia comunicacional é manter as massas alienadas. Por isso a aproximação é falsa e dada a manter o *status quo*;
 - h) os conteúdos dos grandes meios de mídia, para Freire (2018, p. 337), não podem ser chamados de comunicação, pois trazem atrás de si propagandas e *slogans* com interesses escusos. “Como se o ‘depósito’ deste conteúdo alienante nelas fosse realmente comunicação”;
 - i) os movimentos precisam, além de comunicar seus anseios com a comunidade local, ganhar fôlego e aderência para tornarem-se amplos e totais. O processo ocorre em cadeia (FREIRE, 2018, p. 339) com as comunidades locais estudadas como totalidades em si, mas sendo parte de outra área “[...] que, por sua vez, é parcialidade de uma totalidade maior”; ao contrário, a adesão aos oprimidos “[...] importa numa caminhada até eles. Numa comunicação com eles” (FREIRE, 2018, p. 403);
 - j) a ação dialógica se caracteriza pela colaboração, que só ocorre entre sujeitos e realiza-se pela comunicação. Não existe conquista das massas pelos ideais revolucionários, mas adesão. “O diálogo, que é sempre comunicação, funda a colaboração. A adesão verdadeira é a coincidência livre de opções. Não pode

verificar-se a não ser na inter-comunicação dos homens, mediatizados pela realidade” (FREIRE, 2018, p. 419);

- k) só a comunhão entre massas e liderança em um corpo só resultará no que Freire (2018, p. 429) chama de “fusão”. “Fusão que só existe se a ação revolucionária é realmente humana, por isto, simpática, amorosa, comunicante, humilde, para ser libertadora”.

Este item se encerra com a percepção de que a comunicação social se impõe de forma simulada para impor uma espécie de mitificação da realidade “[...] que consiste em fazê-la passar pelo que ela não está sendo”, de acordo com Freire (1981, p. 101). Esta mitificação implica na consciência falsificada. “É que seria impossível falsificar a realidade, como realidade da consciência, sem falsificar a consciência da realidade. Uma não existe sem a outra”.

A própria propaganda comercial, como se passa a analisar a seguir, também como linguagem cinematográfica e cheia de seus efeitos e sentidos, na visão de Freire (2018) se constitui num caminho de alienação das mentes e age como um apoio ao *status quo* porque depende do consumo exagerado e da criação de necessidades, bem como se atrela ao sistema neoliberal, que influencia, por sua vez, a educação.

Por exemplo, para Chauí (2019, p. 1) “[...] o salário não é visto como tal e sim como renda individual e a educação é considerada um investimento para que a criança e o jovem aprendam a desempenhar comportamentos competitivos”, ressaltados pelo sistema de comunicação vigente.

3.2 Propaganda e o suporte do *status quo*

Um dos pontos de suporte da Sociedade do Amanhã é a propaganda apresentada como o “[...] instrumento eficiente para a efetivação desta ilusão”, que além de difundir os valores tidos como “exemplos” da ordem social, também “[...] difunde que toda tentativa de indagação em torno dela é em si ‘um ato subversivo e pernicioso ao bem comum’” (FREIRE, 1981, p. 101).

Freire (1981, p. 27) compõe um material educacional com lugar para o que Aldous Huxley chamou “a arte de dissociar ideias”, arte que é o antídoto da força de domesticação da propaganda. Os alunos deveriam discutir as situações – desafios – desde a simples propaganda comercial até propaganda ideológica e isto desde a fase de alfabetização. A propaganda não é em si o suporte desta tese, mas no contexto

mercadológico o próprio cinema é uma peça maior propagandista, um produto em si, que dissemina outros tantos objetos, ideias, estilos e comportamentos a serem vendidos.

O resultado das discussões propostas por Freire era uma espécie de despertar dos grupos de estudo que compreendiam o caráter enganoso da propaganda como “[...] uma marca de cigarros, fumados por uma bela moça de biquíni, sorridente e feliz, e que com seu sorriso, sua beleza e seu biquíni nada tem a ver com os cigarros –, descubrem na primeira fase a diferença entre educação e propaganda” (FREIRE, 1981, p. 27). Almeja-se com o cinema a mesma experiência obtida na ocasião quando se reflete sobre “[...] os mesmos enganos na propaganda ideológica ou política, no uso de ‘slogans’. Quando capacitados para a crítica, estarão armados para a ‘dissociação de ideias’ evocada por Huxley” (FREIRE, 1981, p. 27).

A desinformação, item que ampara a propaganda, gera o desprezo pelos fatos científicos. Tudo isso é uma forma de embaçar a conscientização da população oprimida, criando o fenômeno da verdade individual, que ignora os fatos e até mesmo dados comprovados por sérios institutos de pesquisa.

Vivendo em padrão econômico europeu, mesmo os componentes de uma classe média elitizada, com teoricamente acesso às “ciências” de qualquer natureza, chamam de *fake news* (notícias falsas) determinadas declarações de políticos ou mesmo informações fáticas obtidas pelo Ministério Público em determinadas investigações. Não se trata aqui de discutir o contexto – nem mesmo de convicção, ilações ou suposições – de uma fala ou concordar ou não com seu conteúdo, mas apenas admitir que ela existiu, mesmo tendo sido gravada em vídeo³⁰.

Ainda existe a massificação da cultura de interesse, ou seja, cria-se um determinado padrão para ser seguido em nome do mercado. Até a ecologia entra neste espectro quando se acredita que individualmente será possível combater a degradação do meio ambiente, enquanto as grandes indústrias seguem poluindo em quantidade exponencial para garantir os lucros.

Com a ajuda de *lobby* político, propaganda e atuação em parcerias com ONGs “verdes”, multinacionais do setor de refrigerantes indicam a reciclagem como solução, condenam a população de não reciclar e ao mesmo tempo lutam contra a proibição-

³⁰ Pesquisa conduzida Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) indica que adolescentes não sabem diferenciar fatos de opiniões. Disponível em: <https://hypescience.com/assustador- apenas-9-dos-adolescentes-conseguem-diferenciar-fatos-de-opinioes/>

limitação da produção de plástico no mundo³¹. Por outro lado, os grandes meios de comunicação não cumprem o que prevê a Constituição em relação às informações. O Ministério Público do Trabalho, em 2018, por exemplo, acusou as emissoras de TV líderes de audiência no país de apresentarem pouca representação negra em seus quadros diários³². O principal interesse é o mercadológico, deixando a função social e imposta pela lei de lado.

A ligação comunicacional entre produção e o mercado, de acordo com Prado e Silva (2003, p. 18) cresceu com o modelo toyotista de produção – ao contrário do fordismo, a demanda orienta a produção. “Mesmo que eles não ‘comuniquem’ no sentido habermasiano [...] as empresas de comunicação ‘aumentam’ seus faturamentos e investem em fusões cada vez mais amplas”.

A ideia de que o consumo comanda a produção já foi debatido pela Escola de Frankfurt com a conclusão de que “[...] a estandardização e homogeneização dos produtos culturais reduz os riscos, facilita as vendas e, por consequência, contribui para dar lucro à indústria cultural” (SOUSA, 2006, p. 412).

Este princípio, como explicam os autores nos parágrafos anteriores, define a vigente circulação não apenas de bens, mas de informações e serviços que decorre do balanço entre comunicação e incomunicabilidade.

É neste cenário de forças comunicacionais orientadas para criação de um padrão de consumo e do excesso de comunicação sem checagem, muitas vezes falsas e mentirosas que o oprimido se torna fantoche da indústria de consumo criadora de desejos supérfluos. O foco das décadas passadas de atração de compradores, na avaliação de Prado e Silva (2003, p. 19), mudou: antes concentrada na qualidade do produto passa agora para a composição de uma identidade de marca³³.

Para os pesquisadores Prado e Silva (2003, p. 21) ocorre o esgotamento do *marketing* nas relações de consumo, estruturadas na produção e distribuição de mercadorias. O foco agora é mais profundo atingindo o âmbito da cultura e

³¹ Disponível em: <https://theintercept.com/2019/10/22/audio-vazado-revela-como-a-coca-cola-busca-enfraquecer-os-esforcos-para-a-reciclagem-de-plastico/?fbclid=IwAR3WDOhSIOIKK8bSBp5MZ3vUAXyYHyKE57Cely3PQ9eLzdDxfXoGU1oSZ2g>

³² BLOGOSFERA UOL. Após globo, SBT e Record são notificadas por falta de representação racial. Disponível em: <https://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2018/06/07/apos-globo-sbt-e-record-sao-notificadas-por-falta-de-representacao-racial/>. Acesso em: 15 jun. 2018.

³³ Nesta publicação jornalística (<https://outraspalavras.net/ojoioeotrigo/>) é possível acompanhar a manipulação da propaganda quando à alimentação, inclusive com embalagens que levam a erro, abusivas e enganosas de acordo com o Código de Defesa do Consumidor. Vale a reflexão quanto à permissividade das autoridades e da sociedade quanto a este tipo de comunicação, que prejudica a saúde da sociedade. Parece que vale tudo em nome da venda.

sobrepondo-se ao capitalismo tradicional da acumulação de bens. O novo ambiente enfatiza não só a posse de bens-objetos, mas a vivência de objetos e performances, para construir mundos imaginários que conquistam mentes.

O marketing não só customiza a “experiência vivenciada” (PRADO; SILVA, 2003, p. 22), como atua na orientação do consumo. Na lógica do mercado, o jornalismo se aproxima deste estigma. Parte dos comentaristas possui verdadeiro fetiche em defender a Reforma da Previdência no Brasil, sem a proposição de alternativas ou sem auditoria séria das contas em questão. Dentre tantos especialistas do espectro econômico do país não é possível que não exista alguma corrente contrária ao sacrifício popular. Há inclusive denúncias de fraudes, que viraram pequenas notícias sem ocupar destaque merecido devido à importância da emenda constitucional que afeta todos os brasileiros que ainda não se aposentaram³⁴.

A grande mídia, exercendo o jornalismo empresa, não pode deixar de lado seus interesses. O consumo excessivo e sua indução pela propaganda em geral ameaça o planeta e se aproveita das culturas, mitos, valores e crenças (PRADO; SILVA, 2003, p. 23) de uma determinada comunidade para cooptar as mentes oprimidas e alienadas.

A comunicação social do mundo neoliberal age como ferramenta que permite a exploração das classes dominadas pelas classes dominantes. Consequentemente, a comunicação social não é transformadora, pois perpetua a ideologia dominante. Só haverá transformação no tecido social com a reestruturação também da comunicação social.

Faz parte da opressão moderna, enaltecida pelo neoliberalismo como remédio pacificador, gerar excluídos e fábricas de suor, abusados emocionalmente, privilegiando o *ter* em detrimento do *ser*. Ao consumir uma experiência, automaticamente, a população passa a pertencer a um grupo, gerando assim a identidade dos bens materiais. Na política, o oprimido como massa de manobra defende medidas contra seus interesses por causa da formatação linguística de certos

³⁴ A nova reforma da previdência fará com que os mais humildes precisem trabalhar cerca de 10 anos a mais. Em um trabalho social em Interlagos, periferia de São Paulo, duas senhoras de 63 e 65, castigadas pelo tempo, alquebradas e arrimo de família teriam que trabalhar por pelo menos mais cinco anos para conquistar a aposentadoria que lhes garante o mínimo em um barraco de favela. É nítido que elas não suportam mais o esforço físico. <https://www.cartacapital.com.br/economia/pesquisadores-descobrem-trapaca-do-governo-em-calculos-da-reforma-da-previdencia/>.

discursos, transformados em experiência para gerar capital político para os detentores do alto capital.

Há um jogo de forças por fatores “menores” que fazem a manutenção do sistema. Se por um lado não é possível viver em paz sabendo da fome na África, a população pode se alegrar com a queda dos preços e a elevação em seu poder de consumo (BAUMAN, 2014, p. 134).

Aos que estão fora é negada a liberdade de consumo. Os pobres querem entrar para esse mundo maravilhoso dos bens e do poder aquisitivo, de uma mesa farta e da tranquilidade de não precisar fazer contas no final do mês. Foram ensinados assim em todos os momentos de suas vidas, vendo por traz de sua “jaula” de existências – os moradores da periferia, além de menos acesso a recursos básicos como saúde, educação e saneamento básico, ainda enfrentam a violência, preconceitos, marginalização e expectativa de menor do que os privilegiados moradores de bairros tidos como nobres – o sucesso alheio, mas muito distante, inalcançável nem mesmo pelo sonho.

Houve um acréscimo no poder de consumo nos últimos 15 anos no Brasil, mas o pecado maior restou na não diminuição da desigualdade como se fosse possível manter a estrutura desigual e ainda aquecer a economia de consumo popular.

Nas universidades particulares do Brasil dezenas de alunos lutam para conseguir pagar as mensalidades vendendo nos intervalos bolos, brigadeiro, salgados etc. No entorno dos prédios monumentais, que abrigam discentes e professores, centenas de vendedores e ambulantes criativos oferecem comida mais barata para aqueles que muitas vezes não podem pagar o almoço.

Na Universidade del Atlantico, na Colômbia, a reitoria liberou o campus para os alunos montarem seus pontos de venda e conseguirem alguma renda.

A proposta que satisfaz a elite é cortar direitos de quem não os tem, bem como deixar o aumento real do salário mínimo de lado ou taxar o seguro do desempregado. A diferença monetária nestes casos é ínfima, entretanto, irrelevante apenas para aqueles que não precisam fazer contas no final do mês e escolher entre o remédio do filho e o almoço do dia seguinte. A mídia propaga a necessidade de cortes de gastos pensando tão somente em seus interesses. Mas para continuar pagando juros da dívida para grandes acionistas o dinheiro nunca acaba.

Diversos oprimidos, mas que galgaram um degrau para sua libertação ao entrarem no ensino superior, justificam a falta em alguns dos encontros acadêmicos

por estarem sem dinheiro para pagar por locomoção. Outros “pulam” uma refeição para conseguirem pagar pelo transporte que se diz público³⁵.

Na cultura do consumo, que faz todos lutarem para reproduzir os opressores e até por um padrão de consumo básico, “[...] os consumidores não são inimigos do pobre; são padrões de uma vida boa, exemplos para alguém tentar o melhor de sua habilidade”, reflete Bauman (2014, p. 135).

Mas a elite sim parece ser inimiga da distribuição de renda, que flagrantemente corrobora com seu poder de dominação ou mesmo com sua ganância insaciável. Uma alternativa levantada pelo autor (BAUMAN, 2014, p. 137) seria “[...] aquela da autonomia individual conseguida por meio da cooperação comum e baseada na autonomia comum”.

Por enquanto não há possibilidade ou abundância para o consumo sem fim e o homem pobre, de acordo com Bauman (2014) não é apenas aquele que não consegue os bens escassos de sobrevivência, mas aquele que já não têm freios em seus limites de desejos, buscando sempre mais do que aquilo que detêm em termos materiais. Esses consumidores livres na verdade são “pobres” porque a felicidade para eles, segundo Bauman (2014, p. 139), “[...] está expressa em um número sempre crescente de posses e, portanto, constantemente escapa deles, nunca pode ser alcançada”.

Quando a liberdade se identifica com a busca da felicidade privada (BAUMAN, 2014, p. 140), qualquer sorte de autogestão comunitária e o sentido público da existência em comunidade perde força até desaparecer.

Instaura-se a ideia de que o “comunalismo” é a filosofia do fraco. A acumulação de poder e de riquezas tende a ficar cada vez mais nas mãos de menos pessoas. Mesmo se a competição da meritocracia começar com igualdades de condições entre duas partes “combatentes”, o que não se vê na prática, esse jogo pelos bens escassos “[...] inevitavelmente irá terminar como o conjunto de poucas unidades poderosas e muitos despojados, transformados agora em subordinados cuja ação é regulamentada e não será mais soberana” (BAUMAN, 2014, p. 81).

O neoliberalismo elimina o fantasma da competição quando introduz a máxima do consumo para todos. Não há eliminação nesse caso, podendo os participantes crescerem no consumo.

³⁵ Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) indica que brasileiros gastam mais com transporte público do que com comida. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/04/peso-do-transporte-no-orcamento-familiar-ultrapassa-o-da-alimentacao-pela-primeira-vez-aponta-ibge.ghtml>

Outro ponto lembrado diz respeito à segurança espiritual prometida pelo sistema, pois consumir é uma dádiva simbólica, tendo a posse de bens como recompensa. “A luta também é por símbolos e pelas diferenças e distinções que eles têm”, confirma Bauman (2014, p. 83).

Por mais que digam o contrário, o número “[...] de pessoas que verdadeiramente podem exercer sua liberdade na competição capitalista sempre foi extremamente limitado” (BAUMAN, 2014, p. 87).

Entender essa realidade na educação se faz imperioso. Os cursos superiores rumam cada vez mais para o tecnicismo, já combatido por Freire desde seu trabalho sobre a realidade brasileira na década de 60. Só a técnica não transforma o mundo e os discentes, segundo as práticas pró-mercado, precisam sair da academia com uma profissão, sabendo mecanicamente se encaixar nos novos padrões de emprego do mundo da informação.

Questões mais profundas da construção de uma economia sustentável, por exemplo, ficam de lado. Nem a nova organização do trabalho é discutida. O ponto central gira apenas em como vencer o próximo e garantir um lugar ao sol neste cenário desolador, mesmo que para isso a natureza se esgote ou a desigualdade aumente pelo mundo.

O sistema comunicacional, que também está apoiado no lucro, reproduz a ideia do mercado e da liberdade individual de consumo. “O método do mercado consiste em construir o eu usando imagens. O eu se torna idêntico às indicações visuais que outras pessoas podem ver e reconhecer como significando qualquer coisa que pretendam dizer” (BAUMAN, 2014, p. 91).

Cada qual pode escolher entre milhares de opções e depois disso, “[...] a identidade selecionada pode se tornar real (ou seja, simbolicamente real, real como imagem perceptível)” (BAUMAN, 2014, p. 91). Mas qual realidade é essa?

A proposta da análise existencial na educação com a ajuda do cinema, uma variação da proposta do método freiriano apresentado nesta tese, pode colaborar ou não para a manutenção do *status quo*, dependendo de seu uso. “Na medida em que representam situações existenciais, as codificações devem ser simples na sua complexidade e oferecer possibilidades plurais de análises na sua descodificação, o que evita o dirigismo massificador” (FREIRE, 2018, p. 261).

Surge então uma nova possibilidade para a percepção de um novo conhecimento “[...] cuja formação já começa nesta etapa da investigação, se

prolongam, sistematicamente, na implantação do plano educativo, transformando o ‘inédito viável’ na ‘ação editanda’”, objetivando superar a “consciência real” pela “consciência máxima possível” (FREIRE, 2018, p. 265). O inédito viável é aquilo que a indústria cultural, por exemplo, tenta descrever como impossível, ou seja, distribuição de renda e condições dignas de vida com acesso à educação, saúde, lazer, cultura e principalmente liberdade de construção da própria individualidade.

As nuances de análise debatidas, envolvendo a influência da propaganda de massa na conscientização da sociedade, podem ser exemplificadas no filme *Três Anúncios para um Crime* (2017, direção Martin McDonagh, distribuição Fox Searchlight Pictures), que narra a jornada de Mildred Hayes contra um sistema de justiça de uma pequena cidade nos Estados Unidos.

Figura 39 – *Três anúncios de um crime*, a justiça feita de forma individual e vingativa



Fonte: <http://www.foxsearchlight.com/threebillboardsoutsideebbingmissouri/>.

A personagem faz três anúncios contra a polícia por conta da não resolução do sequestro, estupro e tortura de sua filha.

Como qualquer peça publicitária, a comunicação é feita para atingir certos objetivos. Neste caso, gera uma turbulência na região, que se divide entre as pessoas contra – para proteger o delegado amado – ou a favor desta ação. Mesmo os alunos de comunicação social não se atentam aos múltiplos interesses das peças publicitárias e das fontes de informação.

A partir daí, o enredo não avança para a solução do crime, porém para a análise da dor, raiva e dos preconceitos pessoais, que podem ser similares aos vividos pela massa dos oprimidos da Sociedade do Amanhã.

Para se vingar, a protagonista atea fogo na delegacia como forma de catarse e libertação, mas acaba queimando e desfigurando o policial branco chamado Dixon, abertamente racista e violento – ganhou fama ao espancar um suspeito negro.

Dixon tem a possibilidade de redenção quando passa a ajudar a protagonista que também comete atos de preconceito – sente vergonha de ser vista com um anão que serve como seu álibi contra a acusação de incendiária.

Por um lado, poderia se tratar da máxima de Freire, quando o oprimido ao se libertar – conscientização – libertaria também o opressor. Porém, o opressor supostamente muda seu comportamento após um sofrimento e o faz ao entender as intenções da protagonista, que pretendia a vingança individual e não a mudança social da justiça.

Desta mesma forma, individualista, a denúncia e o anúncio propostos por Freire aparecem pela vingança e não para a mudança neste filme.

A propaganda deletéria para o controle de opinião e manipulação da massa, seja para o consumo ou para o prevalecimento de determinado comportamento, ganha impulso no palco que teoricamente seria o espaço democrático de todas as vozes, a Internet.

Mesmo a Internet surgindo de modo informal com o lema de autocontrole no sentido de gestão e desenvolvida sem as amarras demasiadas do governo, de acordo com Castells (2000, p. 4), criou-se um “[...] club aristocrático, meritocrático, que, todavia hoy, ha generado instituciones absolutamente únicas”.

Porém, elas próprias são incapazes de garantir a democratização da informação ou conscientização. Ocorre o inverso, prevalece um monopólio de grupos que detêm recursos tecnológicos facilmente transformados em máquinas de propagação de *fake news* usadas estrategicamente por grupos de extrema direita para capitalizarem audiência devido à infelicidade do povo em relação às falsas promessas do neoliberalismo para assim elegerem governos autoritários e nacionalistas em diversas partes do mundo.

O belo não é ser totalmente sem apetite como pondera Hun (2015), mas a Sociedade do Amanhã caminha para o frenesi das informações instantâneas, permeadas pelo vício e pelo consumo de *memes*, pronta para começar mais uma série televisiva que nem mesmo chegará a terminar.

Neste compasso desalentador segue a educação acrítica que no ensino básico e fundamental, em muitos casos, prepara os alunos tão somente para o vestibular – isso se considerar a escola particular, pois na pública, na maioria dos casos, falta recursos – enquanto na universidade se pretende moldar as pessoas para o mercado de trabalho, sem ao menos discutir a realidade e pensar em uma existência mais

humana. O próprio crescimento do acesso à informação e das redes sociais, que se propuseram a estreitar a comunicação das pessoas, trouxe em seu escopo uma nova forma de manipulação de dados que passa a ser analisada no próximo item.

3.3 Liberdade hackeada e o direito aos dados pessoais

A evolução da publicidade no neoliberalismo ocorre com o uso comercial e político de dados pessoais armazenados, analisados e disponíveis nas redes sociais, que supostamente surgiram para conectar as pessoas. Hoje, esta ainda é uma das bandeiras das chamadas '*startup's*'.

A educação libertadora para a Sociedade do Agora, conscientizada, necessita entender o funcionamento da linguagem computacional e como a informação dos internautas podem ser usadas para romper a democracia, por exemplo, sistema que ainda tenta preservar a liberdade, porém se corrói a cada dia devido a manipulação dos dados e o uso da exploração financeira.

Termos como algoritmo, métricas, fluxos de dados necessitam ser debatidos para evitar um mal maior em termos de manipulação das mentes. Neste sentido, o documentário *Privacidade Hackeada* (2019, direção Jehane Noujaim & Karim Amer, distribuição Netflix) revela uma estratégia de comunicação de guerra com o uso de dados pessoais da população para manipular as eleições em diversas partes do mundo.

Figura 40 – *Privacidade hackeada*, a manipulação de dados



Fonte: <https://www.netflix.com/title/80117542?s=a&trkid=13747225&t=cp>.

A técnica de utilização destes dados para o mal, como demonstra a película, foi testada em países periféricos para depois virar uma ferramenta exitosa nos pleitos dos Estados Unidos em 2016 e no plebiscito que determinou a saída do Reino Unido da União Europeia. No pôster que anuncia o filme aparece exemplificação de como se pode verificar o perfil de uma pessoa: é feita uma coleta de dados da vida pessoal de alguém nas redes sociais, criando-se padrões e até cruzando dados de compras e geolocalização.

Personagem que inicia as indagações do filme, o professor de mídia digital, associado à *Parsons School of Design* de Nova Iorque, David Carroll indica que as redes sociais passaram de uma ferramenta de sonhos, de um mundo conectado e de menos solidão para um instrumento de controle e previsão das atitudes das pessoas.

Somos um produto, de acordo com Carroll, e a pesquisa de dados pessoais monitora todas as interações coletadas em tempo real dentro das redes sociais e com a ajuda dos aparelhos celulares. Assim, os dados superaram o petróleo em valor monetário, servindo como munição para uma guerra de comunicação, que colabora para a polarização do mundo.

A partir de 2008, na eleição presidencial norte-americana, a campanha de Obama personalizou o perfil dos potenciais eleitores com cinco mil pontos de medição processados das redes sociais para cada um deles – no futuro próximo serão 70 mil pontos. Após a análise eram disparadas mensagens individuais como estratégia de persuasão.

Não se discute uma política de privacidade e nem a proteção dos direitos de crianças entre quatro e oito anos de idade. A realidade permeada pelo uso de dados com o intuito de manipulação contribuiu para a realidade dividida enfrentada pelo Globo. O ponto de ruptura ocorre na eleição de Trump, em 2016 – foram gastos cerca de um milhão de dólares por dia com o Projeto Alamo.

A empresa britânica Cambridge Analytica (uma migração do grupo SCL, que agia fazendo propagandas para populações em guerra), de acordo com o documentário em análise, se armou de dados pessoais extraídos do Facebook para lançar uma série de propagandas e manipular as eleições. A denúncia veio à tona após delações dos ex-funcionários Christopher Wylie e Brittany Kaiser – está última trabalhou para Obama, mas com a crise de 2008 mudou a visão de mundo compelida pela situação econômica, assim como milhares de pessoas que se viram prejudicadas em seu poder de consumo.

Os grupos políticos citados almejavam destruir a sociedade para depois remodelá-la. Para isso, a empresa especializada em comunicação eleitoral visava mudar a percepção das mentes, analisando dados pessoais. A estratégia era precisa: eram escolhidos apenas aqueles que tinham propensão à mudança após análise de acordo com perfil psicológico. Apenas 70 mil eleitores, em três estados diferentes nos Estados Unidos, foram os responsáveis por decidir as eleições norte-americanas em 2016.

A conclusão da investigação é de que as leis eleitorais na Inglaterra são inadequadas e sob esta perspectiva de dados não é possível existir um pleito justo. Em Mianmar a estratégia provocou um genocídio; no Brasil, um aplicativo de mensagens de celular disseminou notícias falsas que comprometeram as eleições de 2018³⁶.

A Rússia em sua estratégia de dividir e conquistar convocou através das redes sociais nos Estados Unidos protestos envolvendo a comunidade preta. Fez o mesmo chamamento com os azuis (brancos) em horários e locais iguais para gerar conflitos. Todas estas propagandas se misturam ao dia a dia das pessoas e aparecem com a mesma importância e na sequência de acontecimentos familiares importantes como fotos do aniversário de um ano de uma criança. A educação deixada de lado favorece essa alienação, fazendo de indivíduos alvos fáceis da desinformação e das chamadas *fake news*.

Ao final, a Cambridge Analytica, empresa envolvida no escândalo, se declarou culpada por não entregar os dados pessoais do professor Carroll e declarou falência, o que gerou suspeita de obstrução à justiça.

Quando optou por lutar, sair do lugar comum e por intermédio de uma ação judicial reaver seus dados colhidos por uma rede social, o professor David Carroll exerceu na práxis a função de professor se expondo ao limite para garantir a liberdade e a verdade não apenas para si, mas para seu entorno.

Na cena final do documentário ele orienta seus alunos. Se não há como abandonar as redes sociais no mundo moderno, a opção é entender como essa tecnologia pode ser utilizada contra a sociedade – conscientização –, pois a dignidade coletiva está em jogo. Segundo o especialista em mídia digital, a parte mais nefasta deste cenário é a devastação e as divisões que nos incapacita. Começam devagar,

³⁶ O episódio em Mianmar foi considerado uma limpeza étnica. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/12/internacional/1523553344_423934.html.

com um indivíduo e seguem um a um. “Então não posso parar de me perguntar. Você pode?”.

Para Chauí (2019, p. 1) as novas tecnologias da informação reverberam a inexistência, reduzindo “[...] o espaço ao aqui, sem geografia e sem topologia (tudo se passa na tela plana como se fosse o mundo) e ao agora, sem passado e sem futuro, portanto sem história (tudo se reduz a um presente sem profundidade)”. A experiência perde a continuidade na efemeridade e “[...] nossa experiência desconhece qualquer sentido de continuidade e se esgota num presente vivido como instante fugaz”.

Inferese-se que a educação se preocupa com a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis para a comunicação, mas se mostra incapaz de refletir em metalinguagem sobre a própria comunicação na era de abundância de dados.

O tecnicismo que forma seres para a manutenção do *status quo* não desperta as mentes para o exercício do agora em comunhão com as outras personalidades e com a natureza. Apesar de a tecnologia ter mudado os pilares sociais – transações financeiras, comunicação e logística – como explica o empresário israelense criador do aplicativo Waze, Uri Levine, isto não significa que haja mais consciência sobre o processo de automatização e suas consequências³⁷.

Parte-se do pressuposto que a tecnologia não possui uma linha evolutiva única, segundo artigo jornalístico de Ronaldo Lemos (2019, p. 1) e nesse caso a situação é aderente tanto às tecnologias de informação, quanto às aplicadas na educação. Não há uma singularidade neste campo, mas a necessidade de uma análise das divergências de cada país.

Sobre o tema, Lemos (2019, p. 1) ainda destaca três pontos importantes no tocante à tecnologia, que impactam no dia a dia das pessoas: os governos, necessariamente, serão plataformas digitais tecnológicas para conseguirem cumprir seu papel de governança; no mundo desenvolvido com o advento do *big data*, as áreas em subdesenvolvimento sofrem com a ausência de dados – no Brasil, por exemplo, milhares de pessoas não possuem CEP porque muitas favelas não aparecem no mapa, tornando esses seres “sem dados”, invisíveis – o que aumenta a

³⁷ Apesar das inovações citadas, um dos pilares da Sociedade da Informação, a mobilidade urbana, piorou, devido à concentração das grandes cidades e o sistema de trânsito pensado para a individualização.
https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/10/tecnologia/1570717218_742251.html?fbclid=IwAR2BxZi0ELzOSEP6UMeblaDE1CSZBzu07sAtP4eKzuwsuu60vNKOeNnPYKI.

desigualdade e impede o poder de organização do Estado; e o planejamento sobre inteligência artificial para evitar o atraso nesta área.

Sobre o tema, Navarra (2019, p. 1) cria o termo ciberproletariado, uma espécie de oprimido da era digital. Para o autor, apesar de os professores trabalharem para formar cidadãos autônomos e críticos, estão criando uma geração sem dados, conhecimento e léxico. Para o autor, vence a religião tecnocrata com menos conteúdo e alunos mais idiotas. A tecnologia deixa de servir aos homens tornando-os escravos desta evolução.

Qual perspectiva existe para uma educação libertadora pela conscientização se o “[...] audiovisual está creando una nueva Edad Media de personas dependientes de satisfacer el placer aquí y ahora, cuando la vida es muy diferente”, aponta Navarra (2019, p. 1). É preciso interpretar a realidade na qual se está inserido e entender os interesses que são escondidos por trás da comunicação. “Pero el ciberproletariado se viene abajo ante cualquier problema. Son personas que no serán capaces de trabajar porque tienen la concentración secuestrada por las redes”, afirma Navarra (2019, p. 1).

A perspectiva é que um quarto dos alunos seja submetido à precariedade virtual, juntando-se ao fato de o professor necessitar somar horas de trabalho em diversas escolas para compor sua renda. Neste sentido, a educação brasileira continua se opondo à realidade. “Nossa educação não é teórica porque lhe falta esse gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa. Ela é verbosa. Palavresca. É ‘sonora’. É ‘assistencializadora’. Não comunica. Faz comunicados, coisas diferentes”, alertava Freire (1967, p. 94).

Quando se foge à discussão e se impõe uma forma de pensar bem como se aceita o caos do capitalismo como o único meio possível de existência, inclusive no ambiente de educação, se passa a considerar o outro como transparente.

A transparência é um tema dominante do discurso público e se liga à construção da sociedade contemporânea (HUN, 2013, p. 11). O tempo convertido em transparente é nivelado “[...] como la sucesión de un presente disponible. También el futuro se positiva como presente optimado. El tiempo transparente es un tiempo carente de todo destino y evento” (HUN, 2013, p. 12).

É assim que age a Sociedade do Amanhã, fruindo o máximo possível agora, esperando que por passe de mágica os problemas se resolvam. Do outro lado, a comunicação para a libertação se faz conscientizando-se da necessidade da

construção de alternativas em conjunto mais justas para todos. Não haverá sucesso se aqueles que tiverem mais condições aquisitivas não abrirem mão de parcelas de suas posses em benefícios de todos. Se não abrirem, o sistema terá de romper esta barreira matemática de uma forma ou de outra.

Diferente do que se possa imaginar, a transparência amorfa do indivíduo em meio às imposições do capital não está ligada à liberdade nos quesitos comunicação e educação para romper o *status quo*. São transparentes as coisas quando se despojam da singularidade e são expressas na dimensão do preço (HUN, 2013, p. 12).

Com o uso de dados na educação ocorre o mesmo. As informações possuem um preço e no âmbito do ensino não se espera a transformação, mas a tecnicidade e o acúmulo de conteúdo para um fim capitalista do chamado “ser alguém” na vida que se traduz em apenas arrumar um bom emprego para em meio ao caos gozar o conforto que os bens materiais podem proporcionar.

A Sociedade da Transparência (HUN, 2013, p. 12) é o inferno do igual, impossibilidade de qualquer rompimento da negatividade, da aceitação do domínio do capital e de uma vida individualista, sem perspectivas do cuidado com o próximo, da superação da pobreza, da preservação do meio ambiente e de uma vida de alegria, arte e eterna aprendizagem.

Nessa perspectiva, a Sociedade da Transparência é uniforme na comunicação, totalitária, formando jovens alienados e apolíticos, que entregam nas mãos de outrem o próprio futuro, não reclamam, não se revoltam e nem levantam a voz. Assistem às cenas de morte e fome nas ruas com os vidros fechados, dentro do automóvel, com aprazível ar condicionado. Fingem não ver.

O jogo de poderes impulsionado pela grande mídia e seus interesses vai além do que a população possa enxergar, alterando as percepções e contribuindo para que o oprimido queira ser o opressor.

A crítica material precisa ser avaliada, constantemente, tanto na educação quanto na comunicação, evocando os reais problemas sociais, que consistem na divisão igualitária dos bens escassos, entre eles o próprio tempo de fruição da vida e a capacidade de fruir a arte e a convivência com a natureza. Não existe superação apenas no consumo de ideias, “[...] mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação. Desta maneira, a inserção é um estado maior que a emersão e

resulta da conscientização da situação. É a própria consciência histórica" (FREIRE, 2018, p. 243).

O contrário desta visão crítica que compartilha e busca desvendar os efeitos e interesses da comunicação, a linguagem transparente "[...] es una lengua formal, puramente maquinal, operacional, que carece de toda ambivalência" (HUN, 2013, p. 13), uma contradição, pois a própria língua ou mesmo a comunicação remete a diversos significados.

Freire (2018, p. 207) complementa o sentido da comunicação para a emancipação: "É preciso que educador e político sejam capazes de conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo, dialeticamente, se constituem".

Apesar de o homem precisar da sua subjetividade para galgar a liberdade, a "[...] coacción de la transparencia nivela al hombre mismo hasta convertirlo en un elemento funcional de un sistema. Ahí está la violencia de la transparência" (HUN, 2013, p. 14). Não há lacunas de informação nem de visão, tudo se nivela. Além disso, "[...] a desesperança é também uma forma de silenciar, de negar o mundo, de fugir dele. A desumanização, que resulta da 'ordem' injusta" (FREIRE, 2018, p. 195).

Na Sociedade da Informação, com o acesso às TICs empregadas no dia a dia e no sistema educacional como um todo, um efeito colateral é justamente a desinformação, resultando a deturpação de história e o combate ao intelectualismo.

Está certo que muitos teóricos apenas argumentam em seus "*papers*" como expõe o professor de filosofia da USP Vladimir Safatle sobre o mundo e a justiça social, distanciados em forma e conteúdo do verdadeiro necessário³⁸.

³⁸ Na entrevista, o filósofo discorre sobre o papel da oposição à esquerda no cenário brasileiro de 2019, bem como o esquecimento pela consciência de classe dos mais pobres, que apenas foram incutidos ao consumo em um grande acerto entre classes proposto pelos governos ditos de esquerda, mas que impuseram um liberalismo de esquerda, <https://www.youtube.com/watch?v=sRhxmCrf2ug>. Sobre o tema e a falta de conscientização das bases populares, mesmo em um governo dito de esquerda, Paulo Freire já avisava em Educação como Prática de Liberdade (1967, p. 55): "Mannheim chama de 'democratização fundamental', que implica em uma crescente participação do povo no seu processo histórico. E era esta democratização que, abrindo-se em leque e apresentando dimensões interdependentes — a econômica, a social, a política e a cultural — caracterizava a presença participante do povo brasileiro que, na fase anterior, não existia. Rotulam por isso mesmo os que se integram no dinamismo do trânsito e se fazem representantes dele de subversivos. 'Subversivos', dizem, 'porque ameaçam a ordem'. Esquecem-se, porém, de que o conceito de ordem não é só do mundo estético, físico ou ético, mas também histórico-sociológico. De um ponto de vista puramente ético, por exemplo, não houve ordem na sociedade 'fechada' de onde partimos, uma vez que se fundava na exploração de muitos por poucos".

De forma alguma essa constatação invalida a importância do trabalho científico, apenas indica o intelectual à sombra do poder como debatido nos seminários da linha de Pesquisa Educação Popular e Culturas (LIPEPCULT), da Universidade Nove de Julho.

O diretor do programa de pós-graduação da referida instituição de ensino, José Eustáquio Romão indica nos encontros o comodismo de certos intelectuais, sem generalizar, que preferem manter seus cargos e a situação cômoda e deixam de atacar problemas sérios e primordiais na sociedade, colaborando assim para a manutenção da Sociedade da Transparência, que não se aprofunda em suas questões estruturais. Prevalece a Sociedade do Amanhã, mesmo entre aqueles que poderiam conduzir as massas, formar opinião e educar.

A própria constituição física objetiva da palavra transparente se liga ao invisível, que não se distingue do outro e está preso ao nada do universo, transpassado por tudo o mais. O oprimido pode ser cegado ou silenciado no mundo de transparência.

Um lugar silencioso (2018, direção John Krasinski, distribuição Paramount Pictures) detalha a vida de uma família também após uma invasão de seres de outro mundo. Eles devem viver em silêncio, pois as criaturas horrendas e multiformes que dominaram a Terra só conseguem caçar tendo como referência o som. As forças que cegam, desta vez impõem o silêncio.

Figura 41 – *Um lugar silencioso*, os derrotados também não têm voz



Fonte: <https://youtu.be/WR7cc5t7tv8>.

O transparente aqui se caracteriza pelo sem voz, ou melhor, a padronização das vozes formando um só sentimento e um pelotão de zumbis explorados como personagens alienados em diversas produções do cinema mundial. Em diversos casos os zumbis alienados, reflexo da sociedade doente, precisam ser eliminados pelos “normais” e virtuosos e nunca resgatados. “La espontaneidad, lo que tiene la índole de un acontecer y la libertad, rasgos que constituyen la vida en general, no admiten ninguna transparencia” (HUN, 2013, p. 14).

O principal problema dessa sociedade que se diz positiva com a mente para “frente” pensando apenas no agora e em formas de domar a consciência para aliviar a realidade brutal da opressão é a ausência ou o ruído da comunicação. “La sociedad positiva tampoco admite ningún sentimiento negativo. Se olvida de enfrentarse al sufrimiento y al dolor, de darles forma” (HUN, 2013, p. 18).

A realidade brasileira é ainda pior quando se depara com a alienação em relação à percepção do real, conforme análise da empresa de pesquisa e inteligência de mercado Ipsos. Em estudo divulgado no ano de 2017, com a participação de 38 países, o Brasil foi o segundo no ranking onde mais se desconhece a realidade³⁹.

As esferas do viver, embasadas pelo sistema neoliberal, não almejam romper esse estado, que nem ao menos se aproxima do lisérgico, mas se adequa ao inosso e invisível.

A situação da consciência alienada do homem do amanhã resulta no dilema proposto por Leonardo Boff (2003) quando indica não ser possível adivinhar qual rumo o planeta tomará nas próximas décadas: trilhará a estrada sinuosa da destruição ou caminhará para uma revolução possível da comunicação ética pela volta à humanidade, do consumo solidário, da vitória planetária em comunhão sobre o *não ser* consumista e da sobreposição do cuidado sobre a conquista.

Percebe-se que a Sociedade da Transparência, suporte do homem do sem amanhã, se manifesta em primeiro lugar como uma sociedade positiva, conforme indica Hun (2013, p. 11), lembrando que as coisas se fazem transparentes ao ganharem um caráter leve e suave, que por si só se contrapõem à negatividade e “[...] cuando se insertan sin resistencia en el torrente liso del capital, la comunicación y la información”. O estado das coisas e a própria opinião pública da Sociedade do

³⁹ <https://www.ipsos.com/pt-br/perigos-da-percepcao-2017>.

Amanhã permanecem intactas. “La flexibilidad de la ‘democracia líquida’ consiste en cambiar los colores de la situación” (HUN, 2013, p. 22).

O anúncio como grito do oprimido e como comunicação entre educando e educador para se educarem e não sem técnica, estudo e preparo científico faz da práxis o encontro com o desvelamento daquilo que está por traz das comunicações políticas, pessoais, sistêmicas e empresariais; trata-se da proposta da educação libertadora, que no caso desta tese, se baseia na teoria de Paulo Freire com intuito de reinventá-la.

É o inverso da transparência. Concentra-se no aparecer nítido da imposição da própria realidade e do caminho para a transformação. A transparência, pelo contrário, serve para estabilizar a consciência ao sistema dado, tornando a sociedade positiva.

Tanto é que o Facebook se negou a colocar entre os instrumentos de interação da plataforma algo que representasse o “discutir”, repudiar etc. A educação caminha para este cenário, no qual a opinião dominante se reproduz sem contestação e aqueles que pensam de forma diferente ou defendem o oprimido passam a ser considerados uma ameaça à estabilidade, afinal a meritocracia impede a justiça social e aquele que nada teve passa a ser culpado pela desigualdade social.

A comunicação libertária é também um caminho de mudança revolucionária, que passa a ser discutida no próximo item.

3.4 Comunicação para ruptura revolucionária

Paulo Freire (1967, p. 5-6) ao tratar a educação como prática da liberdade dispõe a comunicação no eixo central da existência humana porque existir, além de requerer um conceitual dinamismo “[...] implica uma dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o seu contorno e até sobre os desafios e problemas que o faz histórico”.

Também descarta “[...] uma possível noção formal da liberdade. A liberdade é concebida como o modo de ser o destino do Homem, mas por isto mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem” (FREIRE, 1967, p. 5-6). Entretanto, essa visão histórica para a transformação é oprimida por uma classe dominante – quiçá por ignorância, acomodação-locupletar ao poder, garantismo moral ao *status quo*.

Freire (2018, p. 30) enxergou isso logo em seu projeto de alfabetização de adultos trabalhadores-proletariados brasileiros no início da década de 60, num

prenúncio da ditadura sanguinária. Os próprios participantes dos cursos exalavam o medo da liberdade e mais, usavam como referência o “perigo da conscientização”. “‘A consciência crítica’, dizem, ‘é anárquica’. Ao que outros acrescentam: ‘Não poderá a consciência crítica conduzir à desordem?’ Há, contudo, os que também dizem: ‘Por que negar? eu temia a liberdade. Já não a temo’”.

A comunicação não através de fórmulas matemáticas, porém de interação-identificação dos problemas e anseios da maioria oprimida por uma vida que ao menos preserve os bens naturais para as futuras gerações é o princípio da educação dialógica libertária com a qual se desvela a consciência – um dos objetivos jornalísticos também. Só com esta consciência possível haverá condição de evitar o fanatismo como previu a Pedagogia do Oprimido de Freire (2018) ao usar a comunicação da palavra geradora como anúncio-denúncia aos destituídos da palavra e voz. O objetivo é permutar a consciência intransitiva em sua forma mais plástica e avançada, tornando-a transitiva em movimento para a nova realidade do agora. “Às suas dúvidas e inquietações empresta um ar de profunda seriedade. Seriedade de quem fosse o zelador da liberdade. Liberdade que se confunde com a manutenção do ‘*status-quo*’”. Quando a conscientização, segundo o autor, coloca o “[...] ‘status quo’ em tela de juízo, ameaça à liberdade” (FREIRE, 2018, p. 41) dos grupos dominantes.

A manutenção desse estado das coisas, que traz consigo a exploração humana e a manipulação comunicacional, fomenta a vida em constante violência e em constante luta por bens naturais, que deveriam ser direito da população mundial. Parece que nenhuma espécie animal – levando-se em consideração os agrupamentos específicos – destrói a si própria para sobreviver.

A composição do capital, que influencia não só na educação como na mídia e no que se produz de informação frutifica o terrorismo, a violência e o aumento da desigualdade mesmo com avanços no que diz respeito à expectativa de vida, medicamentos, acesso a tecnologia etc. Surgem líderes da extrema-direita ao mesmo tempo em que atentados se multiplicam como reflexo de uma sociedade cansada por um processo de alienação.

As noções observacionais contidas na obra de Paulo Freire precisam, como práxis, ser lembradas e re-praticadas constantemente no exercício profissional e comunitário, seja com moradores de rua viciados em crack ou álcool, assistidos por organizações não governamentais religiosas ou não, nas aulas – individuais ou

coletivas, primárias ou universitárias, mas populares ao encontro de todas as classes possíveis –, na política e entre os partidos.

Quando Freire (2018, p. 44) refuta o "[...] bla-bla-bla de quem se 'perde' falando em vocação ontológica, em amor, em diálogo, em esperança, em humildade, em simpatia" impõe a continuidade da leitura de sua Pedagogia do Oprimido como pulsão de diálogo e esforço para das práticas compor teorias libertárias de consciência que sejam capazes de, voltando à praticidade, resultarem na superação do atual sistema de opressão impregnado de sectarismo.

Não existe meio liberto e para Freire (2018, p. 46) só a radicalidade não violenta pode ser suficiente para romper o *status quo* e atingir a liberdade plena individual/coletiva. Radical aqui se insere à crítica, que por medidas das reanálises dialogadas permitirão o desvelamento das realidades opressoras, justamente as que ofuscam a liberdade, colocando-a em doses controladas às massas para garantir uma sensação deprimida de liberdade, parcial e não plena.

O contrário é a sectarização. Surpreendente esse quadro não ser capaz de gerar a radicalização revolucionária proposta por Freire para o rompimento com o *status quo* sem violência física, pelo contrário, através da transformação mental, partindo da ontologia do oprimido. O radical jamais será um subjetivista nas palavras de Freire (2018, p. 47): "É que, para ele, o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente".

Assim (FREIRE, 2018, p. 47), sectários de direita ou esquerda desenvolvem formas de ações negadoras de liberdade: "A sectarização, em ambos os casos, é reacionária porque, um e outro, apropriando-se do tempo de cujo saber se sentem igualmente proprietários, terminam sem o povo, uma forma de estar contra ele".

Em grande parte, o sistema de comunicação reproduz essa condição de exploração. "O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em 'círculos de segurança', nos quais aprisione também a realidade. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar" (FREIRE, 2018, p. 51).

Há vasta exemplificação na filmografia contemporânea sobre radicais que tendem a levar a máxima freiriana dos oprimidos às últimas consequências, tida como a principal tarefa dos humanistas: "libertar-se a si e aos opressores" (FREIRE, 2018, p. 59). Não são aqueles que usam a força e a violência que terão dentro destas

atitudes inumanas a capacidade de “[...] libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será sua cientemente forte para libertar a ambos”.

Diários de Motocicleta (2004, direção Walter Salles, distribuição Walt Disney Studios Motion Pictures) contextualiza a América Latina em 1952, sob o olhar dos jovens argentinos, Ernesto Guevara, estudante de medicina de 23 anos, e Alberto Granado, bioquímico de 29 anos, durante uma viagem de motocicleta. A ideia é desvendar a topografia social e humana o que ajuda a explicar o complexo momento atual da região, embaraçada na guerra geopolítica de mercado envolvendo de um lado Estados Unidos e do outro a China.

Figura 42 – *Diários de motocicleta*



Fonte: <https://www.amazon.com.mx/Diarios-De-Motocicleta/dp/B000WX6FKO>.

Com espírito aventureiro, os protagonistas se dão conta das divisões presentes no continente, que vão desde a linguagem utilizada pelos povos – apesar da colonização como regra – até a situação política. A extrema desigualdade e a

Os dois jovens como lideranças intelectuais – embasados também pelo trabalho teórico – não deixavam de lado o contato direto com o proletariado oprimido da época, conseguindo perpetuar a ideia de um sistema político que pudesse antagonizar o *status quo*. Será que os futuros médicos, advogados, engenheiros etc. são preparados para entender as mazelas que impedem o desenvolvimento igualitário e uma vida melhor para ele próprio? Qual e que tipo de proximidade com o oprimido é proposta nos cursos superiores?

Por isto a importância de contextualizar a realidade atual, sem esquecer-se das causas do passado. Se o contexto de Freire, segundo Romão e Gadotti – prefácio dos Manuscritos de Pedagogia do Oprimido (2018, p. 19) –, na época de *Pedagogia do Oprimido*, era permeado por movimentos de emancipação, pela Guerra Fria e pela queda de líderes como Che Guevara (1967) e Martin Luther King (1968) e a “Primavera de Praga (1968) na qual o estudante Jan Palach se imola em praça pública, dando a vida contra a brutal dominação soviética sobre seu país”, havia um ar de esperança por mudanças, contra o conformismo das grandes massas de hoje, acorrentadas ao capitalismo como a única forma de viver, mesmo que a pior, como um contra senso. “Esses, entre outros fatos, tiveram grande repercussão naquele momento em que Paulo Freire também representou, com sua *Pedagogia do Oprimido*, um expressivo repúdio a toda e qualquer forma de opressão, seja de direita, seja de esquerda” (ROMÃO; GADOTTI, 2018, p. 19).

Hoje alguns movimentos esparsos e envoltos em direitos transversais – não menos importantes e justos – se colocam em luta que alimenta o capitalismo, “desperdiçando” energia que poderia ser condensada com as outras frentes de luta em prol com o rompimento do sistema.

O papel da educação-comunicação conscientizadora deveria remar para esse sentido, dos esforços multifacetados confluírem para a ecologia, motivo pelo qual a humanidade possa se “reagrupar” em torno da própria sobrevivência e de uma única causa que una todas as demais contra o sistema em um propósito maior.

A liderança baseada na comunicação de causas multifacetadas se encontra em *Milk* (2009, direção Gus Van Sant, distribuição Universal Pictures), filme baseado na história real do primeiro vereador gay dos Estados Unidos, mais precisamente em São Francisco.

Figura 44 – *Milk*, revolução com tópicos restritos

Fonte: <https://www.focusfeatures.com/milk>.

O enredo percorre os últimos oito anos do ativista, que morreu em 1978, mas antes lutou pela igualdade entre as pessoas. Porém, apesar dos avanços conquistados, seu exemplo não se consagrou no estopim que pudesse se confrontar ao sistema como um todo.

Toda liderança requer testemunho autêntico. "Todo testemunho autêntico, por isto crítico, implica na ousadia de correr riscos – um deles, o de nem sempre a liderança conseguir de imediato, das massas populares a adesão esperada" (FREIRE, 2018, p. 447).

O principal compromisso das lideranças comprometidas com a massa de oprimidos é a liberdade. "E, precisamente porque o seu compromisso é com as massas oprimidas para que se libertem, não pode pretender conquistá-las, mas conseguir sua adesão para a libertação" (FREIRE, 2018, p. 447).

O pensamento errado, a consciência fanatizada o desespero em não encontrar caminho dentro da Sociedade do Amanhã tornam possíveis as escolhas pela violência, seja por falta de oportunidades, vingança ou mesmo a opressão de qualquer sorte.

Esse ambiente de desamor (FREIRE, 2018, p. 379), crianças vilipendiadas em sua potência – Freire parafraseia Fromm – perdem a chance no período juvenil de rumar para a "[...] rebelião autêntica, ou se acomodam numa demissão total do seu

querer, alienadas à autoridade e aos mitos de que lança mão esta autoridade para ‘formá-la’, ou poderão vir a assumir formas de ação destrutiva”.

Na escola ocorre a mesma coisa, pois se o local de ensino não é um espelho completo da própria sociedade, carrega consigo elementos bons ou ruins dela própria. “Nela, os educandos cedo descobrem que, como no lar, para conquistar alguma satisfação, têm de adaptar-se aos preceitos verticalmente estabelecidos. E um destes preceitos é não pensar” (FREIRE, 2018, p. 51).

Não se constrói este novo ideal à força, mas com conscientização, amor, empenho, liderança para o bem e pesquisa. Antes de julgar o outro, a construção da paz para a liberdade passa por entender como o outro chegou onde está subjetiva e objetivamente a partir da história coletiva em primeiro lugar. Se estão na classe média ou no topo da elite econômica reproduzem a ideologia dos pais como se sua condição financeira fosse uma dádiva divina advinda de uma superioridade extemporânea.

Esta Sociedade do Amanhã, transparente, despreza o estranho sem abrir espaço para o outro diferente. O estrangeiro ou o oprimido excluído não têm voz e se não possui voz está ausente de comunicação com o mundo e sem comunicação plena não existe comunicação possível, somente a reprodução bancária de conteúdo.

Enxerga-se aqui o que Gramsci (1974, p. 166) acreditava ser a passagem do saber ao compreender e ao sentir na retroalimentação crítica que retorna do sentir, passando pelo compreender até o saber novamente.

Os formatos de comunicações atuais, não compreendidos e explorados devidamente nos processos educacionais, são parte importante para a inutilização deste sistema esquecido da inclusão da participação popular nas decisões políticas. “O elemento popular ‘sente’, mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual ‘sabe’ mas nem sempre compreende e especialmente ‘sente’” (GRAMSCI, 1974, p. 166).

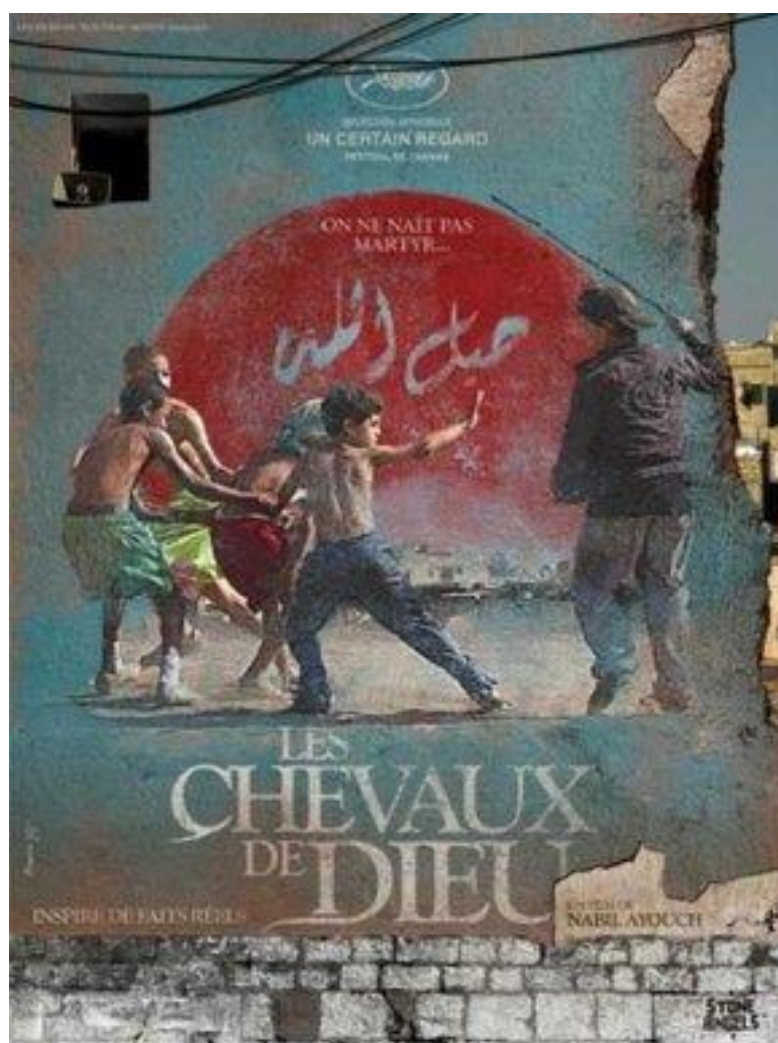
Nesta medida, a relação entre intelectuais e o povo de uma nação é dada “[...] por uma adesão orgânica em que o sentimento paixão se torna compreensão e, portanto, saber (não mecanicamente mas de um modo vivo); só então a relação é de representação” (GRAMSCI, 1974, p. 166). Da mesma maneira ganha sentido a relação entre aluno e professor.

Só através do diálogo e da comunicação é possível entender a razão do oprimido e averiguar o porquê das barbaridades travestidas nas ações humanas. Não é aceitar a violência ou criar justificativas, mas entender os motivos para que a

possível solução de conflitos não seja intermediada por mais sangue. Não pode existir caminho diferente “[...] da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se superpor aos oprimidos e continuar mantendo-os como ‘coisas’, com eles estabelece uma relação dialógica permanente” (FREIRE, 2018, p. 133).

Esta relação permeada pelo diálogo constante é rompida no drama *Os Cavalos de Deus* (2012, direção Nabil Ayouch, distribuição Zon Audiovisuais), baseado na novela do escritor marroquino Mahi Binebine, que estampa a vida de alguns meninos no bairro periférico conhecido como cidade de lata, em Casablanca, jogados à própria sorte, acompanhando o mundo através da tradição familiar e da influência mundana midiática que os relega criando sua própria narrativa.

Figura 45 – *Os Cavalos de Deus*



Fonte: <https://m.imdb.com/title/tt2369047/>.

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda” (FREIRE, 2018, p. 189) desvenda o educador, indicando ser o amor o fundamento do diálogo, sendo ele próprio “também, diálogo”.

O final anunciado como *spoiler* é a história do passo a passo para a formação do terrorista com o pensamento errado, que entrega a própria vida contra a miséria, encontrando no fanatismo a única solução possível. Trata-se de uma metáfora, com o nome Cavalos de Deus, adotada pelos terroristas jihadistas. A recompensa pelo ato suicida é o paraíso.

A sociedade sem comunicação promete o paraíso para os mártires: a prova do fracasso da sociedade pós-moderna, cheia de tecnologia e incapaz de resolver a fome de milhares de pessoas. Se a visão de mundo do terrorista está flagrantemente errada, as perspectivas do sistema também estão. Como resultado desta cena dantesca, o filme comina para explicar as razões do oprimido nesse caso que resultou em cinco atentados simultâneos registrados no centro da cidade de Casablanca, em Marrocos. O saldo tenebroso, que como a fome do sertão seiva inocentes, foi de 45 mortos nos ataques a um restaurante italiano, a um cemitério israelita e à La Casa España.

Cavalos de Deus cria homens invisíveis para o outro. Sem comunicação com o próximo oprimido não há educação transversal e nem o educar-se educando como propunha Paulo Freire.

Mais do que comunicar-se com o oprimido, faz-se necessário entender as razões do mais fraco, sem deixar de perceber os motivos também do opressor em estado de frustração conservadora, que lhe move para o centro do individualismo fratricida. “Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros ‘isto’, em quem não reconheço outros eu?”, indica Freire (2018, p. 191) sobre a exclusão dos oprimidos e vista no filme além de relatada e divulgada pela grande mídia.

“Como posso dialogar, se me sinto participante de um ‘gueto’ de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são ‘essa gente’, ou são ‘nativos inferiores?’” (FREIRE, 2018, p. 191). Basta ter algum privilégio, um poder aquisitivo maior, uma situação confortável para o opressor fechar os olhos para os lados, esquecendo que a sociedade é responsável pela criação e propagação da pobreza que o mundo se encontra.

Discutir a realidade é tentar superar a desigualdade na prática. A filosofia da práxis com caráter popular, como propõe Gramsci (1974, p. 166), só pode ser pensada de forma polêmica, ou seja, “de luta perpétua”.

Entretanto, o estopim para o autor italiano é o senso comum, a filosofia das multidões e homogenia no seu caráter ideológico. Vai criando a filosofia essa característica sólida de uma forma de pensar que busca não apenas a verdade, mas um entendimento comum sobre para que viver (GRAMSCI, 1974, p. 167).

A filosofia da práxis consiste, portanto, no estudo do passado em sua história concreta, bem como na criação de uma nova história, que desemboca no fim do atual sistema para a nova história fundada no humano-objetivo e histórico e universal-subjetivo (GRAMSCI, 1974, p. 206), visto de uma perspectiva geral formulando uma cultura única, que distorce as questões internas do corpo do multido ou massa.

Existe, neste ponto de visão de Gramsci, a luta objetiva para a libertação de ideologias falaciosas, desencadeando a luta pela unificação cultural do gênero humano. “Nós conhecemos a verdade apenas em relação ao homem e assim como o homem é devir histórico, também o conhecimento e a realidade são um devir, também a objetividade é um devir, etc.” (GRAMSCI, 1974, p. 207).

O ponto de ruptura do sistema através da comunicação-educação advém de uma situação limite proposta por Freire (2018, p. 215). Se o *status quo* persiste é que o verdadeiro limite ainda não se demonstrou claro, por isso, não é a própria “situação limite” “[...] geradora de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham dela, num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar”.

É só quando instaurada a visão crítica em ação que se “[...] desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a superar a ‘situação limite’. Esta superação, que não existe fora das relações homens-mundo” (FREIRE, 2018, p. 215). Em *Cavalos de Deus* e no entendimento dos atos terroristas em geral, percebe-se o eterno retorno ao mal quando “[...] a superação de uma situação limite ocasionada por um ato limítrofe gera outra situação limite e assim por diante” (FREIRE, 2018, p. 215).

A radicalização do oprimido que se espera é diferente da violência ou do terrorismo, mas traz como raiz primordial a revolução contra o sistema. Freire (1967, p. 47) enxerga que o chamado dinamismo do trânsito ocorre com “[...] idas e vindas, avanços e recuos que confundiam ainda mais o homem. E a cada recuo, se lhe falta a capacidade de perceber o mistério de seu tempo, pode corresponder uma trágica

desesperança. Um medo generalizado”. Medo este que sufoca a liberdade. Percepção anuviada que indica soluções econômicas para aumentar a desigualdade em pressões mercadológicas exercidas pela mídia em uma espécie de terrorismo comunicacional.

A radicalização proposta se concretiza no pensar certo por intermédio da conscientização que, segundo Freire (1967, p. 47), está enraizada na opção humana positiva e preponderantemente crítica. “Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção” (FREIRE, 1967, p. 49) e mesmo consciente de sua razão, anseia pelo diálogo, sem violência, de forma pacífica, aceitando o julgamento do próximo e “[...] tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio”.

Neste sentido, para entender o mundo e tentar transformá-lo, “[...] a filosofia de uma época não pode ser nenhum sistema individual ou tendência: ela é o conjunto de todas as filosofias individuais e de tendência, mais as opiniões científicas, mais a religião, mais o senso comum”, avalia Gramsci (1974, p. 221).

A principal questão é que a nova filosofia não pode se igualar simplesmente a um sistema do passado. A práxis como estopim de transformação ocorre como “[...] sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento e de criação” (FREIRE, 2018, p. 236) para compreender o homem em suas relações com o mundo.

Não se fala, neste contexto em natureza humana, mas da natureza humana como conjunto das relações sociais determinadas historicamente (GRAMSCI, 1974, p. 262). Independente de identificar um tipo de natureza para o homem, “[...] a ideia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se” (FREIRE, 1967, p. 8).

A luta não se dá no esquecimento e nem fora do entendimento da comunicação, mas com a “[...] descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, varando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã” (FREIRE, 1967, p. 41).

O cenário de esquecimento do outro transparente da Sociedade do Amanhã é discutido em *Um Estranho no Ninho* (1975, direção Milos Forman, distribuição United Artists). A liberdade é o sentimento maior que move o personagem central do filme,

McMurphy, um condenado que se faz de “louco” para ser detido no manicômio ao invés de cumprir sua pena na penitenciária norte-americana.

Figura 46 – *Um estranho no ninho* e o caráter punitivo das instituições



Fonte: https://www.primevideo.com/detail/Um-estranho-no-ninho/0TN42NZW0NAUR3E9CY4KE5AQGM?_encoding=UTF8&language=pt_BR

Na clínica, começa a desafiar as regras retrógradas da instituição além de criar um clima de irmandade revolucionária com o restante dos pacientes ali internados, guiando-os para a abertura de mente e consequentemente para a liberdade possível e pelo entendimento do mundo.

Em *Educação como prática de liberdade* Freire (1967, p. 41-42) insiste, como proposta desta obra, na integração ao contrário da acomodação. “A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade”.

O homem sem opção, alienado aos prognósticos dos outros, não está integrado e nem age por si próprio. “Acomoda-se. Ajusta-se. O homem integrado é o homem Sujeito. A adaptação é assim um conceito passivo — a integração ou comunhão, ativo”, explana Freire (1967, p. 41-42).

Neste estágio, não se muda a realidade e se comunica o *status quo*. Freire (1967, p. 41-42) observa que “[...] a adaptação daria margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se. Daí que a homens indóceis, com ânimo revolucionário, se chame de subversivos. De inadaptados”.

O princípio de ação de McMurphy está na comunicação afetiva com o outro, a educação em conjunto e com o exemplo, par a par se colocando no mesmo lugar do outro em extrema igualdade, entendendo suas necessidades e lutando passo a passo contra o sistema opressor e sua monotonia arcaica.

Assevera-se a relação triangular entre Murphy, o jovem Billy imaturo e o chefe indígena, com suas crenças e introspecção típicas. A influência neste caso pode ser discutida, mas na relação comunicação aluno professor infere-se a máxima da verdade entre as partes e do máximo entendimento possível.

Hoje, o índio parece “produto” de extinção. Heroicos, sobrevivem como etnia ecológica resistente à destruição. Na Colômbia, em viagem para o XI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, 2018, na Universidade del Atlantico, em Barranquilla, foi possível acompanhar a dor ainda existente devido à dominação bárbara Espanhola. São cicatrizes expostas, que ainda sangram na pobreza deste continente que um dia teve o predomínio galgado na potência indígena.

No *Museu del Oru Zenú*, em Catargena, o guia falante se empolgava ao explicar a tecnologia de moldar ouro em ferramentas e joias exercida pelos nativos, mas também explanava em cada seção da casa dos senhores colonizadores, o cântico dos oprimidos, avisando que os invasores estrangeiros “roubaram o ouro, estupraram as índias” e o pior “violaram a cultura local”, tentando esmagar todo o espírito de um povo para assumir suas riquezas, a riqueza planetária.

Para esse povo guerreiro resta a luta até a morte (extinção) ou a vitória pela conscientização em prol da preservação. Billy, em *Um Estranho no Ninho*, não aguentou a luta e em meio a psicoses e neuroses edipianas se mata para liberdade, escapou de certo modo da opressão. O rebelde McMurphy, incontrolável em sua ação de libertação a todo custo, é lobotomizado e perde suas faculdades mentais que tanto chocava o outro opressor. O chefe, entristecido com a cena na qual o protagonista está catatônico, resolve abreviar o sofrimento e ceifa a vida de MacMurphy.

Só no final o índio ganha voz – durante toda a película o personagem era tido como surdo-mudo – e escapa da prisão psiquiátrica em busca da liberdade. A educação comunicadora tem de se fazer ouvir entre os humilhados do mundo e comunicar a razão do oprimido, seja através de hospitais para carentes, na engenharia que construa tecnologia de esgoto aos populares, na energia limpa, na

filosofia pela paz e pela preservação da vida natural e na denúncia contra os abusos aos preceitos éticos mais caros da humanidade: liberdade de ação com dignidades e condições de subsistência coletiva.

O jornalismo educativo se mostra útil em tempos da expansão das desigualdades quando expõe as principais feridas de um povo, escondidas por paliativos. O livro de Daniela Arbex, por exemplo, no próprio nome – *Holocausto Brasileiro: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil* – sinaliza o recado à sociedade que se esquece de seus subjugados e neste caso ainda pior: as vítimas, além dos doentes mentais, eram prostitutas, mães solteiras ou engravidadas pelo patrão, epiléticos e viciados, todos mortos com o consentimento do Estado na década de 60. Estes, como milhares de outros ficaram para traz, ressaltando a parte fracassada da sociedade, sem voz ou linguagem apenas esperam por um amanhã que não chegará.

Como visto, a comunicação por si só, sem o fator conscientização não alimenta o espírito de mudança social. Com a Sociedade da Informação novos atores surgem e mesmo que sozinhos conseguem revelar ao mundo segredos escondidos das grandes potencias. Aproxima-se então à ação educativa de Freire, através da cultura, no mundo da comunicação midiática, como discutido a seguir.

3.5 Rebelião dialógica e comunicação na cultura da Sociedade da Informação

Entender os processos de comunicação configura-se como caminho possível para a educação porque a dominação se dá de formas sutis, mediante a invasão cultural. Com esse artifício, os dominadores não precisam estar presentes no mundo invadido e a ação ocorre por intermédio da tecnologia. “São sempre atores que se superpõem, com sua ação, aos espectadores, seus objetos, na síntese cultural”, diz Freire (2018, p. 461).

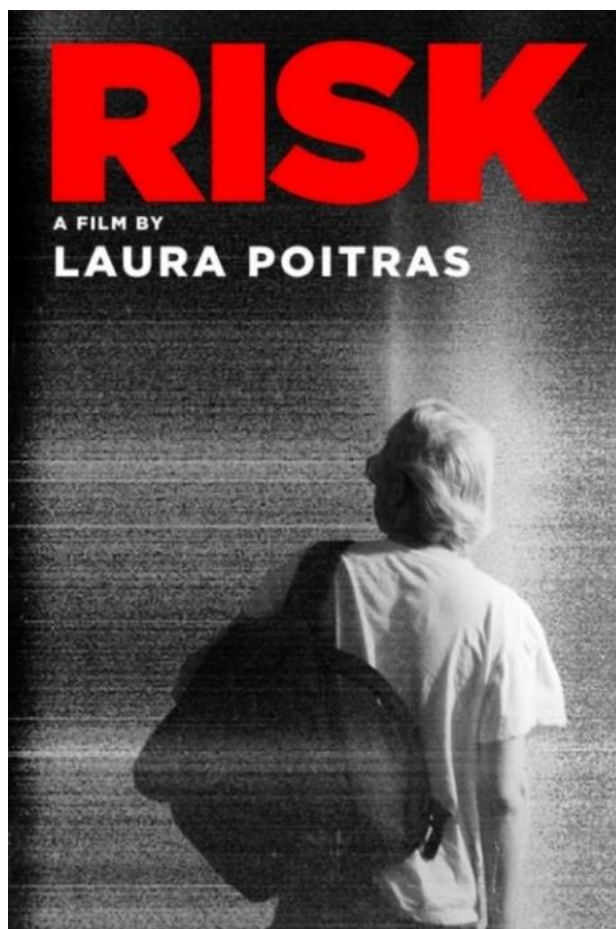
Há uma mistura esta ação mencionada e os homens do povo e nas suas ações perante o mundo. “Na invasão cultural, os espectadores e a realidade, que deve ser mantida como está, são a incidência da ação dos atores”. A educação conscientizadora possui como função principal a busca pela mudança de atitude, “[...] de criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de

participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição” (FREIRE, 1967, p. 94).

A comunicação a que se propõe esse trabalho se liga à teoria da ação dialógica, na qual não existe “[...] um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronuncia do mundo, para a sua transformação” (FREIRE, 2018, p. 419). Não se esquece que, como um processo, a comunicação se transforma no tempo, bem como a educação.

O documentário *Risk* (2017, direção Laura Poitras, distribuição Netflix) apresenta a visão de mundo do ciberativista Julian Assange, fundador do Wikileaks, site criado em 2006, que permite a divulgação de informações sigilosas sem a revelação da fonte do vazamento dos dados. São milhares de documentos sigilosos sobre a atuação de governos do mundo inteiro, revelando casos de espionagem, crimes de guerra, torturas etc.

Figura 47 – *Risk*, com Julian Assange



Fonte: <https://www.netflix.com/title/80117236?s=a&trkid=13747225&t=cp>.

A própria linguagem da produção com momentos de reflexão que se sobrepõem às falas do personagem central, bem como as inflexões da autora sobre sua obra, investigações e relacionamento com os entrevistados demonstram a liberdade de comunicação e produção na procura do entendimento do tema central: a manipulação e o controle de dados exercidos pelas grandes potências, que escondem muitas vezes crimes contra a humanidade, deturpando a história e consequentemente a liberdade.

Poitras, considerada antiamericana por seus documentários, admite inclusive o relacionamento com um ator-personagem da trama – a produção e gravações duraram mais de seis anos – e em determinado momento das filmagens assume a investigação de uma delação feita por Edward Snowden, que rendeu outro documentário e a quebra de confiança com o próprio Assange, visto ainda neste capítulo.

Em muitos momentos do roteiro, as sequências de *Risk* parecem estar dentro de outro filme devido à cobertura da mídia sobre o caso Assange. A massificação da informação faz a rotina das celebridades, por exemplo, passarem do nível do real para um simulacro da realidade. Nas cenas com tomadas em plano aberto, com visão geral do personagem cercado por jornalistas, se tem a noção de que as escolhas do fundador do Wikileaks foram responsáveis por colocá-lo no centro da realidade midiática, capaz de criar e destruir reputações, controlando a liberdade de escolha da sociedade.

Sousa (2006, p. 74) reflete sobre a globalização sustentada pela comunicação social, gerando consigo transformações civilizacionais e socioculturais. “[...] alguns teóricos argumentam que a modernidade estaria a dar lugar à pós-modernidade (como o português Boaventura de Sousa Santos)”. O autor elenca algumas características comunicacionais deste tempo:

- a) invasão pessoal com onipresença dos meios de comunicação social;
- b) transmissões ao vivo da vida cotidiana em flashes midiáticos de audiência mundial;
- c) espetacularização dos discursos midiáticos para atrair audiência; oferta de um simulacro da realidade de forma sofisticada, superinformação em termos de quantidade de produção de conteúdo aliado à tecnologia de processamento, captação, armazenamento e divulgação dos dados;
- d) o consumismo passa a ser ponto de diferenciação das pessoas e a

- e) banalização e esvaziamento das ideologias por causa da redundância de conteúdos e da sobreposição da estática sobre a qualidade de informação.

Assim, se a mídia servia a uma classe dominante, hoje está de acordo com o mundo do mercado. Marx, de acordo com Sousa (2006, p. 293) “[...] expôs os conceitos em que se baseia a crítica marxista da comunicação - classes sociais, dominação de classe, ideologia, dialética”.

Essa concepção é reforçada pelos estudos que indicam “[...] o grau de autonomia dos jornalistas, as diferenças ideológicas entre profissionais e mesmo entre os proprietários dos media e ainda o facto de os media não se agruparem num monólito ideológico, pelo contrário”. Cada qual luta pelo seu interesse individualista e no contexto maior satisfazem o próprio capital em sua ânsia consumista.

Através de Risk, se associa alguns princípios de Assange, que vão ao encontro da visão de Paulo Freire, mas de forma reformulada no contexto da Sociedade da Informação:

- a) não se coloca o personagem de seu próprio discurso como o detentor da verdade. São apresentadas suas contradições debatidas no filme após acusações de estupro e de suas declarações polêmicas, irônicas e até machistas. Segundo o ciberativista, a história mostra que as pessoas de princípios fortes não sobrevivem na verdade. A própria comunicação dialógica converge para as realidades, por vezes distintas, entre aluno e professor em busca da transformação. “Estudar não é um ato de consumir ideias, mas criá-las e recriá-las” (FREIRE, 1981, p. 14) e neste contexto aparecem as contradições;
- b) trabalhar as contradições não significa corromper os princípios de agir, mas equilibrá-los. Bauman (2014, p. VIII) informa que o ser humano é livre para buscar os objetivos e livre para errar. “As duas coisas estão juntas, em um pacote completo”. Mas o sistema realmente permite a liberdade? Um erro pode custar a sobrevivência, o emprego e a vida. Ao menos é isso que o senso comum indica, impondo um único modelo de existência. Por isto, em qualquer nível de educação “[...] se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade” (FREIRE, 1981, p. 24);
- c) de acordo com Assange, as grandes companhias de inteligência do mundo como a CIA e a News Corporation possuem em seu corpo de trabalhadores

jovens com um forte senso ético. Em conflito de consciência, se voltam contra o próprio sistema. Sem a educação da consciência, este radicalismo antissistêmico torna-se impossível. Na ausência da comunicação libertadora para o agora os seres tornam-se passíveis e dóceis (FREIRE, 1981, p. 14) e assim passam a ser vistos e tratados “[...] recebendo aquela ‘transusão’ alienante da qual, por isto mesmo, não pode resultar nenhuma contribuição ao processo de transformação da realidade”;

- d) não é correto afirmar que a internet livre seria uma arma para o mal, assim como a liberdade de expressão e a comunicação. É como se afirmar que as estradas, os aviões também poderiam ser utilizados para atos de terrorismo, por exemplo. Freire (1981, p. 23) dispõe que a principal questão se encontra na consciência dos oprimidos, “[...] condicionados pela ideologia dominante, não apenas obliteram sua capacidade de percepção do real, mas também, às vezes, se ‘entregam’, docilmente, aos mitos daquela ideologia”. A busca principal é que todos os seres tenham acesso à leitura possam pesquisa livremente na internet. Entretanto, a liberdade não ocorre simplesmente pelo acesso à informação, mas o acesso à conscientização;
- e) interpretando a balança entre risco e oportunidade, Assange não acredita em mártires, mas no contraponto equilibrado entre o que se deseja e as ações para atingir os objetivos. “Em certas circunstâncias, numa espécie de ‘manha da consciência’, ‘prefere-se’ à aceitação do real, como é, a sua ocultação, ficando-se com o ilusório, que se transforma em real” (FREIRE, 1981, p. 22);
- f) obcecado pela luta política Assange espera mudar a realidade global e usa a metáfora dos níveis de preocupação citando o exemplo de uma pessoa que se preocupa com o seu jardim, pensando em destruir as pragas. Outra preocupação é quanto o meio ambiente global. Neste ponto, o medo do oprimido como classe o impede de lutar hoje (FREIRE, 1997, p. 14) pelo amanhã. Enxerga, portanto, o opressor como imbatível.

Assange desvelou o abismo entre a verdade do mundo político e as informações transmitidas para a sociedade⁴⁰. Quando a verdade é omitida para

⁴⁰ Assange criou o Wikileaks, plataforma eletrônica, na qual as pessoas podem enviar informações confidenciais com a garantia de proteção virtual em relação a sua identidade. https://telegra.ph/Un-gran-hombre-en-absoluta-indiferencia-11-10?fbclid=IwAR1ysiyyvriiFVOR2NuWXeXNA7psjPM2A_pR-IgZrH7AKtx5L1_DD-bZOoNo.

determinados fins não há diálogo possível, mas manipulação; não existe liberdade, mas a deturpação da realidade.

Claro que a internet surge no primeiro momento como uma tecnologia da liberdade nas palavras de Castells (2003, p. 279) e torna-se instrumento essencial para tudo. O inverso pode ocorrer quando esta tecnologia passa às mãos dos donos do poder para a opressão daqueles que dispõem de menos informações. Castells (2003, p. 278) acredita que para utilizar as maravilhas da tecnologia em benefício da sociedade é preciso agir “[...] sobre nós mesmos, individual e coletivamente” e isso só é possível com a consciência possível da realidade. Sobre a temática indica retomar o “[...] sentido em nossas vidas, melhorar a sociedade e respeitar a natureza, precisamos situar nossa ação no contexto específico de dominação e libertação em que vivemos: a sociedade de rede”.

A leitura de mundo através da palavra, como propunha Paulo Freire se expande para os efeitos comunicacionais, sendo possível o aprofundamento nas teorias do jornalismo e da comunicação.

A opinião pública não é mais construída pela mídia com seus interesses mercadológicos, mas também pelos algoritmos produzidos pela tecnologia de informação. Se antes a população estava à mercê dos grandes veículos de comunicação comandados por famílias políticas no Brasil. Agora, pode-se içar ao centro do debate assuntos que não são de interesse da maioria, mas que ganham força com a utilização das bolhas de informação, artifício usado nas mídias sociais para não só interpretar as ações dos usuários, encontrando padrões de ação, como também para municiar determinado grupo ideológico com assuntos que supram seus anseios, necessidade e possíveis desejos. Mutila-se, desta maneira, a democracia de comunicação, gerando uma informação única, além de impedir que vozes divergentes possam construir caminhos plurais para a sociedade.

A democracia, de acordo com Chomsky (2014, p. 6) possui uma definição que vai além daquela que indica a participação popular na discussão sobre os assuntos pessoais em canais de livre acesso de informações. A concepção predominante é aquela em que o povo não pode conduzir seus assuntos pessoais e os canais de informação devem ser restritos. Há uma lição sobre a manipulação de informações que conduziu inclusive populações a apoiarem guerra. “A propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não

existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler” (CHOMSKY, 2014, p. 7).

Teóricos da democracia como o jornalista Walter Lippman valorizavam os efeitos destas propagandas de Estado que criavam um consenso. A defesa envolvia a chamada “[...] revolução na arte da democracia [para] [...] construir o consenso, isto é, obter a concordância do povo a respeito de assuntos sobre os quais ele não estava de acordo por meio das novas técnicas de propaganda política” (CHOMSKY, 2014, p. 8). A ideia era que certos interesses comuns só podiam ser compreendidos por uma classe especializada.

Tal pensamento culmina com a ação de Assange ao revelar informações secretas de crimes de guerra ou do abuso de poder exercida por diversos governantes. Tornar público o escândalo é uma denúncia contra o *status quo* capaz de aos poucos minar a credibilidade dos detentores do poder. A visão contestada por Chomsky é contrária à proposta revolucionária tratada por Freire, que apresenta o oprimido como personagem central da transformação.

O controle da opinião pública se parece com a proposição leninista, na qual intelectuais de vanguarda e revolucionários tomam o poder do Estado por intermédio das revoluções populares “[...] como a força que os conduz até ele e depois guia as massas ignorantes para um futuro que elas são estúpidas e incompetentes demais para vislumbrar sozinhas” (CHOMSKY, 2014, p. 8).

A libertação da qual fala Freire (2018, p. 73) é um processo doloroso pois a verdade tende a abalar o conforto da classe dominante que não deseja perder seus benefícios históricos. “O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a humanização de todos”.

Ao contrário da manipulação da informação, Freire (2018, p. 89) insiste no dever mencionado por Lucács: reconhecer ao partido revolucionário a obrigação de dar ciência às massas de suas ações. Tal propósito coaduna com a “[...] exigência que fazemos da inserção crítica das massas na sua realidade, pelo fato de nenhuma realidade se transformar a si mesma”. Nada disso pode ocorrer com a manipulação da verdade por parte da mídia.

“A pedagogia do oprimido, que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí”, ou seja, foca nos

próprios oprimidos “[...] que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos” (FREIRE, 2018, p. 89).

Chomsky (2014, p. 8) diz que pode ocorrer uma revolução popular que coloque a população dentro do poder. A outra opção é não ocorrer mudança com os empresários, donos do poder, tendo a massa como trabalhadora. Caso nada mude, as massas seguirão sendo conduzidas para o mundo onde “[...] elas são estúpidas demais para compreender sozinhas” (CHOMSKY, 2014, p. 8). Cria-se consensos interessantes ao grande público e mesmo a elite detém maior parte da percepção da verdade, entretanto, mesmo assim controlada.

Para combater este estado letárgico provocado também pela propaganda, Freire (2018, p. 91) propõe duas ações através da pedagogia do oprimido:

- a) os oprimidos desvelam aos poucos o mundo da opressão, não sem o comprometimento da práxis e sua própria transformação e
- b) a partir da transformação da realidade opressora, a pedagogia de Freire deixa de ser do oprimido e estende-se a todos os homens em estágio constante de libertação.

A ação profunda como adotou Assange – que inclusive lhe custou a liberdade e uma possível extradição aos Estados Unidos onde pode ser condenado à prisão perpétua por espionagem – é a fonte de enfrentamento possível contra a dominação da cultura. Após a mudança de perceber o mundo do opressor o oprimido pode expulsar os “[...] mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora e que se preservam como espectros míticos, na estrutura nova que surge da transformação” (FREIRE, 2018, p. 9).

A rebelião para a sociedade do agora se dá por intermédio de uma comunicação que possa criar na educação a unidade na diversidade e não tratar o oprimido com culpa, porém debater sua situação.

Isto é, lutar contra o preconceito. Por este viés, as minorias, com o processo de comunicação libertadora, podem ser instadas a entender que são a maioria e assumir-se como tal. Para isto se necessita “[...] trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças” para assim construir unidade na diversidade sem a qual o educador não enxerga a criação de uma democracia substantiva e radical (FREIRE, 1997, p. 78).

A comunicação para o mercado e a propaganda de Estado como diz Chomsky (2014) disseminam uma suposta comunhão com a massa em um simulacro de diálogo, que na verdade é apenas a domesticação do oprimido, incutindo em sua

mente um ideal de busca pelo capital que jamais será alcançado ou que será atingido por poucos.

O combustível da Sociedade do Amanhã é que tudo, por passe de mágica, dará certo. A classe média luta para manter a posição, fechando os olhos para os oprimidos. Já os alarmistas (ZIZEK, 2009, p. 13) temem pelo futuro. Enquanto isto, os ecocapitalistas dão novo significado à lição da publicidade de que enquanto uns choram, o esperto vende lenços. A nova versão indica que enquanto a natureza é destruída, vendem-se canudos de madeira como se isto fosse o suficiente para combater a degradação ambiental.

Dialogar é mais do que isto e a grande mídia rompe com esta estrutura, trazendo uma opinião única ou dominante, que mesmo dissipada pela subjetividade do jornalismo tem poderio para se colocar como uma das vozes da razão social. Considerando o diálogo como comunicação e colaboração, “[...] na teoria da ação dialógica, não há lugar para a conquista das massas aos ideais revolucionários, mas para a sua adesão. O diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza”, confirma Freire (2018, p. 419).

Para algum lugar comum precisa rumar a Sociedade do Amanhã, aquela da pós-modernidade, que detém tecnologia, domina a natureza, busca a eternidade e os astros, mas não consegue conviver em comunidade e nem encontrar uma forma sustentável de aproveitamento da natureza. “Não significa isto que a teoria da ação dialógica conduza ao nada. Como também não significa deixar de ter o dialógico uma consciência clara do que quer, dos objetivos com os quais se comprometeu” (FREIRE, 2018, p. 419).

Assim, com a liberdade da interface do cinema, a proposta final do capítulo situa-se entre a rebelião possível exercida na dialogia de Freire e a rebelião proposta por Hardt e Negri (2000, p. 25), entendendo que o poder é executado por intermédio de máquinas que organizam as mentes em sistemas de comunicação e corpos em sistemas de bem-estar até um estado de alienação autônoma do sentido da vida, do desejo e da criatividade.

Com a inovação tecnológica e seus benefícios surgiu também o controle de privacidade. O tema, muitas vezes despercebido para o cidadão comum, é ponto central para a liberdade plena dos seres humanos e consequentemente possui relação com a conscientização, que moverá as pessoas contra o sistema. Se a internet

capacitou a conversa de crianças separadas por continentes com especialistas para a discussão de temas variados, também possibilitou o monitoramento de cidadãos.

Sob esta ótica, o documentário *Citizenfour* (2014, direção Laura Poitras, distribuição Leopardo Filmes) narra as revelações sobre a mais poderosa rede de vigilância cibernética do mundo, implantada pelos serviços de inteligência norte-americano.

Figura 48 – *Citizenfour*, quando um cidadão desperta sua consciência



Fonte: <https://citizenfourfilm.com/>.

As delações espontâneas vêm à tona por causa da consciência de Edward Snowden, que mesmo sem formação acadêmica, mas com talento para entender os sistemas de informação cibernética, atuou no setor de administração de dados dos serviços de inteligência dos Estados Unidos, com acesso quase irrestrito às ações irregulares de espionagem do país.

Entende-se que a nova exploração do sistema capitalista e consequentemente da mais valia (HARDT; NEGRI, 2000, p. 29) se encontra voltada para a força imaterial da intelectualidade que inclui a comunicação. Por isto é necessário que a educação se dê conta desta nova realidade para que os direitos à intimidade sejam preservados.

Durante *Citizenfour*, Snowden indica que a privacidade é a própria liberdade. Se não há segurança na intimidade das pessoas e se um governo consegue monitorar conversas, estabelecer padrões de comportamento e de buscas online entre outras ações, o direito de se manifestar passa a ser ameaçado. Como mencionou Assange, o protagonista encarna o papel solitário para desmascarar o sistema.

Snowden – exilado na Rússia após uma fuga espetacular de Hong Kong e com ajuda virtual de Assange – assumiu o risco, se expôs, colocou o interesse social à

frende do individual e disse aos jornalistas que narravam seu caso de delator oculto que a história de espionagem devia ser contada sob o viés analítico da imprensa e não apenas sob sua percepção.

Diante das novas propostas da dimensão comunicativa e social surgem novos atores subjetivos para a revolução, no caso Snowden e Assange. A educação libertadora também pode contribuir para novos atores neste sentido porque a nova teoria do valor opera através do conhecimento, comunicação e linguagem. A comunicação não apenas expressa como organiza o movimento de globalização e a síntese política ocorre no espaço de comunicação (HARDT; NEGRI, 2000, p. 32).

Antes de se sacrificar, Snowden relata a experiência humana de poder ajudar as pessoas a entenderem como são controladas. Trata-se, segundo o protagonista, do princípio da hidra. Você derrota uma e outras cabeças surgem sem se calarem em busca da verdade. Este é o princípio que move a educação libertadora, capaz de capacitar as mentes para a revolução contra o sistema,

Combate-se na educação as falhas de comunicação das lutas. “Esta es ciertamente una de las paradojas políticas más centrales y urgente de nosso tiempo: em nuestra celebrada era de las comunicaciones, las luchas se han vuelto casi incomunicables” (HARDT; NEGRI, 2000, p. 32). A comunicação anti-capital e imperialista deve prevalecer em uma linguagem singular. Por isto, a construção de conceitos significa fazer existir um projeto que é enraizado na comunalidade, mas fenomenológico e epistemológico, avançando para a produção e liberação da multidão (HARDT; NEGRI, 2000, p. 262).

Os estudantes devem estar cientes de que a constituição do império é um campo de luta por natureza desde os regimes antigos, mas atualmente é constituída na forma de uma rede de comunicação rizomática com relações exercidas em todos os pontos e nós.

Segundo Hardt e Negri (2000, p. 293) o manejo da comunicação, a estruturação do sistema educativo e a regulamentação da cultura são prerrogativas soberanas para se vencer o medo. Hoje, a Sociedade do Amanhã, da comunicação integrada ao capital e desterritorializada cultua o prazer ligado ao medo e à superstição que na concretude social avançam para a retirada de direito dos mais fracos. Caso não se acabe com os direitos do trabalhador haverá desemprego, se não acabarmos com o SUS o país quebrará, pagar juros aos rentistas é mais importante do que acabar com a fome porque sem ajuste fiscal os investidores deixarão o país. Sempre o direito mais

imediatamente do oprimido é colocado em segundo plano. Na Sociedade do Agora o oprimido e seus anseios chegam em primeiro lugar e valem mais do que as previsões fatalistas do Deus mercado.

À vista disto, todos os elementos de corrupção e exploração nos são impostos pelos regimes linguísticos e comunicativos de produção: destruí-los em palavras é tão urgente como fazê-lo em fatos. O conhecimento deverá voltar-se para ação linguística e a filosofia, uma verdadeira reapropriação do conhecimento. O conhecimento e a comunicação devem constituir a vida mediante a luta. Aí está o poder constituinte da multidão, um produto da imaginação criativa, que configura sua própria constituição. Configura-se em um processo de transformação radical e progressiva voltando para igualdade e solidariedade, demandas frágeis e esquecidas nas constituições modernas (HARDT; NEGRI, 2000, p. 350).

A educação libertadora da Sociedade do Agora se baseia no direito do oprimido de se reapropriar não só das forças produtivas em primeiro lugar, mas do conhecimento, da informação e da comunicação. O ponto de convergência está na auto-organização do oprimido como o próprio poder constituinte por intermédio da educação libertadora.

As novas formas de comunicação permitem que líderes individuais possam sozinhos abalar o sistema, mas ainda não foram capazes de derrubá-lo. Para Hardt e Negri (2000, p. 355) não há nenhum modelo oferecido para esse evento, mas nos apegamos à educação libertadora lembrando que “[...] sólo la multitud, mediante su experimentación práctica, ofrecerá los modelos y determinará cuándo y cómo lo posible se volverá real”.

A experimentação prática aqui proposta se dá com a interface do cinema para a leitura de mundo buscando a conscientização, formando militantes encarnados na era pós-moderna como agentes biopolíticos de resistência contra o Império. Só a educação libertadora moldará os novos combatentes que catalisarão a essência popular como – nas palavras de Hardt e Negri (2000, p. 356) – os combatentes comunistas, os libertadores do século XX, os intelectuais perseguidos etc...

Está na Sociedade do Agora a educação como forma de constituir em uníssono todos aqueles que se rebelam contra o capital de modo criativo em um projeto antes de tudo de amor cooperativo para a produção de soluções em comunidade.

CONCLUSÃO

Através da experiência estética, não só o cinema, que ensina e diverte, mas qualquer arte pode se tornar um meio na formação para a liberdade do aluno, principalmente quando se considera este discente como o protagonista de suas próprias transformações, em constante busca pela conscientização em conjunto com o professor numa produção interdisciplinar e horizontal. Sendo a liberdade o fim da educação, na visão de Paulo Freire, a reprodução cinematográfica e as diversas formas de sua utilização contribuem para este objetivo no sentido não só de gerar conhecimento, mas também para analisar criticamente a realidade neoliberal na qual estamos inseridos.

Os temas geradores a que se referiu Freire (2018) podem ser apresentados por intermédio do cinema, como demonstrado nesta tese. Entretanto, precisam ser percebidos dentro das “situações limites” que compõem a realidade em que estão inseridos os alunos. Quando se defende a educação popular, para e com o povo, só os componentes da cultura erudita não podem formar o conteúdo curricular. Assim, o cinema, acessível, pode ser utilizado. Por que não uma disciplina para aprender com filmes?

Resta que os temas inseridos pelo cinema precisam ser alcançados, envolvidos e envolvendo as “situações limites”, e as tarefas que se referem a eles vistas como respostas dos homens através de sua ação histórica, em termos autênticos e críticos (FREIRE, 2018, p. 223). Por isso, é necessário constatar que as “situações limites” não são “[...] determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa, senão adaptar-se. Desta forma, os homens não chegam a transcender as ‘situações limites’” (FREIRE, 2018, p. 223) e encontrar o inédito viável, ou seja, a vida em comunhão, mais justa e igualitária.

O cinema deve servir para que o ser humano compreenda criticamente a totalidade a qual está inserido e o jogo de poderes presente nas interações que formulam o todo maior, sem contar que por si só a sétima arte possibilita ao ser humano trabalhar questões subjetivas e individuais relacionadas que possuem relação entre o inconsciente e o desejo.

É indispensável “[...] a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem e isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja

cisão voltariam com mais clareza à totalidade analisada”, confirma Freire (2018, p. 229).

Nesta medida, se dá o esforço metodológico do uso do cinema para a investigação da educação problematizadora proposta por Freire (2018, p. 229) visando colocar aos “[...] indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes”. Estas significações dimensionadas podem ser extraídas a partir da exibição cinematográfica – cenas, película inteira, comparações – com o intuito de interagirem em suas partes como dimensões do todo. “Deste modo, a análise crítica de uma dimensão significativo-existencial possibilita aos indivíduos uma nova postura” (FREIRE, 2018, p. 229).

O ambiente de ensino, na Sociedade em Rede da autocomunicação de massas (CASTELLS, 2009), configura-se como um “Círculo de Cultura”, com a preocupação voltada mais para a gestão dos conhecimentos do que para o quesito conteudista, unicamente para “armazenar” lições, fatos, dados e números.

Com o cinema ainda é possível trabalhar questões cidadãs que exigem um novo humanismo voltado para as relações interpessoais, que leva em conta as interferências da comunicação no mundo moderno e tecnológico, impactantes também no âmbito cultural quando aparece em cena a multiplicidade de representação da realidade em que vivemos.

Durante o primeiro capítulo foi apresentado um percurso metodológico de análise fílmica, que não se fecha em si, mas se baseia no legado de Paulo Freire em busca dos temas geradores no cinema.

O percurso teórico da liberdade prioriza as questões individuais do homem, entendendo ser a liberdade o tema central das concepções de Paulo Freire. É a experiência estética que traz à tona esta discussão, também galgada no inacabamento do ser, o que permite a constante evolução na relação entre aluno e professor, além de manter a visão das estruturas do mundo – culturais, políticas, etc. – não estagnadas, mas com possibilidades de mutação com o intuito da superação da opressão.

A liberdade só se realiza com o exercício livre de consciência, o que dará vazão ao indivíduo para exercer os seus espaços de subjetividades. Nada disso é possível sem o amplo conhecimento do histórico individual e coletivo do ser humano como um todo, partindo da experiência específica aglutinada à historicidade de sua família, dos

amigos, da escola, do bairro, da cidade, do estado, do país, do continente e por fim do planeta, abarcando as forças que governam e determinam os sistemas sociais.

Conclui-se que, de certa maneira, o homem nasce livre, mas o gozo de suas potencialidades plenas só pode ocorrer com a superação da opressão de vários matizes como o preconceito, a falta de distribuição de renda, a fome etc.

Fica evidente que não há liberdade possível na opressão. O que resta é uma dinâmica de luta, mesmo que de forma aleatória e individualista, para se conquistar uma fuga imaginável num processo de livramento pela própria sorte, jamais com o pensamento coletivo e em comunhão.

O contrário disso ocorre pela conscientização, apoiada na educação com fim de libertação contra as injustiças impostas como fatos naturais, mas que historicamente foram e são implantadas à força por pequenas elites dominantes que se perpetuam no poder, controlando não só o capital – hoje transformado na circulação de ações no mercado financeiro –, mas também a mídia, a produção cultural e a política.

O individualismo proposto pelas artes de massa – no caso específico desta tese, o cinema – remonta ao romance burguês da literatura proposto por Goldmann (1975), que ao contrário de combater o *status quo*, reproduz a máxima neoliberal da vitória isolada, apostando na meritocracia.

Não se espera outro resultado para esta realidade que não recaia na frustração individual e coletiva e na exploração cada vez maior do outro, o que também se reflete na filmografia atual e foi demonstrado na vasta relação de filmes desta tese.

Ao relacionar e analisar a necessidade de liberdade com a filmografia selecionada descortina-se a importância para os fatores econômicos e históricos que geram a opressão da desigualdade. Enxerga-se a obrigação de se educar também para as questões econômicas levando em consideração os recursos naturais escassos e a manutenção das necessidades físicas e emocionais dos seres humanos formando uma concepção nova de convivência com pensamento final na equidade social e na comunhão para liberdade (SEN, 2010).

Na pedagogia da liberdade, o outro tem papel fundamental e só se combate a opressão quando se dá voz ao oprimido, além do exercício natural de se colocar no lugar do próximo, entender suas ações e emoções. Trata-se de desapego, quando colocamos em observação nossas verdades e pontos de vista, bem como suas consequências (MATURANA, 2008, p. 41). São as constantes lutas por visões de

mundo individuais, sem a consideração de três pontos para a constituição de novas tipologias do direito humano na indicação de Maturana (2004): poder cometer erros, diferente do que ocorre nos países que jamais fracassam devido à superioridade “natural”, o que se percebe em problemas que envolvem refugiados e a geopolítica global; se não existe um dono absoluto da verdade, infere-se o direito de mudar de opinião durante a existência, que indica transformação e aceite às considerações do próximo e o direito de ir porque a convivência não pressupõe prisão, mas respeito mútuo.

A Sociedade do Amanhã, distópica, fanatizada pelas redes sociais, voltada para o consumo e os desejos unicamente individuais, torna-se o combustível viável – numa retroalimentação constante – para a manutenção do *status quo*, que na sociedade pós-moderna responde pelo nome de neoliberalismo. A liberdade inexiste sem a possibilidade de mudança sem culpa. Os pensadores elencados nesta tese coadunam com Paulo Freire quando reconhecem que a única maneira de superação desta situação de opressão, que escraviza espiritualmente as almas na Terra, é o combate ao sistema e a busca de um novo viável.

Não se é livre sem alternativa ou quando inexiste imaginação e possibilidade para controlar e domar o próprio destino nos sentidos da construção econômica no que diz respeito à distribuição de renda e ao acesso aos bens básicos para não só manutenção da vida, mas sua fruição plena.

No terceiro capítulo, a tese trouxe o confronto entre a Sociedade do Agora, que constrói o futuro a partir do outro e sua valorização humana – já – com os recursos possíveis e a Sociedade do Amanhã, moldada na esperança passiva, conservadora e apegada à sua condição média de vida, sem querer abrir mão do que tem, mesmo que isso custe o futuro de todos. Inconsciente, se apresenta incapaz de se colocar no lugar do próximo.

A grande mídia, considerada expoente da comunicação social pelo senso comum nos tempos da Sociedade em Rede que, teoricamente, cumpriria o papel de diminuir os espaços entre as pessoas, gerando acesso, democratizando a informação e discutindo alternativas, age em benefício próprio e em defesa dos valores neoliberais, também sem a proposição de alternativas. Pior, as chamadas redes sociais angariam esforços tecnológicos para monitorar dados pessoais – sem autorização ou clareza – e assim construir perfis de atuação e manipulação das mentes, tanto na política quanto no que se refere à indução de consumo dos mais

variáveis bens supérfluos que, para a Sociedade do Amanhã, significa a compra da liberdade. Neste estágio inexistente o pensar coletivo, triunfa só a conquista individual da luta pelo que é meu, classificando o outro pelo seu valor material.

Os ciberativistas Assange e Snowden, retratados durante a tese, abrem a possibilidade de uma esperança com suas ações revolucionárias individuais, que resultam no desvelamento da verdade escondida pelo sistema atual, vigilante de populações inteiras e colonizador dos meios de produção e dos meios de expressão.

Os esforços educacionais e da Sociedade do Agora se voltam para a problematização levantada por Snowden (PEIRANO, 2019, p. 1): como recuperar o sentido de fraternidade quando a tecnologia deixou de conectar as pessoas para servir de puro entretenimento estabelecendo sua identidade em oposição a tudo o que são?

A tecnologia da informação atingiu um estágio que opera com o efeito de exploração dos usuários e os governos passam a delegar sua autoridade às grandes empresas que detêm esse saber. Para Snowden (PEIRANO, 2019, p. 1) estas grandes companhias se convertem em pequenos xerifes para que funcionem como agentes governamentais impondo novas regras, que não correspondem à cidadania. Como resultado há uma mudança na maneira como lemos, comemos, trabalhamos, pensamos e votamos – propriedade intelectual como ferramenta de controle político e social em escala planetária.

Filmes recentes levantam o tema ainda atual das classes sociais, ponto central da opressão e tema deixado de lado pela maioria devido às necessidades criadas pelo capitalismo. Enquanto não se pensar o rompimento com o *status quo* a multidão continuará sendo subjugada mesmo sendo a maioria.

Coringa (2019, direção Todd Phillips, distribuição Warner Bros. Pictures) para alguns pode trazer as consequências do sistema neoliberal para o mundo. Na análise de Žižek (2019, p. 1), o ponto elegante do filme está em “[...] como a passagem crucial do impulso autodestrutivo a um ‘novo desejo’ por um projeto político emancipatório se encontra ausente da trama. Assim, nós, os espectadores, somos convocados a preencher essa lacuna”. *Coringa* parece ser o mais verdadeiro em sua loucura. A máscara é ele próprio. Ao contrário, os super-heróis escondem a própria identidade por traz de um segundo rosto no anseio de viver uma vida dupla como se nunca pudessemos ser nós mesmos. Sem se enxergar a si próprio não é possível encontrar o outro invisível escondido por trás de cada opressão.

Figura 49 – *Coringa* é seu próprio rosto



Fonte: <https://www.warnerbros.com.br/coringa>

Também não se deseja encontrar um significado único nas produções, mas através do tema gerador confrontar a realidade. *Bacurau* (2019, direção Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles, distribuição Vitrine Filmes) não é apenas uma vingança simbólica contra o capitalismo e o estado das coisas formadoras dos coringas psicopatas, mas intenciona a reflexão sobre justiça social ancorada na própria realidade cultural discutida por Freire.

O protagonismo concentra-se na população imaginária do Nordeste, em uma cidade esquecida no mapa de geolocalização, porém com forte identificação cultural, legitimando vozes autônomas e esparsas, mesmo que na escassez da região. Trata-se da consciência possível e da sociedade voltada para o agora em suas plenas possibilidades.

O enredo viaja entre a distopia e a fábula; a ficção de aventura e o western denunciando a dominação econômica travestida na figura de estrangeiros, que pretendem invadir a região preparados para uma caçada – espécie de jogo – a humanos. É a necrofilia do opressor, que dos grandes impérios consomem os países do Terceiro Mundo, pretendem privatizar a água e comemoram a alta da bolsa de valores por um breve momento após a destruição natural.

Há um exemplo de conscientização no povoado, que vive de forma comunal. Na outra ponta, o racismo escancarado e que carcome de dentro para fora a sociedade brasileira: dois vilões brasileiros no grupo de estrangeiros sentem-se

melhores por morarem no sul do país, uma região mais rica economicamente; se julgam brancos, mas não são vistos assim, apenas como latinos em uma concepção pejorativa pelos vilões de outros países.

Figura 50 – *Bacurau* e a violência dos oprimidos



Fonte: http://www.vitrinefilmes.com.br/site/?page_id=5317

Os oprimidos conscientizados de *Bacurau*, incentivados por um psicotrópico natural, destroem os opressores em uma sede de sangue sádica contra a classe social mantenedora do *status quo*. A proposta de cunho educativo freiriana espera que ao se conscientizar, o oprimido liberte o opressor: “Por isto é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam” (FREIRE, 2018, p. 22). A mudança, necessariamente, parte do lado mais fraco, apesar deste fator ainda estar imperceptível para muitos.

Todas estas visões apresentadas nos levam a crer em uma opção de esperança otimista, mas ativa em luta constante, que caminhe para a economia baseada em recursos e para o ecossocialismo focado em um planejamento ecológico. Não se trata de apenas uma concessão para o novo, mas a necessidade e a consciência da transformação para a Sociedade do Agora. O conhecimento acessível na atualidade por si mesmo pode evitar a fome, o flagelo e a degradação como a história verídica do jovem William Kamkwamba, do Kasungu, no Malauí, retratada no filme *O menino que descobriu o vento* (2019, diretor Chiwetel Ejiofor, distribuição Netflix). Em meio à seca, Kamkwamba usa livros disponíveis sobre engenharia elétrica

e apanha sucatas num ferro velho para construção de um moinho, que permite a subsistência local. Porém, só atitudes isoladas não bastam.

Figura 51 – *O menino que descobriu o vento*



Fonte: netflix.com/title/80200047

Dois Papas (2019, direção Fernando Meirelles, distribuição Netflix) baseia-se em fatos reais para relatar os encontros entre o atual papa na época, Bento XVI, e o cardeal Bergoglio, que no futuro próximo foi escolhido como papa Francisco. São duas visões de mundo e o embate do conservadorismo contra a abertura para outro, a modernização e os pobres. De um lado a preocupação em ter certeza dos dogmas e do outro a opção pela transformação e pela percepção do erro como na educação transformadora, no aprendizado pela cultura e a própria realidade.

Figura 52 – *Dois Papas* e dois valores para o debate dialético



Fonte: <https://www.netflix.com/search?q=messiah&jbv=80174451&jbp=2&jbr=1>

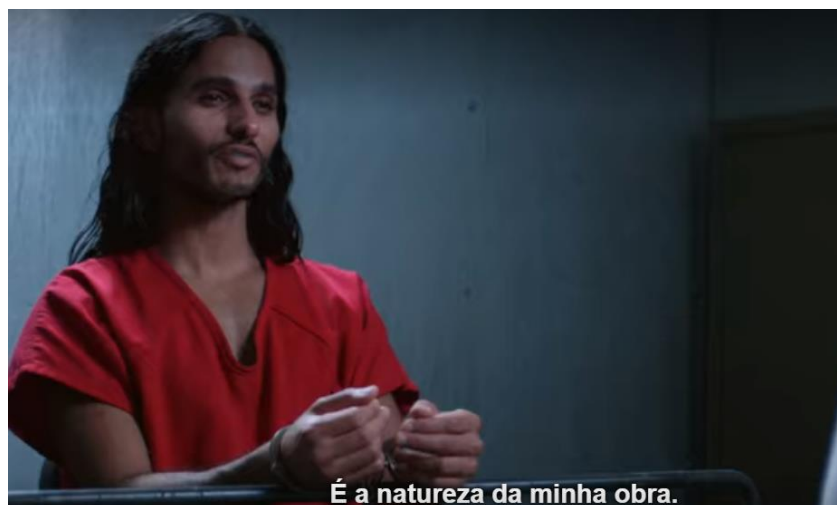
Talvez o oprimido tenha despertado o opressor após sua própria conscientização, porque o papa Francisco passou daquele que fez vistas grossas para a ditadura argentina, mesmo tendo resgatados diversas pessoas, para o homem que ao menos propõe uma nova opção de igualdade e tolerância. No filme, o pontífice argentino condena a globalização da indiferença e o amor insubstancial, acostumando com o sofrimento do outro. Ao ver o sofrimento do próximo, ninguém é responsável e quando isso ocorre todos são os culpados.

Surge em 2020 a proposta de economia de Francisco para repensar as soluções econômicas do agora com objetivo de transformar o amanhã. Dentro da proposta, que coaduna com a Sociedade do Agora, está uma nova educação econômica para uma nova economia e os seguintes tópicos debatidos por Dowbor (BOFF, 2019): democracia econômica e participativa para descentralizar decisões e recursos; taxar capitais especulativos; renda básica universal que garanta vida digna além de dinamizar o consumo; políticas sociais de acesso universal; sistema financeiro público e desenvolvimento local integrado; economia do conhecimento e democratização dos meios de comunicação que servem à elite; e a pedagogia da economia, que possa analisar os componentes econômicos da realidade, voltados para o bem comum.

Não há mais possibilidade para a lógica quantitativa do mercado, que afasta os homens e nem do socialismo de produção, causador de destruição natural. As decisões, segundo o ecosocialismo de Löwy (2019), precisam partir diretamente da representação de uma nova democracia, com o voto direto sobre a destinação dos recursos, do transporte, das proteções sociais e da redução da jornada de trabalho, por exemplo. “Tal planejamento democrático precisa de contribuições de estudiosos, mas seu papel é educacional, para apresentar, à consideração popular dos processos de tomada de decisão, visões informadas ou resultados alternativos”, avisa o autor (LÖWY, 2019).

Enxergar tais problemas é o que se espera da Sociedade do Agora. O tema pode ser problematizado na série *Messiah* (2020, direção Michael Petroni, distribuição Netflix). O novo Jesus é órfão de um casal judaico/cristão, criado no Iraque em meio ao conflito multiétnico que divide a Terra. Será que o Jesus histórico de 2000 mil anos também não seria preso? Além de fazer previsões plausíveis sobre o futuro caótico das nações, o seriado é uma peça de conscientização.

Figura 53 – *Messiah*, o divino impondo a liberdade



Fonte: <https://www.netflix.com/search?q=messiah&jbv=80117557&jbp=0&jbr=0>

Os dados estão postos sobre todos nós. É preciso que um ser sobrenatural nos confirme o que é necessário fazer? A opção certa, do cuidado ao outro para a liberdade, justiça social, do planeta sem muros com menos imposição do consumo – o ser superando o ter –, mais tempo livre e criatividade está dentro de cada um para ser constituída como valor de convivência baseada no agora para a razão do oprimido. Antes de esperar um milagre – direito individual intransponível – recorreremos ao exemplo da arte e às expressões da solidariedade possível na experiência cinematográfica para a conscientização.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBERT, Michael *et al.* *Autogestão hoje*. Teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2004.

ANTUNES, Angela Biz; GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto. Três categorias que marcaram a Pedagogia do Oprimido. *Educação em Perspectiva*, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, v. 9, n. 2, p. 514-526, 2019.

AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes de. *Por uma cidadania sul-americana: fundamentos de sua viabilidade pela UNASUL a partir da ética, fraternidade sustentabilidade e política jurídica*. Saarsbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

_____. *Raízes do direito na pós-modernidade*. Itajaí, SC: Editora da UNIVALI, 2016.

_____. Sustentabilidade social, sociedade da transparência e o direito de ser humano. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, Recife, v. 6, n. 1, p. 151-174, jan./abr. 2019.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*: Poética. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Estética da Solidão*. São Paulo: Patuá, 2018.

_____; HUMMES, Júlia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa (org.). *Arte & Educação: o diálogo essencial*. São Paulo: BT Acadêmica, 2016.

_____; FUSARO, Márcia; LAURITTI, Nádia Conceição (org.). *Estética do Labirinto*. São Paulo: Patuá, 2018.

BASTOS, Fabio da Purificação de. Comunicación. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Edición traducida al castellano. Lima: CEAAL, 2015. p. 101-103.

BAUMAN, Zygmunt. *Liberdade*. Santo André: Academia Cristã, 2014.

BERGALA, A. *A Hipótese-cinema: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink/CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BETTO, Frei. *Um homem chamado Jesus*. São Paulo: Rocco, 2009.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Ética e Moral*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Ladislau Dowbor: o que é economia de Francisco, papa*.

leonardoBOFF.com, 24 nov. 2019. Disponível em:

<https://leonardoboff.wordpress.com/2019/11/24/ladislau-dowbor-o-que-e-economia-de-franciscopapa/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. *Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora*. São Paulo: ED,L, 2009.

BRASIL. Lei n. 13.006, de 26 de junho de 2014. Obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>. Acesso em: 01 jan. 2019.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum*. 3. ed. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018-versaofinal.pdf. Acesso em: 01 jan. 2019.

CAMACHO, Carlos Mário Paes. *Consciência do Oprimido: Uma leitura freiriana de Lima Barreto*. São Paulo: BT Acadêmica, 2017.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*: v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. Internet y la sociedad red. In: CONFERENCIA DE PRESENTACIÓN DEL PROGRAMA DE DOCTORADO SOBRE LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN Y EL CONOCIMIENTO, 2000, Barcelona. *Anais [...]*. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, 2000. p. 1-13.

_____. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *Comunicación y poder*. Madrid: Alianza, 2009.

_____. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

_____; CARDOSO, Gustavo (org.). *A Sociedade em Rede*. Do Conhecimento à Ação Política. Belém: Imprensa Oficial, 2005.

CATALÀ, Josep Domènech. *La rebelión de la mirada: introducción a una fenomenología de la interfaz*. 2001. Disponível em: http://www.iua.upf.es/formats/formats3/cat_e.htm. Acesso em: 14 jun. 2019.

CATALÀ, Josep Domènech. *La imagen interfaz: representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad*. País Basco: Universidad del País Vasco, Servicio Editorial, Euskal Herriko Unibertsitatea, Argitaipen Zerbitzua, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo*. A terra é redonda: eppur si muove, 06 out. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

CHOMSKY, Noam. *Os caminhos do poder*. São Paulo: Artmed, 1998.

_____. *Para entender o poder: o melhor de Noam Chomsky*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *Mídia. Propaganda política e manipulação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

CITELLI, Adilson *et al.* *Dicionário de Comunicação*. Escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

COMBLIN, José. *A liberdade Cristã*. São Paulo: Paulus. Disponível em: http://www.teologianordeste.net/pdf/a_liberdade_crista_jose_comblin_edicao_re.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

COSTA, Jurandir Freire. A liberdade segundo Rieff e Marcuse: 50 anos depois. *Espiral*, Rio de Janeiro, v. 2, p.120-131, 2018.

COSTA, Marcos Nunes. Os “três Agostinhos” do livre arbítrio/liberdade. *Pensando – Revista de Filosofia*, Teresina, v. 9, n. 17, p. 246-266, 2018.

COUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. *Comunicação e Sociedade*, Braga, Portugal, v. 25, p. 267-277, 2014.

D'ANTOLA, Arlette R. M. (org.). *Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo*. São Paulo: EPU, 1989.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto; FALCÃO, Priscila Dallva de Oliveira. Mídia Ninja, jornalismo cidadão online e a profissionalização do jornalista no Brasil. *Âncora, Revista Latino-americana de Jornalismo*, João Pessoa, v. 5. n. 1, p. 97-110, jan./jun. 2018.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo: cinema 2*. São Paulo: Brasiliense, 2005a.

_____. *La imagen-movimiento: Estudios sobre cine 1*. Argentina e Uruguai: Paidós, 2005b.

_____. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2008.

DEWEY, John. *El arte como experiencia*. Barcelona: Paidós, 2008.

DILTHEY, Wilhelm. *Teoria das concepções de mundo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

DROGUETT, Juan Guillermo D. *O Desejo em Cena: Ensaios de estética filmográfica contemporânea*. São Paulo: CRV, 2013.

_____.; ANDRADE, Flavio F. A. *O feitiço do cinema: ensaios de griffe sobre a sétima arte*. São Paulo: ARX, 2009.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ECO, Umberto. *Diário Mínimo*. São Paulo: Record, 2012.

FAUNDEZ, Antonio; FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FISHER, Desmond. *O Direito de comunicar expressão, informação e liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, Michel. *O que é a crítica?* [crítica e aufklärung]. Disponível em: https://aufklarungsofia.files.wordpress.com/2011/03/o_que_e_critica.pdf. Acesso em: 01 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. Tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco. Recife: 1959. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1976>. Acesso em: 01 dez. 2020.

_____. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*. Lisboa: Edições Base, 1978.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Morales, 1979.

_____. *Ação Cultural para a Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. *Professor sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997a.

_____. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997b.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Política e Educação: ensaios*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Pedagogia da autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____; MAFRA, Jason Ferreira; ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. *Pedagogia do oprimido: (o manuscrito)*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire : Universidade Nove de Julho (UNINOVE) : Big Time Editora/BT Acadêmica, 2018.

FROMM, Erich. *O espírito de Liberdade. Interpretação radical do Velho Testamento e de Sua Tradição*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

FUSARO, Márcia. *Deleuze e o tempo-memória no cinema moderno*. São Bernardo do Campo: C0D3S, 2018.

GADOTTI, Moacir. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. São Paulo: *Centro de Referência Paulo Freire*, 2000. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1125>. Acesso em: 03 jan. 2019.

_____. O paradigma do oprimido. *Revista Pátio*, Porto Alegre, v. 4, n. 35, p. 12-15, ago./out. 2005.

_____. *Educar para um outro mundo possível: o Fórum Social Mundial como espaço de aprendizagem de uma nova cultura política e como processo transformador da sociedade civil planetária*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

_____. *Globalização e educação: 40 anos da pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire : Esfera, 2009.

_____; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 1986.

GARCIA, Alexandre Rafael; PEREIRA, Juliana Rodrigues. Hipótese-cinema, Curitiba, 2013-2018. *FAP Revista Científica*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 1-298, jan./jun. 2018.

GARCÍA, Juan José Muñoz. *Cine y misterio humano*. Madrid: Ediciones Rialp, 2003.

GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.

GOLDMANN, Lucien. *A criação cultural na sociedade moderna*. São Paulo: DIFEL, 1972.

_____. *Para una sociología de la novela*. Madrid: Ayuso, 1975.

GONZÁLEZ HARBOUR, Berna. Estamos creando una nueva Edad Media en las aulas. *El País*, 15 set. 2019. Disponível em: https://elpais.com/sociedad/2019/09/13/actualidad/1568391777_889106.html. Acesso em: 22 dez. 2019.

GRAMSCI, Antônio. *Obras escolhidas, volume I*. Lisboa: Estampa, 1974.

GULLAR, Ferreira. *Dentro da noite veloz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Imperio*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

HARVEY, David. *A brief history of neoliberalism*. USA: Oxford University Press, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001.

HUN, Byung-Chul. *La sociedad de la transparencia*. Barcelona: Herder, 2013.

_____. *Filosofía del budismo zen*. Barcelona: Herder, 2015.

HUSSERL, Edmund. *Conferências de Paris*. Tradução de António Fidalgo e Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

IHERING, Rudolf Von. *A luta pelo direito*. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia de Hilton*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. *Lendo as imagens do cinema*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Tradução de Fátima Sá Correia, Maria Emilia V. Aguiar, José Eduardo Torres, Maria Gorete de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEMONS, Ronaldo. Quatro Pontos sobre tecnologia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemons/2019/10/quatro-pontos-sobre-tecnologia.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2019.

LIMA, Venicio. *Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2011.

LOPES, Antonio. *Crítica Marxista*. E-Dicionário de Termos Literários, 30 dez. 2009. Disponível em: <http://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/critica-marxista/>. Acesso em: 01 nov. 2018.

LÖWR, Michel. Lucien Goldman ou a aposta comunitária. *Estudos Avançados*, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 183-199, 1995.

_____. *Michael Löwy reformula a opção ecossocialista*. Outras Palavras, 1 fev. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrapolitica/michael-lowy-reformula-a-opcao-ecossocialista-1/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

MAFRA, Jason. Apresentação da Unifreire: utopia e projeto possível. In: TORRES, Carlos; GUTIERREZ, Francisco; ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir; GARCIA, Valter Esteves. *Reinventando Paulo Freire no século 21*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. p. 9-39.

_____; QUERUBIM, Viviane Rosa. Paulo Freire e a Academia. *EccoS*, Universidade Nove de Julho, São Paulo, n. 26, p. 19-36, jul./dez. 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2011.

MATURANA, Humberto. *Transformación en la convivencia*. Santiago, Chile: Comunicaciones Noreste, 2004.

_____. *El sentido de lo humano*. Buenos Aires, Argentina: Granica, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do Jornalismo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

MELO, José Marques de. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação. *Logos*, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 42-59, 2008.

MENDONÇA, Eduardo Prado de. *A construção da liberdade*. São Paulo: Convívio, 1977.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

_____. *O Método 5: A Humanidade da Humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NAVARRA, Andreu. *Devaluación continua*: Informe urgente sobre alumnos y profesores de secundaria. Barcelona: Tusquets Editores, 2019.

NEGRI, Antonio. *Espinosa subversivo e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

OLIVEIRA, Adelino Francisco de. Direitos humanos e complexidade. *Regrasp*, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 4-16, 2018.

PASOLD, Cesar Luiz. *Metodologia da pesquisa jurídica*: teoria e prática. 14. ed. rev., amp. e atual. Florianópolis: Empório Modara, 2018.

PEIRANO, Marta. Edward Snowden: Los gobiernos están empezando a delegar su autoridad a las grandes plataformas tecnológicas. Entrevista exclusiva. *El Diario*, 16 set. 2019. Disponível em: https://m.eldiario.es/internacional/gobiernos-empezando-autoridad-plataformas-tecnologicas_0_942806555.html. Acesso em: 15 nov. 2019.

PRADO, José Luís Aidar; SILVA, Hélio. Comunicação no Mundo Globalizado. Da Marketização à Incomunicabilidade. In: ROMÃO, José Eustáquio; OLIVEIRA, José Eduardo de (org.). *Questões do Século XXI*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 14-34.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. Prefácio à segunda edição dos manuscritos de Pedagogia do oprimido, história dos manuscritos e de sua obra. In: FREIRE, Paulo; MAFRA, Jason Ferreira; ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. *Pedagogia do oprimido*: (o manuscrito). São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire : Universidade Nove de Julho (UNINOVE) : Big Time Editora/BT Acadêmica, 2018. p. 6-24.

ROMÃO, José Eustáquio. A civilização do oprimido. *Revista Lusófona de Ciências Sociais*, Universidade Lusófona, Lisboa, n. 1, p. 31- 47, 2004.

_____. Opção radical pelo oprimido. In: GADOTTI, Moacir (org.). *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. p. 11-12.

ROMÃO, José Eustáquio. Razões oprimidas. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho, Braga, Portugal, v. 23, n. 2, p. 7-34, 2010.

_____.; OLIVEIRA, José Eduardo (coord.). *Questões do Século XXI*: Tomo II, edição especial n. 100. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano: por quê?. *Revista USP*, São Paulo, n. 74, p. 126-137, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. *El ser y la nada*. 2. ed. Buenos Aires: Iberoamericana, 1961.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento Como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *A ideia de justiça*. Tradução de Denise Bottmann e Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Cléa Góis. *Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre*. Londrina (PR): Edue, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e seus efeitos*. As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1999.

_____. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2020.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. São Paulo: Leya, 2017.

SPINOZA, Benedictus de. *Tratado Breve. Introducción, traducción, notas y los índices de Atiliano Domínguez*. Madrid: Alianza 1990. (Sección: Clássicos).

_____. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Tradução de Marilena de Souza Chauí et al. 5. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

_____. *Tratado político*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b.

STRECK, Danilo R. et al. *Diccionario Paulo Freire*. Lima: CEAAL, 2015.

TAVARES, Manoel. História memória e esquecimento: identidades silenciadas. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad, TAVARES, Manuel (org.). *Culturas, Identidades e Narrativas*. São Paulo: Big Time, 2014. p. 73-114.

TOLSTÓI, Liev. *O reino de Deus está em vós*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

VARELA, Julio Cabrera. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

VIEIRA, Regina Maria da Luz; GUEVARA, Arnoldo José de Hoyos. Economia de comunhão na liberdade promovendo o desenvolvimento local sustentável: cultura, Gestão e valores. *Revista ENIAC Pesquisa*, Guarulhos (SP), v. 7, n. 2, p. 285-306, jul./dez. 2018.

VILLA, Mariano Moreno. *Dicionário do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2000.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!*: Estado de sítio. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *Em defesa de la intolerância*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2008.

_____. *Lacrimae Rerum*. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo, 2011a.

_____. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo, 2011b.

_____. *El coraje de la desesperanza*. Crónicas del año em que atcuamos peligrosamente. Barcelona: Editorial Anagrama, 2018.

_____. Žižek: “Coringa” e o grau zero da revolução. Blog da Boitempo, 3 nov. 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/11/03/zizek-coringa-e-o-grau-zero-da-revolucao/>. Acesso em: 18 dez. 2019.